



DISSERTAÇÃO FINAL DE MESTRADO:
O CICLOTURISMO NA SERRA DO AÇOR

Sancho Rafael Baetas Martins Henriques da Cruz

Orientação do Professor Doutor Mário Dinis Serrazina Mendes Silva

**MESTRADO EM TURISMO - RAMO DA INOVAÇÃO NO TURISMO ATIVO E DE
EXPERIÊNCIAS**

2022

ESCOLA SUPERIOR DE HOTELARIA E TURISMO DO ESTORIL

O Cicloturismo na Serra do Açor

Sancho Rafael Baetas Martins Henriques da Cruz, aluno nº 11498

Dissertação final de mestrado em Turismo, ramo da Inovação em Turismo Ativo e de Experiências.

Júri:

Presidente: Doutor Francisco António dos Santos da Silva, Professor Adjunto na Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril.

Arguente: Doutora Teresa Paula Domingues da Cunha Bento, Professora Adjunta na Escola Superior de Desporto de Rio Maior do Instituto Politécnico de Santarém.

Orientador: Doutor Mário Dinis Serrazina Mendes Silva, Professor Adjunto na Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril.

**MESTRADO EM TURISMO - RAMO INOVAÇÃO NO TURISMO ATIVO E DE
EXPERIÊNCIAS**

Agradecimentos

Por mera coincidência este mestrado veio finalizar um percurso de vários anos duros dedicados ao ciclismo, anos esses que nem sempre foram bem passados, onde muitas vezes me encontrei perdido e sozinho, pois a minha ambição de querer fazer algo na modalidade, com toda a dedicação que a esse objetivo dei, afastou-me das pessoas de quem gosto e inibiu-me de viver muitas outras experiências que por certo seriam enriquecedoras. A conclusão que tiro destes anos é que andar de bicicleta é algo único, e deve ser um momento de liberdade, de tranquilidade, de convívio, de imersão na natureza, e não mais uma atividade rotineira, dura e *stressante*. Tão pouco devemos ser prisioneiros do desporto, pois garanto, por experiência própria, que isso não leva a bom porto!

O mais importante é que tive sempre a compreensão e apoio das pessoas das quais me isolava, mas que nunca desistiram de mim. É por esta razão que devo um sincero agradecimento a algumas pessoas que fizeram parte desta jornada de sensivelmente seis anos, onde a presente dissertação acaba por marcar o encerramento desse capítulo da minha vida.

- O primeiro agradecimento tem de ser ao meu pai, Rui Cruz, porque em qualquer coisa que eu faça é sempre o meu grande cúmplice, a pessoa que mesmo por mais maluca que seja a minha ideia é capaz de me apoiar, e que quando eu duvido das minhas capacidades está lá para me incentivar. Tem sido assim em tudo o que fiz até hoje e não foi diferente para esta dissertação, estando sempre disponível para me ajudar com revisões de texto, com conselhos e outros pontos de vista que me ajudaram a desenvolver quando a cabeça já estava bloqueada;
- Em segundo quero dirigir o meu agradecimento ao Prof. Dr. Mário Silva, orientador desta dissertação, também ele apaixonado pelas atividades na natureza e pelo cicloturismo. Um muito obrigado por toda a disponibilidade e o apoio durante a realização deste trabalho de investigação;
- A todas as pessoas que, mesmo com os seus encargos laborais e horários apertados, se disponibilizaram para me ajudar e arranjaram um tempo para que fosse possível eu efetuar uma entrevista. Foi muito bom privar com pessoas tão interessantes e experienciadas neste tema, o que não só valorizou a dissertação, mas também me enriqueceu a mim próprio;
- Gostaria também de deixar uma palavra de apreço a todos os professores com os quais tive a oportunidade (e o prazer) de ser lecionado ao longo destes dois anos de mestrado,

sendo que toda a sua partilha de conhecimento ajudou imenso ao meu enriquecimento enquanto pessoa;

- Ao meu patrão e colega de trabalho António Martins, pelo respeito e compreensão pelas minhas breves ausências e pelos momentos em que o meu desempenho profissional não foi tão positivo quanto o que eu desejava;
- À minha mãe, Susana Cruz, porque apesar de muitas vezes não estar a favor, sempre aceitou os meus devaneios e ao mesmo tempo soube-me puxar os pés à terra, algo que também é muito importante;
- Aos meus irmãos, Duarte Cruz e Rui Cruz, parceiros de longa data e que apesar de muitas vezes discordarmos e entrarmos em conflito, são os primeiros a ajudar quando é preciso;
- Aos meus amigos mais próximos pela compreensão de todos estes anos afastado, muitas vezes sem dar notícias, e por após todo esse tempo continuarem a preocupar-se comigo e disponíveis para me ajudar.

Das maiores lições que tiro deste capítulo é que o desporto deve ser levado como uma parte agradável da nossa vida, e nunca pode condenar o tempo dedicado aos que nos são queridos, ou inibir de viver outras experiências interessantes. Felizmente hoje sinto-me livre e preparado para viver novos desafios, e agradeço a todos os que contribuíram para isso.

Sancho Cruz.

Resumo

O produto cicloturismo e a Serra do Açor, que está localizada na NUT II da Região Centro de Portugal e NUT III, maioritariamente na Região de Coimbra e com parte da sua área a estender-se também à Região Beiras e Serra da Estrela, são as temáticas deste estudo.

Procurou-se estudar as valências que o território possui para o desenvolvimento deste produto turístico, e consequentemente estabelecer algumas diretrizes que ajudem no estabelecimento do cicloturismo como um produto âncora da região.

No sentido de alcançar esse desiderato procedeu-se a todo um intenso trabalho de campo, conciliado com trabalho de pesquisa, bem como realização de catorze entrevistas a representantes de entidades privadas e públicas consideradas de interesse para o estudo: Municípios, empresas de animação turística e agências de viagens, marcas de bicicletas, Turismo Centro de Portugal, Aldeias Históricas de Portugal, Rota Vicentina.

O estudo indica que a Serra do Açor revela potencial para o desenvolvimento deste produto turístico, alicerçada em toda a riqueza de património natural e cultural, mas também em algumas infraestruturas (e.g. estradas em bom estado e tranquilas) detetando-se, porém, algumas lacunas no que toca a outro tipo de infraestruturas, mas principalmente a nível de promoção e da interação coordenada dos vários agentes.

Por fim averiguou-se que o trabalho em rede poderá ser um caminho a optar para colmatar as deficiências existentes, de forma a fortalecer este destino e torná-lo numa referência no panorama do cicloturismo. Responsabilizando uma entidade especificamente para a gestão e desenvolvimento desse trabalho em rede, encarregue, entre outras coisas, da divulgação e promoção do destino, do estabelecimento de parcerias e formação direcionada aos vários *stakeholders* locais e ainda limpeza e manutenção regular das infraestruturas, a verdade é que a conclusão a retirar é a de que a Serra do Açor poderá tornar-se num local de destaque para o cicloturismo, o que contribuirá de forma positiva para a economia e para a competitividade turística global da região.

Palavras-chave: Serra do Açor, Turismo de Natureza, Turismo Ativo, Turismo de Experiências, Cicloturismo, Bicicleta.

Abstract

The focus of this study is the development of a tourism product based on the use of the bicycle (cyclotourism) in the Serra do Açor territory, located in the Center Region of Portugal, and more precisely mostly in Coimbra Region but as well with some of its area located in Beira e Serra da Estrela Region.

The study tries to analyse the attributes that this territory have that can be important to the development of a tourism product based on the bicycle, and then create some guide lines that can help on the stablish of the cyclotourism as one of the main tourism product of this region.

In order to achieve this goal, the author of this dissertation proceeds to an intense field work mixed with some research, as well as fourteen interviews to some important stakeholders of this project, such as municipalities, Center of Portugal Tourism, Historical Villages of Portugal, tourism animation companies, bike brands, and others.

At the end of the study, the conclusion is that tourism in network can be a good path to fight the existing deficiencies, in order to reinforce the destination and make it a good reference in cycle tourism market, and one of the best places in Portugal for that product.

Creating an entity specifically responsible for the management and development of the network, in charge of promoting the destination, establishing partnerships and educating local stakeholders, as well as the systematically cleaning and maintenance of the infrastructures, the truth is that Serra do Açor can fulfill the goal of being one the best destinations in Portugal for cycle tourism, and a world reference in this product.

Keywords: Serra do Açor, Nature Tourism, Active Tourism, Experience Tourism, Cycle Tourism, Bicycle.

ÍNDICE

1. Introdução.....	11
1.1. Enquadramento ao Tema	11
1.2. A Problemática.....	12
1.3. Objetivos da Dissertação	14
1.4. Estrutura da Dissertação	14
1.5. Justificação da Escolha desta Temática.....	16
2. Enquadramento Teórico	17
2.1. O Turismo em Portugal	17
2.2. A Globalização e o Turismo	21
2.3. O Turismo Ativo	27
2.4. O Turismo na Natureza.....	31
2.5. O Turismo Desportivo	35
2.6. A Cultura da Bicicleta e o Cicloturismo	38
3. Metodologia.....	47
3.1. Abordagem Genérica.....	47
3.2. Entrevistas.....	49
3.2.1. Conceção dos Guiões.....	49
3.2.2. Aplicação das Entrevistas	50
3.2.3. População e Amostra	50
3.2.4. Tratamento de Dados.....	51
3.3. Trabalho de Campo	53
3.3.1. Tratamento de Dados.....	53
4. Análise de Resultados	54
4.1. Fatores para a Competitividade do Cicloturismo na Serra do Açor	54
4.1.1. Vantagens Competitivas de Portugal para o Produto Cicloturismo.....	54
4.1.2. Características e Condições que os Destinos Devem Oferecer para o Desenvolvimento do Produto Cicloturismo.....	55
4.1.3. Características Interessantes para o Produto Cicloturismo na Serra do Açor	56
4.1.4. A Criação de uma Rede Intermunicipal para o Cicloturismo na Serra do Açor.....	58
4.2. O Turismo e o Cicloturismo no Território da Serra do Açor	61
4.2.1. Tipos de Turismo de Maior Destaque no Município	61
4.2.2. Visão do Município para o Turismo num Prazo de Cinco Anos	62
4.2.3. O Produto Cicloturismo na Ótica do Município.....	63
4.3. Caracterização do Cicloturismo	63

4.3.1. O mercado das bicicletas - Atualidade e perspectivas futuras	64
4.3.2. As Vertentes mais Importantes para o Cicloturismo	65
4.3.3. Tipos de Subprodutos do Cicloturismo que são Melhor Opção para um Destino Turístico.....	68
5. A Serra do Açor: Análise Empírica ao Território	70
5.1. Delimitação da Serra	70
5.2. Acessibilidades e Transportes.....	71
5.3. Caracterização Geográfica	72
5.3.1. Aspetos Físicos.....	72
5.3.2. Aspetos sociais	75
5.5. Recursos Turísticos da Serra do Açor para o Produto	77
5.5.1. Recursos Turísticos Complementares.....	77
5.5.2. Recursos Turísticos Específicos	86
5.5.3. Eventos de Ciclismo ou Cicloturismo.....	92
5.5.4. Serviços Especializados	93
6. Benchmarking.....	95
6.1. Nacionais	95
6.1.1. Rota Vicentina.....	95
6.1.2. Aldeias Históricas de Portugal	97
6.2. Internacionais.....	100
6.2.1. Girona	100
6.2.2. Maiorca	103
6.2.3. Dolomites.....	105
7. Diagnóstico Prospetivo	109
7.1. Análise SWOT	109
7.1.1. Matriz TOWS.....	110
8. Modelo de Negócios	111
8.1. Produto	111
8.2. Preço.....	115
8.3. Distribuição.....	116
8.4. Comunicação.....	116
8.5. Procedimentos.....	120
8.6. Qualidade e Satisfação.....	122
8.7. Recursos Humanos	124
8.8. Evidências Físicas	125
8.9. Objetivos de Desenvolvimento Sustentável.....	126

9. Considerações Finais.....	127
9.1. Síntese Conclusiva	127
9.2. Conclusões.....	129
9.3. Limitações do Estudo	131
10. Referências Bibliográficas.....	132
11. Anexos.....	146
Anexo nº1 – Tabela de Descrição das Vertentes do Ciclismo	146
Anexo nº2 – Lista dos Cumes de Maior Destaque da Serra do Açor	149
Anexo nº 3 – Lista de Cursos de Água de Maior Destaque da Serra do Açor	150
Anexo nº4 – Lista de Zonas Balneares da Serra do Açor	152
Anexo nº5 – Lista de Alojamento na Serra do Açor	153
Anexo nº6 - Lista de Estabelecimentos de Restauração na Área da Serra do Açor	155
Anexo nº7 - Ficha de Percurso – Arganil Açor Complete Tour:	157
Anexo nº8 - Ficha de Percurso – Arganil Açor Half Tour.....	158
Anexo nº9 - Ficha de Percurso – Arganil Açor Short Loop	159
Anexo nº10 - Ficha de Percurso – Covilhã Açor Complete Tour	160
Anexo nº11 - Ficha de Percurso – Góis Açor Complete Tour	161
Anexo nº12 - Ficha de Percurso – Góis Açor Half Tour	162
Anexo nº13 - Ficha de Percurso – Góis Açor Short Loop.....	163
Anexo nº14 - Ficha de Percurso – Oliveira do Hospital Açor Short Loop.....	164
Anexo nº15 – Ficha de Percurso – Grande Travessia do Açor em Estrada.....	165
Anexo nº16 – Ficha de Percurso – Abraço à Serra do Açor	166
Anexo nº 17 – Empresas de Animação Turística Sedeadas na Área da Serra do Açor	167

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 – As diferentes formas de cicloturismo.....	45
Tabela 2 - Percursos Centro Cyclin´Portugal da Serra do Açor (Arganil).....	87
Tabela 3 - Percursos Centro Cyclin´Portugal do Casal da Lapa (Pampilhosa da Serra).....	87
Tabela 4 - Subidas Épicas da Serra do Açor	89
Tabela 5 - Percursos de estrada projeto Bike Roads.....	89
Tabela 6 - Análise SWOT	109

Tabela 7 - Matriz TOWS.....	110
-----------------------------	-----

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 - Abrangência do Turismo Ativo (adaptado de Alves, 2010).....	31
Figura 2 - Abrangência do Turismo na natureza	34
Figura 3 - Organigrama de funções	125

ÍNDICE DE ABREVIATURAS E ACRÓNIMOS

ADESA: Associação de Desenvolvimento Regional Serra do Açor

ADIBER: Associação de Desenvolvimento Integrado da Beira Serra

ADXTUR: Agência para o Desenvolvimento Turístico das Aldeias do Xisto

AHP – ADT: Aldeias Históricas de Portugal – Associação de Desenvolvimento Turístico

APPSA: Área da Paisagem Protegida da Serra do Açor

AT: Animação Turística

BTT: Bicicleta Todo-o-Terreno

GPS: Global Positioning System

ICNF: Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas

NUTS: Nomenclatura das Unidades Territoriais para Fins Estatísticos

PENT: Plano Estratégico Nacional do Turismo

RNAAT: Registo Nacional de Agentes da Animação Turística

RNAVT: Registo Nacional de Agências de Viagens e Turismo

1. INTRODUÇÃO

1.1. ENQUADRAMENTO AO TEMA

A presente dissertação, elaborada no âmbito de trabalho final de mestrado em Inovação no Turismo Ativo e de Experiências lecionado na Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril, visa o desenvolvimento de um estudo que pretende analisar a Serra do Açor, localizada em NUT II na Região Centro de Portugal e em NUT III maioritariamente na Região de Coimbra, alongando ainda parte da sua área à Região Beiras e Serra da Estrela, sendo que a nível distrital, o território desta serra estende-se aos distritos de Castelo Branco, Coimbra e Guarda.

Pretende-se, mais concretamente, proceder ao estudo das valências existentes nesta serra para a implementação do produto cicloturismo e posteriormente trabalhar o mesmo no território em causa, desenvolvendo ações concretas e um plano de negócios que ajude à sua seleção por parte das entidades regentes da região e do turismo, bem como à projeção do destino internacionalmente.

O cicloturismo é recorrentemente definido pelo ato de efetuar uma viagem utilizando a bicicleta como meio de transporte, com o propósito expresso de lazer e em que a seleção do veículo é eletiva e não forçada pela necessidade. A experiência turística do cicloturista não poderia ser feita de outra forma, pois as vivências transmitidas pelo ato de pedalar são entendidas como parte integrante da jornada. A viagem em si é inseparável do destino. (Cox, 2013).

Apesar disto, no âmbito deste trabalho pretende-se ir mais além, criando uma simples definição própria do cicloturismo mais abrangente do que habitualmente se considera. É por essa razão que se define cicloturismo como toda a atividade ciclística que gera economia nos destinos e que entra nas contas do turismo e, neste caso, não estamos apenas a considerar a tipologia turística de lazer, mas também outras formas, como por exemplo o ciclismo competitivo.

Enquanto produto turístico, o cicloturismo tem potencial para desenvolver um destino, existindo inúmeros casos de sucesso onde se estabeleceu como produto âncora. Arthurs-Brennan (2018) dá o exemplo de Girona, referindo que a cidade, apesar de interessante, nunca foi forte turisticamente, observando-se que o cicloturismo trouxe um novo tipo de visitante e reformulou o turismo desta localidade, tanto que atualmente este é já um forte destino de referência mundial para o produto em questão.

Reconhece-se de antemão um enorme potencial na Serra do Açor para esta prática, tendo por base o seu património histórico e natural, fatores de excelência para o desenvolvimento das principais vertentes do cicloturismo (BTT e estrada). Esta região é reconhecida na gíria do ciclismo como das melhores regiões de Portugal para a modalidade, pois para além de todas as suas valências naturais, culturais e arquitetónicas, localiza-se ainda junto às serras da Estrela e Lousã, o que constitui um eixo com muito potencial. De salientar também a proximidade às serras do Bussaco, Caramulo e Gardunha, bem como outros locais de interesse, nomeadamente várias aldeias históricas e aldeias de xisto (algumas até pertencentes à Serra do Açor), o que permite uma oferta com muita variedade.

De destacar também o facto da maior parte das estradas desta região serem muito pouco frequentadas e tranquilas e que os condutores são, regra geral, pacíficos e cuidadosos, o que constitui um fator muito interessante e importantíssimo para o desenvolvimento deste produto, nomeadamente na sua vertente de estrada.

Contudo, o cicloturismo está ainda algo inexplorado neste território, nomeadamente na vertente de estrada, e por essa razão reconhece-se que existe uma oportunidade para o desenvolvimento mais eficaz do produto, uma vez que o potencial é enorme, acreditando-se até que este possa estabelecer-se como um produto âncora da região.

1.2. A PROBLEMÁTICA

Quivy e Campenhoudt (1995) argumentam que a problemática consiste na abordagem que escolhermos para trabalhar o objetivo delineado pela pergunta de partida, funcionando também como forma de questionar os conhecimentos colhidos anteriormente, na etapa de exploração. Assim sendo pode-se afirmar que a mesma é feita com inspiração nas leituras preparatórias de interesse para o projeto. Para além disto os mesmos autores definem que esta etapa contém dois grandes momentos, consistindo o primeiro deles em fazer o balanço das várias abordagens do problema, esclarecendo os pressupostos, comparando-os e refletindo nas suas implicações metodológicas, enquanto no segundo momento é então definida e construída a nossa própria problemática.

No presente projeto o que se pretende estudar é o produto cicloturismo na Serra do Açor, focando mais concretamente na vertente de estrada, uma vez que devido às limitações de espaço desta dissertação, optou-se por esmiuçar esta vertente que, apesar de deter bastante potencial, é a que está menos explorada neste território. Pretende-se então averiguar se a Serra do Açor tem os

atributos necessários para se estabelecer como um destino mundial de referência dentro deste produto específico.

Neste sentido a problemática realizada consiste em investigar a existência de valências neste território, representadas em forma de recursos turísticos, esmiuçando e detalhando ao máximo todo esse trabalho de investigação, para posteriormente estabelecer análises e propostas concretas que possam ajudar numa implementação eficaz do cicloturismo na Serra do Açor.

Como a Serra do Açor é um destino no interior de Portugal, que tem na natureza, na aventura e no desporto as suas grandes valências turísticas, faz sentido o estudo e a exploração destes géneros de turismo na fase de revisão bibliográfica, bem como uma visão global do turismo em Portugal e aspetos que devem ser considerados no futuro, através da análise de novas tendências no turismo. Também foi reconhecida a importância de clarificar todos os conceitos, tipologias e vertentes existentes e associadas ao que é mais específico do projeto, isto é, a cultura das bicicletas e o cicloturismo.

Segundo Quivi & Campenhoudt. (1995), a melhor forma de iniciar um trabalho consiste em tentar expor o mesmo em forma de pergunta de partida. Esta deve expressar o mais detalhadamente possível aquilo que se pretende saber, de forma a melhor compreender o projeto e estabelecer um fio condutor, que permita guiar a investigação.

Desta feita, estabeleceu-se uma grande pergunta de partida, que, no entanto, é procedida de perguntas denominadas de questões de investigação, também elas muito relevantes para o desenvolvimento do estudo. Assim, todo o trabalho efetuado terá como grande objetivo responder à questão central:

- **Poderá a Serra do Açor vir a ser um destino cicloturístico de excelência internacional?**

Como referido, esta questão de partida subdivide-se em quatro questões de investigação:

- **Que valências existem na Serra do Açor para a implementação estratégica e eficaz do produto cicloturismo?**
- **Que medidas deverão ser tomadas a fim de cumprir esse desiderato e criar um destino de referência no panorama internacional?**
- **Que retorno traria a implementação deste produto para a Serra do Açor e região?**

- **Será rentável a implementação de uma rede cicloturística consistente e bem fundamentada neste território?**

1.3. OBJETIVOS DA DISSERTAÇÃO

No que diz respeito aos objetivos, a presente dissertação divide-se entre um grande objetivo geral e os objetivos específicos.

Posto isto, o objetivo geral da dissertação consiste na exploração do produto cicloturismo na Serra do Açor, trabalhando formas de desenvolvimento deste de maneira que possa ser equacionado pelas entidades gestoras da região e do turismo como um produto importante para potenciar e alavancar o setor nesta zona.

De facto, esta é a grande meta do projeto, sendo que todos os objetivos específicos a ele inerentes são também de grande importância para o desenvolvimento do trabalho. Assim sendo, de seguida destacam-se os objetivos específicos selecionados para a dissertação:

- Proceder à investigação de informação pertinente, por forma de pesquisa bibliográfica, mas também entrevistas a entidades de relevância para o estudo, de maneira a abrir os horizontes e aprofundar o conhecimento sobre o que se pretende tratar;
- Proceder ao levantamento dos recursos turísticos existentes na Serra do Açor, quer específicos, quer complementares, que sejam importantes para este produto;
- Proceder à análise das melhores práticas no mercado no que se refere a destinos cicloturísticos (benchmarking);
- Efetuar a análise detalhada da informação com o intuito de elaborar medidas de ação e propostas concretas de valor, que visem melhorar as infraestruturas existentes e criar outras importantes para o desenrolar da atividade;
- Procurar formas de promover a região como um destino de referência mundial para este produto específico;
- Ajudar à criação de um destino turístico responsável e sustentável;
- Fomentar a requalificação do património natural, cultural e arquitetónico local.

1.4. ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO

O presente relatório de dissertação assenta em onze capítulos, partindo da introdução, seguindo-se o enquadramento teórico, a metodologia e posteriormente a fase empírica com, em

primeiro lugar, a análise dos dados recolhidos nas entrevistas, prosseguindo-se a descrição do território de ação, o benchmarking, o diagnóstico prospetivo, o modelo de negócios, as conclusões, as referências bibliográficas e por fim os anexos.

No primeiro capítulo, a introdução, proceder-se-á ao enquadramento ao tema, demonstrando brevemente o que se pretende fazer, onde se pretende fazer e o porquê de se querer fazer, bem como a relevância do tema. Posto isto, expõem-se a estrutura do trabalho, bem como a pergunta de partida que será mote para o desenvolvimento do projeto.

Seguidamente avançar-se-á para a fase de enquadramento teórico (capítulo 2), dividida em sete subcapítulos que pretendem abordar temas de relevância para o desenrolar deste trabalho. Assim, estes subcapítulos iniciarão com uma breve análise ao turismo em Portugal no geral, na tentativa de compreender melhor a importância do setor para o país, da sua estratégia e problemáticas existentes para o futuro. De seguida dedica-se um subcapítulo ao estudo das novas tendências no turismo e do novo turista, procurando analisar o que será relevante para o futuro do setor, de forma a permitir a construção de uma visão mais precisa e assertiva que ajudará no desenrolar deste projeto. Finalmente um subcapítulo focado no estudo do turismo de natureza, com um subcapítulo relativo ao turismo desportivo, um outro subcapítulo à cultura da bicicleta e por fim um subcapítulo ao cicloturismo.

Depois de toda esta fase de enquadramento e revisão bibliográfica, vem então o capítulo 3, que trata a metodologia utilizada no desenvolvimento deste projeto e onde serão apresentados os métodos aplicados na recolha de dados relevantes para o estudo, assim como o processo de desenvolvimento dos mesmos.

Após a metodologia passar-se-á então para uma parte empírica, dividida em sete capítulos. Inicialmente dedica-se o capítulo 4 à análise das informações recolhidas nas entrevistas e, de seguida, o capítulo 5 ao estudo do território específico que se pretende trabalhar, a Serra do Açor, sendo que dentro deste existirão vários subcapítulos que pretendem tratar diferentes aspetos. Assim, em primeiro lugar opta-se por se realizar um subcapítulo de caracterização geográfica da serra, onde serão apresentadas as principais características deste território, bem como delimitação do mesmo. Depois segue-se um subcapítulo que esmiúça a importância do turismo para esta região, nomeadamente através do turismo de natureza e o turismo de aventura. Posto isto avançar-se-á para o levantamento dos recursos turísticos específicos e complementares, relevantes para o desenvolvimento do produto cicloturismo na Serra do Açor, sendo este subcapítulo antecedido de outro que analisa o mercado que procura este tipo de território.

A continuação da dissertação passará ainda pelo capítulo 6 dedicado à análise benchmarking, que pretende no fundo efetuar um estudo de mercado a outros destinos internacionais de referência no cicloturismo. Esta análise é muito importante a fim de perceber o que de bem se tem feito a nível mundial e estudar hipóteses para o desenvolvimento de algo tão bom ou igual para o presente projeto.

Seguidamente aparece então o capítulo 7 dedicado ao diagnóstico prospetivo onde, após todas as informações recolhidas anteriormente, se fazem as análises de todas as forças, fraquezas, oportunidades e ameaças existentes, tanto na zona em causa, como na aplicação do produto no território.

É então que estarão reunidas todas as informações e análises necessárias para avançar com o desenvolvimento de propostas concretas, que virão, neste caso, a ser apresentadas no capítulo 8, no qual se procederá à execução de um modelo de negócios baseado nos 8 p's do *marketing mix*. Neste capítulo dedica-se ainda um breve subcapítulo aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, mostrando de que forma este projeto pode contribuir direta e indiretamente para os mesmos.

Após todos os capítulos mencionados anteriormente, apresentam-se então os enlaces retirados de todo este procedimento, o que é tratado no capítulo 9 onde se pretende responder, de forma sucinta, mas assertiva, às questões de partida apresentadas no capítulo 1.

Para acabar o relatório de projeto aparecem os capítulos 10 e 11, onde se apresentam as referências bibliográficas utilizadas seguindo-se os anexos do trabalho.

1.5. JUSTIFICAÇÃO DA ESCOLHA DESTA TEMÁTICA

Na hora de selecionar um tema para a elaboração do trabalho final de mestrado, a escolha revelou-se bastante óbvia por vários motivos. Desde logo porque sempre tive uma relação forte com a bicicleta, objeto esse que fez e faz parte da minha vida, tanto a nível profissional como a nível de lazer. Devo dizer que laborei em lojas desportivas e lojas especializadas na bicicleta, nomeadamente enquanto mecânico e vendedor, o que me trouxe muitos conhecimentos sobre o perfil do consumidor deste produto, criados em grande parte pelo contato direto com o público que pratica este desporto de forma recreativa e de lazer.

Para além disto, e igualmente muito importante, a modalidade competitiva de ciclismo fez parte da minha vida durante vários anos, tendo tido a oportunidade de competir em muitas das melhores provas de Portugal enquanto ciclista do pelotão nacional de estrada profissional, o que

me levou a percorrer o país de Norte a Sul, de Este a Oeste, de Sudoeste a Nordeste, de Noroeste a Sudeste e ainda algumas idas além-fronteira para competir.

Esta forma de viver implicou também uma rotina de treino, o que me obrigou a pedalar praticamente todos os dias, maioritariamente na minha área de residência, sendo que, no entanto, ao longo destes anos residi em várias regiões distintas, nomeadamente a Grande Área Metropolitana de Lisboa, o Alentejo Litoral, e principalmente a Região de Coimbra e a Região das Beiras e Serra da Estrela, de onde sou orgulhosamente natural e onde passei grande parte da minha vida.

Posso afirmar que passei muitas horas a pedalar no território alvo de estudo do presente projeto, o que me faz ter um grande conhecimento específico do mesmo. Acresce ainda que, tendo em conta que já andei de bicicleta um pouco por todo o país, reconheço um grande potencial nesta zona em comparação com outros locais. Para colmatar toda a aprendizagem recolhida ao longo deste mestrado em Inovação no Turismo Ativo e de Experiências, ficaria imensamente satisfeito e orgulhoso se, de alguma forma, esta dissertação pudesse ser um contributo para alavancar o turismo da serra que me viu nascer e crescer, e ainda que tudo isso trouxesse mais oportunidades às comunidades que nela habitam e que dela dependem.

2. ENQUADRAMENTO TEÓRICO

2.1. O TURISMO EM PORTUGAL

Com recurso a diversas fontes de informação é fácil constatar a extrema importância do setor do turismo na economia de Portugal. De facto, a atividade turística assume um papel preponderante para o nosso país, seja de forma direta ou indireta, uma vez que podemos verificar que a vinda de turistas a Portugal gera retornos não só nos negócios que estão diretamente ligados ao setor, mas também em muitos outros que, embora não estejam relacionados com o turismo, acabam por usufruir do consumo feito por turistas.

Assim sendo considera-se uma atividade com um enorme potencial para a exportação e criação de emprego, sendo também um fator de desenvolvimento regional e local. Prova disto é que, segundo o Turismo de Portugal (2020), este setor foi em 2019 responsável por 52,3% das exportações de serviços e por 19,7% das exportações totais. Para além disto, as receitas turísticas registaram um contributo de 8,7% para o PIB nacional (isto apenas contanto o contributo direto), onde segundo a plataforma de gestão do conhecimento no turismo, a TravelBI (2020), as receitas diretas do turismo rondaram os 13 mil milhões de euros.

Estes dados permitem então comprovar a extrema importância deste setor na economia nacional de forma mais fidedigna, contudo, segundo Maricato (2012), a importância do turismo em Portugal é relativamente recente, tendo sido no início da década de 60 do séc. XX, aquando do turismo apresentar um crescimento intenso a nível mundial, que Portugal começou a desenvolver interesse pelo sector. O turismo tem demonstrado uma evolução positiva muito interessante ao longo dos tempos, tendo, ainda segundo Maricato (2012), apenas retrocessos nos anos de 1974 e 1975 devido à revolução de Abril, no início da década de 90 (mais concretamente em 92) devido à excessiva dependência do produto “sol e mar” e ao surgimento de outros destinos de referência neste produto que vieram a competir com Portugal, e ainda em 2002 e 2003 aparentemente devido aos atentados do 11 de setembro e a toda a onda de terrorismo que trouxeram algum receio à população mundial, nomeadamente a quem viaja.

Contudo para além dos anos tratados anteriormente e mencionados por Maricato é possível ainda verificar, segundo Santos (2020), retrocessos no turismo durante o período de 2008 a 2012 devido à grande crise económica que afetou todo o planeta e, mais recentemente, em 2020 devido à pandemia do Covid-19 e todo o seu impacto, não só na economia mundial, mas mais concretamente no que toca a viagens e turismo, uma vez que, devido ao confinamento, durante vários meses a população foi inibida de viajar.

Santos (2020) refere que nos primeiros cinco meses de 2020 foram verificadas perdas acumuladas de 59,6% nas dormidas e 58,5% nos hóspedes e de 47,8% nas exportações totais de Turismo (face ao período homólogo), mostrando desta forma o extremo impacto negativo que a pandemia teve no setor e as dificuldades que o mesmo enfrenta. Santos afirma ainda que numa fase inicial pós desconfinamento, serão os residentes em Portugal quem mais irá procurar o turismo nacional, pois o turista estrangeiro depende em muito das medidas transfronteiriças e ainda mais da evolução das ligações aéreas. Assim e tendo em conta que em anos mais recentes 70% das dormidas são oriundas de não residentes, este não será um cenário nada positivo para a evolução do setor.

Apesar disto Santos (2020) menciona que a estratégia governamental da área do Turismo, até ao final de 2020, passa por procurar manter os níveis de 2019 no mercado interno, tendo em conta que as perdas do mercado externo serão certamente consideráveis e difíceis de avaliar, prevendo-se uma retoma mais gradual dos mercados internacionais, bem como do “turismo de massas” e de negócios, pelo que a estratégia deverá incidir em segmentos mais diversificados, de luxo e do mercado nacional. No entanto Santos refere também que, para uma recuperação mais eficaz do sector, seria relevante que o mercado nacional viesse a colmatar parte das perdas do

mercado externo numa fase inicial, sendo que isso não é expectável, uma vez que toda a situação pandémica trouxe também impactos na economia mundial, o que acaba por trazer a projeção de uma nova crise económica e social para os próximos anos.

A médio prazo Santos (2020) afirma que é urgente recuperar a confiança dos mercados externos mais importantes e procurar também diversificar, isto é obter quota noutros mercados. Apesar de momentaneamente ser o mercado interno a solução de curto prazo, é e será sempre o mercado externo o grande impulsionador do turismo português. Contudo é necessário reduzir a dependência em mercados, pois Alemanha, Espanha, França e Reino Unido representam 35,8% do total das dormidas em Portugal, o que revela que o país é muito dependente, sendo por isso muito importante diversificar.

Para Santos (2020) não existe hoje dúvida alguma de que o sector do turismo foi o mais atingido pela pandemia que nos assolou, sendo ainda muito incerta a perspetiva de recuperação tendo em conta também a incerteza do cenário económico do futuro mais imediato. Na verdade, as autoridades disponibilizaram uma série de medidas intercalares de apoio, que não se podem prolongar eternamente, mas que acudiram sem sombra de dúvida as necessidades mais prementes, como por exemplo financiamento à tesouraria, benefícios e adiamentos fiscais e ainda as medidas de apoio a manutenção de postos de trabalho. Naturalmente que outras ações foram e estão a ser tomadas com vista à reconquista da confiança dos mercados e turistas, destacando-se as campanhas de divulgação do produto Portugal, a atribuição do selo “*Clean and Safe*” e outras convergentes no mesmo sentido.

De facto, apesar de todo o cenário negro, a verdade é que o turismo, embora vulnerável, é também um setor resiliente e que demonstra superar as crises que enfrenta de maneira positiva. Embora haja períodos de aperto e de incerteza que reduzem o poder de compra da população ou aumentam a insegurança e por consequência se traduzem em perdas para este setor, a verdade é que o turismo é algo que tende a ser cada vez mais implícito nas pessoas, sendo que estas procuram fazê-lo sempre que têm um tempo livre ou umas férias, a fim de fugir das rotinas, descansar e revitalizar a mente. Podem não conseguir durante um período de crise, mas após o mesmo, quando a situação for mais favorável, as pessoas vão procurar fazer turismo e com a globalização e o desenvolvimento de melhorias e facilidades de transportação, que tem vindo a acontecer ao longo dos tempos, o turismo tenderá a recuperar dos períodos mais negativos mais facilmente e até a crescer.

Devemos e podemos então pensar positivo, olhando em frente para o futuro do turismo, até porque numa simples análise ao que tem sido feito a nível nacional neste setor até então, é

possível observar que o mesmo apresenta cada vez mais uma maior diversificação e segmentação, ainda que continue a ter, como mencionado anteriormente, a sua base fortemente alicerçada no produto Sol e Mar e em quatro mercados fulcrais (Alemanha, Espanha, França e Reino Unido). É bastante interessante existir uma maior consciencialização para o aumento da diversificação e segmentação, o que é muito importante, tanto para o presente como para o futuro, pois que o turismo tem cada vez mais um papel preponderante na dinamização de áreas mais remotas de Portugal que enfrentam graves problemas demográficos. Porém é sabido que ainda existe um longo caminho a percorrer neste sentido, nomeadamente no que toca à nossa dependência em produtos com características de sazonalidade e com cada vez mais destinos concorrentes a surgir.

Neste sentido foram então criadas várias iniciativas desenvolvidas com vista ao desenvolvimento de um turismo mais responsável e sustentável em Portugal, de entre as quais se destacam o Plano Estratégico Nacional do Turismo (PENT) de 2007 e mais recentemente a Estratégia Turismo 2027. Martins (2017) refere que o Plano Estratégico Nacional de Turismo para Portugal veio trazer uma panóplia de metas, políticas e iniciativas focadas no incremento do turismo nacional de forma responsável, direcionando a atividade do setor em Portugal, no período compreendido entre os anos de 2006-2015, no entanto com algumas revisões a serem efetuadas periodicamente, tendo como base princípios como a qualidade, a competitividade e a sustentabilidade da oferta. Desta forma, foram então destacados 11 produtos turísticos estratégicos para o nosso país, que são eles o sol e mar, o golfe, o turismo de negócios, as *city break*, o turismo cultural e religioso, os resorts integrados e turismo residencial, o turismo de natureza (onde se inclui o subproduto objeto de estudo do presente projeto), o turismo de *wellness* (saúde e bem-estar), o turismo náutico e cruzeiros e por fim, a gastronomia e vinhos.

Posto isto surge então a Estratégia Turismo 2027, que vem continuar o trabalho de planeamento para o setor começado pelo PENT. Iniciado em 2016 para a década seguinte (até 2027), tem como finalidade, segundo o Turismo de Portugal (2017), a criação de um referencial estratégico para o turismo nacional através de uma visão de longo prazo, combinada com ações no curto prazo, permitindo atuar com maior sentido estratégico no presente e enquadrar o futuro quadro comunitário de apoio. Assim, e ainda segundo Turismo de Portugal (2017), os grandes objetivos deste plano são proporcionar um quadro referencial estratégico a 10 anos para o turismo nacional, garantir firmeza e assunção de compromissos quanto às escolhas estratégicas para o setor em Portugal, divulgar a interação das políticas setoriais, levar a que os vários agentes envolvidos no turismo trabalhem em conjunto e de acordo com uma estratégia comum e atuar com sentido estratégico no presente e no curto/médio prazo.

No que toca à visão, e ainda segundo o Turismo de Portugal (2017), a mesma consiste em afirmar o setor como *hub* para o desenvolvimento económico, social e ambiental em todo o território e posicionando o país como um dos destinos turísticos mais competitivos e sustentáveis do mundo. À semelhança do PENT, as linhas de atuação passam pela valorização do território, por impulsionar a economia, por potenciar o conhecimento, por gerar conectividade e, por fim, por projetar o destino Portugal, tendo como ativo único transversal e centro desta estratégia as pessoas, enquanto residentes, visitantes e profissionais. A Estratégia Turismo 2027 está ainda assente em 5 ativos estratégicos diferenciadores, que são eles o clima e luz, a história e cultura, o mar, a natureza, a água, 2 ativos qualificadores que são eles a gastronomia e vinhas e os eventos artístico-culturais, desportivos e de negócio, e ainda os ativos emergentes que são eles o bem-estar e por último o *living*, isto é, viver em Portugal.

2.2. A GLOBALIZAÇÃO E O TURISMO

Como tinha sido previsto por alguns autores futuristas, tem-se vindo a assistir à evolução do planeta e da humanidade de várias formas e com muita velocidade, onde muitas coisas que hoje são naturais e garantidas não existiam ainda há muito pouco tempo. De facto, toda a evolução tem sido abismal, nomeadamente nestes últimos anos, onde os avanços tecnológicos trouxeram novas formas, mais eficazes e rápidas, de desenvolver as comunidades, mas também uma massificação da informação direcionada e dirigida por grandes conglomerados.

Não existe qualquer dúvida de que as primeiras locomotivas da nova globalização foram e são o poder financeiro (que arrastou a abertura do comércio) e a mediatização universal é praticamente igual em qualquer parte do globo. A este propósito Toffler (1990) refere que “o sistema global dos media não fará com que as nações se comportem como escuteiros, contudo aumentará os custos de desafiar a opinião mundial” (Toffler, 1990, p. 384).

Braumann (1997) refere que as novas tecnologias originaram uma transição da sociedade industrial para uma sociedade da informação, considerando que a atividade económica é cada vez mais dominada pela utilização e produção de recursos informativos e comunicativos, sendo que as tecnologias utilizadas no setor da informação e comunicação se têm tornado fulcrais para o desenvolvimento económico.

Para além disto, e segundo IFM (2000), toda a inovação e desenvolvimento tecnológico obtidos ao longo dos tempos constituíram a criação da globalização. Ora a globalização económica é para IFM um processo histórico que consiste no aumento da integração das várias economias do globo, nomeadamente através de trocas e fluxos financeiros, mas também pelo mais

facilitado movimento de pessoas (trabalhadores) e do conhecimento em forma de tecnologia através fronteiras.

Noutra face, verifica-se que todo este desenvolvimento, que por um lado tem ajudado na melhoria da qualidade de vida da população, tem também os seus contras, nomeadamente quando falamos em *stress*, sendo que é possível verificar que o atual estilo de vida da população é muito mais agitado, mais instável e com menos tempo disponível que no passado. A este propósito Toffler (1970) referia que “a única forma de conservar qualquer semelhança de equilíbrio, durante a revolução super industrial, seria conceber novos reguladores de mudança pessoais e sociais (...) O individuo necessita de novos princípios para cadenciar e planear a sua vida” (Toffler, 1970, p.367).

Como refere Ferraz (2017) “a experiência humana que antes era essencialmente local, temporal e materialmente enraizada passa a ser fortemente mediada pelas trocas simbólico-culturais e pela manipulação de signos que atuam num terreno imaterial e/ou virtual” (Ferraz, 2017, p.82). De facto, podemos averiguar que a globalização trouxe a perda de identidade para muitas culturas que agora se regem por um padrão internacional estipulado como o certo, e que, no entanto, apenas reflete traços de culturas mais fortes como as dos Estados Unidos. Por exemplo, com a globalização e aumento de informação disponível, muitas pessoas têm acesso a filmes de Hollywood e estrelas mundiais da música ou cinema, sendo que estas são formas de influenciar as pessoas, que no fundo desejam ser iguais ao que veem na televisão, ou noutros meios, os seus ídolos fazerem.

No fundo, quando nos deslocamos a uma região mais remota de Portugal ou de outros países mais desenvolvidos, fora o que é paisagístico e o rural, já não estamos em contato com algo tão diferente assim quanto o que existe na cidade, e tudo tende a ser cada vez mais dessa forma. As pessoas começam a pensar da mesma maneira, a vestir igual e a fazer as mesmas coisas, o que, não sendo de todo errado, acaba por ser algo prejudicial para a identidade própria das culturas, até porque chega a um ponto em que os jovens destes locais, iludidos por um “sonho americano”, acabam por largar as suas origens em busca de oportunidades e um estilo de vida vendido como ideal nos filmes e afins e que não encontram na ruralidade.

Com efeito, a mediatização das culturas dominantes implica uma quase lavagem diária ao cérebro dos cidadãos, de tal forma que um dos autores que mais se pronunciou sobre esta matéria, já nos anos 20 e 30 do século passado, foi Aldous Huxley, o qual visualizou a sociedade futura no livro Admirável Mundo Novo. Num outro livro Huxley escreve de forma clara que “a

vítima da manipulação mental não sabe que é uma vítima. Para si, as paredes da prisão são invisíveis, acreditando este ser livre” (Huxley, 1958, p.136).

Importa então afirmar que todo este desenvolvimento e evolução trouxeram alterações dos paradigmas e no modo de vida das populações. Por consequência é cada vez mais necessária a reinvenção dos vários setores, sendo o turismo dos que mais se evidencia neste aspeto. Királ'ová (2015) refere até que as mudanças no estilo de vida, na disponibilidade de tempo livre e nos valores da população, têm resultado em alterações no comportamento dos turistas e na sua flexibilidade e espontaneidade ao decidir a compra de um produto turístico. Todas estas modificações têm vindo a criar uma procura por produtos mais direcionados e personalizados.

Toffler (1984) abordou uma teoria interpretativa sobre o comportamento futuro dos seres humanos (e que se aplica também ao turismo e nomeadamente ao cicloturismo) ao considerar que as relações humanas vão evoluir para uma nova espécie de tribos, baseada não em afinidades étnicas, familiares ou afetivas, mas sim em polos de interesse. Ou seja, os amantes de carros vão encontrar-se de uma forma ou de outra, porque têm o mesmo interesse, tal como os praticantes de atividades que envolvam a bicicleta, entre outros exemplos. Teremos então assim novas tribos que naturalmente vão constituir nichos de mercado e gerar novos produtos, tais como o cicloturismo.

Para Silva (2013) os turistas estão a ficar mais esclarecidos e exigentes, acrescentando que o gosto de viajar abrange cada vez mais faixas etárias, tanto quanto se verifica a alteração da estrutura familiar. Existem ainda novas dinâmicas na organização do trabalho combinadas com uma mobilidade mais facilitada e eficaz que incentivam a repartição das férias. Para o autor, estes são fatores de mudança expressivos, que levam à procura de novos destinos, à proliferação de produtos e estimulam o e-turismo e novas abordagens de marketing, condicionadas pela necessidade de estabelecer uma forte segmentação do mercado.

Assim, podemos verificar que turista dos tempos correntes é muito mais informado, exigente e séptico que o turista do passado, que procurava apenas os produtos mais massificados e badalados, como o turismo balnear, grandes hotéis, cruzeiros, entre outros. Este era também muito menos preocupado com os impactos ambientais, pegada ecológica e outras problemáticas existentes. Já para Királ'ová (2015) o turista atual tende a ser cada vez mais ambientalmente consciente e que toma decisões baseadas nos critérios da sustentabilidade, isto porque cada vez mais as questões do aquecimento global estão em voga, ideia que Silva (2013) também partilha, salientando uma maior consciencialização e preocupação com a sustentabilidade.

Averigua-se também que o novo turista procura outras experiências, algo inovador e diferente de tudo o que tenha vivido até então, algo que o faça aprender e que o leve a mudar os seus pontos de vista ou maneira de ser. Completando esta ideia, Holloway (2006) vai um pouco mais longe, referindo que os turistas estão cada vez mais experimentados, mais sofisticados, mais exigentes, e procuram sempre novas experiências. Evidentemente que, mesmo que um turista tenha adorado estar de férias num local específico, o mais provável é não voltar ao mesmo local, isto porque a sua tendência será procurar sempre algo novo, mais desafiante e menos acessível.

Contudo, mesmo tendo em conta este aspeto, nunca devemos esquecer que um turista satisfeito, ainda que potencialmente não volte ao destino, irá por certo divulgar o mesmo, através de recomendações a amigos ou, tendo em conta as novas formas sociáveis dos tempos correntes, a partilha da vivência em redes sociais e afins, e isso é importante para a promoção do território.

Fiore, Oh e Jeoung (2007) referem que, na sua essência, a experiência de um destino envolve tudo o que o turista pode viver neste, de onde se inclui todos os eventos e atividades oferecidas, sendo que este passa a atuar como uma fonte de valor e de avaliação do destino. O processo de decisão do turista ou a maneira como este percebe o destino poderão estar relacionados com parâmetros pré feitos, como o valor ou a motivação. A experiência vivida num destino deverá resultar em memórias agradáveis e despertar o psicológico do turista com percepções positivas da qualidade geral do destino, e posteriormente a satisfação do turista.

Para Selstad (2007) deve-se explorar muito bem o que os turistas apreciam e o que fazem, pois isso fornecerá uma nova abordagem que adiciona outras dimensões ao estudo do turismo. Um objetivo futuro na pesquisa de turismo deve ser explorar as vozes, papéis e experiências dos turistas nos destinos e na relação com os seus anfitriões ou com os operadores que contratam. Assim, é essencial desenvolver os produtos e destinos turísticos tendo em conta a experiência que podem trazer aos seus visitantes.

Poderemos então meditar e refletir sobre as novas motivações e a nova forma de ter prazer e de descansar. Com efeito, todos nós temos a percepção de que, por exemplo, ainda há muitos poucos anos o conceito de ir almoçar, ou jantar, fora significava ir comer até à saciedade, enquanto hoje significa que vamos ter uma experiência de degustação. Todos nós, ou quase todos, queríamos ir de férias aos locais onde todos iam, enquanto agora a maioria das pessoas procuram exatamente o contrário. Quanto mais exclusivo é o local, ou a experiência, mais a queremos vivenciar. Apesar disso, podemos refletir sobre isto, pois quando um destino ou uma experiência exclusivos começam a ser badalados, depressa passam a ser moda e deixam de ser tão únicos quanto o que supostamente deveriam ser e por isso é importante saber gerir esse problema.

Acresce ainda que, quiçá talvez porque o próprio trabalho se modificou e se tornou mais sedentário, no sentido em que uma grande parte dos cidadãos trabalha sentado, a própria noção de descanso (ou de férias) alterou-se e gerou um novo conceito de turismo, o chamado turismo ativo, em que as pessoas procuram uma participação ativa na experiência, seja a caminhar, seja a correr, seja a andar de bicicleta, entre outras coisas.

Kiráľová (2015) mostra a existência de vários produtos turísticos emergentes e que tendem a ser mais procurados pelo turista, de onde destaca a área do bem-estar e saúde (*wellness*), o turismo rural e o turismo desportivo. Todas estas formas de turismo acabam por estar cada vez mais em voga por uma causa comum, que é precisamente as mudanças do estilo de vida da população ao longo destes anos, que tem trazido novas problemáticas relacionadas com o *stress*, sedentarismo e todas as repercussões que tem na saúde pública.

Silva (2019) menciona que as sociedades do presente vivem cada vez mais em meios urbanos e com profissões que favorecem o sedentarismo, isto é, com trabalhos maioritariamente de escritório e com muito tempo perdido em trânsito e afins. A obesidade passou também a ser um grande problema das sociedades dos tempos correntes, causada por maus hábitos alimentares, não só um pouco pela falta de tempo para preparar refeições melhores, mas também pelo incremento e divulgação publicitária de opções alimentares prejudiciais (por exemplo os *fast food*) aliados à pouca atividade física. Tudo isto tem vindo a trazer a necessidade de alterações no estilo de vida das pessoas, que buscam agora, cada vez mais, novas formas de combater todos os problemas causados pelo stress do quotidiano, formas de quebrar as rotinas, de se abstrair do meio urbano, de batalhar contra os problemas de saúde, de trazer um bem-estar corporal estético mais atrativo, entre outras coisas.

Herbert Marcuse nos anos sessenta do século passado combateu dialeticamente o prenúncio daquilo a que chamou a revolução científica e técnica, a qual no futuro iria libertar as pessoas das grandes cargas horárias de trabalho, gerando uma nova sociedade a que chamava a sociedade do lazer, expressão adotada posteriormente por muitos outros pensadores. Naturalmente o produto turístico tende a responder às mutações sociais e é nesse contexto que Ferraz (2017) coloca a questão numa interrogação “uma civilização turística?”, expressão esta talvez mais conforme com os tempos atuais, definindo o autor essa civilização “como a organização de diversas práticas sociais à luz dos modelos, da lógica da experiência e do consumo turístico, capazes de, desse modo, moldar de forma exemplar a nossa realidade e o nosso futuro enquanto seres humanos” (Ferraz, 2017, p. 92).

Mas é uma evidência que a conjugação de vários destes fatores atrás referidos faz com que tenda a crescer então o que está relacionado com a saúde e bem-estar (*wellness*), pois ajuda a diminuir o *stress* e é fundamental para uma mente sã em corpo sã, jogando aqui um importante papel a comunhão com a natureza, pois a comunhão com meio natural é importante para refugiar da confusão citadina, com a aventura, uma vez que traz uma panóplia de emoções, sentimentos e sensações, tais como a adrenalina, o desafio, o risco e o medo, mas também a conquista e a superação, a novidade, entre outras vivências que fazem quebrar as rotinas e despertar a vida dos praticantes. Assim, o desporto, nomeadamente o outdoor, aparece como uma das formas mais utilizadas para procurar a aventura, para contactar com a natureza e para se obter ganhos corporais, melhor estética e saúde.

Posto isto, cada vez mais as estratégias do turismo dos destinos devem considerar estas práticas na criação de produtos turísticos, de forma a responder às novas necessidades específicas das sociedades atuais. Com isto formas de turismo mais alternativas vão ganhando quota de mercado, tais como o turismo rural, o ecoturismo, o turismo de vida selvagem (*safaris*), o turismo cinegético, o turismo solidário, o turismo em proteção do meio ambiente, o agroturismo, o turismo comunitário, o geoturismo, o turismo gastronómico, o *dark tourism*, o turismo experimental e o turismo desportivo.

Kiráľová (2015) refere ainda que o turista atual dá cada vez mais ênfase à segurança e proteção, devido aos vários ataques terroristas sucedidos no passado que vieram a trazer a procura por mais cuidados. Neste aspeto, e considerando os eventos sucedidos mais recentemente com a pandemia Coronavírus - Covid 19, podemos prever que o turista dará ainda mais ênfase à segurança e proteção no futuro, desta feita com questões mais relacionadas com a higiene, e os protocolos “*Clean and Safe*” poderão ter um papel preponderante.

Para além de tudo isto, o autor expõe ainda novas formas de turismo que têm aparecido devido a todo o desenvolvimento tecnológico (principalmente no que toca a meios de transporte), à globalização, ao maior acesso a informação e precisamente às mudanças de estilo de vida, tempo livre e valores da população anteriormente relatados. São exemplo disso os *shorts break holidays*, que consistem em escapadas de curta duração feitas consoante o tempo que as pessoas conseguem tirar do seu trabalho. Ao contrário do que sucedia no passado, onde o turista efetuava maioritariamente férias uma vez por ano durante um período maior, atualmente já existem muitos turistas a efetuar férias de menor duração, mas com maior regularidade, algo que tem tendência a crescer.

Kiráľová (2015) menciona também que a internet passou a ter um papel preponderante no turismo, primeiramente como meio de comunicação entre entidades turísticas e turistas, de onde se destacam por exemplo as ferramentas de reserva cada vez mais encontradas, mas também outro tipo de contatos e esclarecimentos efetuados. Paralelamente também como meio de promoção e divulgação através das várias redes sociais e manobras publicitárias efetuadas das mais variadas formas.

Tendo em conta tudo o que atrás se refere, averigua-se a necessidade de conhecimentos mais específicos, de melhores e mais rigorosos planos e medidas de segurança, do treino e qualificação dos agentes envolvidos no setor, tudo de maneira a combater os riscos inerentes e estudar melhores formas de aumentar o nível de satisfação dos turistas, através do estudo de novos produtos turísticos e novas experiências a oferecer e de processos de melhoria constante das mesmas, sendo por esse motivo muito importante também o aumento do nível qualificativo daqueles que laboram no setor do turismo. Porém para tudo isto será cada vez mais importante a preservação das tradições típicas dos locais e os agentes que operam no turismo não devem nunca, na procura pela inovação, descurar aquilo que é intrínseco a uma cultura e que é de facto um verdadeiro e genuíno fator de diferenciação. As tradições devem ser mantidas e valorizadas!

2.3. O TURISMO ATIVO

“Pode ser considerado como todas as práticas em que os visitantes intervenham diretamente e ativamente nas experiências turísticas, em oposição a uma postura passiva, clássica no turismo de massas.”

Silva (2013, p.175)

Através da frase anteriormente citada, Silva (2013) demonstra de forma simples, mas eficaz, o conceito por de trás do turismo ativo. Para fortalecer esta ideia, Silva (2016) define turismo ativo como aquele que requer a participação ativa do turista, envolvendo de forma física e intelectual nas atividades, o que ajuda a intensificar a experiência, pois vive-se a mesma, ao contrário do que sucede em práticas de turismo passivas onde o visitante acaba por ser apenas um mero espectador.

Active-tourism.com (2002) menciona que o turismo ativo é uma forma especial de lazer e uma nova filosofia de viagem, que combina a aventura, o ecoturismo e a cultura. Este deve ser de baixo impacto ecológico, socialmente responsável e de alta qualidade (sustentabilidade).

Active-tourism.com (2002) refere ainda que este tipo de turismo possui três grandes objetivos, que são:

- A recreação - Levar o turista a abstrair-se da rotina diária de trabalho. O turismo ativo deve ser algo divertido e proporcionar a satisfação que o turista deseja, através da prática de exercícios e da participação ativa no entretenimento;
- A educação - Um turista ativo deve conhecer de perto outra cultura e descobrir o modo de vida desta, pois esse é o seu desejo. As férias devem servir então para ampliar os horizontes através de experiências como aprender uma língua, comer comida típica, conhecer e interagir com tradições locais e respeitar as culturas e crenças estrangeiras;
- O benefício - O turismo não só deve trazer vantagens para os visitantes, mas também deve ajudar a economia local e promover o desenvolvimento dos territórios visitados (destinos). O turismo ativo deverá ser de baixo impacto, ecológico e socialmente responsável, valorizando a natureza, protegendo a biodiversidade e oferecendo oportunidades de emprego aos locais.

Alves (2010) cita Aspas (2000), que refere que o turismo activo é o que se desenrola em contacto com a natureza, onde é fundamental a participação ativa do turista, naturalmente motivado para a realização de desportos que exigem um determinado contexto natural, como zonas de montanha, rios ou zonas costeiras aptas para a realização de atividades desportivas. Com isto acaba por não ser fácil estabelecer uma fronteira entre o turismo ativo e outros conceitos no turismo, como turismo de aventura, turismo desportivo, turismo de natureza, turismo cultural, entre outros.

De facto, o turismo ativo como forma turística que exige uma participação ativa por parte do turista, muitas vezes remonta ao ato desportivo, através de práticas como caminhadas, passeios de bicicleta, kayak, escalada e outras atividades similares. No entanto devemos desde logo distinguir o que é fazer turismo ativo do simples ato de praticar um desporto, pois na verdade existem muitos praticantes autónomos e recreativos que o fazem como *hobby*, sendo que nesse caso recorrem regularmente aos espaços naturais para realizar as suas atividades, sem que isso signifique fazer turismo. Por exemplo, quando um habitante de Almada se desloca de automóvel todos os domingos de manhã à Serra da Arrábida, onde estaciona a sua viatura no parque de merendas da Comenda e posteriormente executa um passeio de BTT pela serra com amigos, estando de regresso a casa ainda à hora de almoço. Na verdade, esta pessoa saiu da sua área de residência para praticar um desporto na natureza, mas não fez turismo, não consumiu no destino

e nem sequer saiu da sua rotina, uma vez que é um hábito seu realizar esta atividade todos os domingos.

Existe ainda o caso das competições desportivas na natureza que por vezes se assemelham ao que anteriormente foi relatado, uma vez que muitos dos participantes se deslocam de casa diretamente para as provas no próprio dia e regressam logo após o seu término. É, contudo, verdade que alguns destes eventos, nomeadamente os mais conceituados, reúnem milhares de participantes, de várias nacionalidades, e isso sim impacta com o turismo, até porque por norma com o praticante vêm também acompanhantes como familiares ou amigos. Apesar destas pessoas virem com foco numa atividade específica que em si não é turística, acabam por ficar hospedados nos alojamentos, consumir na restauração, comprar no comércio local, e tudo isto gera economia no destino e entra nas contas do turismo.

Esta realidade sucede também com os *training camps*, onde um atleta, ou conjunto de atletas (equipas), escolhem determinado território com valências de interesse para treinar a sua modalidade e permanecem neste durante um período (normalmente 1 a 2 semanas) a fim de aprimorar a sua forma física. Apesar de mais uma vez o foco dos visitantes não ser o turismo, mas sim a melhoria da *performance*, a verdade é que estão a consumir e a gerar riqueza nos negócios locais e a contribuir para a melhoria dos números do turismo.

Desta forma verifica-se que a relevância do desporto na natureza vai além do turismo ativo ou da atividade da animação desportiva, porém existem formas de desporto na natureza que, apesar de não serem turismo, podem ser aproveitadas para projetar o destino, quer por intermédio da divulgação feita pelos praticantes (e.g. redes sociais, conversações), quer pelos meios de comunicação (caso das competições). Acresce que, com alguma capacidade de inovação, será mesmo possível conseguir o desenvolvimento de novos produtos turísticos oriundos do desporto na natureza.

Para além de Aspas, outros autores mencionam também que o turismo ativo se desenrola particularmente no meio natural, como por exemplo Carvalhinho e Silva (2017), que referem que este tipo de turismo “é frequentemente associado à prática de atividade física em contexto de ar livre e, em particular, no ambiente natural” (Carvalhinho e Silva, 2017, p.260). Torres (2004) refere que o turismo activo consiste na oferta de atividades desportivas, mas também de animação sociocultural, sob supervisão de um profissional e em plena natureza.

Contudo, se refletirmos um pouco, podemos averiguar que podem existir formas de turismo ativo realizadas em meios urbanos ou outros. Por exemplo, quando uma pessoa visita

uma cidade e decide conhecer a mesma através de um passeio de bicicleta, experimentando a gastronomia deste local e conhecendo a sua história e monumentos, na verdade esse turista está a efetuar uma forma ativa de turismo, uma vez que está a intervir diretamente e ativamente na experiência. Desta forma é possível concluir que o turismo ativo vai além do turismo de natureza, desenrolando-se também em territórios urbanos.

Para completar esta ideia, Barbosa (s.d.) refere que até recentemente quando se falava de turismo ativo cingia-se a um leque variado de atividades ao ar livre como as caminhadas, o BTT, a canoagem, o canyoning, entre outros. No entanto, Barbosa pensa mais além, rematando que “os ingredientes de que precisamos para construir os nossos produtos de turismo ativo estão no estado de recurso disponível, em todo o lado, basta claro ter olhos para ver, pernas para andar, imaginação para conceber e profissionalismo para executar.” (Barbosa, s.d.).

Ademais, apesar de muitas vezes o turismo ativo ser ligado ao turismo de aventura, Rosa (2014), que define turismo de aventura como aquele que envolve a participação física do turista em atividades desportivas no meio natural (mais ou menos intensas e com durações variadas), apesar de reconhecer que os limites entre o turismo de aventura e o turismo ativo são bastante ténues, refere que a diferença entre os dois se deve a uma maior abrangência de atividades reconhecidas dentro do turismo ativo, como é o caso do golfe (que não se enquadra no turismo de aventura).

Ou seja, se o turismo de aventura envolve atividades desportivas mais radicais desenroladas exclusivamente no meio natural, o turismo ativo, sendo mais abrangente, poderá expandir-se a outros territórios que não só os naturais, oferecendo variadas atividades que envolvam a participação ativa do turista na experiência. Neste aspeto, Silva (2013) salienta mesmo o facto de que o turismo ativo pode estender-se a outros produtos, dando o exemplo do turismo cultural, o turismo comunitário e o turismo rural, sendo que podemos verificar que muitas vezes estes produtos não se desenvolvem na natureza.

Para ajudar a estabelecer fronteiras entre estas tipologias de turismo, e com base num esquema criado por Alves (2010), elaborou-se uma representação própria (figura 2), a qual se apresenta seguidamente.

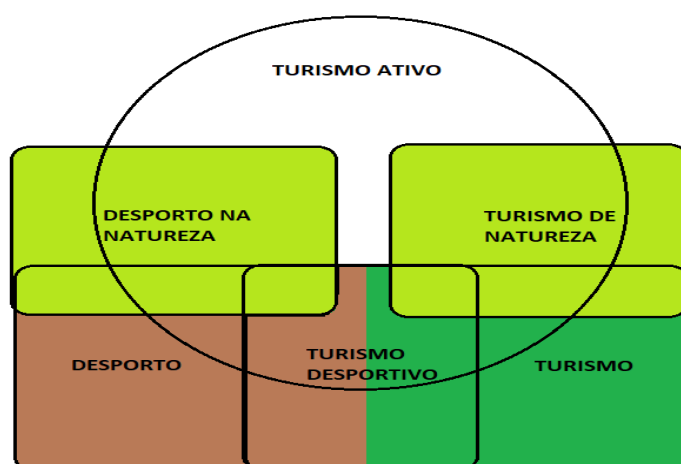


Figura 1 - Abrangência do Turismo Ativo (adaptado de Alves, 2010)

Posto isto, afirma-se que este tipo de turismo envolve a intervenção direta e ativa do turística nas experiências turísticas, o que a maior parte das vezes sucede através da realização de desportos *outdoor* em territórios naturais, e por esse motivo desde logo vincula-se o turismo ativo ao turismo desportivo e, claro está, ao turismo de natureza. Contudo, efetuando-se um exercício racional, verificamos que na verdade nem todo o desporto que ocorre na natureza é turismo ativo, e que, apesar do que grande parte dos autores mencionam, nem todo o turismo ativo necessita de ser na natureza. Conclui-se assim que o conceito por de trás do turismo ativo ainda está, no entanto, em evolução. Como Barbosa (s.d.) refere, haja imaginação para visionar novas oportunidades, capacidade para inovar e profissionalismo para executar, e poderemos reinventar, melhorar e criar produtos e experiências de turismo ativo fora do que usualmente se propõem para o efeito.

2.4. O TURISMO NA NATUREZA

Silva (2013) refere que desde as últimas décadas do século XX que se assiste a alterações relevantes nas dinâmicas do lazer e do turismo, vindo estas de encontro com uma maior consciência ambiental e valorização da atividade física por parte das populações modernas. Estas modificações, combinadas com a comercialização da “natureza” como produto e a melhoria nas acessibilidades aos meios rurais, têm conduzido à expansão do turismo na natureza, e consequentemente ao acréscimo da procura de territórios naturais para as mais variadas atividades desportivas, de aventura ou até para descanso.

Já para Silva (2016), o aumento da procura por turismo da natureza está relacionado com a gradual mudança de paradigmas entre o conceito de turismo passivo para turismo participativo, com base nos fatores que permitiram o evolução global do turismo, como é o caso do aumento do

tempo livre, do poder de compra, dos níveis de escolaridade, da melhoria das acessibilidades, do desenvolvimento da “sociedade da informação” e todo isso conjugado com a generalização do modo de vida urbano. Silva salienta ainda que “a pressão da oferta, aliada à pressão social e à estratégia de comunicação e marketing, estimularam novas necessidades e motivações, com implicações nas preferências do turista” (Silva, 2016:25).

A terminologia mais comum para o produto turismo na natureza é, segundo Silva (2013), bastante diversificada, onde recorrentemente várias expressões são apresentadas, tais como turismo na natureza, turismo natureza, turismo de natureza e turismo em espaços naturais. Estes termos são por norma utilizados como sinónimos ou representando conceitos relativamente distintos. Silva salienta que existe ainda um rol de outras expressões que são utilizadas como sinónimos de turismo na natureza, ou estão muito interligados, nomeadamente turismo ecológico, suave, verde, apropriado, de aventura, alternativo, de nichos, discreto, responsável, sustentável, ativo e rural, e ainda ecoturismo e atividades ou desporto na natureza e de aventura.

Com isto, Carvalhinho e Silva (2017) mencionam que não há uma ideia comumente aceite e unânime que identifique e delimite o turismo na natureza, até porque a taxonomia em torno deste produto é multifacetada e implica alguma balbúrdia linguística. Veja-se a este propósito o exemplo português, em que tanto a legislação como as diversas entidades de planeamento e gestão territorial se focaram no termo “Turismo de Natureza”, que se entende como produto turístico composto por estabelecimentos, atividades e serviços de alojamento e animação turística e ambiental realizados e prestados em zonas integradas na rede nacional de áreas protegidas, adiante designadas por áreas protegidas. Este desenrola-se com diversas modalidades de hospedagem, de atividades e serviços complementares de animação ambiental, que permitem ao turista contemplar e desfrutar do património natural, arquitetónico, paisagístico e cultural de uma região, oferecendo um produto turístico integrado e diversificado (Decreto-lei nº47/99, de 16 de Fevereiro).

Contudo Carvalhinho e Silva (2017) avisam que essa definição é incoerente, na justa medida em que é difícil de distinguir de “Turismo na Natureza” (diferença do “de” para o “na”), conceito este bastante mais abrangente. Esta ideia é partilhada por Silva (2016), que refere que o Turismo na Natureza é uma designação mais apropriada e alargada que melhor se adequa às práticas internacionais, onde não se limita às áreas protegidas ou de alguma forma classificadas.

Tanto mais que, para Carvalhinho e Silva (2017), se relacionarmos com a sustentabilidade, então o correto seria utilizar a expressão “Ecoturismo”, como expressão de um produto introduzido no Turismo na Natureza. Assim sendo, os autores segmentam as várias definições de Turismo na Natureza em 3 grupos, que são eles:

- 1) os que enfatizam a componente territorial (visitas a áreas naturais);
- 2) os que se focam na participação em atividades ou experiências relacionadas com atrativos naturais;
- 3) os que valorizam a componente relacionada com a sustentabilidade.

Finalmente, e de forma bem mais abrangente, Carvalhinho e Silva (2017) citam Tourism Victoria (2008) que utilizam a expressão “Turismo na Natureza” para nomear toda a atividade turística que se baseie em experiências diretamente relacionadas com atrativos naturais. Silva (2013) fortalece esta ideia, fundamentando que o turismo na natureza é constituído por qualquer tipo de turismo que consista na visita de territórios predominantemente naturais com objetivo de apreciar e fruir da natureza, ou na prática de atividades e experiências diretamente relacionadas com os recursos naturais. Posto isto, salienta-se que no âmbito da presente dissertação optou-se por adotar este conceito de Turismo na Natureza.

THR (2006) apresenta dois tipos de Turismo de Natureza, o *soft*, com motivação principal na vivência de experiências de grande valor simbólico e a interação e fruição da Natureza, e o *hard*, focado em atividades desportivas, contemplação da Natureza e atividades de interesse especial. No primeiro as experiências baseiam-se na prática de atividades ao ar livre de baixa intensidade (passeios, excursões, percursos pedestres, observação da fauna, etc.), representando este cerca de 80% do total de viagens de Natureza. Por sua vez, o Natureza *hard* procura experiências relacionadas com a prática de desportos na Natureza (e.g. *rafting*, *kayaking*, *hiking*, *climbing*) ou de atividades que requerem um elevado grau de concentração ou de conhecimento (e.g. *birdwatching*), representando este mercado cerca de 20% do total das viagens de Natureza.

THR (2006) atribui ainda um perfil de consumidor a cada um dos dois tipos de Turismo de Natureza apresentados anteriormente. Segundo esta entidade, encontramos para o Natureza *soft* famílias com filhos, casais e reformados que obtêm conhecimento através da informação interpessoal e brochuras, compram as experiências por intermédio de agências de viagens e *call centers*, ficam alojados em pequenos hotéis de 3-4 estrelas ou casas rurais, viajam 1 a 2 vezes por ano, procurando maioritariamente o período do Verão (época de férias). Este turista pretende descansar e desligar do quotidiano utilizando o meio natural, caminhar e descobrir novas paisagens, visitar atrativos interessantes e fotografar.

Por sua vez, segundo a mesma fonte, o consumidor do Natureza *hard* mostra ser de perfil jovem, com idades compreendidas entre os 20 e os 35 anos, estudantes e profissionais liberais e praticantes ou aficionados de desportos e atividades de interesse especial. Este procura informação em revistas especializadas, clubes ou associações e a *internet*, comprando as suas

experiências através deste último e também de associações especializadas. Ficam alojados em estabelecimentos como *Bed & breakfast*, alojamentos integrados na Natureza (e.g. casas de campo, campismo) e refúgios de montanha, surgindo, no entanto, novas tendências de destacar tais como o *campervanning*, um género de caravanismo mais económico. Viajam com maior frequência (até 5 vezes por ano) e procuram sobretudo o período entre a primavera e o verão, contudo, isto depende sempre do tipo de atividade ou desporto praticados. A sua motivação está assim em praticar desportos ou atividades de interesse, aprofundar o conhecimento da Natureza e a educação ambiental.

Carvalhinho e Silva (2017) mencionam ainda que, devido ao património natural ser também um recurso fundamental para a criação de outros produtos do turismo, e ainda porque o próprio Turismo na Natureza pode ser valorizado pelo património cultural, é difícil estabelecer uma fronteira entre este e os outros produtos, podendo existir, de facto, uma forte sobreposição. Desta forma, a figura 1 em seguida apresentada demonstra a abrangência do Turismo na Natureza e simula possíveis fronteiras entre os vários conceitos de turismo inerentes.

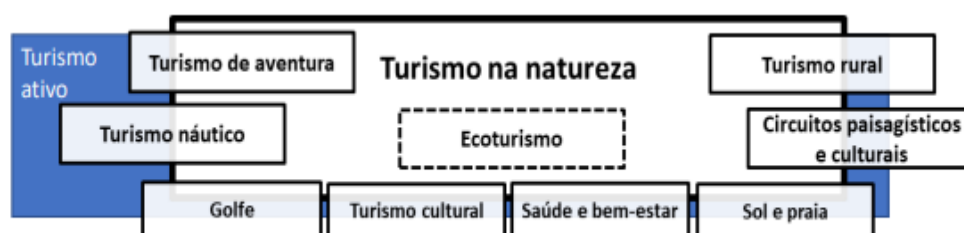


Figura 2 - Abrangência do Turismo na natureza

Fonte: Carvalhinho e Silva (2017), adaptado de Silva (2013)

Portugal tem à partida um grande potencial para o Turismo de Natureza, tendo em conta o seu território, sendo que em 2006 cerca de 21% do mesmo era composto por áreas protegidas, havendo ainda muitos outros locais com forte património natural no país que não se encontram dentro de uma área deste tipo. Desta forma, o Turismo de Natureza demonstra ser um produto importantíssimo para o turismo português, sendo por esse motivo um dos 10 produtos estratégicos do Plano Estratégico Nacional do Turismo (PENT), selecionados em função da sua quota de mercado e potencial de crescimento, bem como da aptidão e potencial competitivo de Portugal, nos quais deverão assentar as políticas de desenvolvimento e capacitação da nossa oferta turística (THR, 2006).

2.5. O TURISMO DESPORTIVO

O turismo desportivo foi já ligeiramente relatado anteriormente neste trabalho, mais concretamente no subcapítulo dedicado ao turismo ativo. Contudo, dada a extrema relevância deste tipo de turismo para o objeto de estudo desta dissertação, é de todo o interesse aprofundar este tema e compreender melhor os conceitos inerentes.

Para definir o turismo desportivo, Gibson, Attle e Yiannakis (1997, citado por Neirotti 2003) mencionam que este tipo de turismo consiste na deslocação de uma ou mais pessoas para fora da sua área de residência, a fim de participar em atividades desportivas ou competições, para assistir a provas desportivas ou para visitar atrações de importância, como por exemplo um estádio histórico, uma cidade olímpica, entre outros.

Para completar esta ideia, Carvalho e Lourenço (2009) referem que turismo desportivo representa o corpo de conhecimento e o conjunto de práticas onde as áreas do turismo e do desporto se interligam. Esta justaposição evidencia-se em duas dimensões distintas, sendo elas o turismo de espetáculo desportivo e o turismo de prática desportiva. Os autores destacam quatro premissas para verificar um indivíduo como turista desportivo, que são elas as seguintes:

1. Que a pessoa realize uma viagem para fora do seu ambiente habitual e que permaneça pelo menos uma noite no local visitado (menos de uma noite considera-se apenas visitante desportivo);
2. Que esta viagem não tenha carácter definitivo, considerando normalmente que ela não deva exceder os 12 meses;
3. Que esta viagem não tenha como motivação principal exercer uma atividade remunerada;
4. Que o viajante participe durante a viagem ou a estada, numa atividade ou contexto desportivo.

Gammon e Robinson (2003) subdividem o turismo desportivo em dois conceitos diferentes, que são eles o *sports tourism* e *tourism sport*. Na primeira, considera-se todo o indivíduo ou conjunto de indivíduos que buscam participar de forma ativa ou passiva em desportos competitivos ou recreativos, seja como praticante, seja como espectador, e para isso efetua uma viagem para lugares fora de seu ambiente comum. Neste, o critério decisivo é o desporto, sendo ele a principal motivação para viajar, e o elemento turístico vem apenas reforçar a experiência geral. Assim, seria um exemplo deste tipo de conceito uma pessoa que se desloque de Portugal ao Japão para assistir aos Jogos Olímpicos de 2020 (realizados posteriormente). Por

outro lado, o conceito *tourism sport* refere-se a pessoas que viajam para locais diferentes do seu ambiente e acabam por participar de maneira ativa ou passiva em algum tipo de desporto, seja de forma competitiva ou recreativa. Aqui o desporto manifesta-se como atividade secundária, pois o grande foco do turista é as férias em si ou a visita a um local novo. Um exemplo deste conceito seria uma família que vai um dia inteiro à praia para usufruir do turismo balnear, mas durante esse tempo acabam por fazer algumas atividades desportivas como jogar à bola ou voleibol.

Gammon e Robinson (2003) referem ainda que o turismo desportivo não passa apenas pela gestão e operação de eventos, mas também pela oferta ao consumidor de serviços e experiências específicas relacionadas com este tipo de turismo e os nichos inseridos dentro dele. Para além disto, os autores mencionam também que este tema justifica uma apreciação séria do setor turístico, considerando o seu potencial e importância, e, ao mesmo tempo, é suficientemente específico para manter o interesse e o desenvolvimento académico.

Para completar estas ideias Rosa (2013) refere três segmentos que se destacam no caso da vertente eminentemente desportiva (*sports tourism*), sendo eles os seguintes:

- **Desporto turístico e desporto condicionador:** A procura por um destino turístico ou alojamento deve-se às características que este oferece para a prática de determinada modalidade desportiva. As particularidades deste segmento são demasiado específicas, uma vez que a natureza da maioria destes desportos requer condições extraordinárias que os participantes não encontram na sua área de residência, pois dependem geralmente de recursos naturais ou infraestruturas próprias. Assim sendo, os praticantes necessitam de viajar para a realização das suas práticas desportivas, sendo o local em si e a qualidade das infraestruturas os principais componentes da sua experiência turística. Muitos destes desportistas-turistas (nem todos) procuram deslocar-se para diferentes locais que proporcionem o tipo de práticas que desejam realizar, isto é, depois de visitarem um destino, buscam outro para uma próxima ocasião, não ficando restritos a um sítio fixo. São exemplos deste tipo de turismo, o golfe, o turismo náutico, o turismo de aventura, o turismo de natureza, o esqui, o turismo do *fitness* e *wellness*, entre outros.
- **Estágios desportivos (*training camps*):** Os indivíduos ou equipas, amadores ou profissionais do desporto, deslocam-se a determinado destino devido às condições ideais que este proporciona para a prática de determinada modalidade desportiva, na ótica da competição, com o objetivo da manutenção e/ou melhoria da performance. Neste caso é importante a existência de um conjunto de infraestruturas desportivas

de qualidade, que dê resposta às necessidades inerentes às modalidades desportivas e serviços de apoio qualificados (ao nível clínico, nutricional, etc.). De acordo com o tipo de modalidade desportiva, é relevante a possibilidade de existir um nível de treino/competição com outros atletas ou equipas. Os desportistas que realizam este tipo de estágios são normalmente turistas passivos, pois o tempo livre é reduzido e, na maioria das vezes, é utilizado para recuperar e relaxar o corpo do *stress* causado pela intensidade dos treinos.

- **Eventos desportivos:** Neste segmento contemplam-se todos os desportistas, treinadores e staff (ao nível das competições desportivas e dos espetáculos desportivos), bem como os espectadores que se deslocam devido ao evento:
 - **Atletas profissionais ou amadores, treinadores e staff** – De modo geral, para estes turistas o tempo de estada num destino dedica-se à prática desportiva ou apoio a esta. Desta forma, a componente turística circunscreve-se ao uso dos alojamentos e da restauração, o que remonta a práticas turísticas de características passivas.
 - **Espectadores desportivos** – Deslocam-se a um destino motivados pelo seu fanatismo ao desporto ou a determinada modalidade, não na qualidade de praticantes, mas sim enquanto espectadores que procuram entretenimento. Muitos destes turistas são motivados apenas e só para o evento desportivo, estando pouco interessados em atividades que não estejam associadas com o desporto. Além disto, apesar deste tipo de turistas ter algum tempo livre (após ou entre os espetáculos desportivos) para conhecer o destino, o tipo de turismo apresenta características passivas e está também condicionado pelos horários do espetáculo desportivo.

Pigeassou (2004, citado por Carvalho e Lourenço, 2009) refere outros dois tipos de práticas sociais que associam turismo e desporto e que vão para além do turismo de espetáculo desportivo e o turismo de prática desportiva anteriormente referidos, sendo eles o turismo desportivo de cultura e o turismo desportivo de envolvimento. Por um lado, o primeiro refere-se a um carácter mais cognitivo da cultura desportiva que pode estar associado a um sentido de história desportiva, de curiosidade intelectual ou de veneração. Por sua vez, o turismo desportivo de envolvimento refere-se às situações inerentes ao mundo do desporto, nomeadamente às inúmeras possibilidades de viagem turística associadas à administração desportiva ou ao treino. Por exemplo o *staff* de uma competição ou os *workshops* de formação desportiva complementares.

Posto isto, verifica-se que, apesar de muitas vezes as pessoas procurarem esta categoria de turismo por razões desportivas e não turísticas, na verdade é um segmento de mercado com bastante relevância para gerar economia nas contas desta indústria, e isso verifica-se, pois sempre que há um evento desportivo existem inúmeras pessoas com necessidade de alojamento ou restauração, e muitas vezes só entre participantes e *staff* esgota-se a capacidade de alojamento de um território.

De facto, tendo em conta todo o fanatismo existente em torno do mundo desportivo, observa-se a existência de inúmeras oportunidades para os destinos, nomeadamente no que toca à modalidade objeto de estudo deste trabalho, o ciclismo. Neste aspeto, desde logo os eventos de competição profissionais ou amadores podem ser explorados, não só como forma de trazer uma maior afluência de pessoas para consumir no território, mas também como forma de divulgação da região para o nicho em questão. Contudo, os eventos pecam por gerarem economia apenas num curto espaço de tempo, e por esse motivo é de todo o interesse para os destinos a criação de outro tipo de iniciativas que possam trazer turistas mais regularmente ao território, como por exemplo *training camps* (estágios), desafios ciclísticos (e.g. criar um percurso no terreno e respetivo segmento online e estabelecer um período para atletas recreativos atacarem o mesmo), entre outras ideias.

Obviamente que para isso é necessário o investimento em infraestruturas apropriadas por parte das entidades de governança dos territórios, mas também em colaboradores qualificados e capazes de gerir o destino, inovando na criação de percursos, iniciativas e no marketing.

2.6. A CULTURA DA BICICLETA E O CICLOTURISMO

De acordo com Kloof (s.d.), o ato de pedalar oferece às pessoas uma forma *low cost* e saudável de viajar de um ponto para o outro. Para além disto, a bicicleta destaca-se ainda como um meio de transporte amigo do ambiente, que para além de não causar emissões de CO₂ tão altas quanto veículos motorizados, ocupa ainda muito menos espaço (o que é positivo para situações de trânsito elevado) e causa danos menores quanto ocorrem acidentes de viação, pois a velocidade é mais reduzida.

Ainda de acordo com Kloof (s.d.), à medida que o tema das alterações climáticas e o aumento da população, nas grandes áreas metropolitanas, estão cada vez mais em voga, não surpreende que, como resultado, as questões relacionadas com a bicicleta tendam a ser debatidas com especial cuidado. Exemplo disso foi o recente Congresso Velo-city 2021, a propósito dos objetivos de sustentabilidade estabelecidos para 2030, onde, segundo Timmermans (2021, citado

por Público, 2021), este afirma que não imagina uma cidade tornar-se neutra em termos climáticos sem priorizar a utilização da bicicleta. Timmermans, vice-presidente executivo da União Europeia, refere ainda que a revolução da bicicleta está a acontecer e tende a ser cada vez mais evidente a longo prazo, e que, para si, a bicicleta deveria tornar-se a mudança que se pretende, uma vez que para si é o meio de transporte mais sustentável.

Kloof (s.d.) refere também que, à medida que estas questões são cada vez mais debatidas, as infraestruturas físicas específicas para este meio de transporte começam a ter muito mais atenção e, afortunadamente, o conhecimento e experiência em redes cicláveis (ciclovias) e desenho de ruas com intersecções seguras estão disponíveis e cada vez mais divulgados.

Segundo Palermo (2017), no início da sua conceção, as bicicletas eram um utensílio relativamente caro e inatingível a grande parte da população. Contudo, a produção em massa veio a fazer com que a bicicleta se tornasse num investimento acessível e útil para o trabalhador, que desta forma poderia deslocar-se do trabalho para casa mais rapidamente e com maior comodidade. A bicicleta teve, portanto, um papel preponderante na vida de imensas famílias, sendo um transporte individual e independente que proporcionava maior flexibilidade e lazer.

Mas se no princípio a bicicleta se encontrava- sobretudo numa posição de meio de transporte utilitário, com o evoluir dos tempos essa utilidade foi desaparecendo e deu lugar a outras formas de pedalar que passaram a ter uma maior importância. Neste aspeto, Mr. Herlihy (2010, citado por Goodman, 2010), que refere que a cultura da bicicleta tem sido dividida entre o uso utilitário, o recreativo e o competitivo, existindo ciclistas apaixonados por cada um deles.

Contudo, para além destas 3, é ainda possível averiguar-se a existência do uso da bicicleta para fins turísticos. Posto isto, de seguida passa-se a explicar cada um dos diferentes tipos de utilização possíveis para a bicicleta:

- Competitivo – De carácter puramente desportivo, destaca-se pelo uso da bicicleta para finalidades competitivas. O praticante efetua atividades regulares e treinos específicos no seu quotidiano, com o intuito de melhorar a sua *performance* e com a finalidade de estar em boa forma nos dias de competição, sendo essa a grande motivação deste tipo de utilizador da bicicleta. Existem atletas profissionais e atletas amadores, assim como eventos para ambas as categorias.
- Recreativo – Caracteriza-se pelo ato de utilizar a bicicleta com o intuito de lazer, onde o praticante pretende usufruir dos espaços que pode aceder através do uso deste meio de transporte e que não conseguiria noutro veículo, mas sem que isso implique

a saída da sua área de residência. Para além disto, este utilizador procura praticar desporto simplesmente com o propósito de se manter fisicamente ativo, combatendo desta forma o sedentarismo característico do atual estilo de vida da população. Outra das grandes motivações deste utilizador está no convívio saudável com outros praticantes, sendo que por vezes acaba por entrar no mundo velocípede por intermédio de um amigo.

- Utilitário – Caracteriza-se pelo uso da bicicleta no quotidiano como principal forma de transporte nas deslocações essenciais (e.g. casa, trabalho, compras).
- Turístico – Por norma o cicloturismo está associado ao uso da bicicleta como meio de transporte para viagens turísticas de lazer.

Segundo Fernandes *et al.* (2016) há um aumento generalizado da prática de ciclismo em contexto desportivo, recreativo e quotidiano, em particular nos países ocidentais, onde a população está mais sensibilizada para a adoção de comportamentos sustentáveis que aumentam a qualidade de vida e o bem-estar.

Mr. Herlihy (2010, citado por Goodman, 2010), menciona ainda que apesar de muitas vezes existir uma desconexão entre os três, há cada vez mais uma justaposição dos mesmos. Isto verifica-se desde logo porque grande parte das ocasiões o cicloturista é precisamente um praticante recreativo que procura sair da sua área de residência e conhecer novos locais, mas também porque muitas vezes os novos utilizadores utilitários da bicicleta fazem-no recreativamente e não apenas por necessidade, pois preferem optar pela sua bicicleta na deslocação para o trabalho do que por outro meio de transporte, convictos de que esta é uma opção mais saudável para os mesmos e para o planeta. Atualmente até muitos dos praticantes de competição amadora utilizam a bicicleta como meio de transporte para o seu local de trabalho, aproveitando a deslocação (utilitário) para excetuarem o seu treino a fim de obterem melhorias de *performance* (competitivo).

Outro exemplo disto é o caso do praticante de competição profissional, que devido à grande quantidade de tempo que despende a andar de bicicleta no meio natural, acaba por desenvolver uma grande conexão com a natureza, e desta forma valoriza e deseja mais o uso recreativo desta viatura, procurando sempre que possível a desconexão da exigência física e psicológica dos treinos e, em contrapartida, a fruição dos espaços que visita. Neste caso salienta-se ainda que alguns destes praticantes profissionais de ciclismo de competição usufruem usualmente da bicicleta turisticamente, nomeadamente em períodos de pausa competitiva, efetuando aventuras e viagens em *bike packing*.

Pese embora o facto de que nos últimos decénios se ter vindo a perder a função da bicicleta como meio de transporte diário e comum, em benefício do desporto e do lazer, a verdade é que praticamente todos os governos europeus estão agora empenhados em reverter a situação e apontam à criação de políticas concretas da promoção deste tipo de locomoção. Em Portugal, e segundo a Agência Lusa (2017), refere-se a criação do Plano Nacional para a Promoção da Bicicleta e Outros Modos de Transporte Suaves para estimular a utilização deste meio de transporte. O objetivo do plano é que “cada vez mais as pessoas utilizem os meios de transportes suaves, entre eles a bicicleta, para as deslocações quotidianas, entre casa e a escola ou a casa e o trabalho. (...) O que queremos é que as bicicletas deixem de ser utilizadas só para lazer e passem a ser utilizadas no dia-a-dia” (Fernandes, 2017, citado por Agência Lusa, 2017).

Acresce ainda a existência de várias vertentes diferentes associadas ao uso da bicicleta. De forma a apresentar cada uma destas vertentes resumidamente, elaborou-se uma tabela que define cada vertente, a qual se encontra nos anexos do presente documento. (anexo nº1). De referir que, segundo Fernandes *et al.* (2016), o BTT é a prática de ciclismo mais comum e mais estabelecida em Portugal, seguido da estrada que se revela a vertente com maior crescimento nos últimos anos.

Posto isto, para efeitos da presente dissertação, o que mais importa é sem dúvida o cicloturismo, o qual é recorrentemente definido pelo ato de efetuar uma viagem utilizando a bicicleta como meio de transporte, com o propósito expresso de lazer e em que a seleção do veículo é eletiva e não forçada pela necessidade. A experiência turística do cicloturista não poderia ser feita de outra forma, pois as vivências transmitidas pelo ato de pedalar são entendidas como parte integrante da jornada. A viagem em si é inseparável do destino. (Cox, 2013).

Maroto (2001, citado por Scholz, 2015) refere que o cicloturismo é uma atividade física não competitiva que combina ciclismo com turismo. É um tipo de exercício físico moderado que surge com a proposta de viajar de bicicleta para visitar locais, pelo simples prazer de conhecer novos lugares, sem preocupações com tempo ou velocidade, e sempre respeitando o meio ambiente.

Keeling (1999) define cicloturismo como toda a visita recreativa que signifique a deslocação do praticante para fora da sua área de residência, envolvendo isso a pernoita ou uma simples visita diária, onde o ciclismo de lazer é parte fundamental e significativa da visita. Keeling divide o cicloturismo em três segmentos: O primeiro denomina de “férias de ciclismo”, onde a prática da modalidade é o propósito principal da viagem e tudo é planeado para esse efeito. O segundo é chamado de “férias com ciclismo”, sendo que neste o praticante apenas efetua

cicloturismo como atividade complementar durante a sua estada. O terceiro tipo é denominado de “visitantes de ciclismo diários” que consiste na deslocação de uma pessoa para uma área fora da sua residência a fim de praticar ciclismo, mas apenas por um dia, distinguindo-se este de um não cicloturista precisamente pelo facto de estar num local distinto do da sua residência.

Para cada um destes segmentos de cicloturismo Keeling (1999) atribui várias atividades. No que toca às “férias de ciclismo”, o autor destaca três práticas habituais dos cicloturistas, sendo elas: *short breaks* de ciclismo com base localizada, onde o cicloturista fica hospedado num local e, a partir daí efetua as suas voltas, as férias ou *short breaks* com viagem de ciclismo em autonomia, onde o cicloturista efetua uma rota de entre 2 dias a 2 semanas de duração em autonomia, e por fim as férias ou *short breaks* com viagem organizada por empresa, onde o cicloturista contrata uma empresa para organizar as suas férias (que tanto pode ser uma viagem como um serviço com base localizada) e para dar apoio logístico.

Por sua vez, no segmento “férias com ciclismo” Keeling (1999) destaca os passeios em vias livre de trânsito rodoviário como ciclovias ou calçadas, normalmente encontrados junto a praias e zonas costeiras, e passeios circulares de um dia em caminhos tranquilos *offroad* ou estradas rurais de baixo tráfego. Este tipo de praticante utiliza percursos já estabelecidos e devidamente sinalizados, trajetos que encontra na internet ou que amigos e conhecidos partilham, ou então delinea ele próprio os mesmos.

Quanto ao segmento “visitantes de ciclismo diários” Keeling (1999) refere que se assemelha ao “férias com ciclismo”, com a diferença de que este não envolve pernoita. Neste aspeto, o autor salienta ainda que os seguintes tipos de ciclismo podem fazer parte do cicloturismo: Passeios de grupo locais organizados (mas não oficiais), eventos de caridade, escolas de ciclismo e ainda eventos como competições amadoras ou profissionais.

Tendo em conta o que foi abordado anteriormente, podemos considerar que o cicloturismo é uma forma de turismo ativo e de turismo na natureza, pois é uma atividade que se desenrola em contacto direto com a natureza e onde é fundamental a participação ativa do praticante, que neste caso é um turista.

Sabendo a existência de inúmeras opiniões e definições de cicloturismo por diversos autores, no âmbito deste trabalho pretende-se definir cicloturismo de uma forma um pouco mais abrangente do que habitualmente se considera, ou seja, como toda a atividade ciclística que gera economia nas contas do turismo, e neste caso não estamos apenas a considerar a tipologia turística

de lazer mencionada pelos autores anteriormente referenciados, mas também outras formas, como por exemplo o ciclismo competitivo.

Embora esta prática não seja turística, mas sim desportiva, a verdade é que, como verificado no capítulo dedicado ao turismo desportivo, a competição muitas vezes envolve a deslocação de uma ou mais pessoas para fora da sua área de residência, com a finalidade de participar em atividades desportivas ou competições. Para além disto, constata-se ainda que os indivíduos ou equipas (amadores ou profissionais) do desporto, podem procurar deslocar-se a determinado destino devido às condições ideais que este proporciona para a prática da sua modalidade desportiva, na ótica da competição, com o objetivo da manutenção e/ou melhoria da performance.

Apesar do foco destes visitantes não ser o turismo em si, a verdade é que acabam por ficar hospedados nos alojamentos, consumir na restauração e comprar no comércio local, e tudo isso ativa a economia do destino. É por esse motivo que se pensa que um conceito mais abrangente de cicloturismo, não ficando restrito apenas à ideologia de lazer e experiência, fará todo o sentido, pois ao considerar outras formas de ciclismo podemos gerar mais oportunidades de inovação na criação de ofertas para os visitantes.

Posto isto, e considerando os enlaces anteriormente mencionados, averigua-se então a existência de vários tipos de cicloturismo, sendo importante e necessário balizar e distinguir os mesmos, de forma a melhor compreender cada perfil de turista inerente. Desta forma seguidamente passamos a demonstrar as várias formas de cicloturismo consideradas neste trabalho:

- Cicloturismo principal: Esta forma de cicloturismo é o cerne do que é considerado por este tipo de práticas turísticas, indo de encontro às definições apresentadas pelas várias referências bibliográficas anteriormente mencionadas e pelo que vulgarmente se associa às mesmas. No fundo é o tipo de cicloturismo que leva as pessoas a visitarem destinos propositadamente para fruírem do mesmo com recurso à bicicleta, sem nenhuma outra razão que não seja o turismo e o lazer.
- Cicloturismo recreativo: Este tipo de cicloturismo remete para o uso da bicicleta como atividade recreativa, que tanto pode ter origem num *hobby* ou em questões de saúde. Considera-se para este efeito todo aquele praticante que utilize a bicicleta para alguma atividade, por bem-estar, durante o período em que estiver instalado fora da sua área de residência (e.g. em férias, em trabalho, entre outros.), não sendo, no entanto, a bicicleta o principal motivo da sua viagem, nem tão pouco a razão pela

escolha do destino. Este tipo de praticante tanto pode trazer a sua própria bicicleta e utilizar percursos pré planeados como pode como alugar a mesma no destino ou contratar serviços específicos;

- Cicloturismo desportivo: O cicloturismo desportivo remete para o ciclismo competitivo, sendo que aqui se considera todo o praticante que se desloque e fique hospedado fora da sua área de residência, com o propósito de ou participar num evento desportivo, ou efetuar um estágio (*training camps*), ou outro tipo de atividade relacionada com *performance* ou competição (e.g. avaliações físicas).

Esta ideia é também partilhada por Fernandes *et al.* (2016), que consideram haver vários segmentos de mercado com clientes distintos, destacando entre eles os seguintes:

- Ciclistas profissionais: Viajam por norma em grupo, isto é, numa equipa ou numa seleção, mas por vezes também o fazem individualmente. Pretendem um destino que ofereça condições para desenvolver treinos, com objetivos específicos, pelo que precisam conhecer de antemão as características das estradas locais. Preferem hotéis ou *aparthotéis* de três ou quatro estrelas em locais pacíficos e de boa acessibilidade. De entre os atributos inerentes ao destino que valorizam estão o clima, as características orográficas (montanhoso, plano, intercalado) e os preços competitivos. A conciliação do estágio com eventuais provas ou eventos desportivos na região onde se instalam são outro fator de atração. A maior parte das equipas profissionais possui infraestruturas próprias para transportarem os atletas e *staff*, bem como equipamentos e ainda uma oficina. Poderão ainda trazer massagista ou terapeuta, ou recorrer a prestadores locais qualificados. Será, por esse motivo, fulcral que os alojamentos detenham um local espaçoso, seguros e iluminado para permitir o estacionamento das volumosas viaturas das equipas, que necessitarão ainda de acesso a energia elétrica e de água. Algumas equipas possuem também cozinha própria, pelo que será importante disponibilizar ao mesmo condições para que possa elaborar as refeições. Em alternativa, será importante que o estabelecimento onde se instalam ou outro na proximidade tenham capacidade para assegurar a prestação desse serviço nas características e condições solicitadas.
- Ciclistas em geral: Este é um mercado muito mais vasto e diversificado que engloba os ciclistas em geral, e que podem ser classificados quanto à intensidade e frequência da prática, mas também quanto ao tipo de alojamento que preferem.
 - Ciclistas semi-profissionais e amadores: Viajam frequentemente acompanhados, seja com familiares (maioria dos casos) ou com outros praticantes, embora também o façam individualmente. Delineiam a viagem recorrendo a informações

disponibilizadas na internet ou em publicações específicas. Muitas vezes associam a estada à participação em eventos amadores, caso contrário buscam por trajetos com graus de dificuldade que os desafiem a conseguir ultrapassá-los progressivamente. Detêm mais tempo para fruírem de experiências variadas (e.g. gastronomia, património histórico, diversão noturna) na região onde se estabelecem durante as férias do que os profissionais, contudo, valorizam acima de tudo a disponibilidade de percursos de qualidade e desafiantes. A maior parte destes ciclistas possui equipamento próprio, no entanto alguns preferem alugar o equipamento (de elevada qualidade) pessoalmente ou anteriormente através da internet ou agências de viagens;

- Ciclistas de recreio e viajantes: Viajam individualmente, em família ou em grupo. Na maior parte dos casos são homens com idades entre os 40 e os 60 anos, detentores de formação académica e rendimento superior à média, apreciadores da natureza e praticantes de ciclismo como forma de manter a condição física. Deslocam-se, por norma, sem pressa, e procuram percursos com menos exigência física, valorizando muito o património natural e cultural e a visita a locais de interesse que vão encontrando. Pretendem conhecer uma região e as suas gentes de forma ativa e saudável, mas também ambientalmente consciente, reduzindo ao máximo o impacto ecológico da viagem. Frequentemente pernoitam apenas uma noite em cada localidade, mas também podem permanecer mais tempo em cada local. Muitas vezes optam por alugar bicicletas no local (principalmente os turistas que vêm de mais longe), mas também há muitos praticantes que preferem deslocar e usar a sua própria bicicleta. Preferem as estações mais amenas (primavera ou o outono), altura em que o alojamento tem preços mais atrativos, havendo mesmo um grupo considerável que opta por pernoitar em parques de campismo ou fazer caravanismo.

De seguida apresenta-se a tabela 1 que resume e exemplifica cada uma das diferentes formas de cicloturismo existentes, bem como o perfil de cada praticante.

Tabela 1 – As diferentes formas de cicloturismo

Forma	Exemplos	Perfil do praticante
Cicloturismo	• Viagens de bike packing em self guide com pernoita selvagem (o praticante transporta tudo)	• Tem na bicicleta o principal meio de transporte da sua viagem;

principal	o que necessita consigo, incluindo tenda e saco de cama); • Viagens em bike packing em self guide com pernoita em alojamento (o praticante transporta tudo o que necessita consigo, exceto itens de pernoita); • Viagens guiadas com empresas animação turística (o praticante contrata uma empresa para tratar de toda a logística da viagem e dar apoio); • Participação em eventos de cicloturismo (eventos em autonomia de ultra endurance e bike packing).	• Escolhe o destino tendo em conta a experiência que poderá ter ao pedalar nele; • Procura aventura. A bicicleta e a envolvente territorial são as principais motivações; • Utiliza Grande Rotas, <i>tours</i> de vários dias organizados por empresas ou delinea previamente as suas próprias rotas.
Cicloturismo recreativo	• Praticante traz a sua bicicleta, ou aluga no destino, de forma a utilizar durante férias ou viagens de trabalho, a fim de efetuar passeios a título de bem-estar ou melhor conhecimento do local; • Participação em eventos de cicloturismo (granfondos, passeios organizados, entre outros).	• A motivação principal está no que o traz ao destino (e.g. fruir de férias com família, viagem em trabalho); • A bicicleta é apenas um complemento, sendo indiferente o destino escolhido; • Utiliza pequenos trajetos na área do local onde está hospedado, como por exemplo os percursos dos Centros Cyclin'Portugal (Centros de BTT), outros percursos que encontra na internet ou por intermédio de amigos e conhecidos.
Cicloturismo desportivo	• Praticante traz a sua bicicleta, ou aluga no destino, de forma a utilizar durante férias ou viagens de trabalho, a fim de efetuar os seus treinos a título de melhoria ou manutenção de performance; • Participação em eventos competitivos (eventos profissionais ou amadores de carácter competitivo); • Estágios (training camps); • Deslocações para outras atividades relacionadas com a performance competitiva (e.g. avaliações físicas).	• A motivação está na competição ou na performance; • Escolhe o destino tendo em conta as características que este oferece para treinar (e.g. altitude, subidas, bons alojamentos, serviços wellness, entre outros) ou por alguma competição existente.

3. METODOLOGIA

3.1. ABORDAGEM GENÉRICA

No presente capítulo passa-se a apresentar a metodologia desta dissertação, onde, após todo o trabalho de revisão bibliográfica elaborado, que permitiu um maior conhecimento sobre os temas tratados, serão abordados os procedimentos que serviram de base para o processo de investigação, tendo por isso este capítulo o objetivo de mostrar as opções metodológicas adotadas, os *stakeholders* considerados, as ferramentas usadas e os métodos de recolha e tratamento de dados.

Tendo em conta que a área desta investigação estuda um produto turístico muito particular, ainda para mais num território específico, optou-se pela elaboração de entrevistas diretas a alguns dos *stakeholders* considerados relevantes para o estudo, uma vez que a população da maior parte destes grupos não é muito elevada e pensa-se que deste modo seja possível perceber melhor os pontos de vista de cada qual, algo importante para a elaboração da fase empírica da presente dissertação, bem como estabelecer relações com os mesmos. Poder-se-ia optar pela elaboração de um questionário a uma população mais generalizada e incluir outros *stakeholders* com menos poder de decisão no projeto, mas preferiu-se limitar a amostra a uma população mais influente e efetuar entrevistas, pois considerou-se que desta forma captar-se-iam melhor as ideias das principais entidades.

Apesar da peculiaridade do tema e do facto de se considerar que a população dos principais *stakeholders* não é muito elevada, optou-se por dividir os mesmos em três grupos, de modo a organizar melhor as entrevistas efetuadas. Assim, os grupos considerados foram os gestores do território (e.g. autarquias e Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas), os promotores do território (e.g. Turismo do Centro, Agência para o Desenvolvimento Turístico das Aldeias do Xisto, Federação Portuguesa de Ciclismo), e, por último, os especialistas (e.g. empresas de animação turística especializadas, importadores ou fabricantes de bicicletas, jornalistas e roteiristas do ramo). É reconhecida a existência de outros *stakeholders* cruciais para o desenvolvimento do cicloturismo na Serra do Açor, tais como os próprios cicloturistas, contudo no âmbito desta dissertação foi decidido não se questionar mais do que aqueles que se mencionaram anteriormente, isto devido às limitações de tempo e de espaço do documento, optando-se por entrevistar aqueles que por norma têm um papel decisivo e de intervenção direta ou no território, ou no setor turístico, ou no mercado das bicicletas.

Distinguindo os diferentes grupos de *stakeholders*, o processo de seleção de cada qual teve por base, num primeiro instante, na área de ação em que atuam e no grupo onde se inserem, isto porque se no grupo dos especialistas existe uma maior população e por esse motivo também mais opção de escolha de entidades para a amostra, no grupo dos gestores existe uma população muito mais pequena e específica, algo que sucede também com o grupo dos promotores.

Ainda assim mesmo dentro do grupo dos gestores existem aqueles que se destacam, neste caso o fator decisivo está na área que os mesmos detêm dentro do território Serra do Açor (por exemplo, Arganil é o concelho com maior área nesta serra, por esse motivo tem mais relevância). Enquanto o grupo de gestores se foca mais na investigação na ótica do território, o grupo dos especialistas traz uma visão mais focada no produto turístico alvo de estudo desta dissertação, sendo, por esse motivo, o processo de seleção baseado na pertinência que cada *stakeholder* deste grupo possa ter no mercado das bicicletas, quer seja enquanto operador no ramo turístico, quer seja na qualidade de produtor e comerciante ou até mesmo no papel de investigador. Por último o grupo dos promotores situa-se algo entre os gestores e os especialistas, oferecendo conhecimentos tanto sobre o ramo turístico, como sobre o território em causa

A recolha dos dados necessários para a investigação procede-se também, em grande parte, com recurso à execução de todo um trabalho de campo efetuado no território em causa. Este trabalho de campo consiste na prática do produto turístico abordado (cicloturismo) no território alvo de estudo, de forma a ter um conhecimento real e fidedigno das características deste para a atividade em questão, algo importante para reconhecer os seus pontos fortes e os seus pontos fracos, o que ajuda não só no desenvolvimento de um plano de ação concreto e coeso, mas também na criação de novos percursos e conhecimento de recursos complementares de interesse como alojamento, restauração e património natural e cultural. O trabalho de campo tem também como intenção, para além do estudo das valências específicas do território, o contacto com outras problemáticas existentes na região, bem como com o modo de vida da população deste território, de forma que haja uma maior perceção de potenciais oportunidades e ameaças ao desenvolvimento do cicloturismo na Serra do Açor.

Todo o trabalho de campo é também conciliado com trabalho de pesquisa, sendo este naturalmente muito importante na obtenção de dados, não só na fase de rutura e de exploração dos temas de interesse para a dissertação (revisão bibliográfica), mas também na fase empírica, através da análise, por exemplo, a outros destinos de referência mundial no produto em causa (*benchmarking*). O trabalho de pesquisa serve também para ajudar na exploração e no conhecimento de especificidades de alguns locais mais singulares da Serra do Açor, com recurso

a documentos como Cartas Militares, relatórios de caracterização das áreas protegidas existentes, mas também a plataformas digitais de conhecimento territorial como o por exemplo o Google Earth e outras mais específicas para atividades desportivas ou de lazer tais como o Wikiloc ou o Alltrails.

3.2. ENTREVISTAS

3.2.1. CONCEPÇÃO DOS GUIÕES

Considerando a especificidade de cada *stakeholder*, apesar de existir uma base comum a todos os guiões, optou-se pela realização de um guião particular para cada caso, porque mesmo dentro de cada grupo há *stakeholders* que têm campos de ação diferentes. Por exemplo, no grupo dos especialistas encontram-se as marcas de bicicletas, que apesar de não serem especificamente ligadas ao mercado turístico, têm muito conhecimento sobre o mercado das bicicletas (importante para perceber as vertentes mais vendidas e projeções futuras). Ao mesmo tempo, neste grupo encontramos especialistas do produto turístico em causa, sendo que as perguntas neste caso têm maior foco neste aspeto e não tanto na bicicleta em si. Este é apenas um exemplo em que não faria sentido utilizar o mesmo guião em ambos os casos, optando-se pela execução de um específico para cada um.

No total foram elaborados seis guiões, sendo que no que no que respeita ao grupo dos gestores surgiram dois guiões diferentes, onde o primeiro é dedicado às autarquias e o segundo ao Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas (ICNF). Por sua vez, no grupo dos promotores surgem também dois guiões distintos, com um deles a ser dedicado às entidades turísticas especificamente promotoras da região. O segundo destina-se à federação de ciclismo de Portugal, também ela promotora da região através da rede de centros de BTT (Cyclin'Portugal). Por fim, no grupo dos especialistas voltam a aparecer dois guiões, onde um primeiro se destina aos especialistas específicos do produto cicloturismo (e.g. empresas de AT, investigadores, jornalistas), e o segundo é dedicado aos importadores ou fabricantes de bicicletas.

Em relação à conceção dos guiões, os mesmos foram feitos conforme as informações que se consideraram relevantes de obter por parte de cada *stakeholder* e indo de encontro aos objetivos do estudo. Inicialmente produziu-se um esboço para cada um dos guiões anteriormente mencionados, onde posteriormente, após um trabalho de verificação e correção por parte do orientador da dissertação, os mesmos foram enviados para um grupo de especialistas de modo a averiguar a adequabilidade e pertinência das perguntas estabelecidas e validar o instrumento de medida.

Em conformidade com o *feedback* de todos os envolvidos no procedimento de verificação dos guiões, efetuaram-se modificações importantes nos mesmos, de forma a melhorar o processo de entrevista.

3.2.2. APLICAÇÃO DAS ENTREVISTAS

Considerando a disponibilidade dos vários *stakeholders*, optou-se por flexibilizar a forma de aplicação das entrevistas, e, assim sendo, cada qual foi desenvolvida da maneira que o entrevistado preferiu. Na maior parte dos casos procedeu-se às entrevistas via conferência *online*, nas mais variadas plataformas disponibilizadas pelas entidades abordadas, como foi o caso do Cisco Webex Meetings, do Google Meet e do Zoom. No caso de sessões agendadas pelo próprio autor, o mesmo optou sempre pela plataforma Zoom. No entanto, na ocasião da entrevista realizada ao representante comercial da marca de bicicletas Massi, a mesma foi efetuada através de ligação telefónica.

3.2.3. POPULAÇÃO E AMOSTRA

No grupo dos gestores, considera-se as entidades que de alguma forma gerem o destino. Neste caso, destacam-se desde logo os seis municípios que fazem parte da Serra do Açor, sendo eles, ordenados por ordem decrescente no que toca à área que detêm dentro deste território, Arganil, Pampilhosa da Serra, Góis, Covilhã, Oliveira do Hospital e Seia. Dentro da área que cada um destes municípios possui na Serra do Açor encontram-se ainda várias freguesias ou união de freguesias, tendo elas também a função de gerir o território, existindo no total 27. Outras entidades com o papel da gestão territorial são alguns organismos estatais e associações de gestão territorial, destacando-se o ICNF. Neste aspeto existem ainda várias associações de compartes encarregues pela gestão dos vários baldios presentes na Serra do Açor.

Como mencionado anteriormente, no âmbito da investigação, neste grupo considera-se apenas numa população considerada principal devido às limitações de tempo e espaço do presente estudo, contudo, refere-se a importância de compreender as particularidades e termos de todos os *stakeholders* gestores anteriormente mencionados para o potencial desenvolvimento futuro de um projeto deste género.

Assim, a verdadeira população do grupo dos gestores considerada para efeitos da presente dissertação incide nas seis autarquias e no ICNF (população de sete entidades). Já em relação à amostra deste estudo para o presente grupo, conseguiu-se entrevistar três das sete entidades

anteriormente referidas, nomeadamente o Município de Arganil, o Município de Góis e o Município de Pampilhosa da Serra.

Por sua vez, a população do grupo dos promotores abrange as entidades que promovem o destino para efeitos de turismo, considerando-se assim o Turismo do Centro, a Aldeias Históricas de Portugal – Associação de Desenvolvimento Turístico (AHP-ADT) e a Agência para o Desenvolvimento Turístico das Aldeias do Xisto (ADXTUR), mas também a Federação Portuguesa de Ciclismo como promotora da rede Cyclin'Portugal. A amostra de promotores entrevistados no âmbito da presente dissertação incidiu em duas das quatro entidades anteriormente mencionadas, mais concretamente o Turismo do Centro e a AHP-ADT.

Por último temos o grupo dos especialistas, este com uma população muito mais abrangente, onde se inserem todas as pessoas coletivas ou individuais que detém um grande conhecimento no que concerne ao produto turístico ou ao mercado das bicicletas. Será difícil delimitar a dimensão desta população, pois em todo o mundo existem inúmeros fabricantes de bicicletas, importadores, empresas de animação turística, jornalistas ou investigadores da matéria, e por esse motivo considera-se esta população indefinida. Já em relação à amostra de entrevistados, a mesma consistiu em nove entidades, sendo elas a InGamba Tours, a Portugal Best Cycling – Turaventur, a Portugal A2Z – Walking & Biking, a Rota Vicentina – Associação para a Promoção do Turismo de Natureza na Costa Alentejana e Vicentina, a Lisbon Bike Tour and Outdoors, a Caminhos da Natureza – Turismo Ativo, a NatureLousã Turismo e Aventura, a Massi Bikes (Casa Masferrer) e a KTM Bikes Portugal (Castanheira & Castanheira).

3.2.4. TRATAMENTO DE DADOS

As informações conseguidas através da realização das entrevistas tiveram diferentes formas de tratamento, tendo em conta a maneira como a entrevista foi concretizada. No caso das realizadas por intermédio de vídeo conferência ou chamada telefónica, refere-se que as mesmas foram gravadas com vários aparelhos diferentes, tais como uma câmara de vídeo desportiva Garmin Virb XE, um *smartphone* e ainda o próprio gravador de voz de um outro computador com *Windows 10*, colocado junto do que foi utilizado para proceder à entrevista (ou do telemóvel em caso de entrevistas por chamada telefónica), de forma a aumentar a segurança na recolha dos dados. Após a elaboração da entrevista e gravação da mesma, procedeu-se mais tarde à textualização dos dados recolhidos, transcrevendo, com devidos acertos ortográficos, a conversa para o papel.

Posto isto passou-se então à leitura e sumarização das ideias chave de cada entrevista, de forma a levantar as várias temáticas abordadas e categorizar os temas principais para abordagem no capítulo de análise de resultados, onde serão cruzadas as opiniões dos vários *stakeholders* estipulados. Dado que os guiões de cada entrevista efetuada acabam por estar interligados, optou-se por não se efetuar, num primeiro instante, distinção entre os grupos de *stakeholders*, nomeadamente para a análise dos fatores para a competitividade do cicloturismo na Serra do Açor, onde foram definidas quatro dimensões de estudo: vantagens competitivas de Portugal para o produto cicloturismo, condições que os destinos devem oferecer para o desenvolvimento do produto cicloturismo, características interessantes para o produto cicloturismo na Serra do Açor e a criação de uma rede intermunicipal para o cicloturismo na Serra do Açor.

É, no entanto, verdade que existem algumas perguntas mais específicas de cada tipo de *stakeholder* e essas serão apresentadas numa fase posterior a este cruzamento de ideias inicial de análise dos fatores para a competitividade do cicloturismo na Serra do Açor. Assim, dedicou-se um subcapítulo ao estudo das diretrizes das entidades gestoras do território para o turismo, de forma a perceber as suas ideias para o setor e se o produto esmiuçado na presente dissertação se enquadra no planeamento. Para isso criaram-se três dimensões, sendo elas: tipos de turismo de maior destaque no município, visão do município para o turismo num prazo de cinco anos e o produto cicloturismo na ótica do município.

Por fim, efetuou-se ainda um novo cruzamento, desta feita entre o grupo dos promotores e o grupo dos especialistas, de forma a se proceder a uma breve caracterização do cicloturismo. A ideia inicial para este subcapítulo passaria apenas pela análise das respostas dos especialistas, contudo, ao longo das entrevistas percebeu-se que o grupo dos promotores, fruto da sua experiência na área do turismo, possuía também conhecimentos interessantes para este aspeto. Para este estudo optou-se pelo estabelecimento de três dimensões, que são elas: o mercado das bicicletas - atualidade e perspetivas futuras, as vertentes mais importantes para o cicloturismo e os tipos de subprodutos do cicloturismo que são melhor opção para um destino turístico.

Refere-se que para organizar e simplificar o processo de análise de resultados, decidiu-se atribuir um código a cada entidade por grupo de *stakeholder*, sendo eles os seguintes:

- No grupo dos gestores a codificação concedida é Gest, sendo depois atribuído um número a cada entrevistado (e.g. Gest1);
- No grupo dos promotores a codificação concebida é Prom, sendo depois atribuído um número a cada entrevistado (e.g. Prom1);

- No grupo dos especialistas a codificação concebida é Esp, sendo depois atribuído um número a cada entrevistado (e.g. Esp1).

3.3. TRABALHO DE CAMPO

Como mencionado anteriormente, muitas das informações disponibilizadas nesta dissertação provêm de trabalho de campo e conhecimento pessoal do território em causa. Obviamente que o decurso de todo esse trabalho trouxe um ainda maior saber acerca do território, principalmente em algumas localizações mais afastadas e remotas.

O grande conhecimento do território que de antemão o autor da dissertação já possuía acabou por ser aproveitado para enriquecer o estudo, bem como facilitando o planeamento da recolha de dados no terreno. Assim, o trabalho de campo assentou no desenho dos percursos que possibilitem explorar os locais mais singulares da Serra do Açor, com recurso a diferentes mapas (e.g. Cartas Militares, Google Earth, Wikiloc, Alltrails) e relatórios de caracterização das áreas protegidas existentes. Após todo o procedimento de planeamento anteriormente referido, efetuou-se o reconhecimento de validação dos percursos com recurso ao uso da bicicleta e de um aparelho GPS Garmin Edge 520.

3.3.1. TRATAMENTO DE DADOS

Para uma grande parte dos dados recolhidos através do trabalho de campo recorreu-se ao aparelho GPS, nomeadamente no que se refere a marcação e levantamento de percursos. Esses dados foram, posteriormente, transferidos para o computador e descarregados numa plataforma específica para o efeito. Optou-se pelo uso do Wikiloc, sendo que esta, juntamente com o Google Earth, ajudaram ainda na exploração inicial de alguns locais que suscitavam maiores dúvidas pelo menor conhecimento do autor nos mesmos. Após a alocação dos ficheiros GPS para a devida plataforma, esmiuçaram-se os dados técnicos dos trajetos e criaram-se fichas em tabelas no *software* Microsoft Excel para cada percurso com as informações mais pertinentes (quilometragem, altimetria, duração, pontos de interesse, locais com pontos de apoio, entre outros) e uma breve descrição. Posto isto, por uma questão de organização de espaço, colocou-se as tabelas em anexos com a devida referência no corpo de texto.

4. ANÁLISE DE RESULTADOS

4.1. FATORES PARA A COMPETITIVIDADE DO CICLOTURISMO NA SERRA DO AÇOR

Numa primeira fase da análise de resultados pretende-se tratar as questões que são gerais aos três grupos de *stakeholders* delineados. Para isso agruparam-se os temas abordados em 4 dimensões diferentes, as quais se apresentam em seguida:

- Vantagens competitivas de Portugal para o produto cicloturismo;
- Características e condições que os destinos devem oferecer para o desenvolvimento do produto cicloturismo;
- Características e condições interessantes para o produto cicloturismo na Serra do Açor;
- A criação de uma rede intermunicipal para o cicloturismo na Serra do Açor.

4.1.1. VANTAGENS COMPETITIVAS DE PORTUGAL PARA O PRODUTO CICLOTURISMO

Em unanimidade todos os entrevistados estão de acordo em relação à existência de vantagens competitivas em Portugal para a prática de cicloturismo, algo que podemos testemunhar através dos seguintes comentários:

“Tem rotas muito diferentes, desde as planícies do Sul e Alentejo, até às montanhas de onde tu vives, a Serra da Estrela, a região do Douro, entre outras. Para um país tão pequeno e com tanta facilidade de chegar aos locais, em poucas horas, temos muita escolha. Depois temos uma boa oferta de hotelaria, com hotéis muito bons, para além de um custo mais baixo que noutros destinos, temos uma cozinha boa, que as pessoas gostam e, ainda, Portugal é na realidade um país que está na moda” (Esp1).

“Sim, sem dúvida. A oferta concentrada existente de paisagens e possibilidades para a prática do cicloturismo tão diferenciadoras, permite ao visitante/turista usufruir numa viagem e com poucas deslocações, de paisagens e tipos de terreno distintos, desde estradas atlânticas, a percursos em montanha, ecopistas de linhas férreas desativadas, entre outras ofertas. Uma das vantagens competitivas a realçar é o clima favorável de Portugal para a prática de cicloturismo. Por fim a possibilidade de complementar as atividades de cicloturismo com a oferta de património, cultura,

natureza e gastronomia, tornam Portugal num destino bastante competitivo”
(Prom2).

Além do que se menciona, o seguinte entrevistado destaca ainda a segurança de Portugal, referindo que este é um país que dá confiança aos cicloturistas:

“Nós por vezes não temos essa noção e desvalorizamos o nosso país, mas a verdade é que todos os estrangeiros com quem trabalhamos referem que se sentem seguros a pedalar em Portugal, mais que nos próprios países” (Esp2).

“(...) Também muito importante é a segurança, pois Portugal é um país dos mais seguros e tranquilos (...)” (Esp7).

Em suma, todos os entrevistados reconhecem que Portugal é uma nação privilegiada para as práticas de cicloturismo, onde o facto de ser um território pequeno e com boas ligações facilita o acesso a qualquer parte do país. Ao mesmo tempo é detentor de uma grande variedade de paisagens, relevos e tipos de piso, um clima bastante favorável, uma forte herança patrimonial e cultural, boa gastronomia e ainda elevada segurança fazem do país uma potência para o cicloturismo.

Contudo, são ainda levantadas algumas lacunas existentes, nomeadamente em zonas mais remotas do país, como por exemplo o próprio território alvo de estudo da presente dissertação, mas também a falta de serviços especializados:

“A consistência da oferta hoteleira é importante e no interior há carências no que toca a alojamentos de segmento alto, fator fulcral para se desenvolver produtos premium” (Esp1).

“Há zonas com falta de alojamento e restauração de qualidade, bem como falta de lojas/oficinas de bicicleta que possam apoiar os turistas ou até onde este possa adquirir peças de desgaste rápido, caso seja necessário” (Esp2).

4.1.2. CARACTERÍSTICAS E CONDIÇÕES QUE OS DESTINOS DEVEM OFERECER PARA O DESENVOLVIMENTO DO PRODUTO CICLOTURISMO

Em relação às condições que os destinos devem oferecer para o desenvolvimento do produto cicloturismo, os entrevistados manifestam várias opiniões que vêm a complementar-se, tais como:

“A humanização do espaço, a paisagem, a cultura, as condições de segurança, tanto no que diz respeito ao trânsito, como no que respeita a não correr riscos de ser assaltado, ou até pior. De facto, existem locais no mundo espetaculares para a prática do cicloturismo, mas que são perigosos e onde inclusivamente nos arriscamos a ser raptados” (Esp5).

“Para além da variedade de rotas, a atratividade natural e cultural e a oferta de hotelaria de qualidade, as coisas mais importantes no produto cicloturismo são tão simples como acesso a pontos de água, local para lavar bicicletas e lavar a roupa de ciclistas” (Esp1).

“Um destino de cicloturismo exemplar deve oferecer uma boa rede de estradas/caminhos/percursos, bons hotéis bike-friendly, boa comida, boas experiências complementares culturais, boa comunidade local ciclista, boas infraestruturas de apoio a ciclistas no destino, boa informação técnica, boa promoção específica” (Esp4).

Ou seja, a oferta de condições específicas a este tipo de turista por parte não só dos municípios e das freguesias, mas também de entidades privadas, como os alojamentos e outros tipos de serviços especializados, é de facto algo crucial para o desenvolvimento de um destino cicloturístico.

Segundo os entrevistados, nomeadamente os especialistas e os promotores, de entre as características valorizadas para um destino cicloturístico estão a variedade de rotas, com diferentes tipos de terreno (e.g. subidas, plano) e de vertentes (e.g. estrada, BTT), a atratividade do local em termos de património natural e cultural e, claro está, conciliar isto tudo com uma boa oferta de serviços especializados (e.g. lojas e oficinas de bicicletas) e de condições focadas nestes tipo de turista (e.g. hotéis *bike friendly*, *bike stations*). Outro aspeto referido por um dos entrevistados foi também o acesso a pontos de água, como fontes de água potável por exemplo, algo fulcral especialmente em dias de calor.

4.1.3. CARACTERÍSTICAS INTERESSANTES PARA O PRODUTO CICLOTURISMO NA SERRA DO AÇOR

De modo geral, todos os entrevistados reconhecem valor no território da Serra do Açor para o desenvolvimento do produto cicloturismo, tendo por base as suas características naturais importantes para este tipo de atividades ao ar livre, mas também pelo seu património cultural de

valor, sendo a seguinte citação de um entrevistado um exemplo do potencial atribuído por todos os stakeholders:

“Sem dúvida. A Serra da Açor, pelo enorme potencial que tem para o turismo de Natureza, resultado das suas condições naturais para a práticas de atividades ao ar livre, desde os percursos pedestres e todas as atividades ligadas às bicicletas e ao cicloturismo – sejam atividades de montanha, estrada, gravel – tem tudo para ser um destino de referência. Se a estas condições naturais juntarmos o conjunto de aldeias (Piódão e as Aldeias do Xisto - Aldeia das Dez, Benfeita, Fajão, Sobral de São Miguel e Vila Cova de Alva) ou aldeias como Coja, ou Avô e pontos de interesse turísticos como a Mata da Margaraça, Fraga da Pena, os Rios Alva e Alvôco e as suas praias fluviais, bem como o conjunto de estradas cénicas, principalmente a M508, temos uma oferta bastante interessante para a prática do Cicloturismo. A crescente oferta de alojamento e de atividades de animação turística tem um papel importante também no desenvolvimento do destino” (Prom2).

O seguinte entrevistado reforça ainda mais aprofundadamente o valor do território, afirmando inclusivamente que esta região, se bem trabalhada, poderá vir a colocar-se como o melhor destino de cicloturismo nacional:

“Não tenho a mínima dúvida de que a Serra do Açor tem todas as condições para ter um bom produto de cicloturismo, pois é uma serra imponente, tem uma boa e muito diversa fisicalidade, possui boas estradas e com pouco trânsito, uma boa dispersão de aldeias, o que constitui pontos de apoio potenciais, uma orografia excelente com vales, montanha, vegetação, entre outras coisas. (...) Não tenho nenhuma dúvida de que a Serra do Açor pode vir a ser um dos melhores, senão o melhor, destino de cicloturismo de Portugal!” (Gest3).

Porém, algumas limitações são levantadas, indo estas um pouco de encontro ao que anteriormente se referiu em relação a lacunas existentes nomeadamente nos territórios do interior de Portugal:

“Quanto às limitações, as fracas acessibilidades e o escasso alojamento e restauração, para um segmento alto, continuam a condicionar o maior desenvolvimento turístico” (Prom2).

“Falta organização da oferta a uma escala sub-regional, branding, imagem de qualidade, investimento em mais infraestruturas e capacitação dos agentes económicos. E levar lá quem pode vender o destino” (Esp3).

Além destas opiniões, o seguinte entrevistado traz outros pontos de vista que se devem considerar no que toca a aspetos negativos da Serra do Açor para o cicloturismo:

“(...) a Serra do Açor sofre com o facto de estar muito próximo da Serra da Estrela, o que quer dizer que pode ser esmagada por este destino de maior referência. (...) No entanto carece de muitas infraestruturas importantes para este produto, e, além disto, o território é bastante agressivo, bom para praticantes mais fit mas não muito atrativo para o lazer. As E-Bikes podem vir a ajudar neste aspeto. (...) O clima da Serra do Açor também não é totalmente favorável, com verões muito quentes e invernos muito frios” (Esp6).

4.1.4. A CRIAÇÃO DE UMA REDE INTERMUNICIPAL PARA O CICLOTURISMO NA SERRA DO AÇOR

Em relação à ideia do desenvolvimento do trabalho em rede e mais especificamente à criação de uma rede intermunicipal para o cicloturismo na Serra do Açor, de uma forma geral as opiniões, embora indiquem algumas lacunas, parecem ser favoráveis, sendo exemplo disso os seguintes comentários:

“Sim pode porque traz escala e capacidade de oferta, quer em termos de diversidade e quantidade de percursos, quer de serviços turísticos” (Esp3).

“A ideia de um projeto que reúna para uma só finalidade todas as infraestruturas existentes de forma a desenvolver um destino mais coeso é muito interessante, contudo é preciso analisar também se a oferta é condizente com as necessidades deste tipo de público” (Prom1).

Quanto a potenciais limitações à implementação de uma rede cicloturística intermunicipal na Serra do Açor, vários entrevistados manifestam opiniões que se completam, tais como:

“As maiores limitações estão na falta de iniciativa local e agentes económicos que possam impulsionar e alavancar o que as autarquias já vão fazendo” (Gest1).

“Todo o trabalho não visível que é preciso realizar e a responsabilidade de manter o que se vai fazendo, pois não basta criar as coisas, é necessário manter percursos, promover os mesmos regularmente, dinamizar as infraestruturas. Não deve recair

tudo sobre os municípios que depois não dão seguimento ao trabalho por não verem retorno imediato” (Prom1).

“A capacidade de estabelecimento de parcerias entre públicos e privados com alocação de recursos financeiros e humanos para tal e priorizar a aposta durante o tempo suficiente para obter os resultados esperados (que não são imediatos). É preciso delinear uma estratégia e levá-la até ao fim em conjunto” (Esp3).

Porém e no que concerne a este ponto das limitações, o seguinte entrevistado apresenta uma outra opinião mais distinta, mas compreensível, que alerta para outras dificuldades na implementação desta ideia:

“A principal limitação é o difícil alinhamento de estratégias dos diferentes municípios bem como a disponibilidade de meios financeiros para a sua execução” (Prom2).

Apesar desta ideia, refere-se que a abertura das entidades gestoras para um projeto deste tipo é uma realidade e as seguintes citações de entrevistados deste grupo de *stakeholders* revela precisamente isso:

“Há que apresentar a cada município o plano específico, contendo todas as especificidades como por exemplo rotas, sinalética, imagem comum, etc. Creio que os municípios terão interesse num projeto desses” (Gest1).

“Concordo perfeitamente com a criação da rede e apoiarei todas as iniciativas nesse sentido. Caso pretendas desenvolver a ideia para além do trabalho académico podes contar com o meu apoio empenhado. Posso passar-te um exemplo do rumo que se pode avançar com a informação já disponível no ADXTUR, em que já temos base tecnológica para se avançar nesse sentido. O desafio já está feito agora há que implementar e dar sequência ao que existe aproveitando as sinergias, como por exemplo o caso das casas abandonadas de guardas-florestais que poderiam funcionar como pontos de apoio, do género de estação de serviço, para os ciclistas, ou caminhantes, ou simples viajantes” (Gest3).

Quando abordados sobre os contributos que a rede de cicloturismo poderá trazer para a região da Serra do Açor, os entrevistados destacam nomeadamente a criação de valor económico de forma mais ecológica nas localidades da região e a interação com os populares, o que gera oportunidades para os povos nativos:

“O cicloturismo é uma forma ecológica e sustentável de ligação de aldeias, que pode ser utilizado para levar as pessoas a visitar o património natural e cultural existente e a consumir nas aldeias. É um publico fantástico que tem procurado bastante as Aldeias Históricas de Portugal e que traz muito retorno económico” (Prom1).

“Bem estruturado, planeado e promovido, o cicloturismo pode trazer um maior fluxo turístico, mais visitantes, mais turistas e que podem alavancar a região economicamente, tendo por base o impacto transversal do turismo” (Prom2).

Do conteúdo das sugestões dos entrevistados para a implementação desta rede, obtiveram-se vários pontos de vista muito interessantes:

“A própria criação da rede, com todo o trabalho de valorização e promoção da oferta cicloturística, com criação de percursos sinalizados e estruturas de apoio, todo o trabalho de promoção, interna e externa, que poderia ser feito seria benéfico para a melhoria da competitividade do destino. A juntar a esse trabalho das entidades públicas, certamente entraria a imprescindível ação privada com criação e oferta turística e eventos que pudessem sustentar o desenvolvimento turístico da Serra do Açor” (Prom2).

“Para meter uma região no mapa é preciso muito trabalho. Este trabalho pode ser feito por eventos, por marketing, entre outras coisas. O essencial é ter um projeto consistente e saber dar os passos com pés e cabeça e pensados a 10 ou mais anos, o que é difícil porque as eleições são a 4 anos e ninguém está para pensar a 10 anos, quando um projeto destes para ter sucesso preciso de se desenvolver a longo prazo” (Esp6).

“A estruturação de produtos, capacitação dos agentes e planeamento estratégico com garantia de recursos financeiros e humanos é essencial para o sucesso de qualquer produto ou destino turístico que se queiram criar ou afirmar” (Esp3).

O seguinte entrevistado traz à dissertação um alertar para outro aspeto que se refere importante e que dever-se-á ter sempre em conta no potencial desenvolvimento do produto cicloturismo na Serra do Açor e da rede intermunicipal em questão:

“Estamos a falar de um território despovoado e, na verdade, o surgimento de movimento de pessoas pela serra e pelas aldeias é sempre bem-vindo, desde que essa circulação de gente não coloque em causa a qualidade de vida de quem cá vive!

Os pouco habitantes locais não podem perder o seu direito à privacidade e o respeito ao seu património. Deverá coexistir sempre um “manual” de boas práticas para com o território e com o utilizador. Só assim poderá haver uma interação saudável. Por vezes a ausência desse tipo de planificações cuidadas pode tornar catastrófica essa mesma interação! Mas de uma forma geral os locais estão sempre de braços abertos” (Gest2).

Na verdade sendo este um produto que, como tem vindo a ser abordado pelos diferentes entrevistados, é sustentável e traz retornos económicos às aldeias e aos habitantes de forma ecológica, para não enfraquecer a sua sustentabilidade e pôr em causa o seu bom funcionamento, este deverá sempre ter o máximo de consideração pela natureza e pelas pessoas da terra e para isso deverá sempre existir um manual de boas práticas que incentive os cicloturistas para uma prática mais consciente, sendo que esse incentivo não deverá estar presente apenas num manual, mas também por outros meios.

4.2. O TURISMO E O CICLOTURISMO NO TERRITÓRIO DA SERRA DO AÇOR

Para além das questões gerais, existem algumas questões específicas para o grupo dos gestores, que se baseiam no território específico e nas políticas de cada município, selecionando-se desta forma 4 dimensões exclusivas deste tipo de *stakeholders*, que são as seguintes:

- Tipos de turismo de maior destaque no município;
- Visão do município para o turismo num prazo de 5 anos;
- O produto cicloturismo na ótica do município.

4.2.1. TIPOS DE TURISMO DE MAIOR DESTAQUE NO MUNICÍPIO

No que diz respeito aos tipos de turismo de maior importância nos municípios da Serra do Açor e por consequência os de maior destaque também para este território, de forma geral os vários entrevistados deste grupo reconhecem os mesmos:

“O Turismo Religioso devido ao facto de existirem vários equipamentos, romarias e feiras santas. Os núcleos museológicos como atractivo para algum tipo de turismo mais cultural e etnográfico, mas principalmente a Aldeia Histórica do Piódão e as Aldeias do Xisto. Também o Turismo na Natureza e Balnear, com as praias fluviais que constituem um forte atractivo, as montanhas, espaço privilegiado para caminhadas, BTT, trail running, existindo rotas e percursos de valor” (Gest1).

“Turismo de natureza e cultural” (Gest2).

“Indiscutivelmente os produtos ligados à natureza, como por exemplo todas as vertentes do ciclismo, como o BTT, a estrada e o BTT downhill. Temos condições naturais excelentes como as estradas em ótimo estado e tranquilas, com pouco trânsito, estradas cénicas com paisagens excelentes que em qualquer lugar da serra convidam a paragem para contemplação e toda uma natureza fascinante. (...) Mas além disto temos ainda o trail running, as caminhadas, as explorações interpretativas, as paredes de escalada e via ferrata e todo o turismo sensorial que envolve uma relação mais física com o território” (Gest3).

4.2.2. VISÃO DO MUNICÍPIO PARA O TURISMO NUM PRAZO DE CINCO ANOS

Em termos da visão de cada município para o setor turístico, dada a sua especificidade, temos então opiniões um pouco mais particulares, as quais se apresentam de seguida:

“Naturalmente a grande porta de turismo no concelho é o Piódão, que cada vez atrai mais gente. Então temos de continuar a apostar na marca Piódão e daí partir para estender o fluxo a todo o território. O que se pretende é conseguir que o turista não venha só ao Piódão, mas que fique no concelho e em especial na Serra do Açor por mais dias e visite mais locais. Então a nossa visão é que em 5 anos os turistas não venham ao Piódão, mas sim ao nosso concelho e que aqui permaneçam nas nossa magníficas praias, visitando tudo e vivendo a nossa cultura e tradições. Temos também a consciência de que temos excelentíssimas condições para desporto de lazer como cicloturismo, trail running e outros e que, portanto, faremos o que for possível para apoiar os promotores que queiram avançar nessas vertentes. A nossa Serra do Açor tem um enorme potencial para desportos de natureza. Pretende-se assim a 5 anos conseguir que o concelho tire o máximo partido da marca Piódão e paralelamente se constitua como um destino para quem quer usufruir da natureza, principalmente em atividades desportivas de lazer” (Gest1).

“Ser um dos mais estruturados destinos nacionais a nível de turismo da natureza, principalmente ao nível da água e do aproveitamento dos rios, albufeiras, etc., bem como a observação de estrelas e planetas e sua ligação às coisas da terra, usufruindo de um turismo ativo e de experiências, implicando experiências a nível de todos os sentidos” (Gest3).

4.2.3. O PRODUTO CICLOTURISMO NA ÓTICA DO MUNICÍPIO

Em relação ao cicloturismo, como anteriormente referido, todos os municípios mostram abertura e interesse no mesmo, reconhecendo-o como um produto estratégico com potencial na região, algo que podemos testemunhar no seguinte comentário:

“O Cicloturismo é uma prioridade do município, pois fizemos grandes investimentos em excelentes estradas com qualidade e segurança e continuamos a manter investimentos na limpeza de percursos, sua sinalização e manutenção não só para as bicicletas, mas também para o trail running e as caminhadas. Existem, porém, constrangimentos vários, desde logo a falta de iniciativa privada e a crónica falta de recursos financeiros que permitam alavancar as possíveis iniciativas. O município sozinho não consegue chegar a tudo. Necessita-se de parceiros com capacidade de realização e de conseguir captar recursos financeiros e que permitam em conjunto dar o impulso necessário. Temos consciência do potencial, mas faltam-nos recursos e interlocutores para podermos ir mais além” (Gest1).

Apesar de manifestar o interesse, este entrevistado mostra-se, no entanto, reticente em relação a alguns aspetos negativos que devem ter-se em atenção aquando da implementação do cicloturismo na Serra do Açor:

“No campo do turismo de natureza fará todo o sentido, desde que nunca em movimentos de massa, como é o exemplo de grandes provas e grandes eventos que movam turismo massificado e que ponha em causa o equilíbrio natural e a biodiversidade de alguma parte do território. Temos o exemplo de marca “rastros” de excesso de rodados pelas serras sem cuidado que depois deixam grande impacto negativo e especial pelas chuvas de inverno e por consequência a erosões dos solos. Exemplos como a concentração de motos em Góis? Terá algum estudo de impacto ambiental de forma a reduzir a sua ação no território?” (Gest2).

4.3. CARACTERIZAÇÃO DO CICLOTURISMO

Na caracterização do cicloturismo, inicialmente pensava-se que o grupo dos especialistas seriam quem teria mais e melhor conhecimento para esclarecer estes pontos, contudo, ao longo da realização das entrevistas percebeu-se que também os promotores, fruto da sua experiência na área do turismo, possuíam saber neste tema. Assim, para este assunto procedeu-se ao cruzamento

de ideias entre os promotores e os especialistas, de forma a responder às três dimensões estabelecidas, as quais se apresentam em seguida:

- O mercado das bicicletas - atualidade e perspectivas futuras;
- As vertentes mais importantes para o cicloturismo;
- Os tipos de subprodutos do cicloturismo que são melhor opção para um destino turístico.

4.3.1. O MERCADO DAS BICICLETAS - ATUALIDADE E PERSPETIVAS FUTURAS

Para perceber melhor as tendências do cicloturismo, considerou-se de importância obter uma maior noção do mercado das bicicletas e da sua evolução ao longo dos tempos, partindo do exemplo português, algo que o seguinte entrevistado nos ajuda a esclarecer:

“O mercado de destaque nos últimos anos foi essencialmente o mercado do lazer, tanto em bicicletas de estrada, como no BTT e neste aspeto nunca parou de crescer! O período da pandemia veio alavancar ainda mais o mercado, porque o facto de as pessoas estarem confinadas e só poderem sair para fazer exercício e ainda mais com centros comerciais, bares, discotecas e tudo mais encerrados, implicou um boom nesta atividade, pois andar de bicicleta passou a ser um escape. Contudo, o boom foi de tal forma que os stocks entraram em rutura em todo o mundo, existindo agora uma falta de bicicletas, componentes e equipamentos para entrega, o que consiste num problema imediato para o setor. Apesar disso, para além do mercado de lazer que sempre cresceu e que pensamos que assim continue, após esta fase mais complicada, existe ainda uma nova tendência que consiste numa franja de pessoas que passaram a usar a bicicleta para se deslocarem para o próprio trabalho, algo que se perspetiva que venha a ser cada vez mais uma realidade e isso traz ainda mais oportunidades para o setor. Mas na verdade a bicicleta de lazer e desporto é e continuará a ser a grande fatia de mercado com ainda uma cota de mercado a raiar os 90 por cento” (Esp9).

O seguinte entrevistado ajuda-nos a fortalecer esta ideia do gradual crescimento dos utilizadores de bicicleta, nomeadamente em Portugal:

“A bicicleta, pela questão ambiental, é cada vez mais importante e acrescida pela questão da saúde mental e física pois andar de bicicleta liberta a mente, ajudando a combater depressões e ativa a circulação do sangue diminuindo os vários

problemas cardiovasculares. Também no que diz respeito à harmonia familiar, pois ao pedalares com a família poderás viver momentos únicos onde a cumplicidade entre todos é fortalecida. Existem alguns países com uma verdadeira cultura da bicicleta muito arraigada e que só agora está verdadeiramente a chegar a Portugal, dando como exemplo Águeda, que durante décadas fabricava bicicletas e as pessoas andavam de bicicleta, mas associavam ao trabalho, porque nelas se deslocavam para trabalhar. Agora em Águeda já se associa a bicicleta ao lazer e ao desporto e já começa a existir essa cultura que é forte em muitos países” (Esp8).

Destes comentários provenientes de *stakeholders* que operam diretamente com fabricantes de bicicletas podemos tirar alguns pontos de vista que nos permitem verificar o gradual aumento pela procura destas práticas, algo que já é uma realidade enraizada em países com uma cultura da bicicleta mais forte e que em Portugal, onde durante tempos a bicicleta, associada a um baixo *status* social ou a um meio de transporte imaturo (para crianças e adolescentes), foi sendo trocada pelo automóvel, tem vindo nestes últimos anos a voltar a ganhar terreno assente no facto de ser um veículo ambientalmente consciente e de todos os benefícios para a saúde que a sua utilização traz. O seu uso em Portugal é mais focado no lazer, onde se inclui desde o praticante recreativo ao praticante competitivo, mas também com uma nova onda de pessoas a utilizarem-na como transporte utilitário.

Por todos os motivos referidos no segundo comentário e tendo em conta o gradual aumento do mercado (apesar da fase negra atual causada pela quebra de *stocks*), pensa-se que esta realidade tenderá em continuo crescimento, perspetivando-se que cada vez mais pessoas virão a utilizar a bicicleta no futuro e por certo que assim sendo existirão mais oportunidades para os produtos turísticos baseados no uso da bicicleta.

4.3.2. AS VERTENTES MAIS IMPORTANTES PARA O CICLOTURISMO

Referente às vertentes mais importantes para o cicloturismo trazem-se a debate entidades de setores diferentes dentro do universo dos especialistas, conciliando ainda essas ideias com opiniões de promotores. As opiniões repartem-se, em unanimidade, entre duas vertentes mais fortes que são elas a estrada e o BTT *cross country* e uma terceira vertente mais dedicada a uma ideologia de turismo e lazer que são as híbridas. Ainda dentro dessas vertentes existe a possibilidade de a bicicleta ser elétrica, algo que tende cada vez mais a ganhar terreno nas práticas de cicloturismo. O seguinte entrevistado mostra um pouco desta ideia no seguinte comentário:

“É difícil perceber até porque elas complementam-se. Por exemplo, no que toca a uso regular, quem se dedica mais ao ciclismo de estrada tem sempre uma bicicleta de BTT para um uso distinto, assim como quem se dedica ao BTT tem sempre uma bicicleta de estrada para treinar. Por esse motivo acho que ambas crescem em conjunto, sendo claro que a bicicleta BTT de entrada será sempre uma bicicleta mais comercializada pela sua multifuncionalidade e acessibilidade” (Esp7).

Para além do que se refere antes da citação, este entrevistado mostra ainda existência de uma cumplicidade entre as principais vertentes (estrada e BTT), referindo que quem utiliza a bicicleta como lazer acaba muitas vezes por possuir os dois tipos de bicicleta. No entanto refere ainda que a bicicleta que mais se destaca em vendas acaba por ser a bicicleta de BTT baixa gama, pela sua multifuncionalidade, que permite fazer um pouco de tudo e ainda por ser uma bicicleta mais acessível economicamente, que por esse motivo é muito procurada por utilizadores esporádicos para pequenos passeios, por cidadãos mais jovens como primeira bicicleta de adulto ou até por algumas pessoas para usos utilitários devido à sua adequabilidade a diferentes tipos de uso.

As outras manifestações acabam por ser opiniões com base na experiência particular que cada entidade possui enquanto agente turístico, algo que pode não ser realidade para outro *stakeholder* e por esse motivo existem até ideias opostas. Através da análise dos seguintes comentários podemos verificar isso mesmo:

“BTT é a mais procurada, mas todas devem ser trabalhadas, apesar de ser necessário perceber se vale a pena (e.g. faz sentido fazer uma pista sabendo de antemão que as entidades dificilmente conseguem proceder à manutenção da mesma, ou não entrará essa pista em conflito com outras atividades como pedestrianismo. A estrada também tem muita procura” (Prom1).

“Penso que a estrada é e continuará a ser a mais importante, embora o gravel se venha a estabelecer com um conceito interessante que pode vir a ser vencer no futuro” (Esp1).

Além de tudo isto, outros entrevistados destacam também as bicicletas híbridas, algo que se pode testemunhar através dos seguintes comentários:

“Sob o ponto de vista do turismo são as bicicletas híbridas. Este é o mercado que atrai 80% dos clientes. A maior parte das pessoas quer passear de bicicleta e não competir, nem quer coisas duras” (Esp6).

“Em termos internacionais a grande percentagem de cicloturistas utiliza bicicletas híbridas e de estrada. Em Portugal é mais relevante o BTT” (Esp3).

Foi por este motivo que se achou pertinente entrevistar alguém relacionado com o mercado das bicicletas na sua raiz, isto é, como produtor e vendedor, pois assim teríamos uma noção mais fidedigna de que tipo de bicicletas são mais comercializadas e mais vendidas para este tipo de finalidades. Contudo, discutir a bicicleta mais importante acaba por não ser algo tão relevante quanto isso, pois em unanimidade todos reconhecem as vertentes mais importantes e que devem sempre ser exploradas e oferecidas num destino cicloturístico, sendo esse o verdadeiro interesse da presente dissertação. O seguinte entrevistado fortalece mesmo esta ideia de diversidade, até porque segundo o mesmo, a Serra do Açor é um espaço privilegiado para tal:

“O ideal será estruturar a oferta do cicloturismo baseado na diversidade de atividades possíveis para poder atrair o maior número de participantes. As atividades de estrada como Granfondos e Subidas Épicas têm tido bastante interesse nos últimos tempos, mas deve considerar-se a diversidade na oferta de serviços e eventos desportivos, uma vez que a Serra do Açor tem potencial para essa diversidade” (Prom2).

Já em relação a tendências futuras, segundo os seguintes comentários, o *gravel* manifesta um gradual e rápido aumento de procura e poderá vir a ser uma das grandes potências do ciclismo a médio e longo prazo e, nomeadamente, no que toca a práticas turísticas. Outro tipo de bicicleta cada vez mais badalado é a *E-Bike*, não sendo necessário criar percursos especiais para estas uma vez que as vertentes são as mesmas (e.g. BTT, estrada, *gravel*), sendo, no entanto, importante criar condições para a manutenção e carregamento destas bicicletas, como por exemplo os próprios alojamentos permitirem o acesso das mesmas a local com tomadas de eletricidade.

“As bicicletas elétricas vieram também captar um novo segmento de público que, ou já tinham sido praticantes, mas não andavam há muito tempo e que com este auxílio viram uma motivação para voltar, ou até mesmo pessoas que nunca praticaram a atividade. Tudo isto implicou um grande incremento de procura e por isso penso que as bicicletas elétricas vão ser sem dúvida o produto do futuro, atraindo um novo tipo de praticante que se adequa muito no perfil de turista. O

gravel também acredito que se trate de um segmento que vai crescer, pois permite que com a mesma bicicleta, uma pessoa possa andar em estrada e se te apetecer fazer um trilho também pode fazer, ou seja dá uma grande flexibilidade” (Esp9).

“Para usos turísticos a bicicleta de gravel, que já é algo em voga em muitos países, poderá vir a destacar-se. As E-Bikes (bicicletas elétricas) também estão a ter um grande incremento de procura, algo que se pensa que tenda a ser cada vez mais buscado pelos clientes, uma vez que se adapta melhor a terrenos montanhosos e de difícil acesso para o comum praticante de cicloturismo e por esse motivo uma grande ajuda para que estas pessoas possam desfrutar de locais que de outra forma dificilmente conseguiam” (Esp8).

Posto isto, fortalece-se a ideia de que para um destino de cicloturismo de referência torna-se fulcral a oferta de trajetos de BTT *cross country marathon* e de estrada, sendo estes a base do cicloturismo, até porque as vertentes como as híbridas ou o *gravel* acabam por fruir de ambos os terrenos.

Estas vertentes do cicloturismo permitem chegar à maior parte dos praticantes de ciclismo, como por exemplo atletas de competição das várias vertentes de estrada, do BTT, do triatlo (o território possui também as outras valências de interesse para esta modalidade) e ainda os praticantes de lazer e os cicloturistas puros. Sendo estas as principais e quase obrigatórias, a oferta poderá ainda, no entanto, complementar-se com a criação de percursos para outro tipo de praticantes, como por exemplo o *downhill* e o enduro, que também revelam ser um nicho forte do turismo relacionado com as bicicletas e a Serra do Açor possui atributos interessantes para a abertura de caminhos destas vertentes.

Por fim, as E-Bikes acabam por trazer um fator chave para territórios como a Serra do Açor, onde as características geográficas dificultam praticantes com menor preparação, sendo que desta forma conseguem alcançar locais que de outra maneira não conseguiriam.

4.3.3. TIPOS DE SUBPRODUTOS DO CICLOTURISMO QUE SÃO MELHOR OPÇÃO PARA UM DESTINO TURÍSTICO

Quanto aos tipos de subprodutos do cicloturismo que poderão ser melhor opção para um destino turístico e nomeadamente para a Serra do Açor, de forma geral todos os entrevistados destacam a necessidade de diversificar e não focar em nenhum nicho em especial, de forma a atingir públicos distintos e em maior quantidade. Através do seguinte comentário podemos

averiguar, no entanto, uma tipologia de subproduto de maior importância para o desenvolvimento de um destino como a Serra do Açor:

“Acho que todos eles são interessantes, mas penso que os mais importantes para uma região remota são os tours de uma semana pelo menos, pois essa é a forma de atrair pessoas do estrangeiro a visitar a região. Ninguém vem por exemplo dos Estados Unidos para fazer um passeio de um dia na Serra do Açor” (Esp2).

De facto, apesar de ser importante a oferta para outros tipos de cicloturismo com percursos de várias distâncias e durações, a criação de pacotes de mais que um dia, que vão desde “escapadinhas” de fim-de-semana até a *tours* de pelo menos 5 dias, serão fatores chave para o desenvolvimento do destino e para a criação de valor na economia do território. Dentro deste tipo de pacotes e através dos seguintes comentários, encontramos um subproduto de destaque:

“A tendência atual é cada vez mais viagens self-guide e, dentro desta um pequeno nicho, com grande interesse promocional do destino é o bike packing (boa penetração de notoriedade nas redes sociais) embora não muito interessante em termos de retorno económico para o território” (Esp3).

“Os training camps têm o seu mercado, os tours guiados têm o seu mercado, mas o que está mais em crescimento neste momento é o self guide e penso que vai continuar a crescer” (Esp6).

“O self Guide é o mais importante como segmento pois é o mais barato e, portanto, atinge um potencial de maior quantidade de clientes. Os restantes segmentos destinam-se a nichos pequenos e com um número mais limitado de clientes, o que limita o mercado à partida” (Esp1).

De entre os vários subprodutos existentes uma maioria dos entrevistados, embora reconheçam valor em todos os nichos, destacam o *self guide* como o principal subproduto para um destino turístico, algo que se comprova através dos anteriores comentários. Apesar disso, uma outra opinião, citada em seguida, revela-se bastante interessante:

“(…) Parece-me ainda que se deve apostar em percursos que sejam mais interessantes para os hotéis, que não seja apenas uma noite em cada hotel, mas sim várias noites no mesmo hotel” (Esp2).

É verdade que os turistas que efetuam *tours* de cicloturismo por norma pernoitam apenas uma vez em cada local, o que resulta num cenário menos atrativo para os alojamentos. Por um lado, tem a vantagem de distribuir valor por mais entidades, apesar disso, acaba por não trazer tantas mais valias em comparação com outras tipologias de turismo. Um subproduto interessante para combater este problema são precisamente os *training camps*, uma vez que durante um período maior de tempo o praticante (ou uma equipa de praticantes) permanece hospedado sempre no mesmo local, o que implica muito mais valias para esse negócio.

5. A SERRA DO AÇOR: ANÁLISE EMPÍRICA AO TERRITÓRIO

5.1. DELIMITAÇÃO DA SERRA

Consultando os documentos específicos das áreas protegidas existentes, isto é a Paisagem Protegida da Serra do Açor e o Sítio de Importância Comunitária Complexo do Açor, pode-se ter uma vaga ideia da dimensão da Serra do Açor, contudo, tendo elas apenas 382 e 1362 hectares respetivamente, conclui-se que são áreas reduzidas do que é a realidade da serra.

Não havendo uma delimitação concreta disponível de toda a Serra do Açor, torna-se um pouco difícil compreender a verdadeira dimensão deste território, nomeadamente para quem não está familiarizado com o mesmo. Tendo em conta isto, e recorrendo ao conhecimento pessoal do autor no território em causa, efetuou-se no âmbito da presente dissertação uma proposta para a delimitação da Serra do Açor. Para este efeito socorreu-se ainda à análise das cartas militares de Portugal criadas pelos Serviços Cartográficos do Exército, nomeadamente as folhas número nº 232 (1948), 233 (1950), 234 (1951), 243 (1950), 244 (1992), 245 (1950), 253 (1950), 254 (1950) e 255 (1950) de forma a ter-se uma melhor leitura das encostas e vales desta serra.

Assim, e começando a delimitação na vila de Arganil, o Rio Alva serve de circunscrição da serra até à localidade de Ponte das Três Entradas. Nesta aldeia este rio funde-se com o seu afluente, o Rio Alvôco, considerando-se este último a nova delimitação da serra desde a aldeia Ponte das Três Entradas até ao local onde a Ribeira de Teixeira (Seia) se funde com nele.

Desde esse local, pode-se utilizar a Ribeira de Teixeira (Seia) como delimitador, uma vez que a mesma, nascendo da Serra do Açor, corre por um vale que divide esta da Serra da Estrela. É possível também, para quem se desloca de automóvel, utilizar como delimitação da Serra do Açor a estrada nacional N230, que circula na encosta da Serra do Açor até um local conhecido como Pedras Lavradas, onde se encontra um restaurante e alojamento local panorâmico.

Neste local estamos na junção das duas serras (Açor e Estrela) e encontramos-nos já no concelho de Covilhã. Aqui passamos a utilizar uma linha imaginária como delimitação, desde as Pedras Lavradas até à localidade de Ourondo onde se encontra o Rio Zêzere, abrangendo as aldeias e freguesias de Sobral de São Miguel, São Jorge da Beira e Aldeia de São Francisco de Assis. Nesta fase passa-se a considerar como delimitador o Rio Zêzere, desde este ponto até à aldeia de Janeiro de Cima. Ourondo, na verdade, não faz parte da Serra do Açor, uma vez que se encontra na outra margem do rio.

Em Janeiro de Cima já nos encontramos no concelho de Pampilhosa da Serra, e nesta localidade traçamos uma linha imaginária até Casal da Lapa. A partir desse ponto, o limite será o Rio de Unhais, seguindo-se o mesmo até à foz da Ribeira de Loisa neste rio. Desde este local, passa-se a utilizar a Ribeira de Loisa como delimitação até à aldeia de Pessegueiro. Nesta passamos a utilizar a estrada M549 como delimitação até à ponte onde a mesma atravessa a Ribeira do Porto, sendo este curso de água a nova delimitação até à sua junção com a Ribeira de Simantorta. Seguimos a Ribeira de Simantorta até à população com esse mesmo nome (Simantorta), e aí traça-se uma nova linha imaginária até ao cruzamento da estrada N2 com a estrada N112, que se encontra a uns meros 500 metros de distância e 200 metros de desnível da localidade de Simantorta. Seguimos agora com a N2 como delimitação até Góis onde apanhamos e seguimos a N342 até Arganil, fechando desta forma o circuito utilizado neste trabalho como delimitação da área da Serra do Açor.

5.2. ACESSIBILIDADES E TRANSPORTES

O acesso mais comum para a Serra do Açor é via rodoviária e com recurso ao automóvel. Para isso, e dependendo do local da serra, existem autoestradas que aproximam o turista deste território, e depois itinerários principais, itinerários complementares e estradas nacionais que fazem as ligações finais até à Serra do Açor. Para quem se desloca do litoral de Portugal, Arganil é o concelho da serra de mais fácil acesso.

A região carece de transportes públicos de escala global. O aeroporto mais próximo é o Francisco Sá Carneiro no Porto, situando-se a cerca de 180 kms (dependendo do local da serra). Depois deste encontramos o aeroporto Humberto Delgado em Lisboa, a cerca de 280 kms de distância, o aeroporto de Salamanca, a cerca de 300kms, e o aeroporto de Madrid – Barajas, a cerca de 500 kms.

No que toca a transportes ferroviários, os comboios mais próximos são, do lado Este da serra, a linha da beira baixa com as estações da Covilhã ou do Fundão, e do lado Oeste da serra a estação mais próxima é Santa Comba Dão, que pertence à linha da beira alta.

Para além disto, há também vários autocarros expresso nacionais e internacionais com paragens principais em Oliveira do Hospital, Seia e Covilhã, sendo que existem vários apeadeiros secundários mais próximos da Serra do Açor, como por exemplo Moita da Serra e Catraia do Mouronho. Existem ainda vários autocarros regionais que interligam as várias freguesias e localidades dos concelhos, e também a nível distrital. Para além disto existem os táxis tradicionais que efetuam também serviços de motorista guia.

5.3. CARACTERIZAÇÃO GEOGRÁFICA

5.3.1. ASPETOS FÍSICOS

ICNF (s.d.) considera que a Serra do Açor se encontra localizada num espaço de transição entre áreas de clima mediterrânico e zonas de marcada influência atlântica. Desta forma, este território encontra-se situado numa área de clima pré-atlântico, sub-húmido, sofrendo influência atlântica nas vertentes expostas a noroeste, algo que sucede por exemplo na Mata da Margaraça, e influência mediterrânica nos vales abrigados e nas encostas viradas a sudeste.

Ainda de acordo com ICNF (s.d.), no que diz respeito ao fator temperatura considera-se três períodos distintos ao longo do ano:

- Um período quente que ocorre nos meses de junho a setembro, com temperaturas médias de 18,2 a 21,4° C;
- Um período frio que ocorre nos meses de dezembro a fevereiro, com temperaturas médias de 6,9 a 7,6° C;
- Um período de transição que ocorre durante os restantes meses. Neste encontram-se meses com temperaturas crescentes (março, abril e maio, com temperaturas médias de 9,8 a 15,2° C) e meses com temperaturas decrescentes (outubro e novembro, com temperaturas médias de, respetivamente, 15.4 e 10.2° C).

ICNF (s.d.) ainda que a distribuição de precipitações na serra do Açor permite a que haja uma divisão clara em dois períodos, um chuvoso que ocorre entre os meses de outubro a maio, que se caracteriza em média pela existência de 10 a 14 dias de chuva por mês, e outro seco que decorre nos meses de junho a setembro e se caracteriza em média pela existência de 2 a 7 dias de chuva por mês. Para além disto, é possível observar ainda que por norma ocorre a formação de

neve nas altitudes acima dos 800 metros nos meses entre novembro e fevereiro, sendo que em algumas raras ocasiões a neve desce mais abaixo.

Por sua vez, consultando o Instituto Português do Mar e Atmosfera (s.d.), verifica-se que, através da classificação de Koppen, a Serra do Açor encontra-se na região CSB, que consiste em clima temperado com inverno chuvoso e verão seco, mas pouco quente. Apesar disto, salienta-se que se tem verificado um verão cada vez mais vigoroso nesta região, principalmente após os catastróficos incêndios de 2017.

O panorama da Serra do Açor é natural e predominantemente de montanha, onde existe uma paisagem protegida governada pelo ICNF, contudo esta tem apenas 382 hectares, ou seja, uma área muito reduzida relativamente à dimensão total desta serra. Existe também o Sítio de Importância Comunitária Complexo do Açor, pertencente ao Plano Setorial da Rede Natura 2000, este que, segundo Instituto da Conservação da Natureza e da Biosfera (s.d.), possui já uma área superior de 1362 hectares, que ainda assim não representa a totalidade da Serra do Açor.

A paisagem protegida da Serra do Açor tem como finalidade a proteção da fauna e flora típicas desta região, bem como a sua paisagem e arquitetura. Segundo o ICNF (2007), a Mata da Margaraça (Reserva Biogenética do Conselho da Europa) e a Fraga da Pena destacam-se como sítios de principal interesse dentro desta área protegida. Ainda segundo o ICNF (2007), é possível encontrar na área da paisagem protegida 336 espécies da flora pertencentes a 71 famílias diferentes. Para além disto, a nível de fauna o ICNF identificou 540 espécies onde 423 são invertebrados e 117 vertebrados.

Segundo Aldeias do Xisto (s.d.b), nesta área protegida encontra-se uma das mais notáveis florestas caducifólias existentes em Portugal com carvalhos, castanheiros, cerejeiras, ulmeiros, azevinhos, freixos, azereiros, loureiros e outras, sendo estas algumas das espécies que constituem o estrato arbóreo. No que toca ao estrato arbustivo esta conta com o folhado, medronheiro, aveleiras, aderno, gilbardeira e para além disto, o selo-de-salomão, o lírio-martagão, a veronica micrantha, bem como algumas espécies de orquídeas, são raridades que se abrigam nesta área protegida. É possível ainda constatar a existência de muitas destas espécies um pouco por toda a área da Serra do Açor, fora da paisagem protegida.

No que toca aos habitats encontrados na Serra do Açor, o Instituto da Conservação da Natureza e da Biosfera (s.d.) mostra existirem no Sítio de Importância Comunitária Complexo do Açor os seguintes: Charcos temporários mediterrânicos, cursos de água dos pisos basal a montano com vegetação da *Ranunculion fluitantis* e da *Callitricho-Batrachion*, cursos de água

mediterrânicos permanentes da *Paspalo-Agrostidion* com cortinas arbóreas ribeirinhas de *Salix* e *Populus*, cursos de água mediterrânicos intermitentes da *Paspalo-Agrostidion*, charnecas secas europeias, charnecas oromediterrânicas endémicas com giestas espinhosas, formações montanas de *Cytisus purgans*, prados secos seminaturais e fácies arbustivas em substrato calcário (*Festuco-Brometalia*), prados de feno de montanha, vertentes rochosas siliciosas com vegetação casmofítica, rochas siliciosas com vegetação pioneira da *Sedo-Scleranthion* ou da *Sedo albi-Veronicion dillenii*, carvalhais galaico-portugueses de *Quercus robur* e *Quercus pyrenaica*, florestas de *Castanea sativa*, galerias e matos ribeirinhos meridionais (*Nerio-Tamaricetea* e *Securinegion tinctoriae*), florestas de *Quercus suber*, florestas de *Quercus ilex* e *Quercus rotundifolia*, florestas de *Ilex aquifolium* e pinhais mediterrânicos de pinheiros mesógeos endémicos

Em termos de Litologia, segundo o ICNF (2007), a Serra do Açor caracteriza-se por ser constituída de filito, também conhecido por xisto luzente, uma rocha metamórfica derivada do argilito. Como curiosidade, segundo Aldeias do Xisto (s.d.b), a Serra do Açor destaca-se como a formação montanhosa de xisto mais alta de Portugal continental. Esta rocha está na base da arquitetura típica serrana e são exemplos mais célebres a aldeia histórica do Piódão e a localidade e praia fluvial da Foz-de-Égua. Porém, um pouco por toda a serra ainda existem vestígios deste tipo de construção tradicional, quer seja na forma de socalcos agrícolas, quer seja em antigas casas de pasto, casas de habitação e populações, sendo que a Serra do Açor possui no seu território várias aldeias pertencentes à rede “Aldeias do Xisto de Portugal”. É ainda possível averiguar-se a existência de várias escarpas quártzicas de maior dimensão neste território, com maior destaque para os Penedos do Fajão e para a Barragem de Santa Luzia.

A nível hidrológico, a serra do Açor é mãe do Rio Ceira, um dos principais afluentes do Rio Mondego, e também do Rio Unhais, afluente do Rio Zêzere. Para além disto, são inúmeras as ribeiras que se formam no seio desta serra, e que são forte contributo para os rios Alva e Zêzere, grandes afluentes dos rios Mondego e Tejo respetivamente. Apesar de nascerem na Serra da Estrela, tanto o Rio Alva como o Zêzere passam na delimitação da Serra do Açor e formam grandes atrações turísticas dentro deste território. Outro rio que nasce na Serra da Estrela, mas entra no território da Serra do Açor, é o Rio Alvoco, sendo que este delimita estas duas serras até se fundir com o Rio Alva na localidade de Ponte das Três Entradas.

No que toca ao relevo, este território caracteriza-se como montanha média, uma vez que as vertentes apresentam topos arredondados, com setores convexos desenvolvidos e por vezes declives acentuados, onde as altitudes chegam a oscilar dos 200 metros no fundo de algumas das

encostas até acima dos 1000 metros de altitude. Segundo o blog Garcias - Montanhas de Portugal (2013), esta serra destaca-se como a quinta maior de Portugal continental em altitude, atrás das serras da Estrela, Gerês, Larouco e Montesinho. O Pico da Cebola, com 1418 metros, é o seu ponto mais elevado, havendo, porém, muitos outros picos acima dos 1000 metros nesta serra. Praticamente todos estes maciços são acessíveis de carro, sendo que em muitos deles foram construídas eólicas, noutros existem antenas, postos vigias, e, no caso do Monte Colcurinho (1244 m), existe até uma capela. Além disto, a Serra do Açor destaca-se como a maior serra constituída em filito (xisto) de Portugal, e o Pico da Cebola, para além de ser o seu ponto mais alto, é também o teto máximo do distrito de Coimbra.

A maior parte das populações abrangidas na área da Serra do Açor encontram-se nos vales e terras mais baixas, no entanto, existem algumas povoações em zonas mais elevadas como por exemplo a Aldeia de Xisto Fajão e a aldeia de Castanheira da Serra no concelho da Pampilhosa da Serra ou as aldeias Cepos e Parrozelos no concelho de Arganil.

Esta região demonstra ser bastante vulnerável a algumas catástrofes naturais, nomeadamente os incêndios, em grande parte devido à vasta vegetação de espécies invasoras como eucaliptos e mimosas, árvores estas que têm desfavorecido bastante toda a paisagem, tirando lugar às espécies nativas desta serra e contribuído para problemas como a erosão dos solos, esgotamento das águas subterrâneas e a longo prazo um fator com potencial para gerar incêndios, pois para além de secar as terras, são árvores de fácil combustão. Olhando à história é fácil encontrar fogos de grandes dimensões nesta serra, sendo exemplo mais recente o fatídico incêndio de 2017. Os incêndios, e também as atividades de deflorestação (silvicultura), levaram ao abatimento de muita vegetação e árvores que na altura das chuvas ajudavam a absorver a água dos solos e a segurar e fortalecer os mesmos, sendo que atualmente outro grande problema da região é a mobilização dos solos, que tem levado ao abatimento de muitas estradas e até algumas habitações. Por fim, refere-se ainda que em anos mais chuvosos é muito usual o caudal dos rios, ribeiras e outros cursos de água da região subirem de forma abrupta, invadindo as margens e causando inundações em estradas e habitações.

5.3.2. ASPETOS SOCIAIS

Segundo dados recolhidos na base de dados Pordata (2020c), a média anual de indivíduos habitantes dos principais concelhos abrangidos na área da Serra do Açor, Arganil e Pampilhosa da Serra era em 2018, 11 125 e 4 069 habitantes respetivamente. Por sua vez Góis, o terceiro concelho mais compreendido nesta serra, em 2018 detinha 3 858 habitantes. Covilhã, Oliveira do Hospital e Seia possuíam no mesmo ano 47 394, 19 448 e 22 577 habitantes respetivamente, no

entanto, a área da Serra do Açor que abrange estes municípios é muito pequena e a maior parte da população encontra-se fora desta.

Ainda segundo Pordata (2020c) no que toca à população residente, e tendo em conta apenas os principais concelhos da Serra do Açor, isto é, Arganil, Góis e Pampilhosa da Serra, podemos verificar que a população no ano de 2001 era de 13 584, 4 840 e 5 201 habitantes respetivamente, o que, tendo em consideração os dados de 2018, permite-nos concluir que a redução da populacional é um problema real desta zona.

O índice de envelhecimento nestes três concelhos era, em 2018, de 281,6 % para Arganil, 300 % para Góis e 532,3% para Pampilhosa da Serra, segundo dados revelados pelo Pordata (2020b). Já em 1960, e segundo a mesma referência, a taxa de envelhecimento seria de 52.3%, 53.9% e 36.3% respetivamente. No que toca à taxa de mortalidade, esta era em 2018 de 18.2 %, 23.6% e 20.4% respetivamente, face aos valores registados em 1960, que eram 13.7%, 10.6% e 12.5, ainda segundo a base de dados Pordata (2019).

Ou seja, a população da zona da Serra do Açor está cada vez mais envelhecida, e por consequência a mortalidade é superior, o que nos pode ajudar a compreender a redução populacional anteriormente relatada. As problemáticas que influenciam esta situação são a imigração e emigração da população mais jovem para regiões do litoral do país, cidades ou estrangeiro.

Através da análise de dados do Pordata (2020a), em termos de densidade populacional, os principais concelhos constituintes da Serra do Açor (Arganil, Góis e Pampilhosa da Serra) detinham em 2018 de 33.4, 8 14.7 e 10.3 habitantes por quilómetro quadrado respetivamente. Assim sendo, podemos concluir que a densidade populacional desta região é baixa o que significa que a tipologia de povoamento é de carácter disperso e que existem muitas zonas selvagens nestes concelhos.

No que toca a atividade económica, “a maioria das atividades económicas identificadas no interior da Área da Paisagem Protegida da Serra do Açor (APPSA) e nas zonas adjacentes pertencem ao sector primário, a silvicultura, a agricultura e a produção animal, por ordem decrescente de importância e representatividade. Identificaram-se também atividades ligadas ao sector terciário, como o turismo.” (ICNF, 2007 p.24). Porém, nos tempos correntes observa-se que uma boa parte da população que habita na zona da Serra do Açor, considerando-se apenas e só na área serrana, acaba por laborar nos maiores centros populacionais, nomeadamente nas sedes de

concelho, mas também nas capitais dos vários distritos abrangidos, em atividades do setor sector secundário (indústria e manufatura) e terciário (serviços).

5.5. RECURSOS TURÍSTICOS DA SERRA DO AÇOR PARA O PRODUTO

5.5.1. RECURSOS TURÍSTICOS COMPLEMENTARES

5.5.1.1. PATRIMÓNIO

A Serra do Açor possui um território vasto com predominância da natureza, contudo, a presença e atividade humana é evidente e possível de testemunhar de várias formas diferentes. É por esse motivo que esta serra portuguesa revela ser rica em património natural, cultural e edificado.

5.5.1.1.1. Património Natural

Como anteriormente abordado na caracterização geográfica à Serra do Açor, a paisagem deste território caracteriza-se por ser de típica montanha média, destacando-se como a quinta serra mais alta de Portugal continental e a mais alta serra portuguesa constituída em filito (xisto).

Para os amantes de paisagens montanhosas, a Serra do Açor é de facto um dos melhores locais de Portugal, porque por um lado apresenta um território imenso constituído por inúmeros vales e montanhas, mas por outro também é privilegiada por se encontrar localizada junto às Serras da Estrela e da Lousã. O facto de estar no meio de outras duas serras de grande valor faz com que a Serra do Açor ofereça aos seus visitantes vistas ainda mais interessantes em qualquer parte do seu perímetro, porém, obviamente que é nos pontos de maior altitude que se testemunham os panoramas mais memoráveis. Em certos pontos desta serra, para além da contemplação de toda a redondeza, as vistas podem alcançar, num dia de céu nítido, desde o Oceano Atlântico até terras espanholas. De forma a resumir a informação à cerca de todos estes picos, em anexo encontra-se uma tabela (anexo nº 2) onde são expostos os cumes de maior destaque desta serra.

De entre todos os cumes destacam-se o Pico da Cebola (1418 m), que naturalmente por ser o ponto mais alto oferece os panoramas mais amplos e interessantes. Neste aspeto também é de mencionar o Cabeço do Gondufo e o São Pedro do Açor, ambos com a mesma altitude (1342 m). O maior destaque, contudo, vai para o Monte Colcurinho (1244 m), por ser o único dos cumes acima de 1000 metros de altitude que possui estrada asfaltada e uma capela (Nossa Senhora das Necessidades), sendo por esse motivo um dos principais atrativos turísticos da Serra do Açor e também um local de culto.

Para além disto, a Serra do Açor possui ainda algumas formações de escarpas quartzíticas em zonas mais elevadas, o que oferece paisagens muito atrativas e aliciantes. São exemplos os Penedos do Fajão, os Penedos da Barragem de Santa Luzia, onde até existe uma Via Ferrata, a Zona de Escalada de Unhais-o-Velho, todos eles locais de destaque desta serra no que toca ao turismo.

Ainda no que diz respeito ao património natural, o maior destaque desta serra está na área protegida denominada de Paisagem Protegida da Serra do Açor, onde se inserem a Mata da Margaraça e a Fraga da Pena. Mas mesmo dentro desta área protegida de apenas 382 hectares é possível encontrar outros pontos de interesse, como por exemplo o Vale da Barroca de Degraínhos e a Ribeira do Enxudro, os Socalcos Agrícolas da Relva Velha, os Socalcos Agrícolas de Pardieiros e Foz d'Abelheira, e o Cabeço da Picota, ponto mais alto da APPSA com praticamente 1000 metros de altitude.

O ICNF (2007) considera a APPSA como uma área de elevada importância para a preservação da natureza, tanto a nível regional, como nacional e ainda com relevância a nível internacional, devido aos seus valores fundamentalmente naturais e paisagísticos. O principal facto que confere esta importância a esta área protegida é a existência da Mata da Margaraça, que acolhe o património principal da APPSA, à qual foi conferido o estatuto de Reserva Biogenética do Conselho da Europa, fruto do seu carácter reliquial de um ecossistema que atualmente está muito devastado em Portugal.

Além da Paisagem Protegida da Serra do Açor, existe outra área classificada neste território, que é o Sítio de Importância Comunitária Complexo do Açor, pertencente ao Plano Setorial da Rede Natura 2000. O Complexo do Açor abrange também o território da PPSA, contudo, a sua área de 1362 hectares estende-se a outras partes da Serra do Açor, tais como a Aldeia de Xisto do Fajão, o São Pedro do Açor (1342 m) e o Pico da Cebola (1418 m).

O ICNF (2007) reconhece ainda valor a outras zonas da serra que, apesar de ainda não serem classificadas, foram propostas para uma potencial expansão da área da Paisagem Protegida da Serra do Açor. Assim e através da consulta do relatório síntese do plano de ordenamento da PPSA de 2007, podemos destacar cinco zonas territoriais, que são a Encosta do Tapadinho, o Vale da Mourísia, o Vale do Carcavão, o Vale da Ribeira de Parrozelos e a Área de Monte Redondo. Em muitos destes locais ainda se observa a existência de vegetação autóctone nativa da região, bem como cursos de água bastante interessantes, o que lhes atribui bastante potencial turístico, e, claro está, a necessidade de preservação, pelo que a existência de uma área protegida nessas zonas seria importante.

Contudo não é só nos maciços montanhosos e nas áreas classificadas que se encontra elevado valor natural neste território, uma vez que esta é também uma serra rica em recursos hídricos, aumentando assim a oferta de património natural importante para o desenvolvimento turístico da região. Neste aspeto, destaca-se a formação de dois rios no território da Serra do Açor, que são o Rio Ceira e o Rio de Unhais. Contudo, outros três rios portugueses, desta feita com nascente na Serra da Estrela, transitam na área da Serra do Açor, nomeadamente o Rio Alva, o Rio Alvôco e o Rio Zêzere.

Existem ainda inúmeros cursos de água de menor dimensão formados na serra, sendo de destacar as ribeiras de Celavisa, do Casal, de Folques, da Mata da Margaraça, do Piódão, de Pomares e a da Teixeira no município de Arganil. Por sua vez, no concelho de Pampilhosa da Serra destacam-se a formação das ribeiras do Carvalho, da Loisa, do Moninho e a de Praçais. Já no município da Covilhã destaca-se a Ribeira do Porsim, no município de Seia destaca-se a Ribeira de Teixeira e no município de Góis destacam-se as Ribeiras de Ádela e a de Carrimá.

Para além das ribeiras de maior importância anteriormente mencionadas, refere-se ainda que em todos os concelhos da Serra Açor observa-se a formação de muitos outros cursos de água na sua área pertencente a esta serra, tais como barrocas, barrocos, ribeiras (de menor importância que as anteriormente referidas) e ribeiros. Mesmo não sendo tão relevantes quanto os recursos hídricos anteriormente referidos, todos eles acabam por ser importantes, na medida em que enriquecem os cursos de água de maior relevância e ajudaram, e ainda ajudam, embora que já não tanto quanto no passado, as comunidades locais na sua subsistência. Só no que toca a ribeiras, através da análise das cartas militares de Portugal criadas pelos Serviços Cartográficos do Exército, nomeadamente as folhas número nº 232 (1948), 233 (1950), 234 (1951), 243 (1950), 244 (1992), 245 (1950), 253 (1950), 254 (1950) e 255 (1950) constata-se a existência de cerca de 100 ribeiras em todo o território da Serra do Açor, apresentando-se as mesmas na tabela anexada ao presente documento (anexo nº3).

Além do valor paisagístico importante para a valorização da experiência turística inerente a todos estes recursos hídricos, é de referir que em muitos destes cursos de água existe pelo menos uma zona balnear natural nomeada especificamente para o efeito, o que faz da Serra do Açor um local abonado neste aspeto. A oferta de sítios naturais para banhos materializa-se na forma de piscinas naturais, praias fluviais ou zonas de lazer, encontrando-se lugares deste tipo um pouco por toda a parte do território. De entre eles, destacam-se as praias fluviais acessíveis de bandeira azul e qualidade de ouro de Alvoco das Várzeas (Oliveira do Hospital), do Caneiro de Côja (Arganil), da Cascalheira (Arganil), da Peneda (Góis) e a do Piódão (Arganil), as praias fluviais

acessíveis e de bandeira azul de Avô (Oliveira do Hospital), Pampilhosa da Serra (Pampilhosa da Serra) e de Pessegueiro (Pampilhosa da Serra), a praia fluvial de bandeira azul de Santa Luzia (Pampilhosa da Serra) e as praias fluviais acessíveis da Benfeita (Arganil) e Pomares (Arganil) (Município de Góis, s.d.f, Município de Oliveira do Hospital, s.d.e, Município de Pampilhosa da Serra, s.d.e, VisitArganil, s.d.g).

Sendo um facto que as zonas balneares anteriormente mencionadas serem as únicas classificadas, existem muitas outras que, apesar de não deterem estes estatutos, oferecem espaços de grande atratividade paisagística, tranquilidade e qualidade. No total são cerca de 50 os espaços naturais existentes na Serra do Açor devidamente sinalizados para banhos, sendo que, de forma a apresentar resumidamente a oferta, elaborou-se uma tabela que se encontra no anexo nº4 do presente documento (Município de Góis, s.d.e e s.d.f, Município de Oliveira do Hospital, s.d.a e s.d.e, Município de Pampilhosa da Serra, s.d.e, VisitArganil, s.d.g).

5.5.1.1.2. Património Cultural

Graças à sua localização central, à sua importante rede hidrográfica e às suas características geológicas, a Serra do Açor tornou-se um espaço privilegiado para a passagem e fixação de populações humanas durante milénios. É por este motivo possível afirmar a sua riqueza, não só no que toca a patrimonial natural, mas também a nível de património cultural, fruto de largos anos de ocupação humana. Com todos estes anos de rotas e estadias existentes, é possível observar nos tempos correntes a existência de vestígios da passagem do homem de gerações anteriores, quer seja no que toca à arte e à arquitetura, quer seja no que diz respeito aos monumentos e aos artefactos.

Património Cultural Material

No que toca a civilizações mais antigas, é possível encontrar vestígios um pouco por toda a área da Serra do Açor, havendo, porém, alguns sítios de destaque, como por exemplo o acampamento militar romano na Lomba do Canho junto a Arganil e a Rota de Arte Rupestre traçada entre Arganil, Góis, Pampilhosa da Serra e Fundão, com destaque na freguesia do Piódão, dando origem à criação de um centro interpretativo de arte rupestre em Chãs d'Égua.

A acrescentar a toda a arte rupestre que faz parte da rota anteriormente mencionada, o concelho de Pampilhosa da Serra mostra também no seu boletim de Património Arqueológico (s.d.d) a existência de várias mamoa (monumentos funerários) e minas antigas, espalhadas um pouco por toda a sua área que faz parte da Serra do Açor. Já no Passaporte Património Municipal

(s.d.d) oferecido pelo município de Góis, é possível destacar neste concelho o antigo hospital de Góis. Por sua vez, o município de Seia (s.d.) destaca no seu website a existência de arte rupestre na área do seu concelho que faz parte da Serra do Açor, nomeadamente no território da antiga freguesia de Vide (atualmente União de Freguesias de Vide e Cabeças), mais concretamente situadas nas Ferraduras, nos Carvalhinhos e nas Fontes do Cide, devendo estas em traços gerais corresponder cronologicamente à Idade do Bronze. O concelho da Covilhã (s.d.c) mostra a existência de gravuras rupestres, mamoa e mina de mouros na área da freguesia de Sobral de São Miguel.

Neste aspeto, além do que é destacado pelos vários municípios da Serra do Açor, é conhecida a existência de mais património arqueológico espalhado por todo o território. De entre muitos outros destaca-se a estrada real que atravessa a serra até à Covilhã e que será da idade do bronze e ferro, uma possível necrópole do neolítico na zona cimeira do Piódão e ainda as ruínas do castelo de Côja. É de salientar também a existência de várias vias romanas um pouco por toda a serra, sendo de destacar pelo seu estado de conservação as localizadas na área de Oliveira do Hospital, nomeadamente nas freguesias de Aldeias das Dez e Avô.

Para além do património arqueológico existente na Serra do Açor, encontramos ainda bastante património edificado um pouco por toda a serra, como por exemplo as várias igrejas paroquiais e matriz que existem em todas as freguesias, bem como as inúmeras capelas que se encontram praticamente em todas as localidades, possuindo algumas delas valor monumental.

Consultando o inventário de património cultural da Direção-Geral do Património Cultural é possível constatar-se algum património classificado. Na área do concelho de Arganil pertencente à Serra do Açor, verifica-se a existência de um Monumento Nacional que é a Capela de São Pedro, seis Imóveis de Interesse Público que são a Capela do Senhor da Agonia, o Pelourinho de Arganil, a Povoação do Piódão, o Mosteiro de Folques, o Castro da Lomba do Canho e o Pelourinho de Vila Cova, dois Monumentos de Interesse Público que são o Convento de Santo António e a Igreja Matriz de Vila Cova e ainda um imóvel de Interesse Municipal que é a Igreja da Misericórdia de Arganil (Direção-Geral do Património Cultural, s.d.b e s.d.c.).

Segundo a mesma fonte, no município de Góis encontramos um Monumento Nacional que é a Igreja de Góis e túmulo do Conde de Sortelha nela inserido, e ainda quatro Imóveis de Interesse Público que são a Ponte Real e a Capela Hexagonal (situada a sul da ponte), o edifício dos Paços do Concelho em Góis e o Solar Beirão da Quinta da Capela em Casalinho de Baixo. O município de Góis fornece ainda informação no seu Passaporte Património para mais alguns locais de destaque, tais como o Fontanário do Pombal e a Cisterna do Pombal em Góis e o Núcleo do

Lagar de Azeite (Lagar de Varas) e a Ponte Velha na Cabreira (Direção-Geral do Património Cultural, s.d.a.).

Por sua vez, na parte do município de Oliveira do Hospital que pertence à Serra do Açor encontramos ainda mais quatro patrimónios classificados pela Direção-Geral do Património Cultural, onde três deles são materializados na forma de Imóveis de Interesse Público, sendo eles a Ponte Medieval em Alvoco das Várzeas, o Castelo de Avô (apenas ruínas e muralhas) e o Pelourinho de Avô. Além destes, existe ainda a Casa Brás Garcia de Mascarenhas em Avô, classificada como Imóvel de Interesse Municipal (Direção-Geral do Património Cultural, s.d.d. s.d.e, s.d.f e s.d.g). Neste concelho destaca-se ainda o Santuário da Nossa Senhora das Preces situado a meio da encosta do Monte Colcurinho, e a Capela da Nossa Senhora das Necessidades no topo deste mesmo monte, estando ambos na área da freguesia de Aldeia das Dez.

Já a Câmara Municipal da Covilhã identifica na freguesia de Sobral de São Miguel as alminhas, a Ponte do Lagar Fundeiro, a Ponte dos Canutchos, a Ponte do Bairro da Ponte, a Fonte da Ponte/Chafariz centenário de duas bicas, a Fonte do Ribeirinho/Chafariz de uma bica, o Fontanário do Largo do Cabecinho, a eira comunitária e Tronco do Ferrador, a nora, os moinhos comunitários (nas ribeiras do Carvalho e do Porsim), o lagar, os fornos comunitários e as regueiras de carros de bois. Nas freguesias de São Jorge da Beira e Aldeia de São Francisco de Assis, o destaque vai para a atividade mineira de extração de volfrâmio das Minas da Panasqueira (Município da Covilhã, s.d.a, s.d.b e s.d.c).

O Município de Seia (s.d.) mostra a existência de fontes romanas, um cruzeiro, uma ponte romana sobre a ribeira de Alvoco, e fornos comunitários na área da antiga freguesia de Vide, e o município de Pampilhosa da Serra, para além do património arqueológico anteriormente mencionado, destaca o património religioso com várias capelas e igrejas de interesse municipal, que não se considera de grande relevância para o âmbito da presente dissertação, pelo que se optou por não as mencionar.

Porém, no que toca a património cultural material, é de salientar neste território a arquitetura tradicional com as famosas construções em xisto, que se materializam na forma de habitações, casas de arrumo, socalcos e levadas. O maior exemplo desta arquitetura na Serra do Açor é a aldeia do Piódão, sendo por esse motivo, como anteriormente referido, considerada Imóvel de Interesse Público. Para além disso, é também um dos mais célebres locais nacionais deste tipo, tendo sido, inclusive, inserido na rede das Aldeias Históricas de Portugal e considerado, segundo o projeto 7 Maravilhas (s.d.), uma das 7 Maravilhas de Portugal – Aldeias em 2017. Neste aspeto refere-se a existência de muitos outros povoados com grande atratividade

nesta serra, como por exemplo cinco Aldeias do Xisto, sendo elas as povoações de Aldeia das Dez, Benfeita, Fajão, Sobral de São Miguel e Vila Cova de Alva. Outros locais de destaque são a Aldeia Preservada do Soito no concelho de Góis e a famosa povoação e praia fluvial (zona de lazer) de Foz D'Égua no município Arganil.

Ainda quanto ao património cultural palpável refere-se a existência de vários museus e centros interpretativos na área da Serra do Açor, sendo eles a Casa Museu Carvalho e o Museu Municipal na Pampilhosa da Serra, o Museu Monsenhor Nunes Pereira no Fajão, os Postos de Turismo e Núcleos Museológicos de Arganil e Piódão, o Centro Interpretativo de Arte Rupestre de Chãs d'Égua, o Centro Interpretativo da Mata da Margaraça gerido pelo ICNF, o Centro de Referência da Memória Goicense em Góis, o Núcleo Museológico da Cabreira e o do Esporão, o Espaço Museológico do Soito, a Casa Museológica de São Jorge da Beira, e o Museu Mineiro em Barroca Grande dedicado às minas da Panasqueira.

Património Cultural Imaterial

A Comissão Nacional da Unesco (s.d.) cita a Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial (2003) que refere que o património cultural imaterial inclui as tradições ou expressões vivas herdadas dos nossos antepassados e transmitidas aos nossos descendentes, tais como tradições e expressões orais, incluindo a língua como vetor do património cultural imaterial, artes do espetáculo, práticas sociais, rituais e eventos festivos, conhecimentos e práticas relacionados com a natureza e o universo, aptidões ligadas ao artesanato tradicional.

Neste aspeto é de destacar desde logo no território da Serra do Açor o Património Cultural Etnográfico, onde são exemplos de produções artesanais realizadas um pouco por todos os concelhos da Serra do Açor, as miniaturas de casas de xisto e outras produções neste material (e.g. relógios e troféus), as colheres de pau, os cestos e canastras, as miniaturas em madeira e em cortiço, as gamelas, o feltro, vários artigos e ofícios têxteis como tapeçarias, rendas e bordados, e ainda o ferro forjado.

Outro Património Cultural Imaterial que se deve destacar é a gastronomia típica da Serra do Açor. No que toca aos sabores da serra, no concelho de Arganil, e através da consulta do *website* para o turismo do município, Visit Arganil (s.d.c e s.d.h), podemos encontrar pratos como o bucho recheado à moda de Vila Cova de Alva, o cabrito à serrana e a chanfana. Em relação à doçaria encontramos os sequilhos e a tigelada. Já os produtos endógenos do município consistem na broa de batata, nos enchidos como o bucho recheado e os de fumeiro, nas cajadas do Piódão, nos coscoréis, nos inúmeros doces e compotas, nas várias frutas desidratadas e frutos secos, nos

vários licores, no mel e nos queijos. Um outro produto de destaque deste concelho é uma bebida produzida na povoação de Luadas, freguesia da Benfeita, que se denomina de Serradura, e consiste numa bebida alcoólica de sabor doce feita à base de frutas.

Já no concelho de Góis, e segundo consulta ao *website* do município, encontramos a sopa de presunto, a tibornada (bacalhau grelhado, batatas assadas no forno, couve cozida e azeite tradicional quente acabado de extrair do lagar), a truta à moda do Ceira, o cabrito do Sinhel e o bucho tradicional (Município de Góis, s.d.g e s.d.h). Além disto, e segundo a Freguesia de Góis (s.d.), refere-se ainda a sopa de castanhas, a sopa seca à moda de Alvares, o cabrito assado no forno, a chanfana (fusca), a galinha colorada, os torresmos, o arroz de sardinha e as papas de nabos com sardinha frita. No que toca à doçaria, este município mostra a existência das gamelitas, o arroz-doce, o bolo da Várzea, o bolo de Góis e as filhós e coscoréis. Já em relação a produtos endógenos, para além de alguns anteriormente referidos, os licores de mel e medronho e a aguardente, o azeite, a bola de carne e a bola de sardinha, a broa, a castanha, os enchidos, o mel de urze e os queijos de cabra e ovelha.

No município de Covilhã, e segundo a Junta de Freguesia de São Jorge da Beira (2014), no que toca a pratos encontramos as couves e feijões com carne porco e enchidos, couves com batatas e sardinha assada, arroz de carqueja, ervas, caldudo, carne de rez (cabrito ou cabra), maranhos, cabrito no forno, enchidos de porco e presuntos, bacalhau de cebolada, bacalhau à lagareiro, broa de milho, picas (carne/bacalhau/sardinha), e em relação à doçaria podemos constatar a existência de marmelada, tigelada, leite creme, arroz-doce, caldo de botelha com leite, filhós, broeiros, papas de carolo, fatias (pão de trigo com ovos e açúcar) e talaças.

Por sua vez, em Oliveira do Hospital refere-se, segundo Junta de Freguesia de Alvoco das Várzeas (s.d.), a existência dos pratos de cabrito assado e truta grelhada e as doçarias tigelada, rodilhas, coscorões e sopa seca.

Destaca-se, por último, a existência de inúmeras feiras temáticas onde se mostra o artesanato e gastronomia dos municípios e ainda as festas tradicionais dos concelhos, assentes em algumas romarias que ainda se realizam, não sendo de olvidar inúmeras festas tradicionais de cada aldeia, que são conhecidas como bailes e bailaricos e que normalmente ocorrem na época do verão. Estas festas tradicionais acabam por ser uma vivência única e podem ser utilizadas para enriquecer a experiência turística.

5.5.1.2. ALOJAMENTO

No que toca ao alojamento, averiguou-se a existência de inúmeros espaços devidamente habilitados para comercializar dormidas no território da Serra do Açor, nomeadamente para fins turísticos. Para se ter uma noção, em termos numéricos refere-se a existência de 57 estabelecimentos na área do concelho de Arganil pertencente a esta serra, 20 em Góis, 13 na Pampilhosa da Serra, 11 em Oliveira do Hospital, 3 em Covilhã e igualmente 3 para o município de Seia (Município de Góis, s.d.a, s.d.c, s.d.j, Município de Oliveira do Hospital, s.d.b, s.d.c, s.d.d, s.d.f, s.d.g, Município de Pampilhosa da Serra, s.d.c e VisitArganil, s.d.a, s.d.b, s.d.d e s.d.e). Em anexo ao presente documento encontra-se uma tabela com a informação detalhada sobre cada um dos alojamentos anteriormente inumerados (anexo nº5).

De entre todos estes estabelecimentos destacam-se os empreendimentos turísticos, sendo eles 3 Hotéis e 10 Casas de Campo no concelho de Arganil, 3 Casas de Campo e uma Residencial em Góis, 2 hotéis, 1 Hotel Rural e 5 Casas de Campo em Oliveira do Hospital, e 3 Casas de Campo e 2 Residenciais em Pampilhosa da Serra. Além disto, encontramos ainda 3 Parques de Campismo no concelho de Arganil, 1 no concelho de Góis, 1 no concelho de Oliveira do Hospital e ainda uns *Bungalows* no concelho de Pampilhosa da Serra (Município de Góis, s.d.c, s.d.j, Município de Oliveira do Hospital, s.d.c, s.d.d, s.d.f, s.d.g, Município de Pampilhosa da Serra, s.d.c e VisitArganil, s.d.b, s.d.d e s.d.e). Todos os restantes espaços de hospedagem anteriormente relatados inserem-se na categoria de Alojamento Local.

Ademais de toda a oferta referida, salienta-se ainda a existência de algumas áreas de serviço para apoio ao caravanismo que ajudam este tipo de turista que detém as suas infraestruturas de pernoita próprias, motivando assim a sua estada na zona. Para o concelho de Arganil encontramos um espaço particular na vila sede de concelho e um espaço público junto à Zona de Banear e de Lazer do Urtigal no Barril do Alva. Já para o município de Góis encontramos um espaço público na vila sede de concelho. Por último constata-se ainda a existência de um local deste tipo na vila de Pampilhosa da Serra, sede deste mesmo concelho. Além disto, refere-se a existência de outros locais não oficiais para pernoitas, tais como um Parque de Campismo nos Cepos, concelho de Arganil, que podem ser utilizados mediante contacto com a administração da freguesia.

Em termos de alojamentos com acomodações e condições próprias para o tipo de turista abordado na presente dissertação (*bike friendly*¹), observa-se uma lacuna fruto da falta de

¹ Infraestrutura com condições e equipamentos especiais e específicos para praticantes de ciclismo.

desenvolvimento do produto em parceria com estes *stakeholders*, bem como formação devida para os mesmos. De entre os 105 negócios anteriormente referidos, apenas o Hotel da Inatel no Piódão, a Casa de Campo Quinta da Palmeira – Country House Retreat & Spa na Cerdeira (ambos no concelho de Arganil) e o Hotel Rural da Quinta da Geia em Aldeia das Dez (Oliveira do Hospital) possuem reconhecimento como alojamentos *bike friendly*, inclusive pertencentes à rede bikotel (bikotel, s.d.). A rede assinala ainda o Villa Pampilhosa Hotel no seu mapa, no entanto refere-se que este hotel encerrou durante a pandemia Covid 19.

5.5.1.3. RESTAURAÇÃO

Na área da Serra do Açor podemos averiguar a existência de 72 estabelecimentos de restauração do tipo restaurante, café *snack-bar*, padaria/pastelaria, tapas e petiscos e ainda algumas comissões de melhoramentos que se encontram abertas ao público, sendo possível obter mais informações referentes aos mesmos numa tabela que se encontra no anexo nº6 da presente dissertação.

Observa-se uma lacuna deste tipo de estabelecimentos em algumas áreas mais remotas da Serra do Açor, contudo, para além dos serviços mencionados, refere-se ainda a existência de inúmeros estabelecimentos do tipo café espalhados um pouco por toda a área da Serra do Açor, contudo estes não fornecem refeições, sendo sobretudo espaços de convívio dos populares. Por esse facto, e também pelo motivo de o tempo e espaço para a realização da dissertação ser limitado, optou-se por não contabilizar os mesmos.

5.5.2. RECURSOS TURÍSTICOS ESPECÍFICOS

5.5.2.1. INFRAESTRUTURAS E PERCURSOS IMPLEMENTADOS

Para efeitos de recursos específicos, nesta dissertação destaca-se tudo aquilo que é estritamente necessário para que a atividade em causa se possa desenrolar. Assim, no caso do cicloturismo os recursos específicos são os percursos cicláveis das várias vertentes que existem no território, as infraestruturas de apoio (e.g. Centros Cyclin'Portugal), ou até mesmo eventos da modalidade.

Atualmente, e segundo na área da Serra do Açor encontramos dois Centros de Cyclin'Portugal pertencentes a esta rede desenvolvida pela Federação Portuguesa de Ciclismo, sendo eles o centro do Casal da Lapa, que se encontra no concelho de Pampilhosa da Serra, e o centro da Serra do Açor, localizado na vila de Côja no concelho de Arganil. Ambos possuem infraestruturas de apoio ao cicloturista como estação de serviço para bicicletas (*bike station*) e

balneários. A cada centro de BTT estão ainda associados quatro percursos todo-o-terreno sinalizados e homologados, de diferentes níveis de exigência física que se distinguem pela cor (preto muito difícil, vermelho difícil, azul médio e verde acessível a todos). De seguida, e com base em Município de Pampilhosa da Serra (s.d.a) e VisitArganil (s.d.f), apresentam-se as tabelas 2 e 3 com os dados referentes a cada percurso.

Tabela 2 - Percursos Centro Cyclin'Portugal da Serra do Açor (Arganil)

Núcleo	Tipo de Percurso	Quilómetros
Centro BTT Serra do Açor	Preto (Côja e Arganil)	86,2 km
	Vermelho (Côja e Benfeita)	40,5 km
	Azul (Côja)	16,7 km
	Verde (Côja)	6,3 km

Tabela 3 - Percursos Centro Cyclin'Portugal do Casal da Lapa (Pampilhosa da Serra)

Núcleo	Tipo de Percurso	Quilómetros	Altimetria
Centro BTT Casal da Lapa	Preto (Aradas - Portela - Meãs - Fajão)	55,3 km	2675 m
	Vermelho (Unhais-o-Velho - Meãs)	36 km	1225 m
	Azul (Albufeira da Barragem de Santa Luzia)	27,9 km	830 m
	Verde (Casal da Lapa)	3,3 km	97 m

Para além destes dois centros totalmente localizados na área da Serra do Açor, existe ainda o recém-criado Centro Cyclin'Portugal de Oliveira do Hospital, localizado nesta vila sede de concelho. Apesar desta já se encontrar afastada da área da serra alvo de estudo da presente dissertação, dois dos seis percursos inerentes a este Centro passam em parte na área da Serra do Açor, nomeadamente o percurso P6 - Preto que leva o praticante a Alvoco das Várzeas, Monte Colcurinho, Vale Maceira, Aldeia das Dez e Avô. Por sua vez, o percurso P4 – Vermelho circula junto ao Rio Alva, passando nas localidades de Ponte das Três Entradas e Avô que se encontram na delimitação da Serra do Açor (Aldeias do Xisto, 2021a).

O município de Seia detém também um centro Cyclin'Portugal, pese embora o facto de nenhum dos seus percursos inserir-se na área da Serra do Açor.

Fora toda a oferta de percursos Cyclin'Portugal, o que por enquanto se traduz apenas em trajetos BTT, refere-se ainda, para esta mesma vertente, a existência de quatro Grandes Rotas (GR) a atravessar em parte neste território, sendo elas a GR21 – Aldeias do Xisto de Portugal, a GR22 – Aldeias Históricas de Portugal, a GR33 – Grande Rota do Zêzere e a GR51 – Grande Rota do Alva.

Destas, destaca-se a GR22 por ser a que se encontra em melhores condições de manutenção. A transitar na área da Serra do Açor destacam-se, na GR22, a etapa que liga as Aldeias Históricas de Linhares da Beira a Piódão (84 km) e a etapa que liga as Aldeias Históricas de Piódão a Castelo Novo (82,26 km), ambos trajetos considerados de elevada dificuldade (AHP, s.d.a).

Já as outras grandes rotas revelam algumas lacunas e falta de cuidado. De entre elas, a GR33 e a GR51 ainda se encontram ativas e são divulgadas recorrentemente. A GR33, segundo Aldeias do Xisto (2021b), tem dois setores que transitam em parte na área da Serra do Açor, sendo eles o setor 3 – Terra Mineira (23,6 km) e o setor 4 - Meandros (23 km). Por sua vez, a GR51 entra no território da Serra do Açor em Arganil e prossegue sempre na delimitação do mesmo até Ponte das Três Entradas, não existindo, no entanto, indicações quanto a divisão por etapas, porém, o percurso total detém apenas 76 quilómetros.

Já para a vertente de estrada, à semelhança do que sucede na GR 22, a Associação de Desenvolvimento Turístico Aldeias Históricas de Portugal (ADT – AHP) criou ainda uma grande travessia para esta vertente, denominada de Grande Percurso Ciclável AHP. Este trajeto detém cerca de 700 quilómetros, onde sensivelmente 150 desses quilómetros transitam na área da Serra do Açor, destacando-se as passagens por Aldeia das Dez, Piódão, Foz d'Égua, Vide e Sobral de São Miguel (AHP, s.d.d).

Para a sua rede de percursos cicláveis, a Associação de Desenvolvimento Turístico Aldeias Históricas de Portugal criou ainda um polo para cada uma das doze Aldeias Históricas, e a cada um dos polos estão atribuídos vários percursos de estrada que seguem a linha de classificação da Federação Portuguesa de Ciclismo (preto muito difícil, vermelho difícil, azul médio e verde acessível a todos). Assim, na área da Serra do Açor encontra-se o polo do Piódão, onde se inserem três percursos, um azul (13 km), um vermelho (47 km) e um preto (68km). Devido ao relevo de elevada dureza característico da zona do Piódão não foi possível a criação de um percurso verde (AHP, s.d.b).

Por sua vez, a ADXTUR fornece na sua plataforma myxistotrails três percursos de estrada, sendo eles os *tracks* GPS das últimas três edições da Clássica Aldeias do Xisto do pelotão profissional de ciclismo português. Todos os percursos são de traçado muito difícil, com mais de 140 quilómetros e 2500 metros de subida acumulada. Todos eles transitam em parte na área da Serra do Açor (Aldeias do Xisto, s.d.a).

Menciona-se ainda a existência de dois segmentos de estrada sinalizados no território da Serra do Açor, mais concretamente nos concelhos de Oliveira do Hospital (Ponte das Três Entradas – Colcurinho) e Pampilhosa da Serra (Porto de Vacas – Xiqueiro). Estes segmentos pertencem ao projeto Bike Roads e consistem em subidas desafiantes na vertente de estrada, denominadas de Subidas Épicas. De seguida, e com base em Bike Roads (s.d.b), apresenta-se a tabela 4 que resume os dados de cada um dos segmentos.

Tabela 4 - Subidas Épicas da Serra do Açor

Subida Épica	Categoria	Quilómetros	Pendente Média	Subida Acumulada
Ponte da Três Entradas - Colcurinho	Alta Montanha (HC)	18 km	5.5%	990 m
Porto de Vacas - Xiqueiro	1	11.1 km	6.3 %	700 m

O projeto Bike Roads apresenta ainda no seu *website* três circuitos nas Aldeias do Xisto, pese embora que estes não sejam sinalizados, sendo a navegação guiada exclusivamente por *track* GPS disponibilizado no sítio *online* do projeto. Todos os percursos transitam em grande parte no território da Serra do Açor, com partida e chegada em Pampilhosa da Serra, sendo eles percorridos inteiramente dentro da área deste município, excetuando-se o Tour de Minas que numa pequena parte transita dentro do concelho da Covilhã (Aldeia de São Francisco de Assis e São Jorge da Beira). Através da consulta de Bike Roads (s.d.a) efetuou-se a tabela 5, a qual se apresenta em seguida.

Tabela 5 - Percursos de estrada projeto Bike Roads

Circuito	Tipo	Quilómetros	Altimetria
Tour das Minas	Circular	122 km	3100 m
Tour do Alto Ceira	Circular	78 km	2190 m
Tour do Zêzere	Circular	60 km	1530 m

5.5.2.2. NOVOS PERCURSOS CONCELHIOS A IMPLEMENTAR

A oferta de percursos de cicloturismo sinalizados ou homologados (ou ambos) na Serra do Açor resume-se a tudo o que foi mencionado anteriormente. Pampilhosa da Serra mostra ser um concelho rico em recursos turísticos específicos para o cicloturismo, fornecendo infraestruturas e percursos sinalizados ou homologados para as principais vertentes praticadas. O

município de Arganil possui infraestruturas de apoio e os percursos de BTT e estrada que foram mencionados previamente, porém carece de percursos de estrada sinalizados ou homologados a abranger outras partes serranas do concelho que não só o Piódão.

Todos os outros concelhos carecem de infraestruturas de apoio e percursos específicos para o cicloturismo, constatando-se desta forma a existência de imensas oportunidades para criação de muitos outros trajetos de elevado valor para a modalidade, englobando outras partes da serra ainda pouco exploradas para o efeito.

Posto isto, e com recurso ao trabalho de campo, foram criados, no âmbito da presente dissertação, novos percursos da vertente de estrada, dividindo-se os mesmos entre percursos concelhios e percursos intermunicipais. Enquanto os concelhios percorrem apenas a área de cada concelho, os intermunicipais, como o próprio nome indica, transitam numa área mais abrangente da serra.

Face às limitações de tempo e meios para o desenvolvimento deste trabalho, optou-se por focar apenas na vertente de estrada, contudo, refere-se a existência de inúmeras oportunidades para as outras vertentes.

5.5.2.2.1. Arganil

Como mencionado anteriormente, Arganil possui infraestruturas de apoio interessantes para o cicloturismo, bem como percursos de BTT sinalizados e homologados, carecendo, no entanto, de percursos de estrada que poderiam ser anexados também ao Centro de Cyclin´Portugal existente.

Assim, foram efetuados vários trajetos concelhios desta vertente, com níveis de dificuldade distintos, sendo o mais difícil o Arganil Açor Complete Tour, o intermédio o Arganil Açor Half Tour e o mais fácil o Arganil Açor Short Loop. Em anexo encontram-se as fichas completas destes percursos (anexos nº 7, 8 e 9 respetivamente).

5.5.2.2.2. Covilhã

Nesta parte do território do concelho de Covilhã carecem as infraestruturas para este tipo de práticas desportivas e turísticas, pese embora seja uma zona com elevado potencial por todo o património natural e cultural existente, onde desde logo se destaca a Aldeia do Xisto de Portugal Sobral de São Miguel, o facto de ser um território localizado nas encostas dos maiores Maciços

da Serra do Açor e ainda os vestígios e história de toda a atividade mineira existente, algo que começa também a ser reinventado para práticas de turismo.

Embora este município tenha uma área pequena nesta serra, existem bastantes oportunidades para o desenvolvimento de percursos das principais vertentes do cicloturismo, nomeadamente o BTT (com algumas alternativas para se adequar ao *gravel* também) e a estrada.

No âmbito da presente dissertação, propõem-se um percurso da vertente de estrada que permite ao cicloturista conhecer o território das três freguesias do concelho da Covilhã inseridas na Serra do Açor, e que se denominou de Covilhã Açor Complete Tour, sendo que a ficha mais completa deste percurso encontra-se no anexo nº 10.

5.5.2.2.3. Góis

Góis é um município com uma área considerável na Serra do Açor, locais bastante interessantes para o produto cicloturismo e bastantes ligações de asfalto fulcrais para o desenvolvimento da vertente de estrada. Contudo, à semelhança do que sucede na Covilhã, este concelho carece de infraestruturas para o tipo de práticas desportivas e turísticas em questão, observando-se assim várias oportunidades para o seu desenvolvimento.

À semelhança do que foi feito para os outros municípios, propõem-se nesta dissertação vários percursos para a vertente de estrada, que, seguindo a ordem de denominação dos exemplos anteriores, foram nomeados de Góis Açor Complete Tour, Góis Açor Half Tour e Góis Açor Short Loop. Salienta-se que as fichas completas dos mesmos podem ser analisadas nos anexos nº 11, 12 e 13 e frisa-se ainda o potencial existente para a criação de percursos das vertentes de BTT e *gravel*.

5.5.2.2.4. Oliveira do Hospital

Devido à falta de ligações asfaltadas que permitam percursos circulares, o concelho de Oliveira do Hospital não possui muitas alternativas para a criação de percursos concelhios na vertente de estrada, possuindo, no entanto, inúmeras oportunidades para as vertentes *off road*.

Para a vertente de estrada refere-se, no entanto, que a localidade de Ponte das Três Entradas é sempre um local de passagem, e por isso pode ser também ser um local de partida e chegada, dos vários percursos intermunicipais que serão abordados de seguida.

No que toca a percursos de estrada concelhios, para além da Subida Épica do Colcurinho anteriormente mencionada, refere-se ainda a criação, no âmbito desta dissertação, de um pequeno

trajeto denominado de Oliveira do Hospital Açor Short Loop. Mais informações sobre esta rota encontram-se na ficha completa localizada nos anexos do presente documento (anexo nº14).

5.5.2.2.5. Seia

Por fim refere-se que o concelho de Seia não possui vias asfaltadas suficientes para a criação de percursos concelhios circulares da vertente de estrada, sendo apenas possível fazê-lo para as vertentes *off road* de BTT e *gravel*. Desta forma, neste concelho pode-se optar por estabelecer na aldeia de Vide um ponto de passagem ou partida (núcleo) para percursos intermunicipais de seguida apresentados.

5.5.2.3. NOVAS ROTAS E PERCURSOS INTERMUNICIPAIS A IMPLEMENTAR

Além de tudo o que foi mencionado anteriormente, destaca-se ainda a oportunidade de criação de vários percursos intermunicipais a interligar a Serra do Açor. Alguns destes percursos seriam de menor dimensão, complementando a oferta de percursos nos concelhos com menor espaço ou ligações. Contudo, é de destacar nos percursos intermunicipais as grandes travessias, sendo estas mote para uma viagem mais abrangente sobre o território. Assim, a título de exemplo destaca-se para o âmbito desta dissertação a criação de um percurso intermunicipal denominado de Grande Travessia do Açor em Estrada, encontrando-se a ficha mais completa sobre o mesmo em anexo (anexo nº 15).

Acresce a este tipo de percursos mais abrangentes algumas grandes rotas intermunicipais que poderiam ser criadas como desafios ciclísticos, com o objetivo de cativar praticantes mais competitivos e os que procuram a superação de estímulos mais exigentes. A ideologia por de trás destes desafios é cumprir o percurso todo de uma só vez, sem divisão por etapas. Contudo, as rotas poderão também ser livres para quem as pretenda fazer por etapas fora do desafio. Um exemplo deste tipo de desafios criado no âmbito da presente dissertação é o Abraço à Serra do Açor (estrada), sendo que a ficha completa do mesmo segue nos anexos do documento (anexo nº16).

5.5.3. EVENTOS DE CICLISMO OU CICLOTURISMO

Nos eventos específicos para o ciclismo ou cicloturismo destaca-se desde logo, no que toca à vertente de BTT, o Geo Tour das Aldeias do Xisto, prova de três dias que tem no Fundão a sua sede e partida e chegada para todos os dias, sendo que por norma percorre parte da Serra do Açor numa das suas etapas. Além disto, destaca-se ainda o *downhill* na Pampilhosa da Serra, onde normalmente se realiza uma prova importante do panorama nacional e internacional por ano,

tendo já acolhido o campeonato nacional e o campeonato da Europa. Ainda existe a maratona BTT de Arganil, que atravessa a área da Serra do Açor deste concelho, pese embora o facto de esta não ter ocorrido em 2020 e 2021 devido à situação pandémica (contudo está nos planos o regresso pós pandemia) e o Passeio BTT dos Reis na aldeia serrana do Açor. Outros eventos foram organizados no passado, tais como o Passeio BTT dos “Cremalheiras Empenados” na Pampilhosa da Serra, a Maratona BTT Axor7.0 em Côja ou o Benfeita Mythic na Aldeia do Xisto da Benfeita, no entanto os mesmos deixaram de ser realizados e não há previsão sobre futuras edições.

Já para a vertente de estrada, existe um *granfondo* (competição de cicloturismo de estrada amador) na área da serra denominado especificamente de Granfondo Serra do Açor – Aldeias do Xisto, que ficou, no entanto, em *stand by* após a situação da pandemia Covid19. Existe ainda outro *granfondo* que passa parcialmente na Serra do Açor, que é o Granfondo da Lousã. Estes são eventos que atualmente estão em voga tendo uma grande procura e adesão, e por isso são ótimos para promover a região a um público específico. No que toca ao ciclismo amador ou cicloturismo de estrada verifica-se ainda a existência de uma cronoescalada na subida de Ponte das Três Entradas até ao alto do Colcurinho.

Ainda é possível constatar a passagem de provas de ciclismo profissional nesta zona, pois por norma a Volta a Portugal passa neste território. Porém, neste aspeto destaca-se a competição profissional específica da região, uma clássica do pelotão nacional denominada de Clássica Aldeias do Xisto.

5.5.4. SERVIÇOS ESPECIALIZADOS

5.5.4.1. EMPRESAS DE ANIMAÇÃO TURÍSTICA

Atualmente, e segundo consulta no Registo Nacional de Turismo (s.d.), a oferta de empresas de animação turística localizadas na Serra do Açor é baixa, existindo apenas nove empresas sedeadas na área deste território, sendo sete delas no concelho de Arganil, uma no município de Góis e uma em Pampilhosa da Serra. Refere-se ainda a existência de uma empresa deste tipo em Mouronho, freguesia do concelho de Tábua que, apesar de estar fora da área da Serra do Açor, encontra-se na iminência da delimitação desta serra. Mais informações referentes a cada uma das empresas inumeradas encontram-se numa tabela em anexo à presente dissertação (anexo nº 17).

De todas as empresas anteriormente inumeradas destaca-se a Pedal to Enjoy – AMBikes (AJSM, Lda.) que opera com foco específico nos passeios de bicicleta. Porém, salienta-se que

tanto a Origem Safaris como a Trans Serrano oferecem passeios de BTT no cardápio dos seus serviços.

Para além disto, é de destacar algumas outras empresas que, não sendo locais, utilizam a Serra do Açor para atividades de animação turística, como por exemplo a Hillstar Eventos, a Portugal A2Z Walking and Biking, a Try Portugal, a Ultra Spirit e a Vadiagem Outdoors.

5.5.4.2. LOJAS E OFICINAS ESPECIALIZADAS

Em toda a área da Serra do Açor constata-se a existência de apenas um estabelecimento específico e especializado na comercialização e reparação de velocípedes, sendo este denominado de AMBikes (AJSM, Lda.), e localiza-se na Rua de Olivença em Arganil.

Para além desta empresa, refere-se então a existência de outras oficinas de motorizadas e ferramentas florestais que, apesar de não serem especializadas e específicas no mercado das bicicletas, possuem algum conhecimento básico sobre reparação das mesmas e algum material de desgaste rápido em *stock*. No concelho de Arganil encontramos a Moto Arganilense, a Moto Bessa e o Humberto Mendes Marques em Arganil e a Moto Carvalho em Côja, e no município de Góis a Moto Castanheira.

5.5.4.3. SERVIÇOS DE *TRANSFERS*

Em relação a empresas de *transfers*, no território da Serra do Açor encontramos uma entidade com infraestruturas para o transporte de bicicletas a efetuar esses serviços mediante contratação, com capacidade de até nove pessoas, sendo esta a AMBikes (AJSM, Lda.) anteriormente referida. Outras empresas de animação turística do território detêm infraestruturas de transporte específicas para o efeito, como por exemplo a Transerrano, no entanto utilizam-nas sobretudo para servir as suas atividades e não como serviço externo.

Para além disto, a oferta local atual de transporte de pessoas incide nas carreiras de autocarro que ligam as várias aldeias e vilas e em empresas de *táxis*, sendo que a maioria das praças existentes são de empresários em nome individual que apenas possuem um carro e efetuam serviços diários limitados.

Contudo, é de destacar a Viajaçor, que é uma empresa maior que possui uma variedade de viaturas superior, e com diferentes lotações, detendo inclusive na frota dois veículos com capacidade para transportar oito pessoas (sem incluir condutor). Contudo, esta empresa não possui

equipamentos para o transporte de bicicletas, estando a sua oferta limitada ao transporte de pessoas.

6. BENCHMARKING

Através deste capítulo de *Benchmarking* pretende-se trazer à presente dissertação casos de sucesso no produto cicloturismo e com isto abrir os horizontes, com projetos bem implementados, de forma a obter mais conhecimentos sobre o desenvolvimento de um destino de cicloturismo. Os exemplos apresentados foram escolhidos pelo reconhecimento do seu valor, com 2 casos nacionais e 3 casos internacionais. É, contudo, de referir que outros destinos de referência existem no mundo, mas face às limitações de espaço do presente documento optou-se por apresentar apenas os seguintes.

6.1. NACIONAIS

6.1.1. ROTA VICENTINA

A Rota Vicentina trata-se de uma Associação para a Promoção do Turismo de Natureza na Costa Alentejana e Vicentina. Nasceu em 2013 e desde então é a entidade responsável pela gestão, integração, estímulo, desenvolvimento e promoção dos trilhos pedestres da Rota Vicentina, assim como da oferta turística associada ao produto turístico que a Rota Vicentina representa (Rota Vicentina, s.d.a).

Esta associação sem fins lucrativos, pretende afirmar-se como promotora da região, proporcionando ao turista a fruição do território, contribuindo dessa forma para a sustentabilidade do mundo rural local, através da dinamização da atividade económica, incentivo às atividades e serviços já existentes, valorização e promoção das tradições e cultura locais, apoio à criação de novos negócios e divulgação do destino fora das épocas de maior afluência (Rota Vicentina, s.d.a).

Os objetivos da associação passam assim por afirmar o sudoeste de Portugal como destino internacional de turismo de natureza, sensibilizando todos para a importância ambiental e cultural da região e consolidando uma rede de desenvolvimento (empresas, instituições, população), dotando a região de uma infraestrutura pública de usufruto da natureza, aproximando o turista da população local e estimulando a oferta existente ao longo de todo o ano, criando novas oportunidades de negócio (Rota Vicentina, s.d.a).

A beleza da paisagem, o património natural, histórico e cultural, os recursos turísticos e a natureza pública dos caminhos, foram os principais critérios seguidos no processo de escolha dos traçados, composto por caminhos existentes e formado pelo Caminho Histórico, Trilho dos Pescadores e vários Percursos Circulares, itinerários que se complementam revelando a verdadeira essência do Sudoeste de Portugal.

Segundo Rota Vicentina (s.d.a), em 2019 a associação expandiu a sua oferta, contando agora também com um sistema de mais de 1000 quilómetros de percursos de BTT, um traçado de Touring Bike que une os aeroportos de Lisboa e Faro, e diversas atividades de Natureza, Cultura e Bem-Estar.

Neste aspeto, é no concelho de Odemira que se encontra a grande parte dos trilhos BTT. Em todo o município existem 5 núcleos, sendo estes os locais que os percursos têm como ponto de partida e chegada. Porém os Núcleos são apenas indicativos e novos pontos de início dos percursos podem ser escolhidos consoante a preferência do turista ou localização do seu alojamento. Os núcleos existentes são nas localidades de Colos, Odemira, São Luís, São Teotónio e Santa Clara-a-Velha. Cada um destes núcleos tem vários percursos BTT sinalizados associados, sendo estes distinguidos pela sua dificuldade, onde é atribuída uma cor específica para cada tipo. Segundo o próprio site da rota vicentina, o preto significa “muito difícil”, o vermelho é “difícil”, o azul é “moderado” e o verde é “fácil”. Além dos percursos específicos de cada núcleo, existe ainda uma Grande Travessia de 144,5 quilómetros que une todos os núcleos do concelho de Odemira (Rota Vicentina, s.d.b e s.d.c).

A associação possui um *website* muito atrativo, explícito e esclarecedor, onde é possível ao turista encontrar toda a oferta de percursos tanto pedestres como cicláveis e, desta forma, organizar a sua viagem pelo sudoeste de Portugal. Além dos percursos o turista poderá ainda obter no *website* informações sobre os mais variados programas e atividades que existem no destino e que o visitante pode realizar, sobre os serviços complementares como o alojamento, os *transfers*, as agências e operadores turísticos a operar no destino, bem como a restauração, os produtos e produtores locais e ainda a agenda de eventos do destino.

A Rota Vicentina possui ainda um mapa dinâmico onde se encontra de forma esmiuçada e com localização, os dados referentes a percursos, alojamentos, restauração, transportes, produtos e produtores locais e atividades extra.

A associação alicerça a sua atividade no apoio de uma rede de parceiros públicos e privados, nomeadamente municípios e juntas de freguesia, entidades promotoras regionais e

nacionais de turismo, ICNF, organismos locais, indivíduos e sobretudo mais de 200 empresas associadas, que têm apoiado e viabilizado o projeto a vários níveis. Para além disto a associação detém ainda algum *merchandising* disponível no *website* (Rota Vicentina, s.d.a).

Pontos positivos a reter:

- Criação de uma associação de desenvolvimento do turismo, responsável pela gestão, administração e promoção do destino;
- Criação de redes de percursos pedestres e cicláveis;
- Desenvolvimento do destino mediante as necessidades específicas deste tipo de turista (e.g. instalações *bike friendly*);
- *Website* atrativo, explícito e esclarecedor;
- Clima;
- Variedade de modalidades;
- Gastronomia;
- Cultura, história e arquitetura;
- Paisagens.

6.1.2. ALDEIAS HISTÓRICAS DE PORTUGAL

As Aldeias Históricas de Portugal é uma Associação de Desenvolvimento Turístico, de direito privado e sem fins lucrativos. Segundo AHP (s.d.c) esta foi criada em 2007 com a finalidade de promover o desenvolvimento turístico da Rede Aldeias Históricas de Portugal, da qual fazem parte 12 aldeias localizadas no interior Centro de Portugal, sendo elas Almeida (Almeida), Belmonte (Belmonte), Castelo Mendo (Almeida), Castelo Novo (Fundão), Castelo Rodrigo (Figueira de Castelo Rodrigo), Idanha-a-Velha (Idanha-a-Nova), Linhares da Beira (Celorico da Beira), Marialva (Mêda), Monsanto (Idanha-a-Nova), Piódão (Arganil), Sortelha (Sabugal) e Trancoso (Trancoso).

Em relação aos objetivos da associação e ainda segundo informações recolhidas no *website* da mesma, esta pretende gerir e promover a Marca “Aldeias Históricas de Portugal”; qualificando o produto turístico das aldeias históricas através da definição de uma estratégia planeada de atuação e promoção, bem como de criação de novos produtos turísticos, apoiando o desenvolvimento de uma política de incentivos aos investidores que desejem investir na região e concertá-la com as instituições públicas e privadas que possam estar envolvidas, promover iniciativas de animação cultural e divulgação do património das Aldeias e contribuir para a melhoria da qualidade de vida local e para a diversificação e dinamização da atividade económica,

nomeadamente na área do turismo, promover ações de qualificação e divulgação do património cultural, bem como a qualificação dos recursos humanos e outras (AHP, s.d.c).

A Aldeias Históricas de Portugal – Associação de Desenvolvimento Turístico (AHP-ADT) é a entidade gestora da marca turística, contando com parceiros públicos e privados. Esta abordagem mista permite uma melhor comunicação entre todos os *stakeholders* do território e o desenvolvimento de ações orientadas para satisfazer as necessidades existentes e percebidas pelos agentes locais. Com sede em Belmonte, a AHP - ADT permite uma centralidade mais justa e um reconhecimento concreto das especificidades de cada aldeia e concelho (AHP, s.d.c).

No que diz respeito ao cicloturismo a AHP-ADT possui desde logo a célebre Grande Rota 22 (GR22) – Aldeias Históricas de Portugal, que liga as 12 Aldeias Históricas de Portugal por etapas, num percurso circular de cerca de 600 quilómetros. Esta possui o selo Leading Quality Trails – Best of Europe, atribuído pela European Ramblers Association, certificação essa que destaca os melhores destinos de caminhada na Europa, através de critérios como a sustentabilidade, o nível da experiência que proporciona ao turista, a qualidade do traçado, e a riqueza cultural e natural existente. Encontra-se igualmente homologada como Grande Travessia de BTT pela Federação Portuguesa de Ciclismo. Para além do valor encontrado nas Aldeias Históricas de Portugal, o trajeto da GR22 percorre ainda alguns dos mais belos parques naturais e arqueológicos de Portugal, tais como o Parque Natural do Douro Internacional, o Parque Arqueológico do Vale do Côa, o Parque Natural do Tejo Internacional e o Parque Natural da Serra da Estrela (AHP, s.d.a).

Com o intuito de completar a oferta para esta prática turística a AHP - ADT lançou, em parceria com a Federação Portuguesa de Ciclismo, uma Rede de Percursos Cicláveis das Aldeias Históricas de Portugal, consistindo o projeto na criação de infraestruturas turísticas que permitam ao turista percorrer de bicicleta o território da AHP, seguindo uma ideologia de mobilidade suave (verde), ponto fulcral na estratégia de sustentabilidade em que a associação se assenta. Assim sendo apresenta-se também uma nova forma mais ecológica de experienciar o imenso território das aldeias históricas (AHP, s.d.d).

Ainda segundo AHP (s.d.d), a criação da Rede de Percursos Cicláveis nas Aldeias Históricas de Portugal surge em parte também do reconhecimento das potencialidades do território para a prática desportiva de ciclismo, com paisagens a perder de vista, estradas cénicas de trânsito reduzido, um território vasto, geomorfologicamente muito variado e onde se incluem vários parques naturais, regiões protegidas e inúmeros monumentos classificados. O território das Aldeias Históricas de Portugal tem características ideais e únicas para a prática de cicloturismo,

com percursos adequados para todo o tipo de praticante, desde famílias a aventureiros com vontade de partir à descoberta. Um dos motivos que facilitou a execução desta Rede de Percursos Cicláveis AHP foi a variada e crescente oferta de serviços de apoio no território, como hotéis, restaurantes, agências de viagens e empresas de animação turística, entre outros, alguns com características especiais para este tipo de turista.

A rede de percursos cicláveis incide na vertente de estrada e detém, desde logo um grande percurso intermunicipal denominado Grande Percurso Ciclável de 600 quilómetros que liga todas as Aldeias Históricas. Depois, existem ainda dois percursos intermunicipais de menor dimensão, sendo um deles o GPC AHP Loop Norte com cerca de 300 quilómetros, que passa nas aldeias de Almeida, Belmonte, Castelo Mendo, Castelo Rodrigo, Linhares da Beira, Marialva, Sortelha e Trancoso, e o GPC AHP Loop Sul, que com cerca de 376 quilómetros transita pelas aldeias de Belmonte, Castelo Novo, Idanha-a-Velha, Linhares da Beira, Monsanto e Piódão. No fundo estes dois trajetos nascem da divisão do maior, oferecendo assim um hipótese mais curta e de menor duração para o turista. Esta rede de percursos de bicicleta atribui ainda um conjunto de trajetos específicos a cada aldeia, sendo que, desta forma, cada uma oferece 4 percursos aos turistas baseados na tipologia da Federação Portuguesa de Ciclismo (verde é o mais fácil, azul é intermédio, vermelho é difícil e preto muito difícil). Refere-se apenas que, devido ao traçado difícil onde se encontram, as aldeias de Linhares da Beira, Piódão e Sortelha não possuem percurso verde (AHP, s.d.d).

A associação promove ainda regularmente várias iniciativas no território, com eventos culturais, educativos, históricos, desportivo, entre muitos outros. O website das Aldeias Históricas é atrativo e esclarecedor, possuindo toda a informação necessária para que o turista possa organizar a sua viagem. Para além disto a comunicação da associação é muito eficaz, com presença assídua e exemplar em várias redes sociais e com resposta pronta e rápida, estando sempre alguém disponível para ajudar em caso de contacto.

Em linha com o compromisso da associação com a sustentabilidade, esta foi ainda reconhecida pelo Instituto de Turismo Responsável (ITR) com o certificado Biosphere Destination, algo que veio a ser atribuído pela primeira vez no mundo a um destino em rede, colocando a AHP como líder da comunidade internacional de Destinos Turísticos Sustentáveis. A verdade é que o excelente trabalho realizado pela AHP tem vindo a ser cada vez mais reconhecido e ainda no presente ano de 2021 acabaram mesmo por ser o único destino de Portugal a ser convidado para a Conferência das Nações Unidas sobre as Mudanças Climáticas (COP 26).

Pontos positivos a reter:

- Destino que concilia turismo de natureza, turismo cultural, turismo ativo, turismo desportivo, entre outros;
- Criação de uma associação de desenvolvimento do turismo do destino responsável pela gestão, administração e promoção do destino;
- Associação proativa e vanguardista;
- Comunicação pronta exemplar para com o público;
- Criação de uma rede coesa e interessante de percursos pedestres e cicláveis, com vários polos, percursos intermunicipais, mas também percursos locais;
- Desenvolvimento do destino mediante as necessidades específicas deste tipo de turista (e.g. instalações bike friendly), através da formação aos vários *stakeholders* regionais envolvidos;
- *Website* atrativo, informativo, explícito e esclarecedor;
- Clima agradável durante grande parte do ano;
- Variedade de modalidades;
- Gastronomia;
- Cultura, história e arquitetura;
- Paisagens;
- Trabalho alicerçado numa filosofia de sustentabilidade.

6.2. INTERNACIONAIS

6.2.1. GIRONA

Quando se fala de destinos de ciclismo ou cicloturismo é obrigatório referir Girona, uma cidade situada na Catalunha em Espanha. Girona é bastante conhecida no meio ciclístico, sendo mesmo o local escolhido por muitos ciclistas profissionais do World Tour, oriundos de fora da Europa, para estabelecerem a sua residência neste continente. Arthurs-Brennan (2018) refere que este destino se começou a desenvolver há relativamente pouco tempo, mas tem evoluído bastante, em grande parte derivado de todo o charme existente neste local, com grandes atrações tanto enquanto se pedala, ou mesmo quando de descansa da própria bicicleta.

“There’s a reason Girona has become the go-to place, and it begins with five things: one, good training roads i.e varying terrain, quiet, good quality; two, good weather (winter rarely below 0, summer low 30s); three, airports nearby; four, other professionals to train with, and five, a good quality of life for the whole family.”

Millar (2018, citado de Arthurs-Brennan 2018)

Arthurs-Brennan (2018) cita Millar (2018), que refere que se instalou em Girona em 2006, e que a sua escolha e a de muitos outros se deve precisamente às 5 razões apresentadas por si na anterior citação, sendo que Arthurs-Brennan remata ainda dizendo que Girona tem muito a oferecer, como por exemplo estradas campestres onduladas, subidas excelentes para testar o físico, descidas técnicas e ainda uma gastronomia rica e variada, história única, cultura e arquitetura muito singulares. Para além disto, Epic Road Rides (s.d.) acrescenta que as estradas são calmas e em boas condições, os condutores são delicados e as paisagens bastantes atrativas.

Millar (2018, citado de Arthurs-Brennan 2018), citado por menciona ainda que quem visita a cidade pela primeira vez fica surpreso com a sua beleza e chocado com o facto de nunca ter ouvido falar dela ou visitado a mesma no passado. A cidade não possuía grande oferta de hotéis porque era um sítio onde as pessoas passavam apenas um dia, sendo que o ciclismo veio mudar essa realidade e trouxe um novo tipo de turista.

O facto de ciclistas profissionais de topo se instalarem nesta cidade ajudou bastante ao desenvolvimento deste produto. Contudo a chegada destes atletas foi gradual, sendo que Millar (2018, citado de Arthurs-Brennan 2018) refere que em 2006, quando se mudou para a cidade, eram cerca de 10 os ciclistas profissionais, sendo que atualmente consta-se serem mais de 100! Muitos ciclistas começaram a desenvolver negócios nesta cidade focados na cultura da bicicleta, negócios como ciclo-cafés com oficina, ciclo-alojamentos, visitas guiadas e organizadas, entre outras variadas atividades. Para além disto começaram a divulgar os mesmos nas suas redes sociais e afins, sendo que como atletas profissionais do ciclismo se constituem como referências e *influencers* deste nicho, uma vez que possuem bastantes seguidores praticantes de ciclismo recreativo e não só, tendo sido uma excelente forma de chegar ao público-alvo deste produto.

Neste contexto o facto é que hoje Girona é um dos destinos ciclísticos mais badalados de todo o mundo, e cada vez mais as políticas da região têm em consideração este produto para o desenvolvimento da cidade, sendo este a principal força do turismo da mesma.

Hurford (2016) refere que Girona é o viveiro do ciclismo da Europa, sendo que existem bastantes alternativas neste local para todas as modalidades do ciclismo. Hurford menciona ainda que esta cidade respira cultura da bicicleta, onde os cicloturistas de BTT vagueiam por pequenos e tranquilos *bistrôs* para saborear o café expresso e a cerveja, e os cicloturistas de estrada vão aos supermercados depois dos seus treinos vistosamente vestidos com as suas roupas de recuperação sem qualquer tipo de problema. Ou seja, o que o ciclista faz e como se veste noutras cidades pode

parecer estranho, mas em Girona é algo natural. Para além disto, existem vários estabelecimentos inovadores completamente dedicados à temática das bicicletas, sendo de maior destaque a La Fabrica: Coffee, Pastries and Cyclists pertencente a um antigo ciclista profissional World Tour, Christian Meier.

Uma dessas iniciativas particulares criadas na cidade foi o Bike Breaks - Girona Cycle Center, e trata-se de uma empresa que comercializa *tours* na região e tem ainda um centro de alugueres, pese embora as instalações e serviços físicos estejam de momento em parte suspensas desde o início da pandemia Covid-19, estando a empresa a trabalhar a ritmo reduzido (Bike Breaks – Girona Cycle Center, s.d.).

A Bike Breaks criou um *website* onde possibilita ao turista a organização de toda a sua viagem, sendo este bastante intuitivo e informativo, tendo apenas quatro separadores principais, onde um é dedicado ao aluguer de bicicletas (de momento remete para outro operadore), um aos percursos disponibilizados, um aos alojamentos bike-friendly e finalmente um para blog (Bike Breaks – Girona Cycle Center, s.d.).

Quanto a percursos, o Girona Cycle Center subdividiu os mesmos em três categorias, sendo elas a estrada, o gravel e os híbridos. No que diz respeito à vertente de estrada, o website mostra a existência de vinte e três percursos de traçados e quilometragens distintos, havendo percursos para todas as exigências, sendo o “Vallter” o mais exigente com 255 quilómetros e 5327 metros de subida acumulada, um percurso que em partes supera os 2000 metros de altitude. Em contraste, o “Vall de Llémana” demonstra ser o percurso mais acessível com apenas 38 quilómetros e 540 metros de subida acumulada. Em relação ao gravel, constata-se a existência de seis rotas diferentes e em relação a híbridas apenas três rotas, sendo que esta categoria demonstra ser mais de pequenas voltas de lazer e fruição e não tanto pela componente desportiva. Girona Cycle Center disponibiliza ainda seis percursos de *bike packing* nos Pirenéus e 5 percursos deste tipo pela Costa Brava (Bike Breaks – Girona Cycle Center, s.d.b, s.d.c e s.d.d).

Em relação ao alojamento, o Girona Cycle Center menciona no seu website a existência de 5 hotéis e 3 apartamentos de qualidade na cidade com condições especiais para ciclistas, e ainda 2 casas rurais um pouco fora da cidade.

Sabe-se, no entanto, que no passado existiu um separador de serviços, retirado do website aquando do surgimento da pandemia do Covid19, no qual se podia encontrar inúmeras ofertas como roteiros de vários dias (self guide ou guiados), ou passeios diários organizados, serviços específicos como lavagem de bicicletas, banhos e cacifros, aluguer de GPS, guias qualificados,

massagens e ainda serviços de *transfer* consistindo em carrinhas que levantam as bicicletas e os turistas nos locais onde se iniciam ou onde terminam os percursos, ou serviços de carro de apoio, que segue junto ao grupo com todos os utensílios necessários, o que quer dizer que o turista não precisa de carregar nada (à semelhança do que se passa numa competição de ciclismo de estrada).

Pontos positivos a reter:

- Clima;
- Estradas calmas e de qualidade;
- Amabilidade dos motoristas;
- Variedade de terrenos;
- Variedade de modalidades;
- Gastronomia;
- Cultura, história e arquitetura;
- Paisagens;
- Cultura da Bicicleta;
- Muitos ciclistas profissionais de topo habitam nesta cidade sendo promotores da mesma;
- Muita iniciativa particular com vários estabelecimentos especificamente dedicados à cultura da bicicleta e ao desenvolvimento do destino como um *hub* importante do produto;
- Existência de todo o tipo de serviços específicos para a bicicleta;
- Vários eventos.

6.2.2. MAIORCA

"Majorca is a special place to cycle because the weather is good and you can find flat terrain or mountains; Majorca offers riders of different abilities good opportunities. I think it's a perfect place to ride."

Delgado (2016, citado por Macleary, 2016).

Situado no arquipélago das Ilhas Baleares de Espanha, Maiorca é dos melhores destinos insulares no mundo para a prática de ciclismo e cicloturismo, atraindo cerca de 150 mil cicloturistas por ano, com receitas estimadas em 150 milhões de euros anuais. É principalmente procurado pelos ciclistas oriundos do Reino Unido (abcMallorca, 2020).

Segundo Macleary (2016), as características geográficas da ilha constituem uma atração de grande valor, para aqueles que praticam a modalidade. Desde logo destacam-se as temperaturas agradáveis praticamente todo o ano, bem como diferentes particularidades dos terrenos, onde é possível pedalar em estradas planas ou montanhas. Destaca-se de igual forma a beleza das paisagens naturais deste território, o que possibilita pedalar em zonas com muito pouco trânsito e movimentação, proporcionando autênticos oásis de comunhão com a natureza.

O *website* abcMallorca (2020) descreve que os meses de maior procura são entre fevereiro e maio, bem como no período entre setembro e outubro. No entanto este *website* menciona ainda que durante todo o ano se encontram praticantes da modalidade por todas estradas da ilha. O mês mais procurado acaba por ser abril, isto devido ao popular evento *Mallorca 312*, cujo trajeto de uma única etapa com cerca de 312 quilómetros em redor da ilha atrai anualmente milhares participantes (houve edições com mais de 6500 cicloturistas).

Segundo Cycle Fiesta (s.d.) existe um grande número de rotas e itinerários para ciclistas, com níveis de dificuldade variados adequados para todo o tipo de praticantes. A costa Oeste de Maiorca, que vai desde o município de Andratx, e atravessa a Serra Tramuntana até o Cabo Formentor, é o percurso mais popular, em especial para ciclistas experientes. As localidades de Alcúdia, a norte da ilha e de Playa de Palma, situada na parte sul (junto ao aeroporto), evidenciam-se por ser as localidades com as melhores infraestruturas para acolherem os praticantes, pois oferecem um número considerável de hotéis, lojas de ciclismo e guias de cicloturismo.

Devido à popularidade da modalidade na região existe um grande número de operadores turísticos especializados e que se dedicam exclusivamente ao cicloturismo, constituindo uma oferta vasta de produtos neste nicho de mercado. Existem pacotes que vão desde o tudo incluído até serviços mais “*self-guided*”. Denota-se ainda a existência de antigas estrelas mundiais do ciclismo de estrada, que guiam os cicloturistas ao longo dos percursos da ilha.

Uma das iniciativas de destaque em Maiorca é o Mallorca Cycling Center, um centro para o ciclismo que opera tudo o que está relacionado com a modalidade, desde a reparação e aluguer de bicicletas e equipamentos (e.g. capacete, sapatos, GPS) de qualidade, acompanhamento e planeamento de treino a atletas, testes físicos, *bike fits*, fisioterapia e massagens e ainda serviços relacionados com o turismo como elaboração de rotas e percursos, *transfers* em toda a ilha, guia, alojamento em vários estabelecimentos diferentes da região, entre outras possibilidades (Mallorca Cycling Center, s.d.).

O Mallorca Cycling Center faz parte de uma empresa denominada de Alltraining sro, que possui, entre outros, alvará para agência de viagens e animação turística e que, por esse motivo, pode organizar viagens e passeios. Para auxílio e promoção da atividade a empresa detém um website bastante esclarecedor, intuitivo e atrativo, onde é possível ao cliente consultar toda a oferta deste projeto, as rotas oferecidas e efetuar a reserva de equipamentos e serviços específicos e complementares necessários. O funcionamento das marcações online passa por cinco pontos, onde num primeiro instante se define a data, na segunda etapa a bicicleta e os acessórios necessários para aluguer, na terceira etapa o alojamento (Mallorca Cycling Center, s.d.).

Pontos positivos a reter:

- Clima agradável ao longo de todo o ano;
- Riqueza, variedade e diversidade de percursos e itinerários;
- Grande diversidade de terrenos;
- Percursos para todos os níveis de praticantes;
- Paisagens e locais calmos de beleza indescritível;
- Evento com grande captação mundial;
- Presença de antigos ciclistas profissionais de renome mundial;
- Qualidade e cuidado com as infraestruturas de apoio a modalidade;
- Bastantes iniciativas privadas e operadores especializados exclusivamente em cicloturismo;
- Boas conexões áreas com os países do Norte da Europa.

6.2.3. DOLOMITES

A par de Girona as Dolomites são também uma paragem obrigatória para quem pratica cicloturismo. Segundo a enciclopédia Britannica (2018), os Dolomites são uma região que consiste num grupo de montanhas localizados na secção Este dos Alpes Italianos do Norte. São delimitados pelo vale de Isarco a Noroeste, de Pusteria a Norte, de Piave a Este e Sudeste, de Brenta a Sudoeste e de Adige a Oeste.

Esta é uma região de elevada atratividade paisagística onde, ainda segundo Britannica (2018), encontramos uma incrível quantidade de maciços montanhosos de cortar a respiração, com destaque para 18 pontos que se elevam acima dos 3000 metros de altitude.

Tudo isto se materializa no reconhecimento da Unesco como Património Mundial. A respetiva resolução (s.d.) refere que este território, de cerca de 141.903 hectares, oferece algumas

das paisagens de montanha mais belas do mundo, composto por nove zonas com paisagens espetaculares muito diversas, de grande importância para a geomorfologia internacional, devido aos seus picos, escarpas rochosas, relevos glaciares e sistemas cársticos. Dolomites.org (s.d.a) revela que a fauna e flora deste território manifesta bastante diversidade e isso resulta na existência de vários parques naturais na zona que mostram o quanto especial é a natureza nos Dolomites, sendo eles o Adamello-Brenta Nature Park, o Fanes-Senes-Braies/Fanes-Sennes-Prags Nature Park, o National Park Dolomites, o Puez-Odle/Puez-Geisler Nature Park, o Sciliar-Catinaccio/Schlern-Rosengarten Nature Park, e of Belluno e o Three Peaks Nature Park.

Por todas estas características que não só embelezam a região, mas também lhe atribuem atributos de valor fulcrais para o desenvolvimento de várias atividades e desportos ao ar livre, esta acaba por ser muito procurada para estas práticas desportivas e para o Turismo Ativo, Turismo de Aventura e Turismo de Natureza. Para muitos ciclistas as montanhas de Dolomites são consideradas uma das melhores zonas de ciclismo dos alpes, em virtude das suas paisagens e vales que proporcionam passeios com subidas e descidas emocionantes que se elevam acima dos 3 000 metros.

Esta região acolhe ainda diversos e grandes eventos do ciclismo profissional mundial, como é de destacar o Giro d'Itália (uma das três grandes voltas do ciclismo mundial), o que é uma excelente mostra para promover o subproduto na região, justamente porque sendo este um dos palcos mais decisivos desta importante competição, inúmeros aficionados ficam com os Dolomites no seu imaginário ao visualizarem os seus ídolos na televisão em grandes batalhas pela *maglia rosa*², o que os leva a quererem experimentar as mesmas subidas e percursos míticos da história do ciclismo. Com isto nasceram também muitos eventos amadores de cicloturismo, como é o caso da Maratona de Dolomites (granfondo), considerada, por muitos apaixonados desta prática desportiva, como a rainha de Itália, ou a South Tyrol Dolomiti Superbike.

A par disto a região oferece ainda uma grande variedade de itinerários devidamente limpos e conservados para todos os níveis de dificuldade, com percursos que oferecem desde características mais exigentes (para profissionais) a percursos de uma ótica de lazer pura. Neste aspeto, Dolomites.org (s.d.b) aponta a ciclovia de 105 quilómetros Pustertal cycle path, os percursos de BTT Dobbiaco - Cortina cycle route e Latemar circuit e o trilho de downhill Plose Single Trail 'Flow, com 6.6 quilómetros e quase 1000 metros de desnível negativo.

² camisola que enverga o vencedor da competição.

Para tornar a experiência mais enriquecedora existem um conjunto de iniciativas de serviços públicos ou privados que fazem da região uma zona competitiva e diferenciadora, nomeadamente através da disponibilização de outros percursos para além dos mencionados anteriormente, infraestruturas de apoio, equipamentos como bicicletas de qualidade alta das mais variadas vertentes e até mesmo bicicletas elétricas (*E-Biking*) para aqueles que procuram visitar locais mais exigentes, mas de forma mais fácil. Além disto os passeios podem ser acompanhados por guias locais altamente qualificados e conhecedores de toda a zona o que proporciona ao turista/cliente uma experiência enriquecedora com elevada confiança e segurança.

Dolomite Mountains (s.d.a, s.d.b, s.d.c. e s.d.d) é uma das empresas sedeadas na região, oferecendo inúmeros produtos, de entre os quais estão vários *bike tours* de dias sucessivos para as vertentes de estrada, BTT e E-Bike. Disponibilizam ainda serviços de *transfers* e de bagagem. Muitas outras empresas sedeadas nos mais variados locais do mundo oferecem os Dolomites nos seus produtos.

Para além dos serviços específicos de ciclismo, a região é ainda rica em alojamento, sendo que estes se destacam pela sua diversidade e qualidade, podendo o turista pernoitar em chalés e apartamentos luxuosos, hotéis de charme, hotéis de 3 estrelas, refúgios e agroturismo. Muitos destes evidenciam-se por serem *bike friendly*, algo fundamental para quem realiza percursos e itinerários de vários dias. Os serviços de animação turística estão, de forma geral, em comunhão com os serviços de alojamento, fornecendo pacotes mais abrangentes e atrativos para os turistas.

Teixeira (2016), uma amante do ciclismo, caracteriza a região de forma positiva, destacando a sofisticação no atendimento ao turista, bem como os hotéis requintados, gastronomia rica e uma comunidade local que é hospitaleira.

O verão é a época do ano ideal para os ciclistas, sejam estes de estrada ou BTT. Contudo, como refere a Italy Bike Tour (s.d.), associação que promove cicloturismo na Itália, o inverno é também uma época do ano procurada para a prática desta atividade através das *fat bikes*. Desta feita, as Dolomites, em virtude da sua paisagem única, rica e diversificada, bem como a potencialidade dos seus recursos geológicos e geomorfológicos, oferecem percursos tradicionais únicos e *tours* personalizados que são contratados pelos turistas e aprovados durante o ano inteiro, incentivando sempre viagens e percursos responsáveis e eco sustentáveis.

Pontos positivos a reter:

- Muita oferta de operadores de serviços específicos;

- Variedade de percursos e itinerários ao longo de todo o ano;
- Qualificação e certificação de todas as entidades turísticas locais;
- Excelente rede de estradas, infraestruturas e serviços de apoio e manutenção;
- Alojamentos eficientes e de qualidade – Bike Friendly;
- Património cultural, histórica e gastronómica;
- Património natural e paisagístico;
- Altitude;
- Passeios eco sustentáveis e responsáveis;
- Eventos de valor no panorama ciclístico mundial;
- Cultura da bicicleta;
- História no ciclismo.

7. DIAGNÓSTICO PROSPETIVO

7.1. ANÁLISE SWOT

Tabela 6 - Análise SWOT

Forças: • A Serra do Açor é um território rico em património natural e cultural; • A Serra do Açor possui valências interessantes para a prática de ciclismo competitivo, recreativo ou turístico (e.g. subidas desafiantes, paisagens); • Hospitalidade dos habitantes da Serra do Açor; • Território rico em pontos de água; • Investimento autárquico nas estradas da Serra do Açor, que estão agora em boas condições; • Este produto pode gerar movimento aos negócios locais e economia na região de forma sustentável; • A Serra do Açor oferece segurança; • A Serra do Açor é uma zona de baixo tráfego e condutores atenciosos para com os ciclistas.	Fraquezas: • Falta de iniciativas e projetos privados na região ligados à modalidade e produto turístico em causa; • Falta de infraestruturas complementares como alojamentos de qualidade e restauração em algumas partes da serra, nomeadamente de segmentos altos; • Projeto que para ser eficaz tem grande dependência de parcerias e apoios de entidades publicas e governamentais; • Poderá haver dificuldades em reter as pessoas, uma vez que o cicloturista procura conhecer novos destinos; • Sazonalidade natural do turismo; • Dureza do traçado dos trajetos da serra.
Oportunidades: • Aumento da procura por práticas de turismo ativo, de turismo desportivo e de turismo na natureza; • Programas de apoio ao investimento no interior do país; • Ciclistas de competição procuram territórios com este tipo de perfil para efetuar estágios e, caso agrade, fidelizam-se; • Reconhecimento das mais valias do produto cicloturismo por parte das entidades gestoras e promotoras; • Os praticantes de ciclismo/cicloturismo são geralmente pessoas com capacidade económica; • Gradual aumento de reconhecimento da Serra do Açor no panorama turístico nacional como destino atrativo; • As bicicletas elétricas (E-Bikes) estão melhor desenvolvidas e mais estabelecidas no mercado.	Ameaças: • A Serra do Açor encontra-se um pouco afastada de aeroportos, tem escassez de redes de transporte e, em alguns locais, de acessibilidades; • A Serra do Açor é vulnerável a algumas catástrofes naturais que assolam o território como incêndios e degradação dos solos; • Outras atividades económicas desenvolvidas no território que se sobrepõem ao cicloturismo; • Problemas demográficos da região que implicam ausência de investimento; • Problemas demográficos que levam à ausência de massa critica.

7.1.1. MATRIZ TOWS

Tabela 7 - Matriz TOWS

Forças e Oportunidades: • Criar as condições necessárias na Serra do Açor para o desenvolvimento eficaz do produto cicloturismo, de forma a aproveitar o aumento da procura por estas práticas. • Beneficiar dos programas de apoio ao investimento no interior do país para desenvolver este produto e promover a Serra do Açor e todo seu território rico em património de interesse para atividades desportivas e na natureza • Aproveitar a riqueza natural e cultural deste território para trazer pessoas à região e gerar economia nos negócios locais de forma sustentável, beneficiando da capacidade financeira dos praticantes deste nicho; • Através do modelo mais abrangente de cicloturismo, oferecer também as condições necessárias para cativar ciclistas de competição que procuram territórios com este tipo de perfil para efetuar estágios, fidelizando-os, de forma que estes ponderem fruir do espaço por diversas ocasiões.	Fraquezas e Oportunidades: • Através dos incentivos e interesse no desenvolvimento do interior do país, canalizar os fundos para um correto investimento em infraestruturas próprias para o efeito, limpeza e manutenção, bem como promoção regular, de forma a criar as condições necessárias para o estabelecimento de um <i>hub</i> para o ciclismo na Serra do Açor, que atrairá mais iniciativas e projetos privados a estabelecerem-se na região ou a oferecerem a mesma no seu cardápio de destinos e atividades; • Cativar as entidades publicas e governamentais através do reconhecimento do aumento da procura por este tipo de turismo e as perspetivas positivas que existem para a projeção do mesmo no futuro; • Igualmente cativar as entidades públicas e governamentais através do reconhecimento de que este é um projeto capaz de gerar contributos positivos no interior do país, algo que é de todo o interesse do país; • Fidelizar ciclistas que procuram um local fixo de treino, de forma a manter uma afluência mais regular ao destino, combatendo alguma sazonalidade e o facto de haver sempre muitos turistas que apenas visitam uma vez. • Aproveitar as E-Bikes serem cada vez mais uma realidade no cicloturismo para facilitar a dificuldade inerente ao traçado duro dos trajetos da Serra do Açor.
Forças e Ameaças: • Sabendo que muitas vezes é o próprio aumento do turismo que leva a que haja maior investimento de um estado nas infraestruturas de determinada região, pensa-se que este projeto pode ajudar à melhoria das acessibilidades e redes de transporte da região, uma vez que trará, de forma consciente, uma maior quantidade de pessoas a visitarem o território. • O próprio aumento de visitantes deverá aumentar o cuidado redobrado para a ocorrência das catástrofes naturais, aumentando a necessidade de ação, o que poderá ajudar a reduzir os problemas existentes; • Gerar ganhos significativos na economia da região a curto, médio e longo prazo, e despertar a atenção das outras atividades económicas para que tenham maior cuidado com as infraestruturas criadas (e.g. quem trabalha na extração florestal ter cuidado em não destruir sinalização e em deixar o terreno no melhor estado possível).	Fraquezas e Ameaças: • Estudar as melhores acessibilidades existentes e procurar a melhor forma de deslocação para cada tipo de visitante (e.g. um turista de segmento <i>premium</i> pode preferir <i>transfer</i> próprio e de qualidade desde o aeroporto, já um turista mais económico e ecológico pode preferir deslocar-se de forma mais consciente utilizando por exemplo comboio ou autocarro); • Analisar bem as problemáticas deste território e efetuar planos de emergência e contingência, alertando, sempre que necessário, as entidades governamentais para agir em resposta à ocorrência de alguma catástrofe natural verificada durante atividades, e ajudando no que possível ao seu combate; • Mostrar às entidades públicas e governamentais da Serra do Açor, que este tipo de projeto poderá trazer retornos económicos importantes e reduzir a dependência que existe noutras atividades económicas mais impactantes para o território.

8. MODELO DE NEGÓCIOS

8.1. PRODUTO

Como abordado anteriormente nesta dissertação são 6 os municípios com território na Serra do Açor (Arganil, Covilhã, Góis, Oliveira do Hospital, Pampilhosa da Serra, Seia), onde se destacam os municípios de Arganil e Pampilhosa da Serra, que possuem a maior porção desta serra. Para além disto, constata-se ainda a existência de 27 freguesias com a sua área total ou parcialmente dentro da Serra do Açor.

Seria interessante cativar todos os municípios desta serra para a criação de uma rede de desenvolvimento turístico intermunicipal e muito especialmente para o cicloturismo, numa fase inicial. Para isso é também igualmente importante estabelecerem-se parcerias com as freguesias (pelo menos as principais), com as entidades promotoras do turismo da região (Turismo do Centro, Aldeias Históricas de Portugal, ADXTUR) e outros agentes de desenvolvimento local (comissões de melhoramentos, baldios, associações, entre outros), pois desta forma seria possível criar um destino mais forte e abrangente, com mais oferta para o turista, bem como enquadrar e organizar num objetivo comum o trabalho de todos os agentes, para além de diluir o orçamento por várias entidades.

Um dos principais problemas verificados ao longo deste estudo, constatado não só no trabalho de campo efetuado, mas também através do contacto com os entrevistados, foi precisamente o facto das responsabilidades sobre as infraestruturas dependerem maioritariamente nos municípios, que muitas vezes ao não obterem rentabilidade no curto prazo deixam as infraestruturas em situações de desleixo e por vezes abandono. As próprias entidades promotoras, não sendo específicas do território, muitas vezes não têm um grande conhecimento de causa, principalmente sobre o atual estado dos percursos, acabando por promover algo que muitas vezes não corresponde à realidade, como percursos que referem existir, mas na realidade muitas partes estão completamente intransitáveis.

Por esse motivo, pensa-se que faria todo o sentido criar uma associação ou empresa de desenvolvimento turístico específica para o território, que ficaria responsável pela gestão de toda esta rede. Desta forma a organização passaria a funcionar como uma entidade gestora e promotora do destino para o setor turístico, trabalhando com estratégia e planeamento focados no desenvolvimento da Serra do Açor como destino turístico.

A médio e longo prazo a visão da entidade seria estabelecer este território e a rede como uma das maiores referências nacionais para o produto cicloturismo e, por consequência, reconhecer esta serra como um destino sustentável no panorama turístico internacional. Para isso a missão do projeto passaria por desenvolver as infraestruturas, monitorizar e manter as mesmas, bem como promover o destino e angariar novos turistas regularmente, ajudando os mesmos em tudo o que for necessário para planearem a sua estadia. A missão desta entidade passaria ainda por apoiar os negócios locais, nomeadamente os relacionados com o turismo ou com a experiência turística, a alavancar a sua atividade.

A ideia inicial do projeto passa por aproveitar as infraestruturas existentes, neste caso os Centros Cyclin'Portugal (BTT) da Serra do Açor (Arganil) e do Casal da Lapa (Pampilhosa da Serra) e respectivos percursos, estabelecendo-se ainda nos mesmos os novos percursos concelhios e intermunicipais anteriormente referidos. Estes dois centros passavam a ser as bases da rede cicloturística, mas o objetivo passava ainda por criar um núcleo secundário em cada concelho, nomeadamente um na Aldeia do Xisto de Portugal Sobral de São Miguel (Covilhã), um na vila de Góis (Góis), um na aldeia de Ponte das Três Entradas (Oliveira do Hospital) e um na aldeia da Vide (Seia).

Cada um dos núcleos teria pelo menos um percurso das vertentes de BTT, estrada e *gravel* associado, para além de poderem ser pontos de partida ou pontos intermédios nas grandes travessias intermunicipais, pois pretende-se desenvolver uma grande travessia não só para a vertente de estrada (anteriormente referida), mas também para as vertentes de BTT/*Gravel*, e ainda outros percursos intermunicipais diferentes e com outro conceito.

Refere-se ainda que em cada um destes núcleos, e nomeadamente nos Centro Cyclin'Portugal base da rede intermunicipal, poderia criar-se condições para o desenvolvimento de uma atividade económica específica, como uma pequena oficina com mecânico e até serviços de *rent-a-bike* ou visitas guiadas. Esses espaços poderiam ser depois concessionados a empresários do ramo para desenvolverem uma atividade que ajudasse a colmatar a falha destes serviços existente na maior parte dos locais do território.

Esta entidade teria então a seu cargo o desenvolvimento desta ideia e também a promoção e gestão da rede e do destino Serra do Açor, onde numa primeira instância se iria focar no produto cicloturismo. Assim, de entre todas as funções da organização, destacam-se as seguintes:

- Criar infraestruturas para a prática desportiva em causa aproveitando património abandonado (e.g. aproveitar casas de guardas-florestais em ruínas e reabilitar as mesmas para refúgios para cicloturistas e caminhantes);
- Reinventar as infraestruturas existentes (e.g. Centros de BTT podem tornar-se em centros ciclísticos e abranger outras vertentes além da todo-o-terreno);
- Estabelecer e marcar percursos concelhios e intermunicipais para as vertentes de BTT (com alternativas para *gravel*) e estrada;
- Criar uma imagem de insígnia para a rede turística da Serra do Açor (logotipo);
- Criar um website apelativo e intuitivo para a rede turística da Serra do Açor, que contemplasse todas as informações necessárias (e.g. percursos, alojamentos, restauração, curiosidades, mapa interativo) para o turista;
- Criar redes sociais para o destino e gerir as mesmas, apresentando conteúdos de interesse com regularidade (fotos de paisagens, informações, campanhas, curiosidades, entre outras coisas);
- Criar uma aplicação para *smartphone* (*app*) à imagem do *website*, onde o turista poderá obter todas as informações necessárias, mas neste caso de forma mais interativa e para uso no terreno durante a atividade;
- Estabelecer parcerias com o alojamento, comércio e restauração local, com o intuito de cativar e formar os mesmos no sentido de oferecer condições especiais para os cicloturistas (e.g. pequeno-almoço mais cedo, cardápios mais variados, criação de espaços próprios para bicicletas, disponibilização de algumas ferramentas, possuírem algum material de desgaste rápido em stock, entre outras);
- Estabelecer parcerias com empresas de animação turística e agências de viagens especializadas neste produto, de modo a fomentar a comercialização do destino por parte destes;
- Elaborar novos produtos a oferecer (e.g. *training camps* ou estágios, escapadinhas, entre outros) e desenvolver campanhas promocionais para os mesmos. Para isto a entidade trabalharia como agência de viagens;
- Efetuar serviços de guia e liderança de grupos de cicloturistas;
- Efetuar ações de promoção do destino (vídeos ou *vlogs* para Youtube, reportagens para revistas da especialidade, convidar atletas ou equipas profissionais e *influencers* do meio, entre outras coisas);
- Concretização anual de dois eventos cicloturísticos de grande impacto;
- Elaboração de uma iniciativa por mês como por exemplo passeios leves educativos e culturais, para os mais competitivos segmentos *online* onde se estabelece um

determinado percurso e durante um período de tempo (e.g. uma semana) o praticante pode vir ao destino tentar fazer o seu melhor, entre outras ideias;

- Pesquisa contínua de novas tendências do turismo e do mercado ciclístico;
- Fiscalizar sistematicamente os percursos, proceder à manutenção dos mesmos ou informar os turistas acerca de alterações em rotas (e.g. no caso da vertente de estrada, alguma via pode estar encerrada para obras);
- Contacto regular com os *stakeholders* parceiros a fim de perceber o desenvolvimento da sua atividade e problemas existentes, de forma a trabalhar no sentido de preencher lacunas;
- Procurar sistematicamente novas formas de cativar investidores e empresários turísticos para a região e ajudar os que já operam no território, através da pesquisa dos instrumentos financeiros e legais (e.g. leis, apoios e incentivos) que possam auxiliar o desenvolvimento de atividades e iniciativas (e.g. empreendedorismo, eventos) na Serra do Açor;
- Aliciar atletas e equipas profissionais não europeus das várias vertentes do ciclismo a estabelecerem-se na região durante parte da temporada competitiva na Europa.

Caso se opte pelo modelo empresa, para além de toda a gestão e promoção do destino, esta teria ainda CAE de operadores turísticos, RNAAT e RNAVT, e como tal poderia trabalhar diretamente com o turista. Neste caso seriam disponibilizados vários serviços diferentes, desde a organização de atividades guiadas ou *self guide* de apenas um dia sem necessidade de anexar serviços de terceiros, até à criação de pacotes tudo incluído para durações superiores, juntando restauração, alojamento, *transfers* (possibilidade de ser desde o aeroporto) e os seguros naturais que envolvem este tipo de atividades e que são obrigatórios para obter os registos anteriormente mencionados.

Por fim é de mencionar que a conceção de uma rede para o cicloturismo na Serra do Açor traz também o potencial para o desenvolvimento em rede de outros produtos turísticos fortes deste território e, desta forma, poder-se-ia alargar o âmbito deste projeto para algo mais abrangente, criando a marca Serra do Açor. Neste aspeto refere-se que, após ou durante a implementação eficaz e bem-sucedida do produto cicloturismo, a entidade criada para gerir a mesma pode progredir com o estabelecimento de outras formas de turismo ativo ou desportivo (e.g. trail running), nomeadamente se houver meios para isso (novos colaboradores e orçamento para tal).

Contudo pensa-se que o foco deve começar sempre por uma especificidade, que neste caso seria o produto cicloturismo, e posteriormente, com as condições criadas e a entidade a

funcionar com sucesso, com atividades a fluírem naturalmente e o destino a ficar reconhecido, mais facilmente se pode avançar para o desenvolvimento de outros produtos. Julga-se que arrancar este projeto com diversos produtos turísticos em simultâneo poderia ser um erro, atendendo a uma possível sobrecarga dos recursos operacionais disponíveis numa fase inicial.

8.2. PREÇO

No caso da criação de uma associação o preço não é algo que se aplique diretamente ao cliente uma vez que esta apenas iria ser uma facilitadora de informação ao turista, criando programas, iniciativas e ajudando no que seja possível, mas sem comercializar nada. As fontes de rendimento passariam então a ser provenientes de meios como:

- Quotas de associados e parceiros (e.g. anuidade ou mensalidade a sócios e parceiros);
- Cobrança de uma franquia às autarquias pelos serviços de manutenção dos percursos e infraestruturas, bem como apoios para a organização de eventos;
- Apoios governamentais;
- Lucros provenientes da organização de eventos (e.g. patrocínios, inscrições de participantes);
- *Merchandising*.

No caso da criação de empresa em vez de associação já seria possível comercializar os programas efetuados, na forma de pacotes turísticos, e assim, para além dos mesmos rendimentos que se obteria como associação e que foram apontados anteriormente, seria possível obter mais valias através das vendas aos clientes e comissões na venda de serviços de terceiros (e.g. alugar uma bicicleta pode ter um valor final para o cliente, mas uma percentagem dessa verba reverte para a entidade).

Sendo que a ideia deste projeto passa por gerar economia nos negócios locais, pretende-se subcontratar ao máximo serviços e equipamentos a empresas da região, acrescentando depois a entidade um guia/líder de viagem próprio. Assim, os preços cobrados seriam principalmente para cobrir as despesas de equipamentos e serviços subcontratados (e.g. bicicletas, *transfers*, alojamento, refeições ou mão de obra como mecânico e massagista) com uma pequena margem desse valor a reverter para a empresa (comissão). Além disso, acrescentar-se-ia ainda o valor para cobrir o serviço de liderança e guia de viagem, sendo esse diretamente para a empresa.

8.3. DISTRIBUIÇÃO

Partindo do pressuposto da criação de uma associação ou empresa responsável pelo desenvolvimento de uma rede para o cicloturismo na Serra do Açor a distribuição seria feita recorrendo tanto a canais de venda diretos como a canais de venda indiretos.

No que diz respeito a canais de venda diretos estes significam que será a própria a realizar a venda do seu produto, sem intermediação de terceiros. Para isso seria fulcral a criação de um *website* institucional atrativo e intuitivo, próprio para promover a rede, onde o turista poderia planear toda a sua viagem, coletando os *tracks* GPS dos percursos, os locais onde existe alojamento, restauração, os serviços complementares importantes, imagens e fotografias da região e efetuar reservas.

Para além disto e ainda nesta tipologia de distribuição, também é possível efetuar a aquisição dos serviços através de e-mail, telefone ou com recurso às várias redes sociais da entidade, pois pretende-se ter uma presença assídua nas mesmas.

A associação/empresa também recorrerá à utilização de canais de venda indiretos e, neste caso, os pacotes seriam vendidos por outra entidade. Desta forma, no que se refere a este tipo de distribuição, desde logo destaca-se as atividades efetuadas na Serra do Açor por outras empresas de animação turística e agências de viagens que, como referido anteriormente, seriam convidadas a oferecerem o destino no seu cardápio.

Outros exemplos de canais de venda indiretos estudados são os próprios municípios, as juntas freguesia e outras entidades promotoras do turismo parceiras como as Aldeias Históricas de Portugal, o Turismo do Centro de Portugal ou o Turismo de Portugal.

Ainda referente a canais de venda indiretos, e principalmente no caso da criação de uma empresa, poderá aderir-se a plataformas *online* de reservas para experiências turísticas como o Get Your Guide, a Airbnb Experiences, a Holidaysenses.com, a Viator, a Civitatis.com, a Tourradar.com e até algumas mais concretamente dedicadas a *bike tours* como a BookCyclingHolidays, a Biketours.com ou a BajaBikes.com.

8.4. COMUNICAÇÃO

Quanto à comunicação e no âmbito deste projeto poderão ser utilizadas tanto as estratégias pull como as estratégias push.

As estratégias pull consistem no envolvimento da associação/empresa com a comunidade através de promoção pessoal, o que significa que é esta que divulga a sua atividade e produtos diariamente, neste caso com recurso às redes sociais (Facebook e Instagram) e o website da rede turística num primeiro instante.

Será por esta via que vão ser partilhadas com o público várias informações sobre a atividade da entidade, como por exemplo imagens sobre os percursos disponibilizados, alojamentos, restauração, empresas a operar o destino, momentos com os turistas (identificando os mesmos nas publicações), artesanato e gastronomia tradicional dos locais visitados, bem como a atividade dos produtores locais, entre outros conteúdos surgidos no decurso do tempo.

O Facebook destaca-se por ser uma rede social mais textual, sendo interessante para realizar publicações mais detalhadas, em que o destaque principal não seja apenas a imagem, mas sim o conteúdo escrito. Assim, o Facebook servirá sobretudo para vendas e partilha de informação mais formal. Adicionalmente pretende-se ter presença regular em grupos de Facebook dedicados a temas relacionados com a atividade da associação/empresa, até porque na verdade estes grupos constituem boas formas de criar algum engajamento com comunidades específicas que procuram este tipo de produtos.

Já o Instagram serve para conteúdos mais visuais e informais, podendo ser usado na perspetiva de partilhar o dia-a-dia do projeto com a população, por intermédio de fotos, pequenos vídeos rápidos de até 1 minuto, *stories* ou *reels*. Dentro do Instagram existe ainda uma plataforma denominada de IG TV, onde é possível carregar vídeos com maior duração. Segundo Nogueira (2019) esta rede social requer um menor grau de envolvimento do utilizador e permite a construção de uma imagem atraente do destino, com recurso a estímulos que não são muito complexos, e, por esse motivo são fáceis de processar.

As redes sociais e o website serão ainda um meio de comunicação com o público, através dos comentários, das mensagens privadas, ou até mesmo inquéritos sobre a atividade. Neste aspeto menciona-se ainda outros canais de comunicação direta como o correio eletrónico, o telefone e o telemóvel da associação/empresa e pelos quais é possível também realizar algumas manobras de divulgação, nomeadamente através do e-mail, com o envio de campanhas promocionais, novos eventos ou até mesmo newsletters. É importante conseguir responder sempre, e o mais brevemente possível, a quem contacta, seja de que forma for, à procura de informações.

Como referido anteriormente, a criação de um *website* institucional atrativo e intuitivo será uma mais-valia fulcral para o projeto e uma forma importante de comunicação com o cliente, uma vez que neste será possível disponibilizar mais informação sobre os produtos e apresentar a mesma de forma organizada, sem que se percam os dados principais num *feed* de notícias e sem que o cliente tenha de perder muito tempo à procura de algo, o que sucede nas redes sociais.

Outra plataforma de estratégia *pull* que a associação/empresa poderá utilizar é o Youtube, efetuando *vlogs* regulares, contendo um pequeno vídeo sobre o dia-a-dia na região e dos turistas nas várias atividades executadas, ou por exemplo de um trabalho de manutenção de um trilho, marcando sempre com especial atenção os momentos mais alegres e relevantes. Para esta plataforma a associação/empresa poderá ainda contratar esporadicamente uma empresa especializada na produção audiovisual para efetuar vídeos promocionais apelativos, vídeos esses que podem ser partilhados também nas redes sociais da rede. Se forem muito apelativos, por certo que o público no geral irá também ele partilhar e dessa forma atingiremos mais pessoas.

Seria interessante também a criação de uma *magazine* anual visualmente apelativa, onde seriam colocadas várias curiosidades sobre o destino, descrição de atividades com imagens atrativas de percursos, de negócios locais, de pessoas populares da região, de momentos vividos pelos praticantes ou pelos trabalhadores da rede na preparação dos trajetos e ainda de eventos, bem como entrevistas a especialistas e praticantes reconhecidos, entre outras ideias. Esta revista poderia depois ser enviada para os visitantes que já tenham contactado a associação/empresa e que deverão estar nas bases de dados, mas também poderia ser disponibilizada no website para qualquer pessoa solicitar o seu exemplar (via e-mail pois a revista seria digital) ou até nas redes sociais do projeto.

A associação/empresa tem ainda intenção de realizar com regularidade pequenas iniciativas de cicloturismo, o que pode ser também uma oportunidade de comunicação com o público e promoção, sendo algo que, como se mencionou anteriormente, se pretende desenvolver mensalmente (no caso das iniciativas de menor dimensão). Já os eventos de cicloturismo de maior dimensão, se forem bem-sucedidos, podem ser uma excelente forma de divulgar a região especificamente para o produto turístico em causa, bem como estabelecer relações importantes com entidades de interesse para o projeto.

A presença em feiras direcionadas para o turismo poderá ser também uma forma importante de chegar a novos públicos e de estabelecer contactos importantes, sendo também uma forma de comunicação direta a estudar. Assim como a presença em feiras específicas do turismo

a entidade poderá ainda procurar promover-se junto de programas de televisão que dão a conhecer as regiões (e.g. programas de festas, programas de turismo).

Quanto às estratégias *push*, estas solicitam o envolvimento de terceiros no processo de comunicação do projeto. Neste caso desde logo destaca-se o trabalho em parceria com os vários canais de distribuição indiretos anteriormente relatados. As empresas, ao oferecer este destino no seu cardápio, passam também elas a funcionar como promotoras da região e a comunicar a mesma através da divulgação dos seus pacotes.

Os municípios da Serra do Açor, bem como as respetivas freguesias, poderão também ajudar neste aspeto, através da partilha da rede nos seus websites e plataformas específicas para o turismo. As entidades promotoras do turismo em Portugal e na região (e.g. Turismo do Centro, Turismo de Portugal) são canais de promoção indiretos importantes, sendo fulcral também neste aspeto o estabelecimento de parcerias e o contacto regular, tanto com as autarquias, como com as entidades promotoras do turismo.

Outra forma de estratégia *push* que a entidade poderá utilizar consiste na colaboração em parceria com *influencers*³ específicos deste mercado e oferecer os seus serviços aos mesmos, para que usufruam em troca de promoção nas suas redes sociais, o que pode ser uma forma alternativa de atingir os turistas.

Neste aspeto e tendo em conta o produto turístico em causa, refere-se que poderá ser interessante patrocinar atletas ou equipas profissionais de ciclismo ou BTT e oferecer condições para que estes se estabeleçam no território esporadicamente (em períodos de treino de maior carga e intensidade), de forma que possam fruir da zona para treinar, ao mesmo tempo que a divulgam através dos seus meios de comunicação particulares.

A entidade poderá procurar também realizar entrevistas com revistas e afins, oferecendo até estadas a jornalistas/repórteres específicos do mercado das bicicletas (e.g. Cycling Weekly, GCN) para que estes efetuem os seus reviews.

Será estratégico considerar os próprios turistas como uma forma de promoção, uma vez que estes tendencialmente partilharão fotografias e vídeos com os seus amigos através das redes sociais, o que ajuda a criar vontade e apetência para que outros queiram experimentar.

³ Indivíduo que utiliza as redes sociais para partilhar conteúdos e influenciar outros indivíduos. Um *influencer* possui uma quantidade elevada de seguidores.

8.5. PROCEDIMENTOS

Toda esta ideia apenas fará sentido se o trabalho for continuado mesmo após a implementação das medidas e condições iniciais, pois não basta criar as infraestruturas, é necessário a monitorização regular das mesmas, nomeadamente em produtos turísticos como este que envolvem a fruição de espaços naturais que estão constantemente à mercê de alterações de ordem natural, ou até humana.

Desta forma o projeto prevê a elaboração de um muito sintético, mas eficaz, código de procedimentos e sua monitorização, incidindo muito especialmente na gestão da manutenção das infraestruturas e na sua periodicidade e controle.

Este código estabelecerá a forma e o conteúdo, especificando com detalhe que tipo de assistência, que periodicidade, quem é responsável e quem controla e como. O objetivo que se pretende atingir é que estas práticas de gestão entrem em rotina diária o que se atingirá se o rigor for elevado na fase de implementação do projeto.

No limite, e caso no futuro exista algum percurso degradado, os procedimentos estabelecidos e respetivos registos permitirão de imediato identificar a falha, constituindo esta forma de atuar no dia-a-dia uma tomada de responsabilidade individual e coletiva que o código de procedimentos implica e permite atingir.

Na verdade, o simples fato de um operador de campo ser obrigado a preencher uma ficha regular descritiva do seu trabalho e da sua intervenção implica que a sua responsabilidade está assumida.

A ausência de um código de procedimentos muito estrito e rigoroso constitui-se em algo muito perigoso para o praticante, podendo denegrir a imagem e credibilidade do destino (e.g. o praticante encontrar obstáculos em zonas sem visibilidade). Por esse motivo os procedimentos deste projeto passam desde logo por uma contínua e sistemática monitorização dos percursos, bem como uma correta e eficaz manutenção dos mesmos.

Mas a monitorização vai mais além de apenas verificar percursos e manter os mesmos funcionais, uma vez que é necessário também manter contato com os parceiros do projeto e ouvir o que as várias partes envolvidas têm a dizer, melhorando permanentemente potenciais lacunas.

Igualmente é necessário inovar, desenvolvendo-se novos produtos comercializáveis (estágios, escapadinhas, rotas *bike packing*, entre outros), novas iniciativas, novos desafios, novos

eventos, novas rotas, entre outros desígnios e promover tudo isto, algo que requer um processo contínuo, carecido de monitorização e do trabalho de alguém.

Neste aspeto é também muito importante o trabalho em conjunto com várias entidades gestoras do território, tais como as comissões de compartes dos baldios existentes, as comissões de melhoramentos, as câmaras municipais, as juntas de freguesias, o Instituto da Conservação da Natureza e Florestas, a Associação de Desenvolvimento Regional Serra do Açor (ADESA), a Associação de Desenvolvimento Integrado da Beira Serra (ADIBER), os Guardas Florestais, a Proteção Civil e também com outros envolvidos que laborem no território em questão, de forma a compreender melhor as necessidades das populações envolvidas, os terrenos que devem ser mais resguardados, mas também para que possa haver uma troca de informação sobre a ocorrência de alguns problemas (início de incêndios, destruição de trilhos e sinalização, etc.) para mais rápida atuação.

Em suma, após todas as implementações iniciais referidas no subcapítulo dedicado ao produto, os procedimentos a desenvolver de forma a entrarem em rotina, permanente e constante, devem visar assegurar que a estrutura, a entidade e todo o coletivo são capazes de assegurar em carácter permanente o seguinte:

1. Monitorização constante dos percursos;
2. Limpeza e manutenção dos percursos de forma a assegurar a segurança dos praticantes;
3. Efetuar ações de promoção do destino;
4. Criar conteúdos regulares nas redes sociais;
5. Atualização do *website* e da *app* com novas informações ocorridas no decurso da atividade;
6. Presença em feiras de turismo, programas de televisão, entre outros;
7. Procura constante de novos clientes;
8. Contacto com o turista: Responder a todas os contactos estabelecidos pelos clientes das mais variadas formas, procurar manter relação com turistas que já recorreram à rede de forma a promover novas ofertas, estar sempre disponível em caso SOS para quem esteja em atividades na serra;
9. Manter as parcerias com os negócios turísticos locais e procurar perceber as dificuldades existentes, apoiando no necessário;
10. Efetuar formação aos *stakeholders* locais, parceiros da rede, para melhorarem a oferta dos seus serviços tendo em conta as especificidades deste tipo de produto;

11. Procura sistemática e continua de instrumentos financeiros e legais (e.g. leis, apoios e incentivos) que possam auxiliar o desenvolvimento de atividades e iniciativas (e.g. empreendedorismo, eventos) na Serra do Açor;
12. Estar a par das novidades no mercado turístico e procurar estar sempre na vanguarda do setor;
13. Procurar novas rotas para comercializar, com oferta de outro tipo de atividades complementares;
14. Organizar e promover com regularidade pequenas iniciativas distintas nos mais variados locais da Serra do Açor, de forma a levar pessoas a experimentarem um pouco mais do que a serra tem para oferecer, divulgando ao mesmo tempo o destino;
15. Organizar pelo menos dois eventos de maior destaque por ano, como forma de promover a região de uma forma mais intensificada e trazer uma mancha maior de pessoas a consumir no comércio local e fruir dos negócios relacionados com o turismo.

8.6. QUALIDADE E SATISFAÇÃO

A qualidade do destino depende desde logo da correta aplicação dos procedimentos anteriormente referidos. Com as infraestruturas criadas, percursos atrativos sempre transitáveis, os negócios turísticos locais a oferecer nas suas instalações as condições necessárias para as especificidades deste tipo de turista, bem como os respectivos recursos humanos devidamente formados para saber ajudar da melhor forma possível o visitante, por certo que a qualidade do destino aumentará significativamente.

De qualquer forma, há que ter em atenção que a função qualidade nos dias de hoje é não só mensurável, como também perfeitamente definida e enquadrada. Para conseguirmos assegurar então uma gestão da qualidade de forma permanente, coerente e eficaz, necessitamos de criar um manual da qualidade que abranja toda a ação da entidade e que balize a sua atividade de forma consistente e criteriosa.

Um manual de qualidade para ser efetivo deve resultar do contributo de todos os envolvidos, no sentido de ser adotado por toda a equipa, mas tem de ter balizas definidas, normalmente pelas normas em vigor, ou seja deveremos garantir que se cumprem as normas legais e técnicas, com procedimentos adequados, enquadrados num sistema de gestão, com equipas motivadas e que no final permita identificar com rapidez o que falhou e quem foi responsável, sempre que se detete uma não-conformidade.

É assim que em paralelo com a implementação do projeto no terreno, deve avançar a elaboração de um código de procedimentos incluído num manual da qualidade, que resulte do contributo de todos e que seja catado por todos.

Esta forma de atuar permite a certificação internacional da entidade, seja por normas ISO, ou por outras aplicáveis e naturalmente que uma certificação deste tipo constitui em si mesmo uma enormíssima mais-valia.

O fato de o lançamento do projeto acompanhar em simultâneo a função qualidade torna muito mais simples pois todos os sistemas entram nos hábitos e gestos correntes, o que constitui a meta ideal de qualquer plano de qualidade.

Para além disto, com a correta implementação do produto, canais de venda, estratégia de comunicação e dos procedimentos, o destino tornar-se-á mais atrativo e por consequência mais reconhecido. Certamente que isso será um fator decisivo para cativar novos investidores, algo importante para colmatar a escassez de alguns serviços, nomeadamente em algumas áreas mais remotas da serra (e.g. falta de alojamento de qualidade, falta de serviços de reparação). Para isso, e como se refere nos procedimentos, a entidade deve também ser um agente de apoio aos potenciais interessados em investir na região, por um lado através da procura sistemática e continua de instrumentos financeiros e legais que possam auxiliar o desenvolvimento de atividades e iniciativas na Serra do Açor, bem como identificação de oportunidades para preencher lacunas, e por outro através da formação a estes agentes. No fundo neste aspeto a entidade trabalharia como consultora.

Tudo isto ajudaria a aumentar a qualidade dos destinos, e isso seria parte importante para obter a satisfação do turista. Mas os atributos positivos das infraestruturas, percursos e dos serviços não serão os únicos elementos importantes para a valorização por parte do visitante. Os procedimentos de procura constante de novos turistas e o contacto com os mesmos, respondendo a todas as formas de contacto estabelecidas pelos clientes, esclarecendo todas as dúvidas existentes e ajudando no planeamento da viagem, bem como estar disponível para quem se encontre em atividades na serra, serão por certo fatores fulcrais para aumentar a satisfação do turista, e, por conseguinte, a sua segurança no destino.

Por fim, a entidade deverá ainda procurar manter relação com turistas que já recorreram à rede e visitaram a região, criando uma base de dados, que serviria depois para promover novas ofertas do destino, e também para ter uma maior perceção da opinião do turista sobre a sua experiência, podendo obter informações importantes para melhorar possíveis lacunas. Isto seria

possível através da elaboração de um inquérito de satisfação pós atividade. Naturalmente que a experiência acaba por ser um fator importante para melhorar, e, mesmo que tudo seja feito ao pormenor logo de início, é natural que no decurso da atividade surja sempre algo que se pode fazer melhor, e por esse motivo a opinião de quem está no terreno a vivenciar o destino na ótica do turista deve ser sempre considerada.

8.7. RECURSOS HUMANOS

Para que esta ideia tenha sucesso necessita de profissionais capazes e apaixonados pelo projeto, que pretendam com isto não só construir uma carreira, mas também trabalhar com vontade e orgulho em contribuir para o desenvolvimento de um destino turístico e de uma região que enfrenta graves problemas demográficos e que carece de iniciativas que fixem jovens.

Numa fase inicial, no topo deste projeto pretende-se estabelecer uma equipa de gestão composta por duas pessoas, sendo uma delas dedicada à gestão administrativa, encarregue pela orientação de todo o trabalho de escritório e a outra à gestão de operações, responsável por todas as tarefas ocorridas no terreno, que vão desde a monitorização e manutenção de percursos, a visita a *stakeholders* do projeto, entre várias outras tarefas.

Posteriormente, a força humana passa pelo apoio aos cargos de gestão, por um lado pessoal administrativo e por outro pessoal operacional. No que diz respeito a pessoal administrativo temos dois criadores de conteúdos especializados em *Marketing* Digital e um *Web Developer*, encarregues pela comunicação regular da entidade nas redes sociais e atualização do *website*.

Já o pessoal operacional consiste em dois trabalhadores florestais praticantes de BTT e com sensibilidade de utilizador, que inicialmente estariam encarregues de apoiar o gestor na tarefa de monitorização de percursos, limpeza e manutenção de trilhos, construção de novas rotas e trajetos, entre outros (e.g. abrir trilhos, construir pontes, *drops*⁴ e saltos). Estes profissionais de terreno poderiam ainda ser formados a médio prazo para Guias Interpretes Regionais e para a liderança de grupos, pois tendo conhecimento elevado dos locais e das suas especificidades, serão por certo as pessoas indicadas para esse serviço.

Por fim, entre o pessoal administrativo e o pessoal do terreno encontram-se os prospetores/comerciais, que tanto podem estar a trabalhar no escritório, atendendo diretamente os

⁴ Um termo utilizado na gíria do BTT para descrever um desnível entre terrenos que leva o praticante a efetuar um salto.

turistas e parceiros, mas também poderão estar no terreno a visitar *stakeholders* ou em representações (e.g. feiras de turismo, programas de televisão, agências de viagens, congressos, entre outros).

Posto isto, de seguida apresenta-se o organigrama da estrutura de Recursos Humanos (figura 4) para uma fase inicial da atividade da entidade, que pretende clarificar melhor tudo o que se mencionou anteriormente.

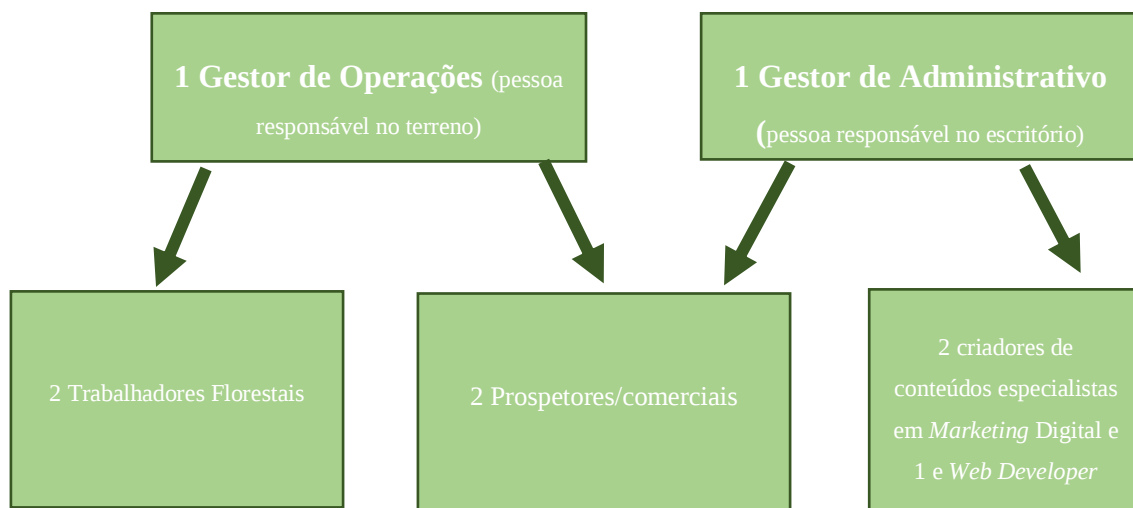


Figura 3 - Organigrama de funções

Para além de tudo isto refere-se ainda a opção de subcontratar serviços a pessoal externo à entidade sempre que necessário, nomeadamente para a organização de eventos e outro tipo de ocasiões que necessitem de maior força humana. Neste ponto, a hipótese de voluntariado também poderá ser equacionada, no entanto, sendo este um projeto que pretende ser sustentável em todos os eixos, prefere-se sempre criar algum valor nas pessoas da terra, retribuindo de alguma maneira a ajuda.

8.8. EVIDÊNCIAS FÍSICAS

Em relação às evidências físicas, isto é, todas as infraestruturas tangíveis que o projeto precisaria para desenvolver a sua atividade, refere-se a necessidade, num primeiro instante, dos seguintes instrumentos:

- Duas carrinhas para deslocações em serviço (e.g. monitorização de percursos, transporte de ferramentas para manutenção de percursos, visita a *stakeholders*);

- Escritório sede em alguma incubadora da região (e.g. Centro empresarial de Arganil);
- Material multimédia administrativo (e.g. computadores, telefones, impressoras);
- Aparelhos GPS para estabelecer percursos e para orientação;
- Material de multimédia para filmar e fotografar de forma a criar conteúdos regularmente e promover o destino;
- Ferramentas para abrir e limpar trilhos (e.g. roçadeira, moto serra, sachos, pás).

No caso de se optar pela criação de uma empresa em alternativa à associação, volta a destacar-se a preferência, sempre que possível, pela subcontratação de equipamentos e serviços externos a empresas locais, de forma a desenvolver economia nesses negócios. Por esse motivo, pensa-se que inicialmente não será necessário a aquisição de mais infraestruturas para além do que foi mencionado, contudo, esta questão dependeria sempre do investimento feito por terceiros.

Assim, caso a oferta seja insuficiente, a empresa poderia atrair empresários regionais do ramo a investirem nas infraestruturas necessárias ou angariar novos investidores não regionais, e dessa forma colmatar as lacunas de serviços específicos ou complementares do cicloturismo, porventura aproveitando algum património regional abandonado (e.g. as antigas casas dos guardas-florestais). Caso não fosse possível cativar outros investidores, a empresa poderia equacionar assumir alguns destes investimentos. Nesse caso, a aquisição de uma carrinha de 6 a 7 lugares com bagageira, atrelado oficina com WC e espaço para o transporte de bicicletas e utensílios (e.g. uma *roulotte* caravana reformulada), bicicletas de BTT, estrada e E-Bikes de gama média-alta, bem como a expansão da sede (aquisição ou aluguer) para um espaço que para além de escritórios permita armazenar as bicicletas, viaturas e efetuar a manutenção dos mesmos (e.g. garagem ou armazém) poderão ser investimentos necessários.

8.9. OBJETIVOS DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

No que toca à responsabilidade social desta empresa, a mesma teria desde logo contributo ativo em vários objetivos de desenvolvimento sustentável das Nações Unidas. Destacam-se os objetivos 8 – Trabalho digno e crescimento económico, 11 – Cidades e comunidades sustentáveis e 17 – Parcerias para a implementação dos objetivos, uma vez que este projeto pretende trazer retorno económico aos negócios locais, criar oportunidades para os habitantes da região e promover o uso de um meio de transporte ecológico. Por esse motivo, a entidade a criar pretende sempre que possível recorrer a serviços externos (e.g. alugar bicicletas elétricas a uma empresa local em vez de comprar).

Para além disto o projeto contribuirá também ativamente para os objetivos 12 – Produção e consumos sustentáveis, 13 – Ação climática e 15 – Proteger a vida terrestre, desde logo porque este pretende promover uma forma ecológica de realizar turismo, com menor impacto nas deslocações. Ainda é intuito deste projeto divulgar constantemente, através da partilha de informações das mais variadas formas, a relevância da preservação da natureza e a importância de praticar-se turismo de baixo impacto aquando da fruição destes espaços, bem como combater alguns problemas existentes neste tipo de territórios (e.g. espécies invasoras).

Pretende-se também, não só durante as atividades, mas também através das várias redes sociais, educar o visitante para a valorização dos recursos da terra e para um futuro mais sustentável, e por isso pode considerar-se que a ideia poderá ainda ser contribuir para o objetivo 4 – Educação de qualidade. Neste aspeto educacional, salienta-se ainda a possibilidade de alguém da equipa da entidade poder deslocar-se esporadicamente às várias escolas primárias, básicas e secundárias do território da Serra do Açor para efetuar aulas sobre a bicicleta, a sua utilização e importância, bem como regras para circular na via pública, alimentando nos mais novos desde tenra idade a cultura da bicicleta. Ainda neste ponto, a entidade poderia para o futuro criar a sua própria academia de ciclismo, dando desta forma uma oportunidade aos jovens da região para experimentarem o ciclismo competitivo, e quiçá daí não se formasse alguma carreira no ciclismo de alta competição.

Por fim, e ainda no que toca à sustentabilidade, será ponto assente que no caso de a atividade ser coroada de sucesso, libertando recursos avultados, avançar-se-á para a aquisição de terrenos em plena serra onde se pretende plantar espécies autóctones, no sentido de a pouco e pouco ir corrigindo os exageros do passado recente no que toca à plantação de espécies invasoras. Outro aspeto a realçar e que se reputa de importante é o facto de que este projeto, ao trazer pessoas a circular regularmente no território nas áreas mais remotas, poderá ter um papel importante também no controlo de incêndios e outras catástrofes mencionadas anteriormente, uma vez que estes praticantes constituem um corpo vigilante e preventivo extra, podendo avistar prematuramente as ocorrências e das mesmas alertar atempadamente os meios de emergência.

9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

9.1. SÍNTESE CONCLUSIVA

Ainda numa fase inicial do trabalho foi estipulada a grande questão que baseou todo este projeto e que é a seguinte: “Poderá a Serra do Açor vir a ser um destino cicloturístico de excelência internacional?”.

Para chegar a uma resposta houve necessidade de estabelecer outras perguntas secundárias, sendo estas denominadas de questões de investigação, as quais se citam de seguida: “Que valências existem na Serra do Açor para a implementação estratégica e eficaz do produto cicloturismo?”, “Que medidas deverão ser tomadas a fim de cumprir esse desiderato e criar um destino de referência no panorama internacional?”, “Que retorno traria a implementação deste produto para a Serra do Açor e região?”, “Será rentável a implementação de uma rede cicloturística consistente e bem fundamentada neste território?”. Estas questões foram criadas para ordenar as linhas de pensamento de toda a realização do projeto para aquilo que de facto importava reter no final de todo o estudo.

Assim, finalizando-se todo o processo de execução da presente dissertação, chega o momento em que se prestam as devidas conclusões acerca do tema proposto e com isso pretende-se também responder a todas estas questões levantadas numa fase inicial.

Através de todo o trabalho de pesquisa realizado, que permitiu não só conhecer um pouco melhor o produto em causa, o perfil dos consumidores, outras práticas de sucesso já implementadas, e cruzando todas essas informações com o trabalho de campo, o conhecimento do território em causa e ainda as entrevistas que foram efetuadas, serviu para fortalecer a ideia de que a Serra do Açor apresenta características distintivas para a implementação de um produto turístico baseado na utilização da bicicleta, assente em toda a sua riqueza natural e cultural.

Apesar disto, e sabendo que existem já algumas infraestruturas importantes para o cicloturismo na área da Serra do Açor, reconhece-se, no entanto, algumas lacunas a este nível, nomeadamente em algumas localizações da serra. O foco apenas numa vertente do cicloturismo, a inexistência de serviços de apoio especializados na maior parte da serra, ou até mesmo de serviços que hoje em dia consideramos básicos como redes de comunicação em muitos locais do território, a carência de alojamentos *bike friendly* e em algumas localizações até mesmo de qualquer tipo de alojamento e de restauração, são fatores contraditórios à implementação de um produto turístico baseado na fruição da bicicleta neste território. Contudo, a principal e mais relevante falha está mesmo numa inadequada monitorização, dinamização e promoção das infraestruturas existentes.

Alguns exemplos de boas práticas analisados nesta dissertação mostram que o trabalho em rede pode ser importante para o sucesso de um destino, e com isto pensa-se que a criação de uma rede turística intermunicipal e de uma marca para a Serra do Açor, unindo todos os municípios com área neste território para um fim comum, seria um caminho interessante a percorrer para o desenvolvimento de um destino turístico mais coeso e robusto. Porém, esta rede

não deveria ser criada de forma despropositada, sendo fundamental responsabilizar e profissionalizar uma estrutura inteira pela gestão da mesma, de forma a combater algumas falhas referidas no parágrafo anterior que são verificadas nas infraestruturas específicas já implementadas.

A constituição de uma entidade responsável pelo desenvolvimento turístico da Serra do Açor no seu todo, com atenção privilegiada na correta implementação do produto cicloturismo, seria uma forma interessante de desenvolver esta rede turística intermunicipal. Com uma entidade encarregue de gerir o destino, criando novas infraestruturas e reinventando as já existentes, bem como monitorizando regularmente as mesmas, procedendo sistematicamente à sua limpeza e manutenção, e, para além disto, efetuando iniciativas regulares e dinâmicas, bem como a promoção continua e sistemática do destino e ainda alcançando e canalizando substantivas ajudas a novos investidores, seria por certo um fator chave para colmatar a médio e longo prazo todas as lacunas existentes e colocar a Serra do Açor como um destino de referência para o produto cicloturismo.

Acredita-se que com a concretização deste projeto o território Serra do Açor possa criar um maior reconhecimento neste nicho de mercado, e mais ainda que esse reconhecimento crie novas oportunidades nos negócios locais existentes e traga também mais atratividade para investidores e empresários se estabelecerem no destino com a oferta de novos serviços dos quais a região carece.

Tudo isto por certo que aumentará o fluxo regular de pessoas a consumir na região de forma sustentável, que se traduz num fator fulcral para a economia da região, para as pessoas que nela habitam e nas que futuramente aqui se queiram radicar, justamente porque passam a ter mais oportunidades de emprego graças a uma forma mais ecológica de turismo, com visitantes mais conscientes e num meio de transporte de baixo impacto.

9.2. CONCLUSÕES

A resposta à pergunta de partida será sempre a grande conclusão a retirar de todo este estudo e, como tal, pretende-se neste subcapítulo responder à mesma, utilizando uma opinião pessoal que tem vindo a ser construída ao longo de todo o processo de elaboração da presente dissertação. Assim sendo “poderá a Serra do Açor vir a ser um destino cicloturístico de excelência internacional?

Acredita-se que sim, pois cruzando a informação obtida através do trabalho de campo, do levantamento dos recursos turísticos e da análise benchmarking feita a alguns destinos de cicloturismo de referência pelas boas práticas, a Serra do Açor, à semelhança de todos os destinos analisados, é um território de grande atratividade natural, cultural e paisagística, fatores de elevada importância para o cicloturismo e para a valorização da experiência pelos praticantes. Esta visão é também, de forma unânime, partilhada pelos entrevistados, tendo todos eles destacado os valores cénicos, paisagísticos, naturais, culturais e históricos.

Conclui-se também, após todo o processo de levantamento de recursos turísticos específicos para este produto, e também segundo alguns entrevistados com maior conhecimento no território, que a Serra do Açor detém uma área vasta e de grande oferta de percursos, com diversas opções que podem ser construídas para as mais variadas vertentes do cicloturismo e também para o ciclismo mais competitivo. Em termos turísticos, as E-Bikes, que segundo vários entrevistados estão cada vez melhores e mais em voga, vêm também a oferecer uma grande oportunidade para este projeto, uma vez que facilita muito as condições de relevo exigentes encontradas nesta região, pois de outra forma o destino seria muito mais limitado a praticantes com melhor capacidade física.

Apesar de se verificarem algumas lacunas que têm de ser colmatadas, a Serra do Açor apresenta esta vantagem competitiva atribuída pela natureza e enriquecida por milhares de anos de fixação de povos nestas terras. Considera-se que estes recursos são a parte mais importante de todo este processo, uma vez que tudo o resto é mais facilmente trabalhado e desenvolvido, e esta dissertação apresenta medidas concretas que podem ajudar nesse desiderato. Se não existissem estas características de base, por melhor que fossem as infraestruturas disponíveis, o desenvolvimento da Serra do Açor como destino cicloturístico de excelência ficaria por certo comprometido.

Contudo, não se deve desvalorizar as lacunas apontadas por este estudo e por todos os que nele intervieram, pois obviamente que para tornar a Serra do Açor num destino cicloturístico de referência internacional, todos esses pormenores são fulcrais. Por esta razão julga-se que o potencial deste projeto deve assentar numa proposta de trabalho em rede e tudo o que lhe está associado, que se esmiúça ao longo do documento, em particular pelo facto de este ser um território do interior que enfrenta alguns problemas demográficos e que urge de iniciativas. Verifica-se neste processo que congregar as entidades públicas e privadas que gerem, promovem e operam no território num objetivo comum e com um rumo aceite por todos é o caminho a seguir

para alavancar o turismo desta região e torná-la mais atrativa, não só para os visitantes, mas também para investidores.

9.3. LIMITAÇÕES DO ESTUDO

Ao concluir este trabalho não se pode deixar de referir a existência de algumas limitações que impediram um aprofundamento maior do tema.

Desde logo o facto de o espaço do documento ser limitado, o que acabou por interferir um pouco no conteúdo apresentado, pois tornou-se impossível acrescentar mais algumas matérias que seriam de interesse. São exemplos disso o benchmarking, onde se reconhece a existência de outros destinos de destaque.

Acresce ainda que situações como a inquirição a outros stakeholders do produto e do território, como por exemplo os próprios cicloturistas, juntas de freguesias, alojamentos, entre outros, permitiria uma análise mais elaborada, mas devido à contenção de espaço e tempo, optou-se por apenas entrevistar os *stakeholders* que têm uma intervenção mais direta e decisiva no desenvolvimento do produto ou no território. Assim recomenda-se, num potencial desenvolvimento concreto deste projeto, a auscultação dos consumidores para um melhor conhecimento das suas necessidades e motivações.

Outro aspeto importante de salientar é o facto deste projeto apenas ter apresentado novas rotas e percursos de estrada. Isto sucedeu não pelo motivo de não haver opções para as outras vertentes, nem tão pouco por não se ter analisado outras opções, mas uma vez mais pela falta de espaço e de tempo, bem como pelo motivo desta vertente do cicloturismo estar menos desenvolvida na região.

Como se refere anteriormente, uma grande limitação da realização da dissertação está relacionada com o tempo, pois teve de se conciliar a execução deste trabalho com uma profissão, o que naturalmente dificultou a construção do projeto da maneira que mais se desejava. Tudo isto ficou mais evidente quando foi necessária a ajuda de terceiros, nomeadamente na fase de entrevistas, o que implicou a agilização de datas e nem sempre foi fácil conciliar horário de trabalho pessoal com a disponibilidade de terceiros.

É ainda importante salientar um outro aspeto que veio a dificultar ainda mais a execução das entrevistas, nomeadamente daquelas que foram delineadas para os gestores do território, e que se deveu ao facto de ser um ano de eleições autárquicas, o que implicou grandes mudanças na edilidade da maior parte dos concelhos da Serra do Açor. Naturalmente que tal situação

dificultou e atrasou imenso todo este processo, ocorrendo mesmo várias entidades deste grupo que não se conseguiram entrevistar. À semelhança do que sucedeu com as autarquias, algumas entidades de outros grupos de stakeholders, que desde cedo se consideraram importantes para o estudo, não deram resposta aos pedidos de ajuda realizados de diversas formas. Apesar disto, será sempre aconselhável tentar entrevistar as mesmas, num futuro trabalho de aprofundamento deste tema.

Por fim, e tendo em conta todas estas limitações, refere-se ainda que tudo o que foi criado no âmbito da presente dissertação assenta no desenvolvimento de uma ideia, que necessita agora de ser trabalhada no concreto com mais tempo e noutras circunstâncias, a fim de acertar os processos, nomeadamente através de, num primeiro instante, a cativação dos municípios envolvidos e das entidades promotoras do turismo, principalmente o Turismo do Centro de Portugal e o Turismo de Portugal, e posteriormente de outros gestores da região.

10. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

7 Maravilhas de Portugal (s.d.). *7 Maravilhas de Portugal – Aldeias*. Disponível em: <https://projetos.7maravilhas.pt/portfolio-items/7-maravilhas-de-portugal-aldeias/> [obtido a 14/12/2021]

AbcMallorca (2020). *Cycling in Mallorca*. Disponível em: <https://www.abc-mallorca.com/cycling-in-mallorca/> [obtido a 15/08/2021].

AbcMallorca (2020). *The ‘must-do’ cycling routes on Mallorca*. Disponível em: <https://www.abc-mallorca.com/mallorca-cycling-routes/> [obtido a 15/08/2021].

Active-tourism.com (2002). Disponível em: <http://www.active-tourism.com/DefinitionActTour.html> [obtido a 20/01/2021].

Agência Lusa, (2017). Governo avança com plano nacional para a utilização da bicicleta. Jornal de Negócios, 23 de janeiro. Disponível em: https://www.jornaldenegocios.pt/empresas/turismo--lazer/detalhe/governo-avanca-com-plano-nacional-para-a-utilizacao-da-bicicleta?fbclid=IwAR0E8c-O_hrFXhMK3OI0yipkcewWLhKoB_6CWw995sqQ3wvSHsENyyoC2-Q [obtido a 17/12/2021]

Aldeias do Xisto (2021a). *Centro Cyclin´Portugal de Oliveira do Hospital*. Disponível em: <https://www.myxistotrails.pt/pt/list/centro-cyclin-portugal-de-oliveira-do-hospital/211516397/> [obtido a 25/04/2021].

Aldeias do Xisto (2021b). *GR33 GRZ – Grande Rota do Zêzere*. Disponível em: <https://www.myxistotrails.pt/pt/list/-gr33-grz-grande-rota-do-zezere/127622731/> [obtido a 25/04/2021].

Aldeias do Xisto (s.d.a). Disponível em: <https://www.myxistotrails.pt/pt/tours/#cat=Ciclismo%20de%20Estrada&filter=r-fullyTranslatedLangus-,r-onlyOpened-,sb-sortedBy-0> [obtido a 25/04/2021].

Aldeias do Xisto (s.d.b). *Serra do Açor*. Disponível em: <https://aldeiasdoxisto.pt/artigo/231> [obtido a 01/04/2021].

Aldeias Históricas de Portugal (s.d.a). *GR22 – Grande Travessia BTT*. Disponível em: <https://aldeiashistoricasdeportugal.com/oferta-turistica/percursos/grande-rota-cycling/> [obtido a 25/04/2021].

Aldeias Históricas de Portugal (s.d.b). *Piódão*. Disponível em: <https://aldeiashistoricasdeportugal.com/piodao/> [obtido a 25/04/2021].

Aldeias Históricas de Portugal (s.d.c). *Quem somos*. Disponível em: <https://aldeiashistoricasdeportugal.com/quem-somos/> [obtido a 03/08/2021].

Aldeias Históricas de Portugal (s.d.d). *Rede de Percursos Cicláveis*. Disponível em: <https://aldeiashistoricasdeportugal.com/oferta-turistica/percursos/rede-percursos-ciclaveis/> [obtido a 03/08/2021].

Alves, A. (2010). *Turismo Activo: Um Produto do Turismo e do Desporto* (Dissertação de mestrado). Universidade da Madeira, Departamento de Educação Física e Desporto.

Arthurs-Brennan, M. (2018). Cycling in Girona: bike riding traveller's guide. *Cycling Weekly*, 25 de Abril. Disponível em: <https://www.cyclingweekly.com/routes/cycling-in-girona-377321> [obtido a 05/08/2021].

Barbosa, A. (s.d.). *Turismo Ativo: Uma realidade em mudança*. Disponível em: <https://apecate.pt/wp-content/uploads/Turismo-Activo.pdf> [obtido a 22/01/2021].

Bike Breaks - Girona cycle center (s.d.a). Disponível em: <https://www.gironacyclecentre.com/> [obtido a 05/08/2021].

Bike Breaks - Girona cycle center (s.d.b). *Bike packing to the Costa Brava*. Disponível em: <https://www.gironacyclecentre.com/bike-packing-to-the-costa-brava/> [obtido a 05/08/2021].

Bike Breaks - Girona cycle center (s.d.c). *Bike packing to the Pyrenees*. Disponível em: <https://www.gironacyclecentre.com/bike-packing-to-the-pyrenees/> [obtido a 05/08/2021].

Bike Breaks - Girona cycle center (s.d.d). *Girona cycling GPX tracks*. Disponível em: <https://www.gironacyclecentre.com/girona-cycling-gpx-tracks-best-cycling-routes/> [obtido a 05/08/2021].

Bikotel (s.d.). Disponível em: <https://www.bikotels.com/#> [obtido a 17/06/2021].

Bike Roads (s.d.a) *Aldeias do Xisto, Circuitos*. Disponível em: <https://www.bike-roads.com/aldeias-do-xisto/circuits> [obtido a 25/04/2021].

Bike Roads (s.d.b) *Aldeias do Xisto, Subidas Épicas*. Disponível em: <https://www.bike-roads.com/aldeias-do-xisto/climbs> [obtido a 25/04/2021].

Braumann, P.J. (1997). Tecnologia, Economia e Globalização. In: *IV Encontro Iberoamericano de Ciências da Comunicação – Ibercom*. Santos, Brasil.

Britannica, The Editors of Encyclopaedia (2018). "Dolomites". *Encyclopedia Britannica*, 30 May. Disponível em: <https://www.britannica.com/place/Dolomites> [obtido a 11/09/2021].

Carvalhinho, L. & Silva, F. (2017). Turismo na Natureza e de Aventura. In: F. Silva & J. Umbelino (coord.). *Planeamento e Desenvolvimento Turístico*. Lisboa: Lidel, pp. 259-274.

Carvalho, P.G. de e Lourenço, R., (2009). Turismo de prática desportiva: um segmento do mercado do turismo desportivo. *Revista portuguesa de ciências do desporto*, Volume 9 Nº 2 (Supl. 1), pp. 122-132.

Comissão Nacional da Unesco – Ministério dos Negócios Estrangeiros (s.d.). *Património Cultural Imaterial*. Disponível em: <https://unescoportugal.mne.gov.pt/pt/temas/proteger-o-nosso-patrimonio-e-promover-a-criatividade/patrimonio-cultural-imaterial> [obtido a 14/06/2021].

Cox, P., (2013). The paradoxes of cyclotourism: Constructing and consuming nature. In: *Conference paper given at 7th Biennial European Society for Environmental History conference - Circulating natures: Foodwater-energy*. Munique, Alemanha: Ludwig Maximillian University, pp. 20-24.

Cycle Fiesta (s.d.). *The Ten Best Cycling Routes in Mallorca*. Disponível em: <https://www.cyclefiesta.com/multimedia/articles/mallorca-best-cycling-routes.htm> [obtido a 15/08/2021].

Decreto-lei nº47/99, de 16 de Fevereiro. Diário da República, nº39, 1ª Série – A. Ministério da Economia. Lisboa.

Direção Geral do Património Cultural (s.d.a). Disponível em: <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/result/?name=&situation=&catprot=&invtema=&type=&concelho=2828&records=10> [obtido a 11/06/2021].

Direção Geral do Património Cultural (s.d.b). Disponível em: <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/result/?name=&situation=&catprot=&invtema=&type=&concelho=2833&records=10> [obtido a 11/06/2021].

Direção Geral do Património Cultural (s.d.c). Disponível em: <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/result/?concelho=2833&records=10&page=2> [obtido a 11/06/2021].

Direção Geral do Património Cultural (s.d.d). *Casa de Brás Garcia Mascarenhas*. Disponível em: <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/71499> [obtido a 11/06/2021].

Direção Geral do Património Cultural (s.d.e). *Castelo de Avô, incluindo as ruínas da Ermida de São Miguel situada no âmbito do Castelo*. Disponível em: <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/74996> [obtido a 11/06/2021].

Direção Geral do Património Cultural (s.d.f). *Pelourinho de Avô*. Disponível em: <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/74997> [obtido a 11/06/2021].

Direção Geral do Património Cultural (s.d.g). *Ponte Medieval de Alvoco das Várzeas*. Disponível em: <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/73719> [obtido a 11/06/2021].

Dolomite Mountains (s.d.a). Disponível em: <https://www.dolomitemountains.com/en/home> [obtido a 11/09/2021].

Dolomite Mountains (s.d.b). *E-Biking*. Disponível em: <https://www.dolomitemountains.com/en/browse-experiences/e-biking> [obtido a 11/09/2021].

Dolomite Mountains (s.d.c). *Mountain Biking*. Disponível em: <https://www.dolomitemountains.com/en/browse-experiences/mountain-biking> [obtido a 11/09/2021].

Dolomite Mountains (s.d.d). *Road Cycling*. Disponível em: <https://www.dolomitemountains.com/en/browse-experiences/road-biking> [obtido a 11/09/2021].

Dolomites.org (s.d.a). *The nature and national parks of the Dolomites*. Disponível em: <https://www.dolomites.org/things-to-do/nature-parks/> [obtido a 11/09/2021].

Dolomites.org (s.d.b). *Bike paths, cycling & Mountains biking in the Dolomites*. Disponível em: <https://www.dolomites.org/things-to-do/cycling/> [obtido a 11/09/2021].

Epic Road Rides (s.d.). *Cycling Girona: Your Ultimate Guide*. Disponível em: <https://www.epicroadrides.com/destinations/cycling-spain/girona/> [obtido a 05/08/2021].

Fernandes, M., Gomes, J. C., Mendes, G. e Neves, A. M. (2016). *Guia Orientador - Ciclismo e Dinamização da Atividade Turística*. Lisboa: Federação Portuguesa de Ciclismo.

Ferraz, J. (2017). Turismo e globalização. In: F. Silva & J. Umbelino (coord.). *Planeamento e desenvolvimento turístico*. Lisboa: Lidel, pp. 79-92.

Freguesia de Alvôco das Várzeas (s.d.). *Outros apontamentos*. Disponível em: <http://jf-alvocodasvarzeas.com/alvoco-das-varzeas/sobre/outros-apontamentos/> [obtido a 14/06/2021].

Freguesia de Góis (s.d.). *Turismo*. Disponível em: <https://www.freguesiadegois.pt/turismo> [obtido a 14/06/2021].

Gammon, S. & Robinson, T. (2003). Sport and Tourism: A Conceptual Framework. *Journal of Sport Tourism*, 8:1, pp. 21-26. DOI: 10.1080/14775080306236.

Garcias – Montanhas de Portugal (2013). *Lista das montanhas de Portugal Continental por altitude*. Disponível em: <http://montanhasdeportugal.blogspot.com/2012/03/lista-das-montanhas-de-portugal.html> [obtido a 15/03/2021].

Goodman, J. D. (2010). What Is Bike Culture? *The New York Times*, 30 de março. Disponível em: <https://cityroom.blogs.nytimes.com/2010/03/30/what-is-bike-culture/> [obtido a 25/01/2021].

Holloway, J. Ch. & Humphreys, C. (2006). The Demand for Tourism. In C. Humphreys & J.C. Holloway. *The Business of Tourism*. Essex: Pearson Education Limited, pp. 71-102.

Hurford, M. (2016). Why Girona Should Be on Your Cycling Bucket List. *Bicycling*, 4 de Abril. Disponível em: <https://www.bicycling.com/rides/a20021009/why-girona-should-be-on-your-cycling-bucket-list/> [obtido a 05/08/2021].

Huxley, A. (1958). *Brave new world revisited*. New York: Harper & Brothers, cop.

IFM - International Monetary Fund (2000). *Globalization: Threat or Opportunity?* Disponível em: <https://www.imf.org/external/np/exr/ib/2000/041200to.htm#II> [obtido a 15/10/2020 às 21:20].

IPMA (s.d.). Disponível em: <https://www.ipma.pt/pt/educativa/tempo.clima/>. [obtido a 19/03/2021].

Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas (s.d.). *Geologia | Hidrologia | Clima*. Disponível em: <http://www2.icnf.pt/portal/ap/p-prot/ppsa/geo>. [obtido a 19/03/2021].

Instituto da Conservação da Natureza e da Biosfera (s.d.). *Plano Setorial da Rede Natura 2000*. Disponível em: <http://www2.icnf.pt/portal/pn/biodiversidade/rn2000/resource/doc/sic-cont/complexo-do-acor> [obtido a 19/03/2021].

Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas (2007). *Plano de Ordenamento Área Protegida da Serra do Açor. 1ª Fase – Caracterização*. Relatório Síntese. Discussão Pública.

Italy Bike Tour (s.d.). *Dolomitas*. Disponível em: <https://www.italybiketour.com.br/destinations/dolomitas/> [obtido a 11/09/2021].

Junta de Freguesia de São Jorge da Beira (2014). *Gastronomia de São Jorge da Beira*. Disponível em: <http://www.freguesiasjorgebeira.pt/documentos/20082722392884871131129713354.pdf> [obtido a 14/06/2021].

- Keeling, A. (1999). *Cycle Tourism*. Londres: Sustrans Routes For People.
- Kiráľová, A. (2015). New trends in tourism – A challenge for modernization of tourism higher education in the Czech Republic. *Skyline Business Journal*, Volume X-Issue 1-2014-2015.
- Kloof, A. van der (s.d.). *Building an inclusive cycling culture*. Disponível em: <https://mobycon.com/updates/building-an-inclusive-cycling-culture/> [obtido a 25/01/2021].
- Macleary, J. (2016). Is this the greatest destination in the world for cycling? *The Telegraph*, 6 de Julho. Disponível em: <https://www.telegraph.co.uk/travel/destinations/europe/spain/majorca/articles/majorca-the-greatest-destination-for-cycling/> [obtido a 15/08/2021].
- Mallorca Cycling Center (s.d.). Disponível em: <https://www.mallorcacyclingcenter.com/> [obtido a 15/08/2021].
- Maricato, N.A.G. (2012). *O Turismo em Portugal: Tendências e Perspetivas* (Relatório de estágio curricular). Universidade de Coimbra.
- Martins, A.F.A. (2017). *Planeamento estratégico de destinos turísticos: contributos para o desenvolvimento da atividade turística no concelho de Tomar* (Trabalho de projeto). Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril.
- Município da Covilhã (s.d.a). *Aldeia de São Francisco de Assis*. Disponível em: <http://www.cm-covilha.pt/?cix=1033&tab=795&lang=1> [obtido a 11/06/2021].
- Município da Covilhã (s.d.b). *São Jorge da Beira*. Disponível em: <http://www.cm-covilha.pt/?cix=1042&tab=795&lang=1> [obtido a 11/06/2021].
- Município da Covilhã (s.d.c). *Sobral de São Miguel*. Disponível em: <http://www.cm-covilha.pt/?cix=1043&tab=795&lang=1> [obtido a 11/06/2021].
- Município de Góis (s.d.a). *Alojamento Local*. Disponível em: <https://www.cm-gois.pt/visitgois/alojamento/alojamento-local-al> [obtido a 17/06/2021].
- Município de Góis (s.d.b). *Padarias/pastelarias*. Disponível em: <https://www.cm-gois.pt/visitgois/gastronomia/restauracao/padarias-pastelarias> [obtido a 24/06/2021].
- Município de Góis (s.d.c). *Parque Municipal de Campismo*. Disponível em: <https://www.cm-gois.pt/visitgois/alojamento/parque-municipal-de-campismo> [obtido a 24/06/2021].

Município de Góis (s.d.d). *Passaporte Património*. Disponível em: https://www.cm-gois.pt/cmgois/uploads/writer_file/document/512/cmgois_passaporte_final.pdf [obtido a 10/06/2021].

Município de Góis (s.d.e). *Praias fluviais e naturais*. Disponível em: [https://www.cm-gois.pt/cmgois/uploads/writer_file/document/642/praias fluviais e naturais.pdf](https://www.cm-gois.pt/cmgois/uploads/writer_file/document/642/praias_fluviais_e_naturais.pdf) [obtido a 04/06/2021].

Município de Góis (s.d.f). *Praias Galardoadas*. Disponível em: <http://www.cm-gois.pt/visitgois/patrimonio/natural/rios-e-praias/praias-galardoadas> [obtido a 04/06/2021].

Município de Góis (s.d.g). *Produtos Endógenos*. Disponível em: https://www.cm-gois.pt/cmgois/uploads/writer_file/document/551/pdf_produtos_end_genos.pdf [obtido a 14/06/2021].

Município de Góis (s.d.h). *Receituário Concelhio*. Disponível em: <https://www.cm-gois.pt/visitgois/gastronomia/receituario-concelhio> [obtido a 14/06/2021].

Município de Góis (s.d.i). *Restaurantes*. Disponível em: <https://www.cm-gois.pt/visitgois/gastronomia/restauracao/restaurantes> [obtido a 24/06/2021].

Município de Góis (s.d.j). *Turismo em Espaço Rural*. Disponível em: <https://www.cm-gois.pt/visitgois/alojamento/turismo-em-espaco-rural-ter-cc> [obtido a 17/06/2021].

Município de Oliveira do Hospital (s.d.a). *Açudes*. Disponível em: [AÇUDES \(cm-oliveiradohospital.pt\)](http://www.cm-oliveiradohospital.pt) [obtido a 04/06/2021].

Município de Oliveira do Hospital (s.d.b). *Alojamento Local*. Disponível em: <https://www.cm-oliveiradohospital.pt/index.php/turismo/alojamento-163/itemlist/category/52-alojamento-local> [obtido a 17/06/2021].

Município de Oliveira do Hospital (s.d.c). *Casas de Campo*. Disponível em: <https://www.cm-oliveiradohospital.pt/index.php/turismo/alojamento-163/itemlist/category/57-casas-de-campo> [obtido a 17/06/2021].

Município de Oliveira do Hospital (s.d.d). *Parques de Campismo*. Disponível em: <https://www.cm-oliveiradohospital.pt/index.php/turismo/alojamento-163/itemlist/category/60-parques-de-campismo> [obtido a 17/06/2021].

Município de Oliveira do Hospital (s.d.e). *Praias Fluviais Classificadas e Zonas Balneares de Recreio e Lazer*. Disponível em: [Praias Fluviais Classificadas e Zonas Balneares de Recreio e Lazer \(cm-oliveiradohospital.pt\)](http://cm-oliveiradohospital.pt) [obtido a 04/06/2021].

Município de Oliveira do Hospital (s.d.f). *Hóteis*. Disponível em: <https://www.cm-oliveiradohospital.pt/index.php/turismo/alojamento-163/itemlist/category/54-hoteis> [obtido a 17/06/2021].

Município de Oliveira do Hospital (s.d.g). *Hóteis Rurais*. Disponível em: <https://www.cm-oliveiradohospital.pt/index.php/turismo/alojamento-163/itemlist/category/59-hoteis-rurais> [obtido a 17/06/2021].

Município de Pampilhosa da Serra (s.d.a). *Centro de BTT*. Disponível em: <http://www.cm-pampilhosadaserra.pt/pages/386> [obtido a 25/04/2021].

Município de Pampilhosa da Serra (s.d.b). *Onde Comer*. Disponível em: <http://www.cm-pampilhosadaserra.pt/pages/392> [obtido a 24/06/2021].

Município de Pampilhosa da Serra (s.d.c). *Onde Ficar*. Disponível em: <http://www.cm-pampilhosadaserra.pt/pages/391> [obtido a 17/06/2021].

Município de Pampilhosa da Serra (s.d.d). *Património Arqueológico* (Boletim). Disponível em: http://www.cm-pampilhosadaserra.pt/cmpampilhosadaserra/uploads/document/file/1062/Patrim_nio_Arqueol_g_ico.pdf [obtido a 10/06/2021].

Município de Pampilhosa da Serra (s.d.e). *Praias Fluviais*. em: <http://www.cm-pampilhosadaserra.pt/pages/370> [obtido a 04/06/2021].

Município de Pampilhosa da Serra (s.d.f). *Património Arqueológico*. Disponível em: <http://www.cm-pampilhosadaserra.pt/pages/375> [obtido a 10/06/2021].

Município de Seia (s.d.). *Vide*. Disponível em: https://www.cm-seia.pt/index.php?option=com_content&view=article&id=187&Itemid=502 [obtido a 12/06/2021].

Nogueira, T. G. (2019). *Engagement nas redes sociais Facebook e Instagram das DMOs: o caso do Turismo de Portugal*. (Dissertação final de mestrado), Faculdade de Economia da Universidade do Porto.

Neirotti, L.D. (2003). An Introduction to Sport and Adventure Tourism. In: S. Hudson (ed.). *Sports and Adventure Tourism*. New York: The Haworth Press, Inc, pp. 1-21.

Palermo, E. (2017). Who Invented the Bicycle? *Live Science*. 30 de agosto. Disponível em: <https://www.livescience.com/44765-who-invented-the-bicycle.html> [obtido a 25/01/2021].

Pordata (2020a). Disponível em: <https://www.pordata.pt/Municipios/Densidade+populacional-452> [obtido a 13/03/2021].

Pordata (2019). Disponível em: <https://www.pordata.pt/Municipios/Taxa+bruta+de+mortalidade-367> [obtido a 13/02/2021].

Pordata (2020b). Disponível em: <https://www.pordata.pt/Municipios/%c3%8dndice+de+envelhecimento-458> [obtido a 13/03/2021].

Pordata (2020c). Disponível em: <https://www.pordata.pt/Municipios/Popula%c3%a7%c3%a3o+residente++m%c3%a9dia+anual-359> [obtido a 13/03/2021].

Público, (2021). A revolução da bicicleta já começou e não vai parar. Público, 17 de setembro. Disponível em: <https://www.publico.pt/2021/09/17/estudiop/noticia/revolucao-bicicleta-ja-comecou-nao-vai-parar-1977688?fbclid=IwAR176SqTn8GDpgXHHdZzdBs0Fw0R2IJ51EbQeH1dLifJ5GhdHYRbraztrM> [obtido a 17/12/2021].

Fiore, A.M., Oh, H. & Jeoung, M. (2007). Measuring Experience Economy Concepts: Tourism Applications. *Journal of Travel Research*, Vol. 46, November 2007, pp. 119-132. DOI: 10.1177/0047287507304039.

Quivy, R. & Campenhoudt, L.V. (1995). *Manual de Investigação em Ciências Sociais* (4ª edição). Lisboa: Gradiva.

Registo Nacional de Turismo (s.d.). *Consulta ao registo*. Disponível em: <https://registos.turismodeportugal.pt/HomePage.aspx> [obtido a 27/07/2021].

Rosa, V.A.V. (2013). Turismo e Desporto: O turismo desportivo como fator de desenvolvimento da Região do Alentejo. *Revista Turismo e Desenvolvimento*, nº19, pp. 149-176.

Rota Vicentina (s.d.a). *Associação Rota Vicentina*. Disponível em: <https://rotavicentina.com/associacao-rota-vicentina/> [obtido a 07/08/2021].

Rota Vicentina (s.d.b). *Grande Travessia*. Disponível em: <https://rotavicentina.com/grande-travessia/> [obtido a 07/08/2021].

Rota Vicentina (s.d.c). *Percursos BTT*. Disponível em: <https://rotavicentina.com/cycling/percursos-btt/> [obtido a 07/08/2021].

Rota Vicentina (s.d.d). *Touring Bike*. Disponível em: <https://rotavicentina.com/cycling/touring-bike/> [obtido a 07/08/2021].

Rosa, P. F. da (2014). *Desporto, recreação e turismo em áreas protegidas - Modelo de gestão participada para o parque natural das serras de aires e candeeiros*. (Tese de doutoramento), Universidade da Madeira.

Santos, S.G. (2020). A retoma do alojamento turístico: o exemplo do pós-crise de 2008. In: GPEARI e GEE. *Boletim Mensal de Economia Portuguesa*. Gabinete de Planeamento, Estratégia, Avaliação e Relações Interpessoais e o Gabinete de Estratégia de Estudos, pp. 61-74.

Scholz, G. (2015). *Concepto del cicloturismo en Friedrichshafen, Alemania y Segovia, España* (Trabalho final de licenciatura). Univerdad de Valladolid.

Selstad, L. (2007). The Social Anthropology of the Tourist Experience. Exploring the “Middle Role”. *Scandinavian Journal of Hospitality and Tourism*, 7:1, pp. 19-33. DOI: 10.1080/15022250701256771.

Serviços Cartográficos do Exército (1948). *Arganil* (folha nº 232). [Ed. 1]. Escala 1:25 000, projeção de Gauss. [Lisboa]: S.C.E., [1948].

Serviços Cartográficos do Exército (1950). *Barroca: Fundão* (folha nº255). [Ed. 1]. Escala 1:25 000, projeção de Gauss. [Lisboa]: S.C.E., [1950].

Serviços Cartográficos do Exército (1950). *Góis* (folha nº 243). [Ed. 1]. Escala 1:25 000, projeção de Gauss. [Lisboa]: S.C.E., [1950].

Serviços Cartográficos do Exército (1950). *Pampilhosa da Serra* (folha nº 253). [Ed. 1]. Escala 1:25 000, projeção de Gauss. [Lisboa]: S.C.E., [1950].

Serviço Cartográfico do Exército (1992) *São. Jorge da Beira: Covilhã* (folha nº 244). [Ed. 2]. Escala 1:25 000, projeção de Gauss. [Lisboa]: S.C.E., [1992].

Serviços Cartográficos do Exército (1950). *Silvares: Fundão* (folha nº 245). [Ed. 1]. Escala 1:25 000, projeção de Gauss. [Lisboa]: S.C.E., [1950].

Serviços Cartográficos do Exército (1951) ou (1932-1959). *Unhais da Serra: Covilhã* (folha nº234). [Ed. 1]. Escala: 1:25 000, projeção de Gauss. [Lisboa]: S.C.E., [1951].

Serviços Cartográficos do Exército (1950). *Vidual: Pampilhosa da Serra* (folha nº 254). [Ed. 1]. Escala: 1:25 000, projeção de Gauss. [Lisboa]: S.C.E., [1950].

Serviços Cartográficos do Exército (1950). *Vide: Seia* (folha nº233). [Ed. 1]. Escala 1:25 000, projeção de Gauss. [Lisboa]: S.C.E., [1950].

Silva, F. (2013). Turismo na natureza como base do desenvolvimento turístico responsável nos Açores. (Tese de Doutoramento), Instituto de Geografia e Ordenamento do Território, Universidade de Lisboa.

Silva, F. (2019). *Turismo ativo e de experiências: conceitos e mercado* (slides de apoio a unidade curricular de planeamento e gestão em turismo ativo e de experiências). Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril.

Silva, M. (2016). *Gestão da segurança no turismo de aventura em Portugal*. (Tese de Doutoramento), Instituto de Geografia e Ordenamento do Território, Universidade de Lisboa.

Teixeira, F. (2016). Maratona Dles Dolomites. *Revista Bicicleta*, 4 de Julho. Disponível em: <https://revistabicicleta.com/cicloturismo/maratona-dles-dolomites/> [obtido a 11/09/2021].

THR - Asesores en Turismo Hotelería y Recreación, S.A (2006). *10 Produtos Estratégicos para o Desenvolvimento do Turismo em Portugal – Turismo de Natureza*. Lisboa: Turismo de Portugal, ip.

Toffler, A. (1984). *A terceira vaga*. Lisboa: Livros do Brasil.

Toffler, A. (1970). *Choque do futuro*. Lisboa: Livros do Brasil.

Toffler, A. (1990). *Os novos poderes*. Lisboa: Livros do Brasil.

Torres, M. (2004). El Turismo Ativo como alternativa y complemento al modelo turístico en la region de Múrcia. *Cuadernos de turismo*, 14, 179-215.

TravelBI (2020). *Turismo em números 2019*. Disponível em: <https://travelbi.turismodeportugal.pt/pt-pt/Paginas/turismo-em-numeros-2019.aspx> [obtido a 13/10/2020].

Turismo de Portugal (2015). *Plano Estratégico Nacional do Turismo (PENT)*. Lisboa: Turismo de Portugal, I.P.

Turismo de Portugal (2017). *Estratégia Turismo 2027*. Lisboa: Turismo de Portugal, I.P.

Turismo de Portugal (2020). *Visão geral: Turismo em Portugal*. Disponível em: http://www.turismodeportugal.pt/pt/Turismo_Portugal/visao_geral/Paginas/default.aspx [consultado a 12/10/2020].

UNESCO (s.d.). *The Dolomites*. Disponível em: <https://whc.unesco.org/en/list/1237/> [obtido a 11/09/2021].

Visit Arganil (s.d.a). *Alojamento local*. Disponível em: <https://www.visitarganil.pt/categoria-de-diretorio/ficar/alojamento-local/> [obtido a 25/07/2021].

Visit Arganil (s.d.b). *Casas de Campo*. Disponível em: <https://www.visitarganil.pt/categoria-de-diretorio/ficar/casas-de-campo/> [obtido a 25/07/2021].

Visitarganil.pt (s.d.c). *Gastronomia*. Disponível em: <https://www.visitarganil.pt/categoria-de-diretorio/descobrir/gastronomia-gastronomia/> [obtido a 14/06/2021].

Visit Arganil (s.d.d). *Hotéis/Pensões/Residenciais*. Disponível em: <https://www.visitarganil.pt/categoria-de-diretorio/ficar/hoteis-pensoes-residenciais/> [obtido a 25/07/2021]

Visit Arganil (s.d.e). *Parques de Campismo.*, Disponível em: <https://www.visitarganil.pt/categoria-de-diretorio/ficar/parques-de-campismo/> [obtido a 25/07/2021].

Visit Arganil (s.d.f). *Percursos*. Disponível em: <https://www.visitarganil.pt/categoria-de-diretorio/fazer/percursos/> [obtido a 25/04/2021].

Visitarganil.pt (s.d.g). *Praias Fluviais/Zonas Balneares*. Disponível em:
<https://www.visitarganil.pt/categoria-de-diretorio/descobrir/praias-fluviais-zonas-balneares/>
[obtido a 04/06/2021].

Visitarganil.pt (s.d.h). *Produtos Endógenos*. Disponível em:
<https://www.visitarganil.pt/categoria-de-diretorio/descobrir/produtos-endogenos/> [obtido a
14/06/2021]

11. ANEXOS

ANEXO Nº1 – TABELA DE DESCRIÇÃO DAS VERTENTES DO CICLISMO

Vertente		Descrição
Estrada	Estrada normal	Caracteriza-se pelo ato de pedalar em estrada com uma bicicleta específica para o efeito (roda fina e guiador curvo), onde por norma os trajetos são de distâncias superiores. Tem por base o ciclismo de competição profissional e é umas das principais vertentes da bicicleta, com muitos aficionados e praticantes, quer competitivos, quer recreativos, utilitários ou turísticos.
	Contrarrelógio	O contrarrelógio, como o próprio nome indica, é uma vertente individual em que o praticante procura o melhor tempo possível num determinado percurso, por norma de dimensão pequena (até 50kms). Utiliza bicicletas específicas para o efeito com maior foco na aerodinâmica. É uma vertente muito específica e meramente competitiva, sendo, por esse motivo, a sua adesão quase unicamente por parte de praticantes de competição e não tanto recreativos (havendo sempre exceções por aficionados que gostam deste tipo de bicicletas).
	Triatlo	A bicicleta de triatlo é idêntica à de contrarrelógio e a ideologia da modalidade em si também não difere muito, pois o intuito é puramente competitivo onde se procura o melhor tempo possível. Difere do contrarrelógio pelo motivo de que para além da bicicleta, o triatleta ainda faz outras modalidades como corrida e natação.
BTT	Cross Country Olímpico (XCO)	O XCO é uma vertente do BTT que se desenrola num circuito concebido especificamente para o efeito e com relativamente pouca distância, mas com vários desafios técnicos, percorrido o maior número de vezes dentro de um período de cerca de 1h e 45min. Alinha um pelotão de atletas do mesmo escalão em simultâneo.
	Cross Country Maratona (XCM)	O XCM é uma vertente BTT onde se realiza um percurso natural de maior distância (acima de 40kms), em linha ou em circuito, com vários tipos de terrenos e paisagens, tudo no meio da natureza. O ponto de chegada pode ser o mesmo ponto de início da prova, no caso de se realizar com partida e chegada na mesma vila, contudo é também comum a corrida começar numa cidade e terminar

		noutra. Pelas suas características, esta é a vertente que baseia o cicloturismo BTT que se oferece, por exemplo, nos percursos dos centros BTT e redes cicloturísticas.
	Downhill ou Downtown	O <i>Downhill</i> é uma vertente de BTT que se desenrola numa descida bastante íngreme e técnica, que tanto pode ser numa zona de montanha como em cidade. O objetivo é ser o mais rápido possível na descida. É uma vertente competitiva, mas com muitos praticantes recreativos que procuram novas descidas, sendo um produto forte de vários destinos turísticos. O <i>Downtown</i> , por sua vez, difere do <i>Downhill</i> pelo facto de se desenrolar num percurso urbano, por norma nas ruas de uma cidade.
	Enduro	O enduro é uma vertente que concilia um pouco o cross country com o Downhill, ou seja, possui características de ambas as vertentes. Os percursos têm vários quilómetros, onde se pode encontrar tanto subidas íngremes como descidas muito técnicas. Em competição é efetuado um percurso maior que se divide em várias etapas cronometradas, que são pequenos trechos do percurso (normalmente as descidas), sendo contabilizado apenas o tempo que o praticante demorou a percorrer estas etapas.
Cyclocross		O Cyclocross é uma vertente que se assemelha muito ao XCO com a diferença de que a bicicleta utilizada não é de montanha, mas sim de estrada com uns pneus cardados indicados para o efeito. É realizado num circuito concebido unicamente para o evento que conta com bastantes obstáculos, areia, terra e outro tipo de pisos duros, onde o praticante por vezes tem de desmontar da bicicleta para os ultrapassar. É uma prova de curta duração (até 1h) puramente competitiva.
Gravel		É uma vertente que surgiu recentemente e que no fundo envolve uma versão mais versátil da bicicleta de estrada, que em tudo é idêntica a esta, contudo, em vez de rodas finas possui pneus de terra mais largos, uma geometria de quadro mais longa e vertical, o que torna estas bicicletas adequadas para longos dias em todo o tipo de terreno. Assim permite percorrer distâncias maiores que o BTT porque a bicicleta é mais rápida, e ao mesmo tempo circular confortavelmente em estradas acidentadas e <i>offroad</i> , o que é uma limitação da bicicleta de estrada. Por toda a sua versatilidade considera-se uma vertente com bastante potencial para o futuro, nomeadamente para práticas turísticas. No fundo é uma evolução das bicicletas híbridas.

Pista		O ciclismo de pista realiza-se numa infraestrutura própria para o efeito, denominada de velódromo, que possui uma pista oval com distância de 250m. Este pode ser coberto ou ao ar livre. Existem várias modalidades diferentes dentro desta vertente, sendo todas elas de curta distância (até 40kms) e carácter puramente competitivo.
Commuting		Esta é a vertente utilitária que consiste na deslocação de casa para o trabalho. Pode ser utilizado qualquer tipo de bicicleta, dependendo do gosto do praticante, mas muitas vezes opta-se por bicicletas citadinas.
Cruiser		São bicicletas esteticamente mais atrativas e apropriadas para pequenos passeios sem grande exigência, como por exemplo deslocações em ciclovias para a praia.
BMX	Racing	As corridas são realizadas ao estilo sprint numa pista curta, ondulada e serpenteada, com piso misto.
	Freestyle	Esta é uma vertente que se baseia nas acrobacias em <i>skatepark</i>. Existem eventos competitivos e também muitos praticantes recreativos que se encontram regularmente em espaços públicos e nos <i>skateparks</i> para o efeito.
Trial		É uma vertente que consiste na superação de obstáculos muito complicados devidamente colocados para o efeito.
E-Bikes		O mercado das bicicletas elétricas veio a trazer uma grande ajuda para muitos praticantes recreativos e utilitários e pode ser uma oportunidade para o desenvolvimento do cicloturismo. Estas bicicletas tornam a prática mais acessível para todos, facilitando o acesso a sítios de grande dificuldade, mesmo a quem não esteja na melhor condição física, podendo também acompanhar parceiros mais fortes. Existem bicicletas elétricas das principais vertentes do ciclismo, tais como a estrada, a montanha, o <i>gravel</i>, as citadinas e as <i>cruisers</i>.
Fat Bikes		Trata-se de uma bicicleta com uma roda de grande dimensão a nível de largura, com rodas 26" ou 27,5" de medidas de largura iguais ou superiores a 3,8". Por esse motivo são indicadas para terrenos mais volúveis como areias ou neve.

ANEXO Nº2 – LISTA DOS CUMES DE MAIOR DESTAQUE DA SERRA DO AÇOR

Cume	Altitude	Concelho	Freguesia
Posto de Vigia do São Pedro do Açor	1342 m	Arganil	Piódão
Tojo	1280 m	Arganil	Piódão
Cabeço da Picota	1016 m	Arganil	Cepos e Teixeira
Posto de Vigia do Monte Redondo (Reguengo)	968 m	Arganil	Cepos e Teixeira
Gatucha	963 m	Arganil e Góis	Celavisa
Posto de Vigia do Carvalhal	775 m	Arganil	Vila Cova de Alva e Anseriz
Cepos (Área de lazer)	769 m	Arganil	Cepos e Teixeira
Pico da Cebola	1418 m	Pampilhosa da Serra	Unhais-o-Velho
Rocha	1190 m	Pampilhosa da Serra	Fajão e Vidual
Carambola	1162 m	Pampilhosa da Serra	Fajão e Vidual
Batouco	1119 m	Pampilhosa da Serra	Cabril
Arouca	1114 m	Pampilhosa da Serra	Unhais-o-Velho
Posto de Vigia de Chiqueiro	1086 m	Pampilhosa da Serra	Unhais-o-Velho
Castanheira	1071 m	Pampilhosa da Serra	Fajão e Vidual
Decabelos	1052 m	Pampilhosa da Serra	Pampilhos da Serra
Posto de Vigia de Caveiras	1029 m	Pampilhosa da Serra	Pessegueiro
Malhadas	1000 m	Góis	Cadafaz e Colmeal
Cabeço do Vale da Piçarra	997 m	Góis	Cadafaz e Colmeal
Pedra do Lumiar	874 m	Góis	Góis
Vieiro	859 m	Góis e Arganil	Cadafaz e Colmeal
Posto de Vigia do Rabadão	780 m	Góis	Cadafaz e Colmeal
Colcurinho (Nossa Senhora das Necessidades)	1244 m	Oliveira do Hospital	Aldeia das Dez
Gondufo	1342 m	Seia	Vide e Cabeça
Éolicas Sobral de São Miguel	1167 m	Covilhã	Sobral de São Miguel
Fonte de Espinho	1061 m	Covilhã	Erada
Fonte: Cartas Militares folhas nº 232, 233, 234, 243, 244, 245, 253, 254 e 255 e conhecimento próprio			

ANEXO Nº 3 – LISTA DE CURSOS DE ÁGUA DE MAIOR DESTAQUE DA SERRA DO AÇOR

Curso de água:	Nome:	Concelhos na Serra do Açor:	Origem:	Desagua em:
Rio	Alva	Arganil e Oliveira do Hospital	Serra da Estrela	Rio Mondego
Rio	Alvôco	Arganil, Oliveira do Hospital e Seia	Serra da Estrela	Rio Alva
Rio	Ceira	Arganil, Góis e Pampilhosa da Serra	Serra do Açor	Rio Mondego
Rio	Unhais	Pampilhosa da Serra	Serra do Açor	Rio Zêzere
Rio	Zêzere	Covilhã e Pampilhosa da Serra	Serra da Estrela	Rio Tejo
Ribeira	Folques	Arganil	Serra do Açor	Rio Alva
Ribeira	Mata	Arganil	Serra do Açor	Rio Alva
Ribeira	Casal	Arganil	Serra do Açor	Rio Alva
Ribeira	Piódão	Arganil	Serra do Açor	Rio Alva
Ribeira	Pomares	Arganil	Serra do Açor	Rio Alva
Ribeira	Teixeira	Arganil	Serra do Açor	Rio Ceira
Ribeira	Celavisa	Arganil e Góis	Serra do Açor	Rio Ceira
Ribeira	Ádela	Góis	Serra do Açor	Rio Ceira
Ribeira	Carrimá	Góis	Serra do Açor	Rio Ceira
Ribeira	Loisa	Pampilhosa da Serra	Serra do Açor	Rio de Unhais
Ribeira	Carvalho	Pampilhosa da Serra	Serra do Açor	Rio de Unhais
Ribeira	Moninho	Pampilhosa da Serra	Serra do Açor	Rio de Unhais
Ribeira	Praçais	Pampilhosa da Serra	Serra do Açor	Rio de Unhais
Ribeira	Teixeira	Seia	Serra do Açor	Rio Alvôco
Ribeira	Porsim	Covilhã	Serra do Açor	Rio Zêzere
Ribeira	Amandos	Arganil	Serra do Açor	Ribeira de Folques
Ribeira	Nogueira	Arganil	Serra do Açor	Ribeira de Amandos
Ribeira	Cates	Arganil	Serra do Açor	Ribeira de Folques
Ribeira	Monte Redondo	Arganil	Serra do Açor	Ribeira de Folques
Ribeira	Aveleira	Arganil	Serra do Açor	Ribeira de Folques
Ribeira	Salgueiro	Arganil	Serra do Açor	Ribeira de Folques
Ribeira	Vagundos	Arganil	Serra do Açor	Ribeira do Salgueiro
Ribeira	Pontinha	Arganil	Serra do Açor	Rio Alva
Ribeira	Água D'Alte	Arganil	Serra do Açor	Ribeira de Teixeira
Ribeira	Parrozelos	Arganil	Serra do Açor	Ribeira de Teixeira
Ribeira	Linhares	Arganil	Serra do Açor	Ribeira de Celavisa
Ribeira	Moeda	Arganil	Serra do Açor	Rio Ceira
Ribeira	Moinho	Arganil	Serra do Açor	Rio Ceira
Ribeira	Sobral	Arganil	Serra do Açor	Ribeira de Pomares
Ribeira	Fontinha	Arganil	Serra do Açor	Ribeira do Sobral
Ribeira	Fraca	Arganil	Serra do Açor	Ribeira do Sobral
Ribeira	Casal de Espinho	Arganil	Serra do Açor	Ribeira do Sobral
Ribeira	Gramaga	Arganil	Serra do Açor	Ribeira de Pomares
Ribeira	Moura	Arganil	Serra do Açor	Ribeira de Pomares
Ribeira	Casal de Espinho	Arganil	Serra do Açor	Ribeira de Pomares
Ribeira	Moura	Arganil	Serra do Açor	Ribeira de Pomares
Ribeira	d'Égua	Arganil	Serra do Açor	Ribeira do Piódão
Ribeira	Torno	Arganil	Serra do Açor	Ribeira do Piódão
Ribeira	Aradas	Pampilhosa da Serra	Serra do Açor	Rio Unhais
Ribeira	Pessegueiro	Pampilhosa da Serra	Serra do Açor	Rio Unhais
Ribeira	Castela	Pampilhosa da Serra	Serra do Açor	Rio Unhais
Ribeira	Vale	Pampilhosa da Serra	Serra do Açor	Rio Unhais
Ribeira	Semessugo	Pampilhosa da Serra	Serra do Açor	Rio Unhais
Ribeira	Asno	Pampilhosa da Serra	Serra do Açor	Ribeira do Semessugo
Ribeira	Ceiroco	Pampilhosa da Serra	Serra do Açor	Rio Ceira
Ribeira	Açor	Pampilhosa da Serra	Serra do Açor	Rio Ceira
Ribeira	Bouças	Pampilhosa da Serra	Serra do Açor	Ribeira da Carrimá
Ribeira	Açor	Pampilhosa da Serra	Serra do Açor	Ribeira das Bouças
Ribeira	Vergadas	Pampilhosa da Serra	Serra do Açor	Ribeira das Bouças
Ribeira	Recadagem	Pampilhosa da Serra	Serra do Açor	Ribeira de Vergadas
Ribeira	Seixo	Pampilhosa da Serra	Serra do Açor	Ribeira do Braçal
Ribeira	Braçal	Pampilhosa da Serra	Serra do Açor	Ribeira da Loisa
Ribeira	Vale de Água	Pampilhosa da Serra	Serra do Açor	Ribeira da Loisa
Ribeira	Silva	Pampilhosa da Serra	Serra do Açor	Ribeira da Loisa
Ribeira	Póvoa	Pampilhosa da Serra	Serra do Açor	Ribeira de Moninho
Ribeira	Acola	Pampilhosa da Serra	Serra do Açor	Ribeira da Póvoa
Ribeira	Boiça Pereira	Pampilhosa da Serra	Serra do Açor	Ribeira da Póvoa
Ribeira	Cabril	Pampilhosa da Serra	Serra do Açor	Rio de Unhais
Ribeira	Pescaneco	Pampilhosa da Serra	Serra do Açor	Ribeira de Praçais
Ribeira	Lapa	Pampilhosa da Serra	Serra do Açor	Rio de Unhais
Ribeira	Jazigos	Pampilhosa da Serra	Serra do Açor	Rio Zêzere
Ribeira	Porta	Pampilhosa da Serra	Serra do Açor	Rio Zêzere
Ribeira	Póvoa Raposeira	Pampilhosa da Serra	Serra do Açor	Rio Zêzere
Ribeira	Fontes	Pampilhosa da Serra	Serra do Açor	Rio Zêzere
Ribeira	Castanheira	Pampilhosa da Serra	Serra do Açor	Rio Ceira
Ribeira	Tojo	Arganil e Pampilhosa da Serra	Serra do Açor	Ribeira de Castanheira

Ribeira	Piães	Góis	Serra do Açor	Ribeira de Celavisa
Ribeira	Sobral ou Panasqueira	Góis	Serra do Açor	Rio Ceira
Ribeira	Saião	Góis	Serra do Açor	Rio Ceira
Ribeira	Vieiro	Góis	Serra do Açor	Rio Ceira
Ribeira	Sandinha	Góis	Serra do Açor	Rio Ceira
Ribeira	Lagar	Góis	Serra do Açor	Rio Ceira
Ribeira	Ervideiro	Góis	Serra do Açor	Rio Ceira
Ribeira	Romão	Góis	Serra do Açor	Rio Ceira
Ribeira	Odesinha	Góis	Serra do Açor	Rio Ceira
Ribeira	Carvalho do Sapo	Góis	Serra do Açor	Rio Ceira
Ribeira	Soito	Góis	Serra do Açor	Rio Ceira
Ribeira	D'Alem	Góis	Serra do Açor	Ribeira do Soito
Ribeira	Foz da Cova	Góis	Serra do Açor	Ribeira da Cárrima
Ribeira	Caibrada	Góis	Serra do Açor	Rio Ceira
Ribeira	Mestras	Góis	Serra do Açor	Rio Ceira
Ribeira	Cortetredor	Góis	Serra do Açor	Rio Ceira
Ribeira	Souto	Góis	Serra do Açor	Rio Ceira
Ribeira	Porto	Góis	Serra do Açor	Rio de Unhais
Ribeira	Simantorta	Góis	Serra do Açor	Ribeira do Porto
Ribeira	Cebola	Covilhã	Serra do Açor	Ribeira do Porsim
Ribeira	Cerdeira	Covilhã	Serra do Açor	Ribeira do Porsim
Ribeira	Sinhas	Covilhã	Serra do Açor	Ribeira do Porsim
Ribeira	Tojosa	Covilhã	Serra do Açor	Ribeira do Porsim
Ribeira	Malhada	Covilhã	Serra do Açor	Ribeira do Porsim
Ribeira	Carvalho	Covilhã	Serra do Açor	Ribeira do Porsim
Ribeira	Cabrieira	Covilhã	Serra do Açor	Ribeira do Carvalho
Ribeira	Risco	Covilhã	Serra do Açor	Ribeira da Cabrieira
Ribeira	Aldeia das Dez	Oliveira do Hospital	Serra do Açor	Rio Alva
Ribeira	Avelar	Oliveira do Hospital	Serra do Açor	Rio Alvoco
Ribeira	Porto de Avô	Oliveira do Hospital	Serra do Açor	Rio Alva
Ribeira	Gondufo	Seia	Serra do Açor	Ribeira do Piódão
Ribeira	Moinho Velho	Seia	Serra do Açor	Ribeira do Gondufo
Ribeira	Balocas	Seia	Serra do Açor	Rio Alvôco

Fontes: Conhecimento pessoal e Cartas Militares folhas nº 232, 233, 234, 243, 244, 245, 253, 254 e 255.

ANEXO Nº4 – LISTA DE ZONAS BALNEARES DA SERRA DO AÇOR

Tipo	Nome	Localização	Concelho	Observações
Praia Fluvial	Benfeita	Benfeita	Arganil	Praia Acessível
Praia Fluvial	Caneiro de Côja	Côja	Arganil	Bandeira Azul, Qualidade de Ouro e Praia Acessível
Praia Fluvial	Cascalheira	Secarias	Arganil	Bandeira Azul, Qualidade de Ouro e Praia Acessível
Praia Fluvial	Piódão	Piódão	Arganil	Bandeira Azul, Qualidade de Ouro e Praia Acessível
Praia Fluvial	Pomares	Pomares	Arganil	Praia Acessível
Praia Fluvial	Pampilhosa da Serra	Pampilhosa da Serra	Pampilhosa da Serra	Bandeira Azul e Praia Acessível
Praia Fluvial	Pessegueiro	Pessegueiro	Pampilhosa da Serra	Bandeira Azul e Praia Acessível
Praia Fluvial	Santa Luzia	Casal da Lapa	Pampilhosa da Serra	Bandeira Azul
Praia Fluvial	Peneda	Góis	Góis	Bandeira Azul, Qualidade de Ouro e Praia Acessível
Praia Fluvial	Alvoco das Várzeas	Alvoco das Várzeas	Oliveira do Hospital	Bandeira Azul, Qualidade de Ouro e Praia Acessível
Praia Fluvial	Avô	Avô	Oliveira do Hospital	Bandeira Azul e Praia Acessível
Zona de Lazer	Agroal	Pomares	Arganil	
Zona de Lazer	Barril do Alva	Barril do Alva	Arganil	
Zona de Lazer	Cartamil	Cartamil	Arganil	
Zona de Lazer	Foz D'Égua	Foz D'Égua	Arganil	
Zona de Lazer	Folques	Folques	Arganil	
Zona de Lazer	Malhada Chã	Malhada Chã	Arganil	
Zona de Lazer	Moinho do Alva	Côja	Arganil	
Zona de Lazer	Peneda da Talhada	Cansado, Arganil	Arganil	
Zona de Lazer	Poço da Cesta	Casal Novo	Arganil	
Zona de Lazer	Poço do Pojadouro	Cepos	Arganil	
Zona de Lazer	Sarzedo	Sarzedo	Arganil	
Zona de Lazer	Urtigal	Barril do Alva	Arganil	
Zona de Lazer	Cambas	Cambas	Pampilhosa da Serra	
Zona de Lazer	Cavaleiros de Baixo	Cavaleiros de Baixo	Pampilhosa da Serra	
Zona de Lazer	Malhada do Rei	Malhada do Rei	Pampilhosa da Serra	
Zona de Lazer	Mata	Mata	Pampilhosa da Serra	
Zona de Lazer	Unhais-o-Velho	Unhais-o-Velho	Pampilhosa da Serra	
Zona de Lazer	Candosa	Candosa	Góis	
Zona de Lazer	Cortada do Colmeal	Colmeal	Góis	
Zona de Lazer	Fragas de Carcavelos	Carcavelos	Góis	
Zona de Lazer	Praia da Ponte	Colmeal	Góis	
Zona de Lazer	Praia do Eirão	Cabreira	Góis	
Zona de Lazer	Praia do Lugar da Ponte Velha	Cabreira	Góis	
Zona de Lazer	Praia do Pego Escuro	Góis	Góis	
Zona de Lazer	Praia de Santo António (Cerejal)	Góis	Góis	
Zona de Lazer	Açude da Moenda	Alvoco das Várzes	Oliveira do Hospital	
Zona de Lazer	Açude de Parente	Parente	Oliveira do Hospital	
Zona de Lazer	Açude dos Pedreiros	Alvoco das Várzes	Oliveira do Hospital	
Zona de Lazer	Ponte das Três Entradas	Ponte das Três Entradas	Oliveira do Hospital	
Zona de Lazer	Poço da Broca	Barriosa	Seia	
Zona de Lazer	Vide	Vide	Seia	
Zona de Lazer	Poço da Broca	Barriosa	Seia	
Zona de Lazer	Lameiro da Ribeira	Casegas	Covilhã	
Zona de Lazer	Praia de Sobral de São Miguel	Sobral de São Miguel	Covilhã	
Piscina Natural	Celavisa	Celavisa	Arganil	
Piscina Natural	Fórnea	Fórnea	Arganil	
Piscina Natural	Parrozelos	Parrozelos	Arganil	
Piscina Natural	Sobral Magro	Sobral Magro	Arganil	
Piscina Natural	Soito da Ruiva	Soito da Ruiva	Arganil	

Fonte: Websites dos Municípios e conhecimento próprio.

ANEXO Nº5 – LISTA DE ALOJAMENTO NA SERRA DO AÇOR

	Nome do Alojamento	Tipologia	Localização
Arganil	Inatel Piódão Hotel	Hotel	Piódão (Piódão)
	Hotel de Arganil	Hotel	Arganil (Arganil)
	Hotel Canário	Hotel	Arganil (Arganil)
	Memórias da Comarca	Casa de Campo	Arganil (Arganil)
	A Casa da Tia Augusta	Casa de Campo	Sequeiros (Celavisa)
	Casas da Serra do Açor	Casa de Campo	Casal Novo (Cepos e Teixeira)
	Casa da Fonte de Santo António	Casa de Campo	Portela de Cerdeira (Cerdeira e Moura da Serra)
	12 Meses Naturalmente	Casa de Campo	Portela de Cerdeira (Cerdeira e Moura da Serra)
	Quinta da Palmeira	Casa de Campo	Cerdeira (Cerdeira e Moura da Serra)
	Campus Natura	Casa de Campo	Alqueve (Folques)
	Casa da Padaria	Casa de Campo	Piódão (Piódão)
	InXisto Lodges	Casa de Campo	Chãs de Égua (Piódão)
	3 Caprichos	Casa de Campo	Vila Cova do Alva (Vila Cova de Alva e Anceriz)
	Bed & Breakfast Casa Traca	Alojamento Local	Valbona (Arganil)
	Casa da Alagoa	Alojamento Local	Alagoa (Arganil)
	Fonte dos Amandos	Alojamento Local	Arganil (Arganil)
	Canto Azul Arganil Guesthouse Village	Alojamento Local	Arganil (Arganil)
	Casa da Lomba	Alojamento Local	Lomba (Arganil)
	Quinta da Essência	Alojamento Local	São Pedro (Arganil)
	Alojamento local Pardieiros	Alojamento Local	Pardieiros (Benfeita)
	Casa da Alta	Alojamento Local	Pardieiros (Benfeita)
	Toca da Sede	Alojamento Local	Pardieiros (Benfeita)
	Casa do Terreiro	Alojamento Local	Pardieiros (Benfeita)
	Quinta da Castanha	Alojamento Local	Dreia (Benfeita)
	Casa do Alto	Alojamento Local	Benfeita (Benfeita)
	Casa da Moenda	Alojamento Local	Benfeita (Benfeita)
	Barril Paradise	Alojamento Local	Barril do Alva (Côja e Barril do Alva)
	Villa Montês Guesthouse	Alojamento Local	Côja (Côja e Barril do Alva)
	Victocális	Alojamento Local	Côja (Côja e Barril do Alva)
	Santa Clara	Alojamento Local	Côja (Côja e Barril do Alva)
	Casa do Pelourinho	Alojamento Local	Côja (Côja e Barril do Alva)
	Casa Boavista	Alojamento Local	Côja (Côja e Barril do Alva)
	Pensão Flor do Alva	Alojamento Local	Côja (Côja e Barril do Alva)
	Casa Venâncio	Alojamento Local	Côja (Côja e Barril do Alva)
	Casa de Verão	Alojamento Local	Machorro (Côja e Barril do Alva)
	A Nossa Coroa	Alojamento Local	Machorro (Côja e Barril do Alva)
	Lugar das Várzeas	Alojamento Local	Pracerias (Celavisa)
	Casa dos Medronheiros	Alojamento Local	Cepos (Cepos e Teixeira)
	Casa do Passal	Alojamento Local	Folques (Folques)
	Apartamento de Santo António	Alojamento Local	Folques (Folques)
	Bela Vista	Alojamento Local	Alqueve (Folques)
	Casa de Xisto - Folques	Alojamento Local	Bocado (Folques)
	Casa da Encosta	Alojamento Local	Piódão (Piódão)
	O Recanto do Avô	Alojamento Local	Piódão (Piódão)
	Casa da Glória	Alojamento Local	Pomares (Pomares)
	Casa do Loureiro	Alojamento Local	Soito da Ruiva (Pomares)
	Casa do Rio	Alojamento Local	Praia Fluvial da Cascalheira (Secarias)
	Cantinho nas Secarias	Alojamento Local	Secarias (Secarias)
	CDR Cabeça do Rapado	Alojamento Local	Vila Cova de Alva e Anceriz
	Quinta Valle d' Arga	Alojamento Local	Vila Cova de Alva e Anceriz
	Casa da Menina	Alojamento Local	Anceriz (Vila Cova de Alva e Anceriz)
	Casa da Montanha	Alojamento Local	Vila Cova de Alva (Vila Cova de Alva e Anceriz)
	Reg & Sylvs	Alojamento Local	Anceriz (Vila Cova de Alva e Anceriz)
	Casa da Eira	Alojamento Local	Vinhó (Cerdeira e Moura da Serra)
	Parque Municipal de Campismo de Arganil	Parque de Campismo	Sarzedo (Sarzedo)
	Parque de Campismo de Côja	Parque de Campismo	Côja (Côja e Barril do Alva)
	Parque de Campismo da Bica	Parque de Campismo	Pomares (Pomares)
Covilhã	Casa do Sapateiro	Alojamento Local	Sobral de São Miguel (Sobral de São Miguel)
	Casa da Sobreira	Alojamento Local	Sobral de São Miguel (Sobral de São Miguel)
	Quinta do Favacal	Alojamento Local	Casegas (Casegas e Ourondo)

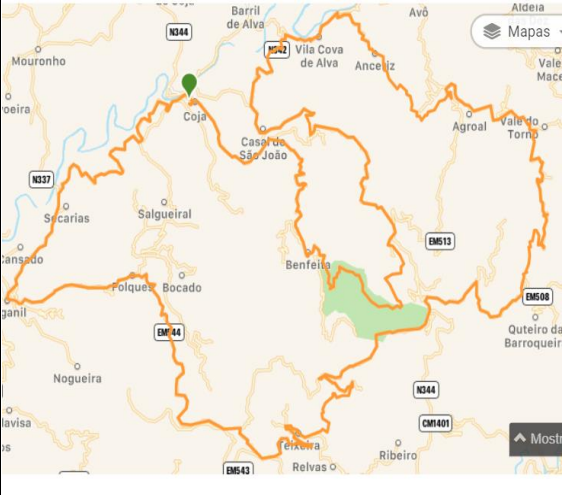
Góis	Casa de Campo Vale do Ceira	Casa de Campo	Góis (Góis)
	Loural Village	Casa de Campo	Loural (Cadafaz e Colmeal)
	Casa d' Cimo	Casa de Campo	Cabreira (Cadafaz e Colmeal)
	Casa da Praia Fluvial	Alojamento Local	Góis (Góis)
	Casa das Belas Vistas de Góis Nacional 2	Alojamento Local	Góis (Góis)
	Casa de São Paulo	Alojamento Local	Góis (Góis)
	Casa d' Avó Olinda	Alojamento Local	Góis (Góis)
	Casa Carvalhal	Alojamento Local	Góis (Góis)
	Casa Cabecinha d' ouro	Alojamento Local	Carvão (Góis)
	Casa do Ferreiro	Alojamento Local	Regateira (Góis)
	Casa Joya	Alojamento Local	Bordeiro (Góis)
	Casa d' Amoreira	Alojamento Local	Soito (Cadafaz e Colmeal)
	Casa SimSim	Alojamento Local	Soito (Cadafaz e Colmeal)
	Casa das Oliveiras	Alojamento Local	Soito (Cadafaz e Colmeal)
	Casa da Cancelinha	Alojamento Local	Soito (Cadafaz e Colmeal)
	Casa da Carvalha	Alojamento Local	Ádela (Cadafaz e Colmeal)
	Casa do Avô Manuel Nunes	Alojamento Local	Candosa (Cadafaz e Colmeal)
	Refúgio da Montanha	Alojamento Local	Sobral (Cadafaz e Colmeal)
	Residencial Casa de Santo António	Residencial	Góis (Góis)
	Góis Camping Parque de Campismo	Parque de Campismo	Góis (Góis)
Oliveira do Hospital	Alva Valley Hotel	Hotel	Ponte das Três Entradas (Aldeia das Dez)
	Plano 5 Robust Design	Mini Hotel	Aldeia das Dez (Aldeia das Dez)
	Hotel Rural Quinta da Geia	Hotel Rural (TER)	Aldeia das Dez (Aldeia das Dez)
	Casa da Eira de Cima	Casa de Campo	Chão Sobral (Aldeia das Dez)
	Casa do Secolinho	Casa de Campo	Aldeia das Dez (Aldeia das Dez)
	Casa de Baixo	Casa de Campo	Alvão das Várzeas (Alvão das Várzeas)
	Quinta da Moenda	Casa de Campo	Alvão das Várzeas (Alvão das Várzeas)
	Quinta das Covas	Casa de Campo	Alvão das Várzeas (Alvão das Várzeas)
	Casa do Tear	Alojamento Local	Aldeia das Dez (Aldeia das Dez)
	Rustialva	Alojamento Local	Avô (Avô)
	Parque de Campismo de Ponte das Três Entradas	Parque de Campismo	Ponte das Três Entradas (Aldeia das Dez)
Pampilhosa da Serra	Casa da Ponte	Casa de Campo	Cavaleiros de Baixo (Fajão e Vidual)
	Casa do Rio	Casa de Campo	Cavaleiros de Baixo (Fajão e Vidual)
	Casas de Campo do Couratão (3 casas)	Casa de Campo	Malhadas da Serra (Pessegueiro)
	Casa da Oliveira	Alojamento Local	Aradas (Unhais-o-Velho)
	Casinhas do Ceira - "Casa da Avó"	Alojamento Local	Ponte de Fajão (Fajão - Vidual)
	Casinhas do Ceira - "Casa da Barroca"	Alojamento Local	Ponte de Fajão (Fajão - Vidual)
	Casa da Moita	Alojamento Local	Fajão (Fajão e Vidual)
	A Cadeia	Alojamento Local	Fajão (Fajão e Vidual)
	Casa da Praça	Alojamento Local	Dornelas do Zêzere (Dornelas do Zêzere)
	Casa do Centro	Alojamento Local	Pessegueiro (Pessegueiro)
	Residencial As Beiras	Residencial	Casal da Lapa (Fajão e Vidual)
	Residencial Casa Velha	Residencial	Pampilhosa da Serra (Pampilhosa da Serra)
	Bungalows de Pessegueiro		Praia Fluvial de Pessegueiro (Pessegueiro)
Seia	Casa do Giestal	Alojamento Local	Vide (Vide e Cabeça)
	Fernanda Luís Carreira	Alojamento Local	Vide (Vide e Cabeça)
	Recanto do Açor	Alojamento Local	Vide (Vide e Cabeça)
Fonte: Visit Arganil, Município Góis, Município de Oliveira do Hospital e Município de Pampilhosa da Serra.			

ANEXO Nº6 - LISTA DE ESTABELECIMENTOS DE RESTAURAÇÃO NA ÁREA DA SERRA DO AÇOR

Município	Denominação	Tipo	Localização
Arganil	Tó Bela	Padaria e Pasteleria	Arganil (Arganil)
	Argus	Padaria e Pasteleria	Arganil (Arganil)
	O Pão Quente	Padaria e Pasteleria	Arganil (Arganil)
	Boutique da Tuxa	Padaria e Pasteleria	Côja (Côja e Barril de Alva)
	Pérola do Alva	Padaria e Pasteleria	Côja (Côja e Barril de Alva)
	A Grelha	Restaurante	Arganil (Arganil)
	A Tasquinha	Restaurante	Arganil (Arganil)
	O Meu Restaurante	Restaurante	Arganil (Arganil)
	Kebab Açor	Restaurante	Arganil (Arganil)
	Pizzaria Avenida	Restaurante	Arganil (Arganil)
	Restaurante Azzuro	Restaurante	Arganil (Arganil)
	Sabores do Açor	Restaurante	Arganil (Arganil)
	Alojamento Local dos Pardieiros	Restaurante	Pardieiros (Benfeita)
	Cantinho do Petisco	Restaurante	Côja (Côja e Barril de Alva)
	Lagar do Alva	Restaurante	Côja (Côja e Barril de Alva)
	Pizzaria do Alva	Restaurante	Côja (Côja e Barril de Alva)
	Prensa da Ribeira	Restaurante	Côja (Côja e Barril de Alva)
	O Príncipe do Alva	Restaurante	Côja (Côja e Barril de Alva)
	Steak House	Restaurante	Côja (Côja e Barril de Alva)
	Quinta do Urzgal	Restaurante	Barril do Alva (Côja e Barril do Alva)
	O Fontinha	Restaurante	Piódão (Piódão)
	Inatel Piódão Hotel	Restaurante	Piódão (Piódão)
	Casall de Piódão	Restaurante	Piódão (Piódão)
	A Impala	Restaurante	Sarzedo (Sarzedo)
	Sombrinha do Alva	Restaurante	Secarias (Secarias)
	O Miradouro	Restaurante	Cepos (Cepos e Teixeira)
	A Cascata	Café Snack Bar	Arganil (Arganil)
	O Pintassilgo	Café Snack Bar	Arganil (Arganil)
	Eduardus Bar	Café Snack Bar	Arganil (Arganil)
	O Telheiro	Café Snack Bar	Arganil (Arganil)
	O Mendes	Café Snack Bar	Secarias (Secarias)
	Solar dos Pachecos	Petiscos e Tapas	Piódão (Piódão)
	Açor TT	Petiscos e Tapas	Arganil (Arganil)
	D'Aqui e D'Acolá	Petiscos e Tapas	Côja (Côja e Barril de Alva)
	Churrascaria Piri-Piri	Take Away	Arganil (Arganil)
	Palatho	Catering & Eventos	Arganil (Arganil)
	Comissão de Melhoramentos Soito da Ruiva	Comissão de Melhoramentos e outros	Soito da Ruiva (Pomares)
	Comissão de Melhoramentos Sorgaçosa	Comissão de Melhoramentos e outros	Sorgaçosa (Pomares)
	Comissão de Melhoramentos do Sobral Gordo	Comissão de Melhoramentos e outros	Sobral Gordo (Pomares)
	Comissão de Melhoramentos do Casal Novo	Comissão de Melhoramentos e outros	Casal Novo (Cepos e Teixeira)
	Comissão de Melhoramentos dos Pardieiros	Comissão de Melhoramentos e outros	Pardieiros (Benfeita)
	Associação de Moradores do Casal de São João	Comissão de Melhoramentos e outros	Casal de São João (Vila Cova de Alva e Anceriz)
Covilhã	O Gasómetro	Restaurante Take Away	Barroca Grande (Aldeia de São Francisco de Assis)
	O Pedro	Restaurante	Sobral de São Miguel (Sobral de São Miguel)

Góis	Kentidoce	Padaria/Pastelaria	Góis (Góis)
	OleíGóis	Padaria/Pastelaria	Góis (Góis)
	A Caçoila	Restaurante	Esporão (Góis)
	A Caravela	Restaurante	Góis (Góis)
	Alvaro's	Restaurante	Góis (Góis)
	Beira Rio	Restaurante	Góis (Góis)
	Casa Ti Maria	Restaurante	Góis (Góis)
	O Goiense	Restaurante	Góis (Góis)
	O Silvério	Restaurante	Góis (Góis)
	Pizzaria Encosta da Seara	Restaurante	Góis (Góis)
	Place Góis	Restaurante	Góis (Góis)
	Alto da Serra	Restaurante	Cabeçadas (Alvares)
Oliveira do Hospital	João Brandão	Restaurante	Aldeia das Dez (Aldeia das Dez)
	Varandas Verdes	Restaurante	Ponte das Três Entradas (Aldeia das Dez)
	Plano 5	Tapas Bar	Aldeia das Dez (Aldeia das Dez)
	Café - Paderia	Café Restaurante	Avô (Avô)
Pampilhosa da Serra	Padaria Antiga	Padaria/Pastelaria	Pampilhosa da Serra (Pampilhosa da Serra)
	Pampidoce	Padaria/Pastelaria	Pampilhosa da Serra (Pampilhosa da Serra)
	Caruma Restaurante	Restaurante	Pampilhosa da Serra (Pampilhosa da Serra)
	Casa Custódio	Restaurante	Pampilhosa da Serra (Pampilhosa da Serra)
	"O" Albano	Restaurante	Pampilhosa da Serra (Pampilhosa da Serra)
	Churrascaria Arco-Íris	Restaurante	Pampilhosa da Serra (Pampilhosa da Serra)
	As Beiras	Restaurante	Casal da Lapa (Fajão e Vidual)
	O Pascoal	Restaurante	Fajão (Fajão e Vidual)
	Retiro do Almocreve	Restaurante	Ponte de Fajão (Fajão e Vidual)
	Os Amigos	Restaurante	Machial (Domelas do Zêzere)
	Pôr do Sol	Restaurante	Portela de Unhais (Unhais-o-Velho)
	Pedras Lavradas	Restaurante	Pedras Lavradas (Teixeira)
Seia	Guarda-Rios	Restaurante	Barrios/Poço da Broca (Vide e Cabeça)
Fonte: Visit Arganil, Município Góis, Município de Oliveira do Hospital e Município de Pampilhosa da Serra.			

ANEXO Nº7 - FICHA DE PERCURSO – ARGANIL AÇOR COMPLETE TOUR:

Partida: Centro de Cyclin' Portugal da Serra do Açor (Côja); Chegada: Centro de Cyclin' Portugal da Serra do Açor (Côja); Vertente: Estrada; Formato do percurso: Circular; Quilómetros: 96 km; Desnível positivo acumulado: 2600 m; Dificuldade: Muito difícil; Locais com restauração: Côja, Benfeita, Pardieiros, Monte Frio, Portela da Cerdeira, Vila Cova do Alva, Anseriz, Pomares, Folques, Arganil, Secarias, Côja; Pontos de especial interesse: Rio Alva em diferentes localizações. Côja, Aldeia do Xisto Benfeita, Paisagem Protegida da Serra do Açor (Fraga da Pena e Mata da Margarça), Aldeia do Xisto Vila Cova do Alva, Pomares, Estrada EM508 (Rota das Aldeias Históricas de Portugal), Planalto do Açor, Selada das Eiras, Arganil.	 
O Arganil Açor Complete Tour trata-se de um trajeto circular com início e final no Centro Cyclin' Portugal da Serra do Açor em Côja. O itinerário percorre, sem nunca repetir nenhum local, quase toda a área da Serra do Açor que faz parte do concelho de Arganil, destacando a passagem pela vila de Côja, carinhosamente apelidada de Princesa do Alva, pelas duas Aldeias do Xisto de Portugal deste município, Benfeita e Vila Cova de Alva, pela Paisagem Protegida da Serra do Açor onde se encontra a Fraga da Pena e a Mata da Margarça e pelo planalto desta serra, onde é possível observar-se panoramas incríveis. Este percurso, apesar de exigente, pode ser ótimo para quem procura efetuar um longo dia de cicloturismo e, com calma, conhecer alguns dos recantos perdidos da maior serra de xisto de Portugal. Igualmente pode ser também um excelente desafio para quem busca realizar um esforço maior e desenvolver competências físicas devido às várias subidas enfrentadas, onde uma delas chega mesmo a ser categorizada como Hors Catégorie (HC), ou seja, a mais alta categoria existente. Por esse motivo aconselha-se o uso de relações de transmissão mais desmultiplicadas e com andamentos leves. O trajeto é indicado para cicloturistas ou ciclistas com alguma prática na modalidade, e dependendo da sua condição, efetuarem o mesmo à velocidade que melhor entenderem, sendo por esse motivo acessível a praticantes que não sejam necessariamente atletas de topo, mas que gostem de se desafiar na bicicleta. Poderá ter uma duração de entre 4 a 8 horas (incluindo paragens).	

ANEXO Nº8 - FICHA DE PERCURSO – ARGANIL AÇOR HALF TOUR

Partida: Centro de Cyclin'Portugal da Serra do Açor (Côja);

Chegada: Centro de Cyclin'Portugal da Serra do Açor (Côja);

Vertente: Estrada;

Formato do percurso: Circular;

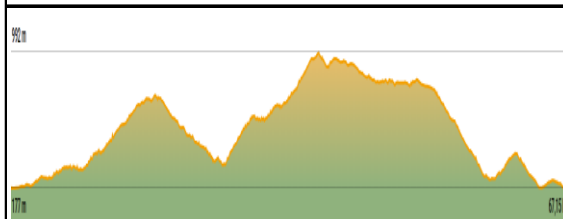
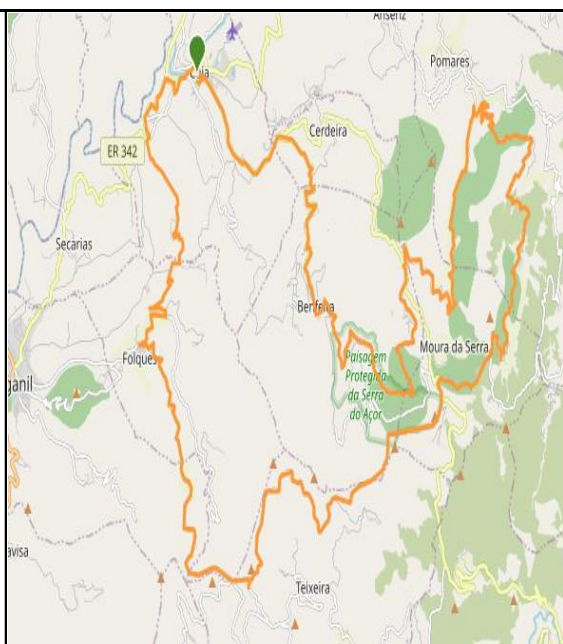
Quilómetros: 67 km;

Desnível positivo acumulado: 2026 m;

Dificuldade: Difícil;

Locais com restauração: Côja, Benfeita, Pardieiros, Monte Frio, Sorgaçoza, Pomares, Folques, Arganil, Secarias, Côja;

Pontos de especial interesse: Côja, Aldeia do Xisto Benfeita, Paisagem Protegida da Serra do Açor (Fraga da Pena e Mata da Margaraça), Pomares, Estrada EM508 (Rota das Aldeias Históricas de Portugal), Planalto do Açor, Selada das Eiras, Arganil.



À semelhança do Arganil Açor Complete Tour, o Half Tour é um trajeto circular com início e final no Centro Cyclin'Portugal da Serra do Açor em Côja.

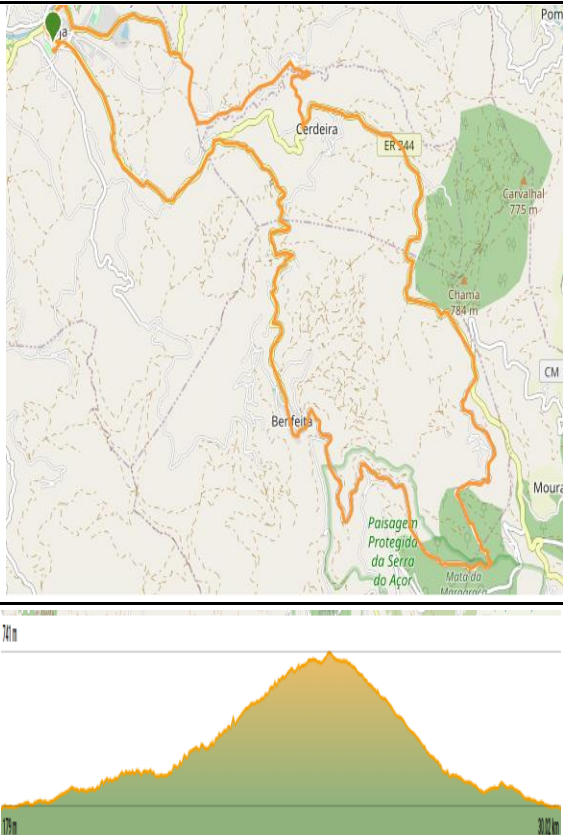
Seguindo a ideologia do itinerário maior, ou seja, um trajeto sem nunca repetir nenhum local, o Arganil Açor Half Tour percorre uma boa parte da área da Serra do Açor que faz parte do concelho de Arganil, obviamente que com menor dureza que o Complete Tour.

De entre os locais visitados destaca-se a vila de Côja, carinhosamente apelidada de Princesa do Alva, a Aldeia do Xisto de Portugal Benfeita, a Paisagem Protegida da Serra do Açor onde se encontra a Fraga da Pena e a Mata da Margaraça, o planalto desta serra, onde é possível observar-se panoramas incríveis, e locais reconhecidos regionalmente pelo seu encanto, como a Selada das Eiras e o Mosteiro de Folques.

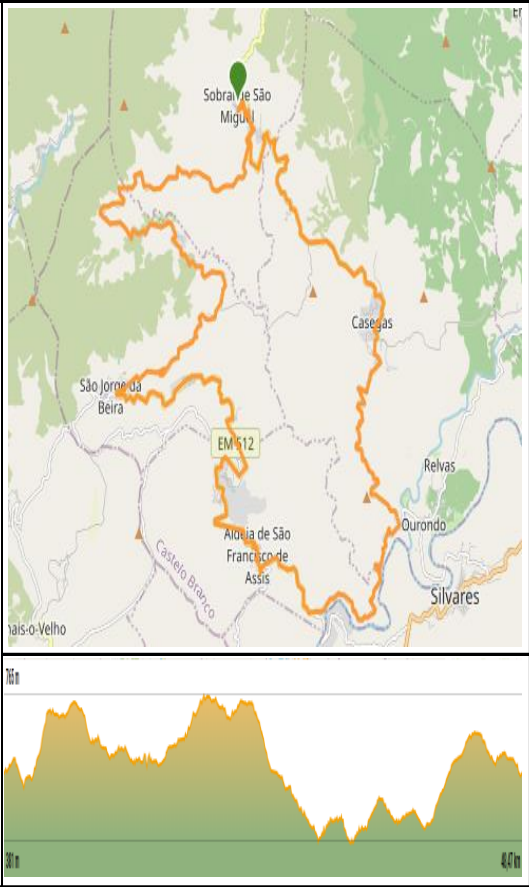
Este percurso, apesar de mais curto, detém alguma exigência física pelo típico traçado de montanha desta região. As subidas encontradas são longas, contudo podem ser feitas de forma mais calma porque não possuem partes com pendentes demasiado íngremes. Para maior comodidade, aconselha-se sempre o uso de relações de transmissão mais desmultiplicadas e com andamentos leves.

Desta forma adequa-se a qualquer cicloturista ou ciclista com alguma prática na modalidade, sendo por esse motivo acessível a praticantes que não sejam necessariamente atletas de topo, mas que gostem de se desafiar na bicicleta. Poderá ter uma duração de entre 2.30h a 6 horas (incluindo paragens).

ANEXO Nº9 - FICHA DE PERCURSO – ARGANIL AÇOR SHORT LOOP

Partida: Centro Cyclin'Portugal da Serra do Açor (Côja); Chegada: Centro Cyclin'Portugal da Serra do Açor (Côja); Vertente: Estrada; Formato do percurso: Circular; Quilómetros: 30 km; Desnível positivo acumulado: 883 m; Dificuldade: Moderado; Locais com restauração ou café: Côja, Pisão, Benfeita, Pardieiros, Moura da Serra, Portela de Cerdeira; Pontos de especial interesse: Rio Alva, Vila de Côja, Aldeia do Xisto da Benfeita, Paisagem Protegida da Serra do Açor (Fraga da Pena e Mata da Margarça).	
O Arganil Açor Short Loop trata-se de um percurso menor, mas, à semelhança dos anteriores, tem um trajeto circular com início e final no Centro Cyclin'Portugal da Serra do Açor em Côja. O trajeto é equivalente ao dos de maior dimensão anteriormente apresentados, passando pela Aldeia do Xisto de Portugal Benfeita e daí seguindo pela Paisagem Protegida da Serra do Açor até à Moura da Serra. É nesta que a separação dos percursos se sucede, nomeadamente no cruzamento do cemitérios de Moura da Serra, sendo que este trajeto segue por uma rápida descida até à Portela de Cerdeira onde se vira para a povoação de Vinho. Este percurso foi criado com o intuito de oferecer uma hipótese mais moderada, onde o trajeto apresenta apenas uma subida mais longa com alguns curtos troços mais inclinados, contudo acessível e ideal para ser feitas com ritmo calmo. Esta subida parte da Benfeita e termina no cruzamento da Moura da Serra, atravessando a célebre Mata da Margarça numa estrada de calçada e com uma parte de piso xistoso. Aconselha-se sempre o uso de relações de transmissão mais desmultiplicadas e com andamentos mais leves. O trajeto é indicado para cicloturistas no geral, e poderá ter uma duração de entre 1h e 20 min a 3h e 30min (incluindo paragens).	

ANEXO Nº10 - FICHA DE PERCURSO – COVILHÃ AÇOR COMPLETE TOUR

Partida: Aldeia do Xisto Sobral de São Miguel; Chegada: Aldeia do Xisto Sobral de São Miguel; Vertente: Estrada; Formato do percurso: Circular; Quilómetros: 49 km; Desnível positivo acumulado: 1246 m; Dificuldade: Difícil; Pontos de especial interesse: Sobral de São Miguel, São Jorge da Beira, Minas da Panasqueira, Aldeia de São Francisco de Assis, Caségas. Locais com café ou restaurante: Sobral de São Miguel, São Jorge da Beira, Minas da Panasqueira, Aldeia de São Francisco de Assis, Caségas.	
Covilhã Açor Complete Tour é um percurso circular com início e término na Aldeia do Xisto de Portugal, Sobral de São Miguel. Apesar de não possuir uma quilometragem muito elevada, este trajeto percorre todas as freguesias do município da Covilhã que se inserem na área da Serra do Açor, sendo uma excelente forma de conhecer o território deste concelho pertencente a esta serra, que é marcado pela atividade mineira de extração do volfrâmio nas Minas da Panasqueira e atividades de extração de xisto, sendo Sobral de São Miguel denominada como o coração de xisto, pois era deste local que se obtinha a pedra para a construção de toda a região. Estas freguesias estão inseridas nas encostas do Pico da Cebola, maior altitude da Serra do Açor, e por esse motivo o traçado das estradas é muito acidentado e difícil, mas ao mesmo tempo é rico em panorâmicas interessantes. Assim, o percurso, apesar de duro, adequa-se a qualquer cicloturista ou ciclista regular, podendo ser utilizado tanto para treinar como para turismo. É um trajeto para durar de 1h e 50 min a 4h incluindo paragens.	

ANEXO Nº11 - FICHA DE PERCURSO – GÓIS AÇOR COMPLETE TOUR

Partida: Góis;

Chegada: Góis;

Vertente: Estrada;

Formato do percurso: Circular;

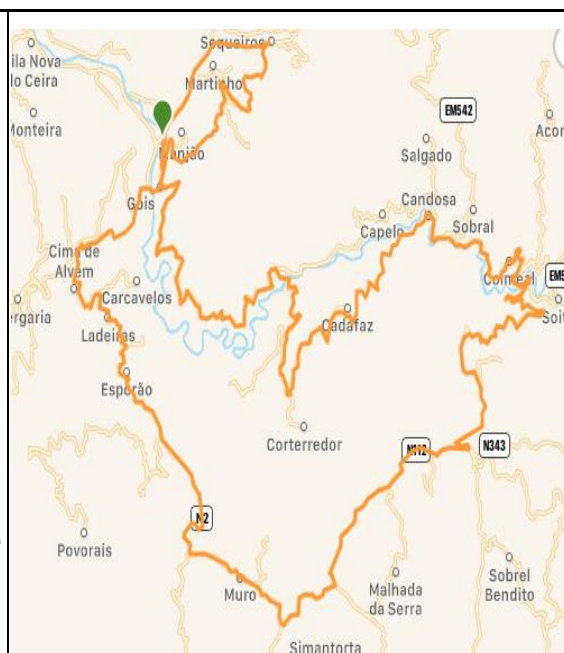
Quilómetros: 69 km;

Desnível positivo acumulado: 1922 m;

Dificuldade: Muito difícil;

Pontos de especial interesse: O Rio Ceira em diferentes localizações, a Vila de Góis, as aldeias perdidas na encosta do Monte Rabadão, Vale Boa, Piães, Vale Maceira, a Zona Balnear do Colmeal, as aldeias xistosas de Candosa, Cadafaz, Tarrastal e a aldeia de Cabreira, com destaque para a zona balnear do Lagar de Varas e Ponte Velha.

Locais com café ou restaurante: Góis, Portela, Esporão, Cabeçadas, Colmeal, Cabreira. Existem fontes de água potável em grande parte das povoações.



O Góis Açor Complete Tour trata-se de um trajeto circular com início e final na vila sede de concelho, Góis.

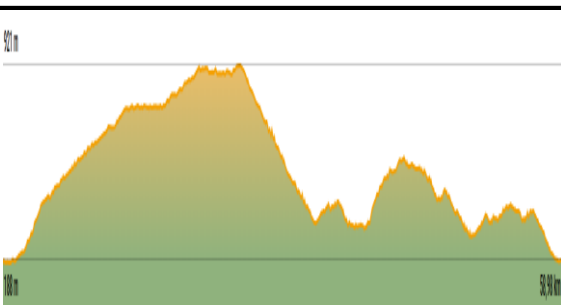
O itinerário percorre, praticamente sem nunca repetir nenhum local, quase toda a área da Serra do Açor que faz parte do concelho de Góis, destacando a passagem pela vila de Góis, que mantém uma traça única, e onde se encontram vários locais de destaque como a Igreja de Góis e o Tumulo do Conde de Sortelha nela inserido, imóvel classificado como Monumento Nacional, mas também o Edifício dos Passos do Concelho, a Ponte Real e a Capela Hexagonal a sul desta ponte. Para além disto, o percurso leva-nos num fantástico passeio pelo Vale do Ceira, percorrendo ainda parte da célebre Estrada Nacional 2, e visitando algumas das aldeias mais pitorescas deste concelho, e particularmente do seu território pertencente à Serra do Açor.

Neste percurso salienta-se uma curta passagem em terra batida e calçada perto da aldeia de Cabreira, feita com o intuito de levar o praticante a atravessar a Ponte Velha e visitar o Lagar de Varas e a zona balnear existente neste local de uma forma mais interessante.

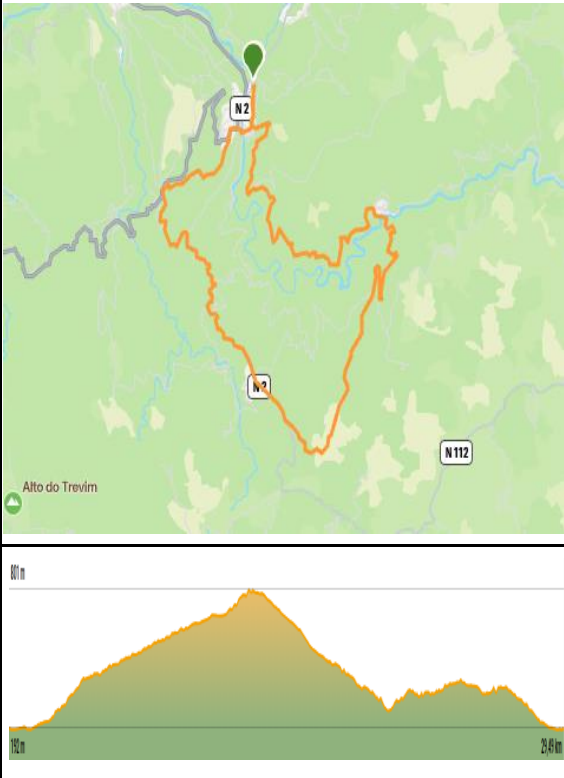
Este percurso revela alguma exigência, enfrentando várias subidas com pendentes íngremes que pedem um esforço maior por parte do praticante, mas também algumas subidas longas e de baixa inclinação ideais para serem feitas com ritmo calmo que permita a contemplação das redondezas. Por esse motivo aconselha-se o uso de relações de transmissão mais desmultiplicadas e com andamentos mais leves.

O trajeto é indicado para cicloturistas ou ciclistas com alguma prática na modalidade, e dependendo da sua condição, efetuarem o mesmo à velocidade que melhor entenderem, sendo por esse motivo acessível a praticantes que não sejam necessariamente atletas de topo, mas que gostem de se desafiar na bicicleta. Poderá ter uma duração de entre 2h e 30min a 6 horas (incluindo paragens).

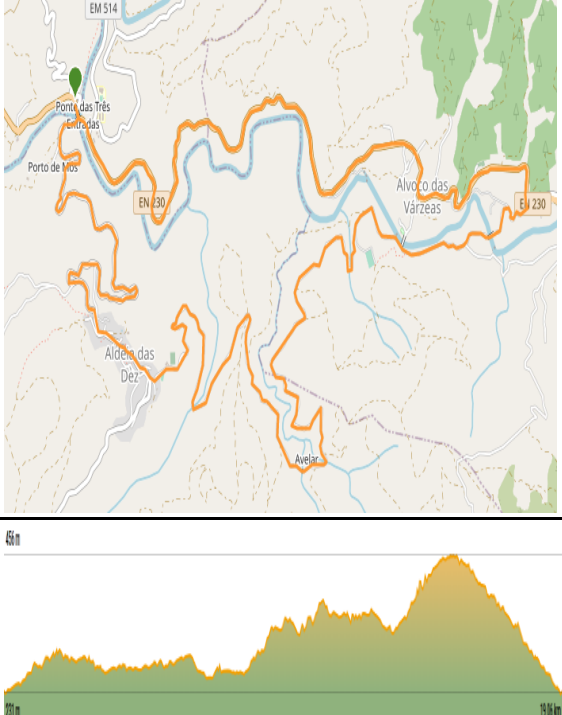
ANEXO Nº12 - FICHA DE PERCURSO – GÓIS AÇOR HALF TOUR

Partida: Góis; Chegada: Góis; Vertente: Estrada; Formato do percurso: Circular; Quilómetros: 59 km; Desnível positivo acumulado: 1700 m; Dificuldade: Difícil; Pontos de especial interesse: O Rio Ceira em diferentes localizações, a Vila de Góis, a Zona Balnear do Colmeal, as aldeias xistosas de Candosa, Cadafaz, Tarrastal e a aldeia de Cabreira, com destaque para a zona balnear do Lagar de Varas e Ponte Velha. Locais com café ou restaurante: Góis, Portela, Esporão, Cabeçadas, Colmeal, Cabreira. Existem fontes de água potável em grande parte das povoações.	 
O Góis Açor Half Tour não difere muito do percurso maior, e à semelhança do mesmo, tem um trajeto circular com início e final na vila sede de concelho, Góis. A única diferença para o Góis Açor Complete Tour está no facto de este itinerário não efetuar o circuito inicial, na encosta do Monte Rabadão, começando na Vila de Góis e daí, após uma pequena volta nesta localidade, segue logo pela célebre Estrada Nacional 2, e posteriormente pela Estrada Nacional 112, até ao alto da serra, pela encosta do Monte das Malhadas, descendo desse ponto até à Praia Fluvial do Colmeal. O percurso visita ainda algumas das aldeias mais pitorescas deste concelho, e particularmente do seu território pertencente à Serra do Açor, com destaque para a Candosa, o Tarrastal e a Cabreira, onde se encontra o Lagar de Varas, a Ponte Velha e ainda duas Zonas Balneares. Neste percurso salienta-se uma curta passagem em terra batida e calçada perto da aldeia da Cabreira, feita com o intuito de levar o praticante a atravessar a Ponte Velha e visitar o Lagar de Varas e a zona balnear existente neste local de uma forma mais interessante. Este percurso revela alguma exigência, com duas subidas mais longas, contudo sem grandes pendentes, sendo ideais para serem feitas com ritmo calmo, que permita a contemplação das redondezas. Como em todos os outros percursos nesta serra, aconselha-se o uso de relações de transmissão mais desmultiplicadas e com andamentos mais leves. O trajeto é indicado para cicloturistas ou ciclistas com alguma prática na modalidade, e dependendo da sua condição, efetuarem o mesmo à velocidade que melhor entenderem, sendo por esse motivo acessível a praticantes que não sejam necessariamente atletas de topo, mas que gostem de se desafiar na bicicleta. Poderá ter uma duração de entre 2h e 30min a 6 horas (incluindo paragens).	

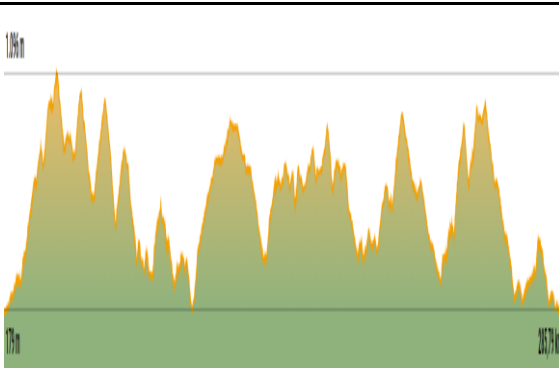
ANEXO Nº13 - FICHA DE PERCURSO – GÓIS AÇOR SHORT LOOP

Partida: Góis; Chegada: Góis; Vertente: Estrada; Formato do percurso: Circular; Quilómetros: 30 km; Desnível positivo acumulado: 933 m; Dificuldade: Moderado; Pontos de especial interesse: O Rio Ceira em diferentes localizações, a Vila de Góis, a aldeia xistosa do Tarrastal, a aldeia de Cabreira, com destaque para a zona balnear do Lagar de Varas e Ponte Velha. Locais com café ou restaurante: Góis, Portela, Esporão, Cabeçadas, Cabreira. Existem fontes de água potável em grande parte das povoações.	
O Góis Açor Short trata-se de um percurso menor, mas, à semelhança dos anteriores, tem um trajeto circular com início e final na vila sede de concelho, Góis. O trajeto é equivalente ao do Góis Açor Half Tour, começando na Vila de Góis e daí, após uma pequena volta nesta localidade, seguindo pela célebre Estrada Nacional 2, contudo não continua até ao alto da serra e até à estrada N112, virando antes disso para a Cabreira num cruzamento perto da povoação de Cantoneiros, enfrentando-se uma vertiginosa e rápida descida que passa pela pitoresca aldeia xistosa do Tarrastal. Neste percurso salienta-se uma curta passagem em terra batida e calçada perto da aldeia da Cabreira, feita com o intuito de levar o praticante a atravessar a Ponte Velha e visitar o Lagar de Varas e a zona balnear existente neste local de uma forma mais interessante. Este percurso foi criado com o intuito de oferecer uma hipótese mais moderada, onde o trajeto apresenta apenas uma subida mais longa, contudo de baixa inclinação, sendo ótima para ser feitas com ritmo calmo, que permita a contemplação das redondezas. No entanto, aconselha-se sempre o uso de relações de transmissão mais desmultiplicadas e com andamentos mais leves. O trajeto é indicado para cicloturistas no geral, e poderá ter uma duração de entre 1h a 3h e 30min (incluindo paragens).	

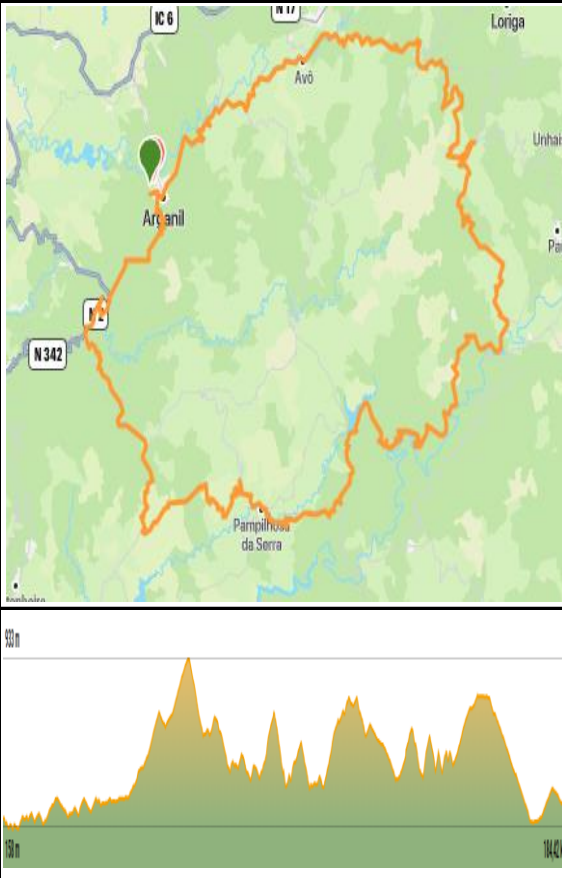
ANEXO Nº14 - FICHA DE PERCURSO – OLIVEIRA DO HOSPITAL AÇOR SHORT LOOP

Partida: Ponte das Três Entradas; Chegada: Ponte das Três Entradas; Vertente: Estrada; Formato do percurso: Circular; Quilómetros: 20 km; Desnível positivo acumulado: 453 m; Dificuldade: Fácil; Locais com restauração: Ponte das Três Entradas, Alvoco das Várzeas, Aldeia das Dez; Pontos de especial interesse: Ponte das Três Entradas, Quinta da Moenda, Alvoco das Várzeas (Ponte Medieval e Praia Fluvial), Avelar, Aldeia do Xisto Aldeia das Dez.	
O Oliveira do Hospital Açor Short Loop trata-se de um percurso menor, com trajeto circular iniciado e finalizado na aldeia Ponte das Três Entradas O trajeto, apesar de curto, visita vários locais de extrema atratividade, tais como a aldeia de Alvoco das Várzeas, onde se encontra uma Praia Fluvial Classificada, a Ponte Medieval e também a Zona Balnear do Açude da Moenda (Quinta da Moenda), mas também o Avelar, aldeia remota perdida na encosta do Monte Colcurinho e a Aldeia do Xisto de Portugal, Aldeia das Dez. A Estrada Nacional 230, que percorremos desde Ponte das Três Entradas até Alvoco das Várzeas, oferece, neste sentido, majestosos panoramas, circulando sempre junto ao Rio Alvoco e com a Serra do Açor e a Serra da Estrela como pano de fundo. Este percurso foi criado com o intuito de oferecer uma hipótese mais moderada, onde o trajeto de forma geral é fácil, apresentando apenas uma subida de maior dureza entre Alvoco das Várzeas e Aldeia das Dez, mas, no entanto, esta torna-se muito mais acessível com o uso de relações de transmissão mais desmultiplicadas e com andamentos mais leves. O trajeto é indicado para cicloturistas no geral, e poderá ter uma duração de entre 45 min a 3h (incluindo paragens).	

ANEXO Nº15 – FICHA DE PERCURSO – GRANDE TRAVESSIA DO AÇOR EM ESTRADA

Partida: Centro Cyclin'Portugal da Serra do Açor (Côja), Ponte das Três Entradas, Vide, Sobral de São Miguel, Casal da Lapa, Góis. Chegada: Centro Cyclin'Portugal da Serra do Açor (Côja), Ponte das Três Entradas, Vide, Sobral de São Miguel, Casal da Lapa, Góis. Vertente: Estrada. Formato do percurso: Circular. Quilómetros: 286 km. Desnível positivo acumulado: 8935 m. Dificuldade: Muito difícil. Pontos de especial interesse: Rios Alva, Alvoco, Ceira, Unhais e Zêzere. Côja, Aldeia do Xisto da Benfeita, Paisagem Protegida da Serra do Açor (Fraga da Pena e Mata da Margarapa), Fomêa, Porto de Balsa, Porto de Fajão, Aldeia do Xisto do Fajão, Aldeia Preservada do Soito, Candosa, Cadafaz, Cabreira, Góis, Pampilhosa da Serra, Barragem de Santa Luzia, Casal da Lapa, Unhais-o-Velho, São Jorge da Beira, Minas da Panasqueira, Barroca Grande, Aldeia de São Francisco de Assis, Casegas, Aldeia do Xisto de Sobral de São Miguel, Pedras Lavradas, Poço da Broca em Barriosa, Vide, Foz d'Égua, Chãs d'Égua, Aldeia Histórica Piódão, Aldeia do Xisto Aldeia das Dez, Ponte das Três Entradas, Avô, Pomares, Anseriz, Aldeia do Xisto Vila Cova de Alva. Locais com café ou restaurante: Côja, Pisão, Benfeita, Pardieiros, Moura da Serra, Fajão, Colmeal, Cabreira, Góis, Portela, Esporão, Cabeçadas, Pampilhosa da Serra, Casal da Lapa, Portela de Unhais, Unhais-o-Velho, São Jorge da Beira, Minas da Panasqueira, Barroca Grande, Aldeia de São Francisco de Assis, Casegas, Sobral de São Miguel, Pedras Lavradas, Poço da Broca (Barriosa), Vide, Foz d'Égua, Piódão, Aldeia das Dez, Ponte das Três Entradas, Avô, Pomares, Agroal, Foz de Moura, Anseriz, Vila Cova de Alva, Zona de Lazer do Urtilgal, Barril do Alva. Existem fontes de água potável em grande parte das povoações.	 
A Grande Rota do Açor em estrada trata-se de um trajeto circular que percorre a área da Serra do Açor em quase toda a sua totalidade, e por esse motivo é uma ótima opção para a realização de umas férias cicloturísticas a conhecer este território de Portugal Continental. Este percurso é, no fundo, uma travessia que leva o praticante a visitar desde os locais mais afamados aos locais mais remotos e perdidos desta serra. De entre os sítios percorridos destacam-se, desde logo, a passagem por todos os rios que transitam ou nascem neste território, sendo eles os Rios Alva, Alvoco, Ceira, Unhais e Zêzere, mas também por outros recursos hídricos de importância como as Ribeiras da Mata da Margarapa, de Pomares, do Porsim e do Piódão, bem como pelas inúmeras zonas balneares neles existentes. Além disto, salienta-se a passagem pela Paisagem Protegida da Serra do Açor, onde se encontra a Mata da Margarapa e a Fraga da Pena, a visita à Aldeia Histórica de Portugal Piódão e às 5 Aldeias do Xisto de Portugal da Serra do Açor (Aldeia das Dez, Benfeita, Fajão, Sobral de São Miguel e Vila Cova do Alva), mas também a tantas outras localidades interessantes tais como as vilas históricas de Avô, Côja, Góis, mas também povoados remotos e pitorescos da Serra do Açor como a Aldeia Preservada do Soito, a Candosa, a Cadafaz, a Cabreira, a Foz d'Égua, a Fórnea, São Jorge da Beira, o Tarrastal, a Vide ou o Vale de Maceira. Em relação ao traçado, este revela ser de extrema dificuldade, mas pode ser feito de diferentes formas, dividindo-se a quilometragem em mais ou menos etapas, e desta forma adequar a viagem a cada praticante. O ponto de partida pode ser em vários locais distintos. No âmbito da presente dissertação considera-se uma localização de partida em cada concelho da Serra do Açor, que poderiam ser por exemplo o Centro Cyclin'Portugal do Casal da Lapa (Pampilhosa da Serra), o Centro Cyclin'Portugal da Serra do Açor em Côja (Arganil), em Góis nos Balneários do parque de estacionamento junto ao posto da GNR e ao Pavilhão Gimnodesportivo, em Ponte das Três Entradas no Parque de Campismo, em Sobral de São Miguel nas instalações da antiga escola e em Vide num local a designar.	

ANEXO Nº16 – FICHA DE PERCURSO – ABRAÇO À SERRA DO AÇOR

Partida: Centro Cyclin' Portugal da Serra do Açor (Côja), Ponte das Três Entradas, Vide, Sobral de São Miguel, Casal da Lapa, Góis. Chegada: Centro Cyclin' Portugal da Serra do Açor (Côja), Ponte das Três Entradas, Vide, Sobral de São Miguel, Casal da Lapa, Góis. Vertente: Estrada. Formato do percurso: Circular. Quilómetros: 185 km. Desnível positivo acumulado: 4160 m. Dificuldade: Extremo. Pontos de especial interesse: Rios Alva, Alvoco, Ceira, Unhais e Zêzere. Côja, Aldeia do Xisto de Vila Cova de Alva, Avô, Ponte das Três Entradas, Alvoco das Várzeas, Parente, Vide, Poço da Broca (Barriosa), Teixeira, Pedras Lavradas, Aldeia do Xisto de Sobral de São Miguel, Casegas, Aldeia de São Francisco de Assis, Dornelas do Zêzere, Porto das Vacas, Esteiro, Casal da Lapa, Pampilhosa da Serra, Góis, Arganil. Locais com café ou restaurante: Côja, Vila Cova de Alva, Avô, Ponte das Três Entradas, Alvoco das Várzeas, Vide, Poço da Broca (Barriosa), Pedras Lavradas, Sobral de São Miguel, Casegas, Aldeia de São Francisco de Assis, Dornelas do Zêzere, Porto das Vacas, Casal da Lapa, Pampilhosa da Serra, Cabeçadas, Esporão, Portela, Góis, Bordeiro, Arganil, Secarias. Existem fontes de água potável em grande parte das povoações.	
O Abraço à Serra do Açor trata-se de um trajeto circular que pode ter início em distintos pontos, sendo que no âmbito da presente dissertação considera-se uma localização de partida em cada concelho da Serra do Açor, que poderiam ser, por exemplo, o Centro Cyclin' Portugal do Casal da Lapa (Pampilhosa da Serra), o Centro Cyclin' Portugal da Serra do Açor em Côja (Arganil), em Góis nos Balneários do parque de estacionamento junto ao posto da GNR e ao Pavilhão Gimnodesportivo, em Ponte das Três Entradas no Parque de Campismo, em Sobral de São Miguel nas instalações da antiga escola, em Vide num local a designar. A ideia deste trajeto é efetuar o perímetro desta serra de Portugal, o que faz uma forma de abraço, sendo esse um nome mais carinhoso e apelativo para o percurso, que pretende também ser realizado em forma de challenge épico, isto é, desafiar o praticante a enfrentar e vencer a dificuldade numa atividade contínua, sem paragens muito significativas, e o mais rápido que conseguir. Circulando sempre na delimitação da serra, o percurso possui um misto de paisagens, com cenários panorâmicos de montanha bastante atrativos, oferecidos nomeadamente pelas Serras do Açor e Estrela, e valorizados pelos vários rios que acompanham o trajeto (Alva, Alvoco, Ceira, Unhais e Zêzere). Além disto, os desfiladeiros da atividade mineira da parte Nordeste da Serra do Açor marca ainda um cenário distinto e a história do povo de outros tempos. De entre os locais de destaque estão as Vilas históricas de Avô, Côja e Góis, as Aldeias do Xisto de Sobral de São Miguel e Vila Cova de Alva, os desfiladeiros em Aldeia de São Francisco de Assis, Dornelas do Zêzere, o Casal da Lapa e toda a zona da Barragem de Santa Luzia. Para além da ideologia de desafio, este percurso pode também ele ser dividido em etapas e efetuado calmamente por um praticante a título de cicloturismo puro.	

ANEXO Nº 17 – EMPRESAS DE ANIMAÇÃO TURÍSTICA SEDEADAS NA ÁREA DA SERRA DO AÇOR

Município	Empresa	RNAAT	Sede
Arganil	Alva Aventura, Lda	345/2021	Folques (Folques)
	AJSM, Lda (Pedal to Enjoy - AMBikes)	372/2020	Arganil (Arganil)
	Cumes do Açor - Turismo, Lazer e Aventura, Lda	43/2006	Arganil (Arganil)
	Lisa Vella Gatt	642/2016	Benfeita (Benfeita)
	Maria Paula das Neves Nunes dos Santos	956/2016	Barril do Alva (Côja e Barril do Alva)
	Presilca - Sociedade Imobiliária, s.a	201/2021	Pomares (Pomares)
	Vitor Afonso Coutinho Simões	62/2020	Côja (Côja e Barril do Alva)
Góis	Trans Serrano - Aventura, Lazer e Turismo, Lda	24/2003	Góis (Góis)
Pampilhosa da Serra	Antonio Pedro Andre Matos (Origem Safari)	326/2014	Fajão (Fajão e Vidual)
Fonte: Rede Nacional de Turismo			